

"*The Quarry Girls* will be one of the best books of the year." —ALEX SEGURA,
acclaimed author of *Secret Identity* and *Miami Midnight*

THE QUARRY GIRLS

A THRILLER

JESS LOUREY

AUTHOR OF
UNSPEAKABLE THINGS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PAUMENTAR PARA *TELEPUARRYGIRLS*

“Poucos autores conseguem misturar o medo genuíno gerado por uma história sórdida de crime verdadeiro com personagens tridimensionais evocativos e uma prosa hipnotizante como Jess Lourey. Suas histórias de ficção parecem enraizadas em um mundo que todos conhecemos, mas também tememos. *As garotas da pedreira* é uma história de segredos que se transformaram em sementes, e Lourey oferece aos leitores seu melhor romance até agora - o que é uma grande conquista. Chamando-o: *As garotas da pedreira* será um dos melhores livros do ano.”

— Alex Segura, aclamado autor de *Identidade secreta*, *Star Wars Poe Dameron: Queda Livre*, e *Meia-noite de Miami*

“Jess Lourey mais uma vez explora profundamente suas raízes no meio-oeste e seus medos de infância com *As garotas da pedreira*, um thriller absorvente e verdadeiro, narrado na voz convincente da jovem baterista Heather Cash, enquanto ela e seus companheiros de banda navegam pelo terreno traiçoeiro e confuso entre a infância e a feminilidade em um verão fervilhante e mortal. Lourey transmite a inquietação nervosa e faminta das adolescentes com um toque de Megan Abbott, enquanto intensifica continuamente a atmosfera claustrofóbica de uma pequena cidade de Minnesota em 1977, onde a escuridão serpenteia abaixo da superfície.”

-Loreth Anne White, *Washington Post* gráficos da Amazon
autor best-seller de *O segredo do paciente*

“Jess Lourey é uma mestra no thriller sobre a maioridade e *As garotas da pedreira* pode ser o melhor até agora - tão escuro, sinuoso e cheio de segredos quanto os túneis que se escondem sob as ruas aparentemente idílicas de Pantown.

— Chris Holm, autor vencedor do Anthony Award de *A matança*
Tipo

PAUMENTAR PARA *euITANI*

"Lourey apresenta outro thriller aterrorizante baseado na realidade. . . uma história de horror, coragem e, em última análise, esperança."

- *Avaliações da Kirkus*

"A curiosa e perspicaz Francesca, com sua preocupação com os outros, é uma heroína irresistível. Os fãs de suspense psicológico ficarão satisfeitos."

- *Editores semanais*

"*litania* mostra que o verdadeiro terror não são os fantasmas, mas os monstros humanos."

- *Imprensa Pioneira de São Paulo*

"Lourey realizou um grande feito aqui com um romance sobre a maioria enterrado dentro de um thriller psicológico muito sombrio."

- Repórter de livros

"Um thriller fascinante e perturbador. Com *litania*, Lourey realmente consolida sua posição como a rainha da fusão de suspense de cidade pequena e histórias de maioria que se infiltram em seus ossos e se recusam a sair. O ritmo e a prosa magistrais de Lourey criam uma atmosfera cativante e claustrofóbica que prende você desde a primeira página e aperta o laço a cada revelação chocantemente arrepiante. Embora segredos e mentiras apodreçam no cerne do romance, é Frankie, o jovem protagonista envolvente, que se torna um lembrete de que a humanidade pode existir mesmo nos lugares mais sombrios. Este é um que vai ficar com você por muito tempo. Uma leitura absolutamente obrigatória."

-Brianna Labuskes, *Washington Post* autor best-seller de

Meninas de vidro

"Escrever sobre monstros reais que espreitam nas pequenas cidades de Minnesota é a especialidade de Lourey. A sensação sinistra e estranha que você tem ao ler esta história assustadora. . . bem, essa é outra tendência enervante. Em *litania*, Lourey está em seu melhor momento assustador. Uma história de suspense de tirar o fôlego."

— Kaira Rouda, internacional e *EUA* *hoje* mais vendido

autor

"Saia daqui, Stephen King. Jess Lourey é mestre em evocar o horror que se esconde sob a superfície de uma pacata cidade pequena americana. Vívido, consumidor e aterrorizante, *litania* assombrará seus sonhos.

— Michele Campbell, autora do best-seller internacional de *Isso é Sempre o marido*

PAUMENTAR PARA *BLOODLINE*

Selecionado para o Goodreads Choice Awards 2021

"Fãs de *O bebê de Rosemary* vai adorar isso.

- *Editores semanais*

"Baseado em uma história real, este é um thriller sinistro e cheio de suspense, cheio de terror arrepiante."

- *Avaliações da Kirkus*

"Lourey aumenta o medo em um romance que beira o terror."

- *Diário da Biblioteca*

"Em *Linhagem*, Jess Lourey combina elementos de mistério, suspense e terror com um efeito impressionante."

- *Livros BOLO*

"Inspirado em uma história verdadeira, é um livro assustador que me deixa ansioso para ler mais obras da Sra. Lourey, especialmente se forem todas tão incisivas quanto este romance instigante."

- Elemento Penal

"*Linhagem* de Jess Lourey é um thriller psicológico que me agarrou desde o início e não me soltou."

- *Revista Mistério e Suspense*

"*Linhagem* combina uma narrativa de virar as páginas com homenagens inteligentes a clássicos do terror como *O bebê de Rosemary*, *The Stepford Wives*, e *Colheita em casa*."

- *Estrela de Toronto*

"*Linhagem* é um thriller incrível e assustador, e Jess Lourey claramente sabe como te irritar.

- Repórter de livros

"[Um] thriller doméstico bem enrolado que lenta mas persuasivamente constrói o suspense."

- *Sentinela do Sol do Sul da Flórida*

"Eu deveria saber que não devo comprar um novo livro de Jess Lourey pensando que vou apenas dar uma olhada nas primeiras páginas e depois voltar ao livro que estava lendo. Seis horas depois, são três da manhã e estou lendo os últimos capítulos, sem conseguir dormir até saber como tudo termina. Situado em uma pequena cidade idílica enraizada na história da família e em segredos horríveis, *Linhagem Pleasantville* encontra *O bebê de Rosemary*. Um romance profundamente perturbador, sombriamente enervante e totalmente convincente, este livro me arrepiou profundamente e adorei cada pedacinho dele.

-Jennifer Hillier, autora de *Pequenos segredos* e o prêmio-ganhando *Jar Of Hearts*

"Jess Lourey escreve para cidades pequenas de Minnesota como Stephen King escreve para cidades pequenas de Maine. *Linhagem* é um livro tremendo com um coração e uma serra. . . e adorei cada segundo."

- Rachel Howzell Hall, autora de romances aclamados pela crítica *E agora ela se foi* e *Todos eles caem*

PAUMENTAR PARA VOCÊ *SPEAKABLE THINGS*

Vencedor do Prêmio Anthony de 2021 de Melhor Brochura Original

Selecionados para o Edgar Awards 2021 e 2020
Prêmio Goodreads Choice

"O suspense nunca vacila neste virar de página."

- *Editores semanais*

"O romance de suspense atmosférico é assustador porque é narrado do ponto de vista de um garoto de treze anos, uma idade que deveria ser mais inocente, mas muitas vezes não é. Ainda mais assustador, é baseado em incidentes da vida real. Lourey pode ser conhecido por suas travessuras cômicas (Imagem: Divulgação) *Marcha dos Crimes*), mas este romance tenso combina o melhor de uma história de maioridade com suspense e um jovem narrador inesquecível."

- *Diário da Biblioteca* (revisão com estrela)

"Papel suspense, papel maioridade, Jess Lourey *Coisas indescritíveis* é uma história de pavor arrepiante, sobre a infância quando você sabe que o monstro debaixo da sua cama é real. Um romance que se prende a você muito depois da última página."

— Lori Rader-Day, autora indicada ao prêmio Edgar de *Debaixo de*

Céu escuro

"Um laço de romance que aperta centímetros. A tensão constante vem de todas as direções – inclusive daquelas que deveriam ser seguras. Senti-me cúmplice enquanto lia, como se a qualquer momento parasse estaria abandonando Cassie, sozinha, no escuro, esforçando-se para ouvir e temendo ouvir."

— Marcus Sakey, autor do best-seller *Brilho*

"*Coisas indescritíveis* é um romance absolutamente fascinante sobre os segredos venenosos enterrados nas cidades e nas famílias. Jess Lourey criou uma história que vai te arrepiar até os ossos e um personagem principal que vai partir seu coração."

— Lou Berney, autor vencedor do prêmio Edgar de *novembro*

Estrada

"Inspirado por uma história verdadeira, *Coisas indescritíveis* estala com autenticidade, humanidade e humor. A novela me lembrou *Matar a esperança* e *A Filha do Rei do Pântano*. Altamente recomendado."

— Mark Sullivan, autor do best-seller de *Sob um céu escarlate*

"Jess Lourey faz um trabalho magistral criando tensão e pavor, mas seu maior trunfo é *Coisas indescritíveis* é Cassie - uma narradora cativante com a qual você se identifica, torce e deseja desesperadamente proteger. Este é um livro que ficará com você por muito tempo depois de ter sido rasgado."

-Rob Hart, autor de *O armazém*

"Com *Coisas indescritíveis*, Jess Lourey conseguiu o quase impossível, criando um mistério tão angustiante quanto terno, tão angustiante quanto lírico. Há uma escuridão real aqui, um pavor rastejante e inevitável que mais de uma vez me fez olhar por cima do ombro. Mas no seu coração bate o espírito irreprimível – e irresistível – do seu . . . heroína, uma jovem tão brilhante, vital e corajosa

ela manteve até os monstros mais ferozes afastados. Este é um livro que ficará comigo por muito tempo."

-Elizabeth Pequena, *Los Angeles Times* autor best-seller de
Querida filha e *Linda como uma foto*

PAUMENTAR PARA *TELECATALAIN* BOK DE *SECRETOS*

"Afirmador da vida, instigante, comovente, é um daqueles livros que – se acontecer de você lê-lo exatamente quando precisa – curará suas feridas ao virar as páginas."

- Catriona McPherson, Agatha, Anthony, Macavity e
Autor vencedor do prêmio Bruce Alexander

"O prolífico escritor de mistério Lourey conta sobre um clã matriarcal de bruxas unindo forças contra o mal antigo. . . O romance é bem traçado e Lourey brilha ao retratar relacionamentos - tanto românticos quanto emaranhados entre Catalains. . . Lourey enfatiza os laços que unem apesar dos segredos e do ressentimento."

- *Avaliações da Kirkus*

"Lourey inventa habilmente uma fusão gótica de segredos antigos, melancolia e determinação. . . Requentadamente escrito em linguagem expressiva e fluida, o livro investiga as relações especiais entre irmãs, mães e filhas."

- *Editores semanais*

PAUMENTAR PARA *SALEM'S* CIPHER

"Um thriller acelerado e às vezes brutal que lembra o filme de Dan Brown. *O código Da Vinci*."

- *Lista de livros* (revisão com estrela)

"Um passeio emocionante de arrepiar os cabelos."

- *Diário da Biblioteca* (revisão com estrela)

"As fascinantes informações históricas combinadas com um enredo extraído das manchetes irão prender tanto os teóricos da conspiração quanto os viciados em ação."

- *Avaliações da Kirkus*

"Fãs de *O código Da Vinci* vão adorar esse livro. . . Uma das minhas leituras favoritas de 2016."

- *Revista Crimespre*

"Este conto de suspense tem algo para que todos possam desfrutar."

- *Revista Suspense*

PAUMENTAR PARA *MERCY'S CHASE*

"Uma voz envolvente, uma história intrigante, um personagem maravilhoso – altamente recomendado!"

- Lee Criança, #1 *New York Times* autor best-seller

"Uma aventura arrebatadora e um thriller de corrida contra o tempo, *Perseguição da Misericórdia* é fascinante, feroz e cheio de coração – assim como sua heroína, Salem Wiley."

- Meg Gardiner, autora de *Para o lugar negro*

"Recheado de ação, ótima escrita cheia de suspense, um personagem principal atraente para torcer – quem poderia pedir mais alguma coisa?"

- Enterrado sob livros

PAUMENTAR PARA *MSimDSim*

"Jess Lourey escreve sobre uma bibliotecária assistente de uma pequena cidade, mas este não é um mistério tradicional e elegante. Mira James gosta muito de caras, gosta de bebida e não tem medo de motocicletas. Ela foge de um emprego sem saída e de um namorado sem saída em Minneapolis e acaba em Battle Lake, uma pequena cidade com muitos segredos sujos. A narrativa em primeira pessoa em *Socorro* é fresco, os personagens peculiares. Minnesota tem muitos bons escritores policiais, e Jess Lourey acaba de entrar em suas fileiras!

— Ellen Hart, autora premiada de Jane Lawless e

Série Sophie Greenway

"Esta brochura comercial foi um sucesso. . . Adorei desde o início!"

- *Mundo de Tulsa*

"Que brincadeira é essa! Eu me peguei rindo alto."

- *Revista Crimespre*

"Mira desenterra um armário cheio de segredos sujos, incluindo festas sexuais, travestismo e chantagem, no seu caminho para expor o assassino. A estreia de Lourey tem uma heroína simpática e excesso de atrevimento."

- *Avaliações da Kirkus*

PAUMENTAR PARA *RESCREVER* NOSSO *eUSE*:
DISCOVER NOSSO *TRUTE* A TRAVÉS DO
HEALING P *PODER* DE *FICÇÃO*

"Entrelaçando conselhos práticos com histórias e insights obtidos em sua própria jornada de escrita, Jessica Lourey oferece um guia passo a passo para escritores que lutam para criar ficção a partir de suas experiências de vida. Mas este livro não é apenas sobre escrita. É também sobre o poder das histórias para transformar

aqueles que os escrevem. Não conheço nenhum outro guia que cumpra sua promessa com tanta honestidade, simplicidade e beleza.”

-William Kent Krueger, *New York Times* autor best-seller
da série Cork O'Connor e *Graça Comum*

OceanoofPDF.com

THE QUARRY GIRLS

OceanoofPDF.com

OUTROS TÍTULOS DE JESS LOUREY

FILMES DE SUSPENSE

litania
Linhagem
Coisas indescritíveis
Perseguição da Misericórdia
Cifra de Salem

REALISMO MÁGICO

O Livro dos Segredos de Catalunha
Sete Filhas

LIVROS INFANTIS

Deixe meu livro em paz! Estrelando Claudette, um Dragão com
Problemas de controle

JOVEM ADULTO

A Trilogia Toadhouse: Livro Um

MISTÉRIOS ROM-COM

Socorro
Bug de junho
Joelho alto até 4 de julho
Lua de agosto
Luto de Setembro
Festival de outubro

Caça de novembro

Medo de dezembro

Degelo de janeiro

Febre de Fevereiro

Marcha dos Crimes

primeiro de abril

NÃO-FICÇÃO

Reescreva sua vida: descubra sua verdade por meio da cura

Poder da Ficção

OceanoofPDF.com

THE QUARRY GIRLS

A THRILLER

JESS LOUREY

 **THOMAS & MERCER**

OceanoofPDF.com

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Copyright do texto © 2022 por Jessica Lourey Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

Publicado por Thomas & Mercer, Seattle_
www.apub.com

Amazon, o logotipo da Amazon e Thomas & Mercer são marcas registradas da Amazon.com, Inc., ou suas afiliadas.

ISBN-13: 9781542034296

ISBN-10: 1542034299

Design da capa por Caroline Teagle Johnson

OceanoofPDF.com

Para Cindy, a mistura perfeita de fogo e coração.

OceanoofPDF.com

CONTEÚDO

NOTA DO AUTOR

PRÓLOGO

BETE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

BETE

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

BETE

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

BETE

CAPÍTULO 11

BETE

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

BETE

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

BETE

CAPÍTULO 19

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[BETE](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[CAPÍTULO 55](#)

[CAPÍTULO 56](#)

[CAPÍTULO 57](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

OceanoofPDF.com

NOTA DO AUTOR

O FBI define um serial killer como uma pessoa, geralmente do sexo masculino, que mata duas ou mais pessoas, geralmente do sexo feminino, em eventos distintos. Embora os serial killers sempre tenham existido (recomendo pesquisar Gilles de Rais se você estiver com pouco combustível para pesadelos), eles não capturaram a consciência pública até o início dos anos 1970. Foi quando a primeira onda de monstros famosos – John Wayne Gacy, o Assassino do Zodíaco, Filho de Sam – estava ativa. O historiador Peter Vronsky levanta a hipótese de que, embora vários fatores devam se alinhar para formar um assassino (a genética e as lesões no lobo frontal são dois fatores comuns), a Segunda Guerra Mundial foi responsável por essa era de ouro dos assassinos em série uma geração depois.

Especificamente, de acordo com Vronsky, enquanto todos os soldados americanos que lutaram na Segunda Guerra Mundial foram treinados para matar, um pequeno contingente usou a cobertura da violência sancionada pelo Estado para também violar, torturar e recolher partes de corpos humanos como troféus. Embora a maioria dos soldados que regressaram tenham sido reintegrados com sucesso na sociedade, alguns trouxeram a brutalidade da guerra para as suas casas, abusando das suas famílias a portas fechadas. Esse abuso, ocorrendo como aconteceu numa cultura que promove abertamente a guerra, criou o terreno fértil do qual surgiria a primeira grande colheita de assassinos em série americanos.

Eu sou *com fome* para esta informação. A sinistra, certamente, me atrai.

Há também a verdade de que 70% das vítimas de serial killers são mulheres. É melhor você acreditar que saber que é uma presa aumenta seu interesse pelo predador. Você encontra

você está desesperado para entender atos amplamente aleatórios de assassinato em série, acreditando que, se conseguir entender a motivação e os padrões de caça, poderá se proteger.

Mas o meu desejo por esta informação é mais do que interesse mórbido ou autopreservação.

Há algo pessoal aí também.

Nasci no estado de Washington, numa base militar, e meu pai lutou no Vietnã. Depois que ele recebeu alta em 1970, nos mudamos para a zona norte de Saint Cloud, Minnesota. Situada às margens do rio Mississippi, a pequena cidade era conhecida pela Pan Motor Company, uma fabricante de automóveis que fracassou espetacularmente; granito, com “Vermelho Superior” e “Cinza Superior” de Saint Cloud usados em lápides e prisões em todo o país; suas duas faculdades; e um centro correcional de aparência medieval cercado por um enorme muro de pedra, o segundo maior do mundo construído por presidiários. (A Grande Muralha da China é a maior.)

Três assassinos estavam à solta em Saint Cloud quando eu era criança lá.

Apenas dois foram capturados.

E aí está a verdadeira razão pela qual procuro informações sobre assassinos em série: para dar sentido à minha infância, para me ajudar a compreender o medo na minha comunidade e na minha casa.

Aqui está o que descobri sobre os predadores que aterrorizaram Saint Cloud nos anos 70.

CHARLES LATOURELLE

Em outubro de 1980, Catherine John e Charles LaTourelle eram gerentes de uma pizzeria da St. LaTourelle ficou bêbado uma noite e decidiu visitar o restaurante depois do horário de fechamento. Ele se escondeu no porão, vomitando a certa altura por causa da bebida que havia bebido. Quando Catherine John passou por seu esconderijo a caminho da prisão,

LaTourelle a esfaqueou vinte e uma vezes e depois a estuprou. Depois, ele jogou o corpo dela no próximo rio Mississippi antes de retornar à cena do crime para limpar o sangue e o vômito. Quando outro trabalhador o viu, LaTourelle chamou a polícia para confessar.

Enquanto cumpria pena pelo assassinato de John, ele revelou que não foi o primeiro.

Em 14 de junho de 1972, então um jornaleiro de dezessete anos, ele atirou e matou Phyllis Peppin na casa dela. Alegando estar obcecado por ela, ele quebrou a intenção de estuprá-la. O marido de Peppin era o principal suspeito até a confissão de LaTourelle em 1999.

ASSASSINO #2

Dois anos depois do assassinato de Phyllis Peppin, no Dia do Trabalho de 1974, Susanne Reker, de doze anos, e sua irmã Mary, de quinze, pediram permissão para caminhar até o shopping center Zayre, nas proximidades, para comprar material escolar. Era um passeio que já haviam feito muitas vezes e eram meninas responsáveis. Susanne tocava violino e tinha planos de ser médica. Mary queria ser professora quando crescesse. Ambos eram aparentemente felizes e tinham um lar estável, por isso foi surpreendente que, pouco antes do Dia do Trabalho, Mary tivesse escrito em seu diário: "Se eu morrer, peço que meus bichos de pelúcia vão para minha irmã. Se eu for assassinado, encontre meu assassino e faça com que a justiça seja feita. Tenho alguns motivos para temer pela minha vida e o que peço é importante."

As irmãs nunca voltaram para casa depois da caminhada do Dia do Trabalho.

Quase um mês depois, seus corpos foram descobertos em uma pedreira de Saint Cloud, ambos mortos por múltiplas facadas. As autoridades acreditam que o assassino ou assassinos eram jovens e conheciam as meninas. O trabalhador carnavalesco viajante Lloyd Welch, com dezessete anos na época, agrediu sexualmente um Saint Cloud

mulher na mesma pedreira alguns dias antes do desaparecimento das irmãs Reker. Sete meses depois, ele sequestrou e matou duas jovens irmãs de Maryland, Sheila e Katherine Lyon.

Em 2017, Welch foi condenado e começou a cumprir pena de quarenta e oito anos depois de confessar o assassinato das meninas de Lyon, mais de quarenta anos após o fato. Ele nunca foi acusado dos assassinatos das irmãs Reker.

O adolescente local e contemporâneo Herb Notch trabalhava no shopping Zayre que as meninas visitaram no dia em que desapareceram. Dois anos depois de seus corpos terem sido descobertos nas pedreiras, Notch e um cúmplice roubaram o Saint Cloud Dairy Bar e sequestraram a garota de quatorze anos que trabalhava no balcão. Eles a levaram para um poço de cascalho nos arredores de Saint Cloud, cortaram suas roupas da mesma forma que as roupas de Mary foram removidas, agrediram-na sexualmente, esfaquearam-na, cobriram-na com arbustos e foram embora. Essa garota heróica se fingiu de morta até que Notch e seu cúmplice foram embora, então conseguiram caminhar oitocentos metros na escuridão para encontrar a casa mais próxima.

Ela conseguiu identificar positivamente Notch, que cumpriu dez anos de uma sentença de quarenta anos pelo crime. Ele foi acusado de mais duas agressões sexuais após sua libertação. Apesar das semelhanças entre seus crimes e os assassinatos de Reker, Herb Notch também nunca foi acusado deste último. Ele morreu em 2017 sem confessar.

JOSÉ TURA

Em 1978, Joseph Ture invadiu a casa rural de Alice Huling em Saint Cloud e atirou e matou ela e três de seus filhos. Uma quarta criança, Bill, sobreviveu ficando imóvel dentro de sua cama depois que duas balas o atingiram por pouco. Ele teve a presença de espírito de correr para a casa de um vizinho quando Ture

saiu de cena. Os delegados do xerife trouxeram Ture para interrogatório quatro dias após os assassinatos de Huling. Embora eles não soubessem disso na época, a busca em seu carro descobriu a arma com a qual ele havia espancado Alice, bem como o Batmóvel de brinquedo de Bill. Também foi encontrada uma lista de nomes e números de telefone de mulheres.

Os deputados o dispensaram apesar de terem dúvidas sobre sua veracidade.

Ele assassinou pelo menos mais duas mulheres, Marlys Wohlenhaus em 1979 e Diane Edwards em 1980. Somente em 1981 ele foi formalmente acusado e considerado culpado de um crime - sequestrar e estuprar uma jovem de dezoito anos e depois um garoto de treze anos em incidentes separados. Dezenove anos depois, graças ao impressionante trabalho posterior realizado pela Unidade de Casos Arquivados do Departamento de Apreensão Criminal de Minnesota, ele foi finalmente acusado dos assassinatos de Huling.

São duas – e potencialmente três – séries operando em Saint Cloud nos anos 70. assassinos

É necessária apenas uma pequena quantidade de pesquisa para verificar se esses assassinos não eram dignos de nota. Eram trens de via única, homens que não tinham força suficiente para pedir a ajuda de que tão claramente necessitavam. A mesma avaliação pode ser feita em grande parte do trabalho investigativo inicial em torno dos assassinatos.¹ Demorou quase trinta anos para descobrir o assassino de Phyllis Peppin, e isso aconteceu apenas como resultado de sua confissão espontânea na prisão, e não do trabalho de detetive. Ninguém foi acusado em o assassinato das irmãs Reker,² e Bill Huling não viu justiça no assassinato de sua família em 1978 até 2000.

Fiquei surpreso e aliviado ao saber que os assassinos não mereciam atenção. Não havia nenhum sentido em seus crimes, nenhum sentimento de segurança a ser obtido através do estudo de sua motivação e comportamento. Eles eram simplesmente criaturas quebradas. Para encontrar significado neste momento inquietante, para localizar pessoas que *eram* complexo e convincente, tive que olhar para aqueles cujas vidas foram roubadas, para os amigos e

família que deixaram para trás e aos moradores que lutaram para construir uma vida em uma comunidade com tantos predadores ativos.

As mulheres e crianças assassinadas eram amadas. A sua família e amigos são os únicos que conseguem compreender a profundidade do seu luto, o trabalho da vida de criar significado na perda, de ter o seu mundo moldado pela violência que eles não podiam prever e que não mereciam. Eu não teria a pretensão de contar a história deles. O que posso fazer é compartilhar a experiência de sair de uma casa insegura e entrar em uma cidade onde vários serial killers estavam à solta.

Também posso contar uma história sobre as formas inesperadas da justiça.

-
- 1 Temporada 1, episódio 7 do *No escuro* podcast oferece um mergulho bem pesquisado nos erros do Gabinete do Xerife do Condado de Stearns durante este período e posteriormente.
 - 2 Qualquer pessoa com informações sobre o caso Reker deve ligue para o Gabinete do Xerife do Condado de Stearns em 320-251-4240 ou para a Unidade de Casos Arquivados do Departamento de Apreensão Criminal de Minnesota em 651-793-7000 ou 877-996-6222. O Spotlight on Crime está oferecendo uma recompensa de US\$ 50.000 por informações que levem à prisão e condenação do(s) suspeito(s). Mais informações sobre esse programa e o caso Reker podem ser encontrado aqui:
<https://dps.mn.gov/entity/soc/Documents/poster-spotlighton-crime-mary-and-susan-reker-acc.pdf> .

PRÓLOGO

Naquele verão, verão de 77, tudo tinha arestas.

Nossas risadas, os olhares de soslaio que demos e recebemos. Até o ar estava afiado. Achei que era porque estávamos crescendo. A lei pode não reconhecer isso, mas quinze é uma menina e dezesseis uma mulher, e você não consegue nenhum mapa de uma terra para outra. Eles te deixam lá dentro, levando um saco de brilho labial Kissing Potion e blusas de ombros largos atrás de você. Enquanto você está caindo, tentando soltar o pára-quedas e agarrar a bolsa ao mesmo tempo, eles gritam *você é bonita*, como se estivessem lhe dando algum tipo de presente, alguma chave vital, mas, na verdade, o objetivo é distraí-lo de puxar o cordão umbilical.

As meninas que caem quebradas são presas fáceis.

Se você tiver sorte o suficiente para ficar de pé, seus instintos gritam para correr direto para as árvores. Você larga o pára-quedas, arranca aquela bolsa do chão (*certamente* contém algo que você precisa) e corra como o diabo, com a respiração ofegante e o sangue latejando, porque meninos-que-são-homens estão sendo lançados aqui também. Só Deus sabe o que foi carregado em suas malas, mas isso não importa porque eles fazem coisas terríveis em bandos, meninos-que-são-homens, coisas que nunca teriam ódio de fazer sozinhos.

Eu não questionei nada disso, não naquele momento. Foi simplesmente parte do crescimento de uma menina no Centro-Oeste e, como eu disse, a princípio pensei que era por isso que tudo parecia tão emocionante e perigoso: estávamos correndo para sobreviver à corrida em campo aberto de menina para mulher.

Mas acontece que a nitidez não aconteceu porque estávamos crescendo.

Ou não foi *apenas* que.

Eu sei, porque três de nós não conseguimos crescer. O ano anterior, 1976, parecia uma coisa viva. América em pé em pose de super-homem, sua capa é uma gloriosa bandeira vermelha, branca e azul balançando atrás dele, fogos de artifício explodindo no alto e enchendo o mundo com o cheiro de punk queimado e enxofre. Não só tudo era possível, disseram-nos, mas o nosso país *já tinha feito isso*. Os adultos se parabenizaram muito durante o Bicentenário, ao que parecia. Para quê, não sabíamos. Eles ainda viviam suas mesmas vidas, trabalhando em rodas de hamster, organizando churrascos, fazendo caretas diante de latas suadas de Hamm's e da fumaça azul e nebulosa de cigarro. Será que isso os deixou um pouco malucos, ficarem com o crédito por algo que não ganharam?

Olhando para trás, acredito que sim.

E penso que, apesar de todo o seu horror, 1977 foi o ano mais honesto.

Três crianças de Pantown mortas.

Seus assassinos bem ali, à vista de todos.

Tudo começou nos túneis.

Você vai ver.

OceanoofPDF.com

BETE

"Ei, Beth, você está passando pelas pedreiras esta noite?"

Elizabeth McCain esticou os braços doloridos acima da cabeça até os ombros estalarem. Foi maravilhoso. "Talvez. Não sei. Mark está vindo.

Karen olhou maliciosamente. "Oooh, você vai dar a ele as coisas boas?"

Beth prendeu o cabelo atrás das orelhas. Ela planejou terminar com Mark durante todo o verão, mas eles viajaram na mesma multidão. Parecia mais fácil deixar as coisas rolarem até que ela fosse para a faculdade em três semanas. UC Berkeley, passeio completo. Seus pais queriam que ela fosse advogada. Ela esperaria para contar a eles que iria lecionar até, bem, até que eles precisassem saber.

Lisa apareceu da sala de jantar lotada. "Dois pratos especiais da meia-noite, um bacon para presunto", ela gritou para a cozinha. Ela olhou para Beth prestes a dar um soco, Karen parada ao lado dela. "Nos abandonando quando mais precisamos de você, eu vejo. Ei, você vai às pedreiras esta noite?"

Beth sorriu, iluminando sua mordida. É claro que seus dois colegas de trabalho estavam perguntando sobre a festa. Jerry Taft estava de licença e visitando sua família em Pantown. Suas festas na pedreira eram lendárias - latas de lixo cheias de wapatuli, música que era legal nas costas, mas que só chegaria às ondas do Meio-Oeste por mais seis meses, saltos ousados dos mais altos penhascos de granito para as piscinas escuras abaixo, algumas mais de trinta metros direto para baixo. Nenhum declínio gradual, apenas uma cavidade insondável e dolorida escavada

da terra, uma ferida que a água fria penetrou e preencheu como sangue.

Desde que Jerry Taft se alistou no exército no outono passado, os grupos da pedreira tinham perdido o brilho. Ele havia prometido uma grande festa esta noite, porém, uma celebração estridente antes de retornar à base. Festas não eram realmente a praia de Beth. Ela estava ansiosa por uma noite tranquila no sofá com pipoca com manteiga e Johnny Carson, mas seria fácil convencer Mark a ir. Talvez eles redescobrissem a paixão que os uniu em primeiro lugar.

Ela se decidiu.

"Sim, estarei lá", disse ela, desamarrando o avental e guardando-o no cubículo junto com a caneta e o bloco. "Vejo vocês dois do outro lado."

Lisa e Karen não estariam livres antes das 2h, quando o Saint Cloud's Northside Diner fechasse, mas a festa...*uma festa de Jerry Taft*-ainda estaria chutando. Beth estava cantarolando quando saiu para a noite úmida do início de agosto. Seus pés doíam por causa da dor de cabeça e era bom respirar um ar que não estivesse contaminado com gordura de fritadeira e fumaça de cigarro.

Ela parou no estacionamento para olhar pela enorme janela panorâmica da lanchonete. O restaurante começou a funcionar depois das 21h, quando as crianças apareceram para forrar a barriga com amido e gordura de que precisariam para sobreviver a uma noite de bebedeira. Karen tinha três pratos equilibrados em cada braço. A cabeça de Lisa estava jogada para trás, com a boca aberta. Beth a conhecia bem o suficiente para reconhecer quando ela ria por gorjetas.

Beth sorriu. Ela sentiria falta deles quando fosse para a faculdade. "Precisa de uma carona?"

Ela pulou, com a mão no coração. Ela relaxou quando viu quem era, mas então o medo a atingiu na base da garganta. Algo estava errado com ele. "Não. Estou bem." Ela tentou deixar seu rosto agradável. "Obrigado, no entanto."

Ela enfiou as mãos nos bolsos, de cabeça baixa, com a intenção de correr para casa o mais rápido que pudesse, sem parecer que estava correndo. Ele estava sentado dentro de seu

carro, janelas abertas, esperando alguém. Não *dela*, certamente. A pontada de medo voltou, desta vez atingindo seu estômago. A dez metros de distância e atrás, a porta da lanchonete se abriu, liberando os ruídos internos: risadas, murmúrios, barulho de pratos. Ela inalou uma onda de gordura de fritadeira que de repente teve um cheiro tão acolhedor que ela teve vontade de chorar.

Isso decidiu. Ela se virou para voltar para dentro do restaurante. Quem se importava se ele pensava que ela era uma besta? Mas então, tão rápido que parecia uma picada de cobra, ele saiu do carro e ficou ao lado dela, segurando seu braço.

Ela o soltou.

"Ei, agora," ele disse, levantando as mãos, sua voz profunda, mas engatada. Ele estava animado? "Estou tentando ser legal. Você tem problemas com caras legais?"

Ele riu, e a reviravolta em suas entranhas se transformou em um coice de cavalo. Ela olhou para o restaurante novamente. Lisa estava olhando pela janela, parecia estar olhando diretamente para ela, mas isso era uma ilusão. Estava muito claro por dentro e muito escuro por fora.

— Deixei algo na lanchonete — disse Beth, afastando-se dele, com o coração disparado. "Eu volto já."

Ela não sabia por que havia acrescentado essa última parte, de onde veio o impulso de acalmá-lo. Ela não tinha intenção de voltar, ficaria lá dentro até que Mark viesse buscá-la. Droga, ela mal podia esperar para trocar este lugar pela Califórnia. Ao se virar, ela olhou para ele com o canto do olho, esse homem que ela tinha visto tantas vezes antes.

Ele estava sorrindo, seu corpo relaxado.

Mas não, isso não estava certo. Ele estava se enrolando, reunindo seus músculos. Ele ainda exibia o sorriso tranquilo quando seu punho afundou em sua garganta, paralisando sua voz, bloqueando seu acesso ao ar.

Apenas seus olhos mudaram. Suas pupilas dilataram, grandes poças de líquido quebrando como gemas pretas, derramando-se em suas íris. Caso contrário, ele manteve aquele sorriso sereno, como se estivesse perguntando

sobre o tempo ou aconselhá-la sobre um bom investimento.

Isso é tão esquisito, ela pensou enquanto caía no chão, seu cérebro relaxando na estrada.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 1

A bateria me fez algo melhor.

Algo completo.

Bam, vagabundo. Bam, vagabundo. Bam bam bam. Bem na minha frente, Brenda choramingava ao microfone, acendendo seu violão como se tivesse nascido para isso, um holofote parecendo brilhar sobre ela mesmo dentro da garagem sombria de Maureen. De repente, ela girou o machado nas costas, a alça apertando-o firmemente em sua bunda.

Sim, você me excita. . .

Eu sorri e uivei junto com ela, cravando meus bastões na pele.

À minha direita, Maureen embalava seu baixo, a cabeça inclinada, os cabelos emplumados e com mechas verdes formando uma tenda particular onde estavam apenas ela e a música. Certa vez, uma professora dissera a Maureen que ela lhe lembrava Sharon Tate, só que mais bonita. Ela disse a ele para chupar um cachimbo.

Eu sorri pensando nisso enquanto acompanhava a batida pulsante de Maureen, suas linhas de baixo todas entrelaçadas e brilhando com batidas percussivas, cada uma delas tão gutural e forte que eu poderia vereles machucando o ar. Maureen não estava sendo ela mesma ultimamente, estava toda nervosa com olhares distantes e um anel de ouro novo e caro de Black Hills que ela jurava ter comprado com seu próprio dinheiro, mas quando tocávamos, quando fazíamos música juntos, eu esquecia completamente o caminho. as coisas estavam mudando.

Entrei em um mundo diferente.

Você se sentiu no limite quando uma música cereja tocou no rádio. Você está dirigindo, as janelas abertas até o topo, uma brisa quente beijando seu pescoço, o mundo tem gosto de esperança e céu azul. *Aumente o volume!* Seus quadris não conseguem evitar se mexer. Cara, parece que aquela música foi escrita para você, como se você fosse lindo e amado e o planeta inteiro estivesse em ordem.

Mas aqui está o que eles não contam: aquela sensação mágica de rei ou rainha do mundo? É um milhão de vezes melhor quando é você quem toca a música.

Talvez até um bilhão.

Maureen, de cabelos verdes, chamava esse sentimento de Valhalla, e ela tinha atitude suficiente para se safar dizendo coisas assim. Antes do meu acidente, minha mãe e Maureen eram melhores amigas. Eles bebiam Sanka e fumavam Kools enquanto Maureen e eu nos olhávamos por cima do berço portátil. Quando superamos isso, eles nos deixaram brincar na sala e, finalmente, nos mandaram para os túneis. Foi assim que aconteceu em Pantown. Então mamãe mudou, a Sra. Hansen parou de aparecer e Maureen ganhou peitos. De repente, os meninos a tratavam de maneira diferente, e não há nada a fazer quando você é tratado de maneira diferente, exceto agir de maneira diferente.

Talvez isso explicasse o humor inquieto de Maureen ultimamente. Mas mesmo antes disso, Maureen já era a energia do fim do verão engarrafada. Nunca parado, correndo para enfiar todas as coisas boas antes da rotina. Só que ela ficava assim o ano todo, tremendo com algo elétrico e um pouco assustador, pelo menos para mim. Brenda, por outro lado, era uma daquelas garotas que você sabia que um dia seria mãe. Não importava que ela fosse a caçula da família: ela nasceu com as raízes enterradas no chão, fazia você relaxar só de ficar ao lado dela. É por isso que nós três formamos uma banda tão boa, nutrindo Brenda, nossa vocalista e guitarrista, Maureen, nossa bruxa Stevie Nicks, cantando backing e tocando baixo, e eu segurando o verdadeiro norte na bateria.

Nós atingimos um outro plano quando tocávamos música, mesmo quando tocávamos covers, que era o que fazíamos principalmente. Nós nos chamávamos de Girls, e as primeiras músicas que aprendemos foram “Pretty Woman”, “Brandy” e “Love Me Do”, nessa ordem. Nós os tocamos bem o suficiente para que você pudesse reconhecer a melodia. Brenda descobriria os compassos de abertura e eu estabeleceria uma batida constante. Coloque a letra em cima disso, dançando como se você soubesse o que está fazendo, e as pessoas ficaram felizes.

Pelo menos, as únicas duas pessoas que nos assistiram jogar foram.

Não importava que fossem minha irmã mais nova, Junie, e nosso amigo Claude-rima-com-olá. Os dois sentaram-se na frente da garagem durante quase todas as nossas sessões de treinos, inclusive a de hoje.

“Aí vem, Heather!” Brenda gritou por cima do ombro.

Eu sorri. Ela se lembrou do meu solo de bateria. Às vezes eu as pegava espontaneamente, como quando Maureen fumava furtivamente ou Brenda esquecia a letra, mas essa era pra valer. *De propósito.* Eu pratiquei muito. Quando joguei, saí imediatamente do meu corpo, da garagem, do planeta Terra. Parecia que eu me incendiei e me apaguei exatamente ao mesmo tempo. (Eu nunca diria isso em voz alta. Eu não era Maureen.)

Meu coração acelerou em antecipação, acompanhando a batida.

A música era “Hooked on a Feeling” do Blue Swede. Não deveria ter solo de bateria, mas quem iria nos dizer isso? Éramos três adolescentes tocando rock em uma garagem em Saint Cloud, Minnesota, em um dia quente de início de agosto, o verde profundo do verão tão espesso que dava para beber.

Pisquei rapidamente contra uma pontada momentânea, a sensação de que estava voando alto demais, me sentindo muito bem, grande demais para o mundo. Mais tarde eu me perguntaria se foi isso que nos amaldiçoou, nossa ousadia, nossa *alegria*, mas naquele momento foi bom demais para parar.

Maureen passou o cabelo com mechas por cima do ombro e me lançou um sorriso de lado. Eu esperava que fosse um sinal de que ela me seguiria até a porta do solo. Às vezes ela fazia isso. Quando tocamos juntos, foi realmente algo para ouvir. Brenda até ficava por perto para nos ver conversando.

Mas não era isso que Maureen estava sinalizando. Na verdade, ela não estava sorrindo para mim.

Uma sombra caiu na calçada.

Escondido no banco de trás, tive que esperar até que ele mostrasse o rosto.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 2

O cara para quem Maureen estava sorrindo tinha um cara legal, se você não o conhecesse. Cabelo castanho desgrenhado. Olhos castanhos um pouco próximos demais, como buracos de bola de boliche. Eu achava que ele era fofo na escola primária. Muitos de nós fizemos isso. Ele foi o primeiro garoto em Pantown a conseguir um carro. Além disso, ele era mais velho. *Também* muito mais velho. Pelo menos foi isso que eu disse a Maureen quando ela me perguntou, alguns dias atrás, o que eu pensava dele.

Henrique? Henrique, o Homem-ganso? Ele é um idiota. Melhor um idiota do que um ronco, ela disse, então riu sua risada de calíope.

Eu deveria ter adivinhado que ele iria aparecer em nosso consultório eventualmente, dada a pergunta dela e o cuidado extra que ela estava colocando em sua aparência, seu cabelo sempre cacheado, lábios extremamente brilhantes.

Heinrich – Ricky – caminhou até o meio da porta aberta da garagem, dando-nos uma boa olhada em seu peito nu e desgrenhado, acima dos shorts para espiar uma bola. Ele estava sorrindo por cima do ombro para alguém na esquina. Provavelmente Anton Dehnke. Ricky e Ant estavam saindo muito ultimamente, junto com um cara novo chamado Ed, um não-proprietário de calças que Maureen jurou ser “sexy como o inferno” e que eu ainda não conhecia.

Brenda continuou cantando, embora Maureen tivesse parado de tocar o baixo no segundo em que colocou os olhos em Ricky. *Logo antes do meu solo de bateria.* Brenda deu mais algumas barras e depois me ofereceu um sorriso de desculpas antes de desistir também.

“Não feche isso por nossa causa”, disse Ricky no ambiente de silêncio repentino, olhando novamente para quem estava com ele e rindo, o som como se dois pedaços de lixa fossem esfregados um no outro. Ele era chamado de Gooseman porque sempre beliscava a bunda das garotas e depois ria aquela risada seca. Seu ato de agarrar as mãos nunca foi fofo, mas era nojento agora que ele tinha dezenove anos e ainda estava no ensino médio devido a dificuldades de aprendizagem. (Todos que frequentavam a Igreja de São Patrício sabiam da febre alta que Ricky teve quando tinha nove anos; fizemos uma campanha de doações para sua família.)

“Vá se ferrar”, Maureen disse a Ricky, como se estivesse sedutora, enquanto levantava a alça do baixo sobre a cabeça e apoiava o instrumento no suporte.

“Você deseja”, disse Ricky, seu sorriso torto e lupino. Ele se aproximou de Maureen e passou o braço em volta dos ombros dela.

Brenda e eu trocamos um olhar e ela encolheu os ombros. EU *bum-bom*toquei meu bumbo, na esperança de nos levar de volta à prática.

“Ant, o que diabos você está fazendo aí já?” Ricky perguntou, chamando em direção à frente da garagem. “Pare de ficar à espreita como um esquisito e entre aqui.”

Um momento depois, Anton apareceu, parecendo suado e envergonhado. Eu me perguntei por que ele não tinha simplesmente entrado com Ricky em primeiro lugar. Pelo menos ele estava vestindo uma camisa, uma camiseta azul lisa acima do short de ginástica, meias listradas amarelas puxadas até os joelhos e tênis. Ele tinha olhos azuis - um maior que o outro, como se fosse o Popeye apertando os olhos - e um nariz largo de Sr. Cabeça de Batata, o laranja com narinas. Sua boca era bonita, porém, seus dentes retos e brancos, seus lábios carnudos e de aparência suave. Ant estava na série acima da minha, mas, como todos nós, ele era um garoto de Pantown, o que significava que o conhecíamos melhor do que sua avó. Ele era principalmente legal, embora tivesse uma tendência silenciosa e maldosa. Achamos que ele herdou isso do pai.

Ant ficou perto de Ricky sem camisa e de Maureen de olhos brilhantes por alguns segundos, rígido e desconfortável como o ponto de exclamação no final de *idiotia*. Como nenhum dos dois lhe disse nada, ele se esgueirou para um lugar sombrio dentro da garagem e se encostou na parede, encostando-se no meu pôster favorito, o de Alice de Buhr, baterista da Fanny, de boca aberta, meio sorridente, no canto. prestes a me contar um segredo.

Eu olhei para ele. Para minha surpresa, ele corou e olhou para os tênis.

"Vocês, meninas, pareciam bem agora", disse Ricky, chupando os dentes. "Talvez bom o suficiente para subir ao palco."

"Nós sabemos", disse Maureen, revirando os olhos e saindo de debaixo do braço dele.

"Você sabia que eu consegui um show para você?" Ricky disse, coçando o peito nu, *oarranhar*, *arranhar* impossivelmente alto na garagem, um sorriso exultante surgindo em seu rosto.

"Não foi você", Ant disse das sombras. "Foi Ed." Ricky avançou com a mão levantada como se fosse bater nele. Formiga encolheu-se apesar de um metro e meio os separar, mas então Ricky riu como se estivesse brincando. Ele soprou os nós dos dedos e brilhou em uma camisa imaginária, direcionando suas palavras para Maureen. "Eu e Ed tivemos a ideia *junto*. Seremos co-gerentes de vocês, meninas.

"Nós não estamos..." A frase congelou na minha boca. Eu estava prestes a dizer que não estávamos procurando um gerente e *caramba* Claro que não estávamos querendo brincar na frente de estranhos, mas a maneira como todos se viraram para mim tirou a umidade da minha boca. Puxei meu cabelo para frente para esconder minha deformidade. Hábito.

Felizmente, Brenda estava lá. "Nós apenas brincamos por diversão", disse ela. "Isso é tudo."

"Você acha que seria 'divertido' tocar no recinto de feiras do condado de Benton?" Ricky perguntou. "Porque eu e meu amigo Ed estávamos trabalhando lá, montando o palco, e ouvimos que a abertura da Johnny Holm Band

desistiu no último minuto. Eles precisam de uma banda de substituição. Shows de sexta e sábado, sem pagamento mas com boa exposição. Você será como os Runaways de Pantown. Os Pantaways! Ele riu sua risada rouca.

Eu não queria dizer a Ricky que amava The Runaways quase tanto quanto amava Fanny. Eu não queria contar a ele *qualquer coisa*. Mas era tarde demais. Pude ver isso no rosto de Maureen quando ela se virou para Brenda, implorando.

"Ah, pessoal", disse ela, com as mãos cruzadas em oração enquanto saltava para cima e para baixo, "por favor, digam que farão isso. Nós poderíamos conseguir *descoberto*!"

Brenda ainda estava usando seu violão. Ela se virou para mim. "O que você acha?"

Sua voz era calma, mas seus olhos eram quentes e brilhantes. Ela queria isso também.

Eu fiz uma careta.

"Vamos, Heather", disse Maureen, com a voz melosa de súplica. "Podemos fazer um show, certo? Apenas o primeiro, e se não gostarmos, não precisamos jogar o segundo."

Ela olhou para Ricky, cuja boca estava tensa. Ele não gostou da ideia, não gostou que Maureen decidisse se e quando iríamos aparecer. Ele estava oferecendo um presente e tivemos que aceitá-lo, tudo ou nada. Maureen e Brenda devem ter lido a mesma mensagem, porque seus ombros caíram.

Eu exalei através dos lábios apertados. "Tudo bem", eu disse tão indelicadamente quanto humanamente possível.

A ideia de tocar para uma multidão me apavorava, mas eu não queria decepcionar Brenda e Maureen. Não era só porque eles eram meus amigos, meus companheiros de banda. Foi também porque o ano que nos separou - eles estariam no terceiro ano, eu no segundo ano - havia se esticado em um desfiladeiro intransponível ultimamente, o lado deles era todo sobre meninos, saias curtas e maquiagem. Eu não conseguia descobrir como atravessar, então fiz o possível para fingir que já estava ali.

"Mas vamos tocar uma música original", exigi. "Não apenas capas."

Claude sorriu para mim e eu devolvi um pequeno sorriso. Além da altura – ele tinha a mesma idade que eu, mas era um dos maiores garotos da nossa série, mais alto que a maioria dos pais – pelo menos *e/* não tinha mudado. Claude era o Freddy firme, tão confiável quanto um relógio (e tão emocionante). Para ser justo, porém, ele *era* bonitinho. Quando ele sorriu, ele era uma cópia perfeita de Robby Benson de *Ode a Billy Joe*.

“Sim, tanto faz”, disse Ricky, trocando um olhar sombrio com Anton. “Não é nenhum problema o que você toca. Só estou tentando ajudar vocês, meninas, a conseguirem sua grande chance. Achei que seria legal.”

Maureen correu para dar um beijo na bochecha de Ricky. “Obrigado! Eram *então* grato.”

Esse comportamento, o riso arrogante e sedutor, era exatamente o tipo de mudança de que eu estava falando. Enquanto Brenda sempre foi tranquila, Maureen era feroz, ou pelo menos costumava ser. Uma vez, na escola primária, ela pegou algumas crianças mais velhas brincando com Jenny Anderson. Nós, crianças de Pantown, crescemos sabendo que era nosso trabalho cuidar de Jenny, garantir que ela chegasse ao ônibus na hora certa e tivesse alguém com quem sentar para almoçar, mas Maureen era a única que tinha coragem de lutar por ela. . Um grupo de meninos da zona norte empurrou Jenny para fora do balanço e xingou-a quando ela chorou. Maureen atacou-os como o Diabo da Tasmânia, chutando, cuspiando e mordendo até que os valentões fugiram.

Acho que ela os assustou mais do que os machucou. Jenny também não era a única pessoa que Maureen procurava. Qualquer azarão serviria, até eu. Se alguém mesmo *pensamento* sobre zombar da minha deformidade na presença de Maureen, ela estava sobre eles como branca na neve. É por isso que o entusiasmo dela me deixou verde. Não ciumento. *Enjoado*. Peguei uma baqueta e deixei-a cair na minha armadilha como se por acidente. Maureen se afastou de Ricky.

“Provavelmente deveríamos praticar, então, certo?” Eu disse.

“Ou poderíamos dar uma volta”, disse Ricky. “Ver se eles têm mais trabalho para nós na feira. Talvez consiga um pouco de grama.

Os olhos de Ant deslizaram para mim. “Lembre-se de quem é o pai de Cash, cara.”

“Não, claro, eu me lembro”, disse Ricky, mas eu poderia dizer que ele tinha esquecido. Sua boca grande rolou para frente de seu cérebro. De novo. Ricky estava em algum lugar no meio de doze crianças, sempre tentando ser ouvido, visto. Meu pai disse que era uma pena que eles não tivessem nascido todos em uma fazenda, onde eles seriam úteis. Contanto que eles ficassem longe de problemas, papai disse que não havia problema em ter tantos filhos. Alguns dos meninos podem até acabar na faculdade de tecnologia, disse ele.

“Mas não importa,” Ricky continuou. “É hora de brincar.”

Ele agarrou Maureen e puxou-a para fora da garagem. Ela cruzou os olhos e nos deu um sorriso bobo como se estivesse estrelando uma comédia boba, ela a esposa sempre sofredora, mas o aperto de Ricky foi pressionado com tanta força em seu braço que deixou a pele ao redor branca.

“Prazer em ver você, Heather,” Ant disse timidamente antes de seguir Ricky. Eu tinha esquecido que ele ainda estava lá. Apertei o nariz nas costas dele porque sobre o que era aquele comentário? Eu não era o único na garagem e, além disso, tinha visto Ant dois dias antes. Era um bairro pequeno.

Tive um lampejo de memória, Ant adormecendo no simpósio da nossa escola no inverno passado e acidentalmente fazendo um barulho de gemido. Ele tentou tossir para disfarçar, mas nós que estávamos sentados perto o ouvimos. Depois disso, ele foi provocado impiedosamente, embora isso pudesse ter acontecido com qualquer um. Lembrando disso, me senti mal por ele novamente.

Brenda finalmente tirou o violão do ombro e o colocou no suporte. “Isso provavelmente é prática suficiente por hoje.”

“Quantas pessoas vão à feira do condado?” Perguntei. Estava começando a entender o que eu havia concordado.

Claude percebeu meu medo imediatamente. "Vocês parecem ótimos", disse ele, balançando a cabeça de forma encorajadora. "Muito bom. Você está pronto. Você vai tocar 'Jailbreak Girl' no seu original?"

"Talvez." Enfiei minhas baquetas em um loop no meu set. "Arrume tudo, Junie. Hora de ir para casa.

"Mas eu não consegui tocar pandeiro", ela choramingou, piscando os olhos de cílios longos.

Junie era outra coisa que estava mudando na minha vida. Até recentemente, ela era minha irmã mais nova, com ênfase em "bebê", toda com cabelos e sardas da Pippi das Meias Altas, além de atrevimento até a lua e vice-versa. Mas então, assim como Maureen, ela começou a engordar cedo (e injustamente, se você me perguntasse sem peito). Ela ultimamente me lembrava uma raposa. Parte disso era seu cabelo ruivo, claro, mas havia algo mais, algo líquido e inteligente na maneira como ela começava a se mover. Fez minha pele coçar.

"Sinto muito, J", eu disse, e estava. Ela estava tão quieta como eu pedi, e eu prometi a ela que ela poderia brincar conosco se estivesse. "Próxima vez?"

Lá fora, um carro passou e buzinou. Todos nós acenamos, sem nos preocupar em olhar. Seria um pai, um professor ou um vizinho.

Brenda se aproximou e passou o braço em volta do ombro de Junie, exatamente como Ricky havia feito com Maureen. "Aqueles perus que passaram por aqui bagunçaram mesmo tudo, não foi? Que tal eu parar neste fim de semana e nós três podermos praticar nossos sorrisos?"

Claude mencionou há algumas semanas que eu tinha um belo sorriso. Eu verifiquei quando cheguei em casa, e ele não estava exatamente certo, mas minha boca era a característica menos propensa a fazer as crianças chorarem. Achei que, se praticasse, poderia torná-lo mais bonito para que, quando os caras me pedissem para sorrir, eu tivesse algo a oferecer. Brenda prometeu ajudar e Junie implorou para ser incluída, mas até agora estávamos muito ocupados com trabalhos de verão e treinos.

"Você jura por Deus?" — perguntou Junie.

"Claro", disse Brenda, rindo. "Claude, é melhor você vir também, antes que todos fiquemos tão velhos que nossos rostos fiquem presos no lugar." Ela bateu no relógio de pulso. "O tempo está passando rápido."

Claude gritou e nos apressou, e começamos a lutar como fazíamos quando éramos pequenos. Brenda me deu um noogie, Claude empilhou seu monstro característico de cócegas e Junie entrou e saiu para beliscar narizes. Continuamos assim enquanto desligamos as lâmpadas de lava e fechamos a garagem juntos.

Estávamos nos divertindo tanto que quase não vi o homem ao volante do carro estacionado no final da rua, imóvel, com o rosto sombreado, parecendo nos encarar.

Quase.

OceanoofPDF.com

BETE

Não seria correto dizer que Beth não recuperou a consciência até chegar à masmorra. A neblina havia diminuído duas vezes enquanto ela viajava no banco do passageiro do carro. Apenas o suficiente para que o alarme de seu corpo começasse a soar, sua visão se iluminasse e um grito crescesse em sua garganta. Ele estendeu a mão e apertou casualmente sua garganta nas duas vezes. Ela afundou de volta na escuridão.

Mas o quarto escuro foi o primeiro lugar onde ela acordou completamente.

Era um vazio sem fundo, um espaço tão escuro que a princípio ela sentiu como se estivesse caindo. Ela estendeu as mãos, arranhando o chão de terra pegajosa. Quando ela piscou, ela não conseguiu distinguir nenhuma forma. Apenas um preto sufocante para sempre. Um grito irrompeu, arrastando-se em sua garganta como anzóis enferrujados. Desesperada para acordar desse pesadelo, ela se levantou e correu para frente...*rachadura*-direto em uma parede. O impacto a empurrou de bunda e cotovelos. Ela ficou sóbria com o gosto salgado de seu próprio sangue.

Ela permaneceu no chão frio, esparramada, com a respiração entrecortada, e examinou-se cautelosamente. A parte esquerda da testa e do nariz latejava onde ela bateu na parede. Sua garganta estava inchada e carnuda, sensível como um dente exposto ao toque. Suas mãos continuavam se movendo, se movendo, qualquer coisa para focar *aqui, o agora, o real*. Seus dedos percorreram um padrão braille de manchas de ketchup na frente da blusa do Northside Diner. Um cliente bateu com muita força no fundo de uma garrafa, massacrando aqueles

próximo. Isso foi há algumas horas? Ontem? Ela piscou para conter as lágrimas e continuou explorando com as mãos. Ela não conseguia parar ou perderia a coragem.

A saia dela. Ela ainda estava usando.

Ela puxou-o até os quadris. Ela ainda estava de calcinha também.

Ela pressionou. Sem dor. O alívio ameaçou afogá-la. Ele ainda não a tinha violado.

Ainda.

Estava tão escuro.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 3

O bairro Pantown consistia em seis quarteirões quadrados.

Foi construído por Samuel Pandolfo, um vendedor de seguros que em 1917 decidiu que iria construir a próxima grande fábrica de automóveis na boa e velha Saint Cloud, Minnesota. Sua fábrica de 22 acres incluía cinquenta e oito casas, um hotel e até um corpo de bombeiros para seus trabalhadores. E para ter certeza de que conseguiriam chegar ao trabalho com granizo ou neve, ele ordenou a construção de túneis ligando as fábricas e as casas.

Para quem já passou pelo inverno em Minnesota, fazia sentido.

A empresa de Pandolfo faliu dois anos depois de ter sido inaugurada, deixando os enormes edifícios da fábrica vazios e todos os novos proprietários sem emprego. Tive um professor de história, o Sr. Ellingson, que jurou que Pandolfo foi sabotado porque suas ideias eram boas demais. Meu pai disse que não era o caso. Disse que Pandolfo era um péssimo empresário e que recebeu o que merecia, que acabou sendo dez anos de prisão. De qualquer forma, Pandolfo deixou para trás a fábrica (atualmente Franklin Manufacturing Company) - as casas e os túneis subterrâneos.

Claude, Brenda e eu morávamos em um lado da mesma rua Pantown, Maureen no outro. A casa de Claude ficava na esquina, a casa que Maureen dividia com a mãe do outro lado. A três da casa de Claude ficava Brenda, que morava em um amplo bangalô marrom com varanda ao redor. Ela tinha dois irmãos mais velhos, Jerry, do exército, e Carl, de um programa de veterinária fora do estado. Junie e eu morávamos

na extremidade oposta do bloco. E logo abaixo de todos os nossos pés, um labirinto subterrâneo conectava os porões de todos. Tínhamos nossa vida regular e sorridente na superfície, mas abaixo nos tornamos algo diferente, roedores, criaturas correndo no escuro, bigodes se contorcendo.

Seria estranho se não tivéssemos crescido com isso.

Embora as crianças pudessem, e até mesmo fossem incentivadas, brincar nos túneis, você nunca encontraria um adulto morto lá embaixo, a menos que eles tivessem que ir para outra casa e o tempo estivesse ruim, como para o *Raízes*-assistindo festa em janeiro passado. Uma tempestade de inverno assolara o céu, transformando os túneis pré-festa em um mundo movimentado, todo iluminado por lanternas, rostos amigáveis e braços pesados com Tupperware e panelas elétricas. A febre havaiana estava varrendo o Meio-Oeste, o que significava que quase todos os pratos continham abacaxi. Por mim tudo bem. Sobrou coisas boas: castanhas-d'água embrulhadas em bacon, salada de ambrosia, fondue de queijo glorioso e gotejante.

Claude perguntou uma vez por que ainda morávamos em Pantown, agora que papai era um promotor distrital tão importante e éramos ricos e podíamos nos mudar para qualquer lugar. Quando fiz a pergunta ao meu pai, ele riu. Ele riu tanto que teve que enxugar os olhos.

Ele parecia um Kennedy, meu pai. Não o famoso, aquele que foi presidente, mas talvez o irmão mais novo. Quando recuperou o fôlego, papai disse: "Heather, não somos ricos. Também não somos pobres. Pagamos nossas contas e moramos nesta casa que é boa o suficiente para nós, na casa onde cresci."

Foi realmente incrível viver em uma casa a vida toda, como meu pai fez. Ele era um sobrevivente de Pantown. Eu nunca conheci os pais dele, meus avós. Ambos morreram antes de eu nascer, vovô Cash, antes mesmo de mamãe e papai se casarem. Vovô esteve na Segunda Guerra Mundial, mas depois voltou para casa. Ele parecia sombrio na única foto dele que eu tinha visto, aquela que estava em nossa lareira. Vovó Dinheiro

parecia mais gentil, mas havia uma tensão ao redor de seus olhos, um olhar como se ela tivesse sido enganada muitas vezes.

Caminhando em direção à casa deles, que agora era a nossa, parei tão de repente que Junie bateu nas minhas costas. Eu estava tão ocupada me preocupando com o próximo show da feira do condado que não notei a entrada vazia até que fosse quase tarde demais.

"O que é?" Junie perguntou, contornando-me. "Papai foi embora?"

Eu balancei a cabeça. "Sim."

Junie suspirou. Era um som antigo, antigo como as estrelas. "Vou para o meu quarto."

Soprei um beijo para ela quando entramos. "Obrigado, June Bug. É só um pouquinho."

Não era tanto o fato de papai cuidar de mamãe quando ele estava por perto. Era mais porque uma parte dela permanecia presente para ele, uma parte importante que escapou quando éramos apenas Junie e eu.

Isso, e ela chorava menos quando o pai estava em casa.

O trabalho de uma mulher é manter uma casa feliz, ela disse uma vez, há muito tempo.

Esperei até ouvir o clique da porta do andar de cima de Junie antes de ir na ponta dos pés até o quarto de mamãe e papai. Junie já tinha idade suficiente para que eu não precisasse protegê-la disso, mas não havia nenhum bom motivo para nos expor quando eu tinha toda a prática. Além disso, apesar das curvas perturbadoras que aparentemente transformaram seu corpo da noite para o dia, Junie tinha apenas doze anos.

Encostei meu ouvido bom na porta da mamãe antes de bater. Estava quieto do outro lado.

TOC Toc.

Eu esperei.

E esperei.

Mamãe não respondeu. Meu coração bateu feio. Nenhum soluço era bom, mas nenhum som? Isso equivalia a uma ida ao pronto-socorro da última vez. A sensação de déjà vu foi

tão forte que mexeu com a gravidade por um segundo, forçando-me a me agarrar à parede. Uma vez, antes de tudo isso, minha mãe me disse que, quando eu experimentasse um déjà vu, eu deveria fazer algo totalmente fora do normal para quebrar o feitiço. Caso contrário, eu ficaria preso em um loop infinito, vivendo o mesmo período de tempo repetidamente. Ela puxou as orelhas e estufou as bochechas para demonstrar que tipo de comportamento seria suficiente. Eu ri tanto.

Eu não estava rindo agora.

Mesmo que parecesse engolir concreto, abri a porta do quarto dela. Abri rápido também.

Melhor acabar logo com isso.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 4

A linha do seu corpo era visível sob as cobertas, imóvel. Nem mesmo a respiração suave. Ela geralmente arrumava os cachos e a maquiagem mesmo nos piores dias, mas a mecha de cabelo escuro aparecendo por cima do cobertor era selvagem. Corri para frente, com medo de descobri-la fria e sólida.

"Mãe!" Eu gritei, sacudindo-a, minhas pernas ficaram dormentes. Ela grunhiu, afastou minhas mãos e sentou-se lentamente, com os olhos turvos. "O que foi, Heather? O que está errado?"

O alívio foi repentino e avassalador. Demorou um pouco para que a sensação voltasse e, com isso, o sangue quente e reprimido encheu meus ouvidos com o barulho das ondas. Forcei minha voz a se acalmar. Se ela ouvisse o menor tremor agora que estava acordada, ela atacaria.

"Nada, mãe. Desculpe." Pensei rápido. "Eu só queria te dizer que eu e Junie voltamos do treino."

Ela pegou o maço de Kools na mesinha de cabeceira, afastando o cabelo emaranhado do rosto. Na sala sombreada, o clarão do isqueiro delineou a nitidez do seu crânio. Como sempre, seu rosto me fez inchar de orgulho. Não importava que ela fosse muito magra, com os ossos projetando-se sob a pele pálida. Seus olhos eram enormes e azul-violeta, seu nariz era suave e arredondado, seus lábios exuberantes eram almofadados.

Ela era excelente.

E além do cabelo preto e ruivo de Junie, as duas poderiam ser gêmeas.

Eu era quase uma espécie diferente. *Ganglite do baterista*, talvez. Ou *Garota uglicana*. Muito alto, com joelhos ossudos

e cotovelos e um longo corte de cabelo Dorothy Hamill que estava desesperadamente fora de moda, mas que escondia minha orelha queimada. Mas olhando para mamãe, esqueci minha própria aparência. Ela era linda assim. Fiquei desesperado para levantar as persianas, para deixar o sol do fim da tarde atingir seu rosto, para *ver* dela.

Eu sabia melhor.

"Como foi?" ela perguntou com a boca úmida de fumaça.

Levei um segundo para lembrar do que estávamos conversando. "O treino foi bom", eu disse, franzindo a testa. "Muito bom. Vamos jogar na feira do condado neste fim de semana. Nosso primeiro show de verdade."

Eu não queria contar a ela a última parte. Às vezes, mamãe ficava bem absorvendo tanta informação. Mas depois houve outras vezes. Eu podia ver seus copos funcionando. Seu rosto estava frouxo. Minha nuca ficou gelada esperando para ver qual versão iria explodir.

Mas finalmente, felizmente, as palavras corretas se encaixaram e saiu uma frase perfeitamente normal. "Maravilhoso! Seu pai e eu iremos ver vocês brincarem.

Ela sabia que estava mentindo? Não importava. Eu tinha escapado sem perturbá-la. Hoje foi um bom dia. Percebi que estava esfregando minha orelha boa, massageando-a entre o indicador e o polegar. Deixei cair minha mão.

"Você não precisa, mãe. Somos apenas a banda de abertura. Jogaremos quinze minutos, no máximo. Vai ser fedorento e barulhento na feira. É melhor você ficar em casa."

"Bobagem", disse ela. Ela arrumou o cabelo exatamente como costumava fazer quando ela e papai saíam para um jantar. Seu olhar ficou nebuloso e me perguntei se ela estava se lembrando da mesma coisa.

"Claro que estaremos lá," ela murmurou. "Claro." Então seus olhos focaram de repente. Eu baixei minha guarda muito rapidamente.

"Você ficaria tão bonita com um toque de rímel e um pouco de ruge", disse ela.

Prendi a respiração. Ela estava afiando suas facas. Eu aprendi anos atrás a reconhecer o primeiro movimento da lâmina para poder sair antes que ela sangrasse.

"Obrigado, mãe", eu disse, recuando em direção à porta. "Espaguete e almôndegas estão bem para o jantar?"

"Tivemos isso há duas noites," ela sibilou, estreitando os olhos, observando-me recuar. Ela odiava que lhe fosse negada uma luta.

"Isso mesmo," eu disse, fazendo minha voz baixa e submissa. "Eu deveria ter me lembrado."

Eu *sabia* Eu tinha feito isso há dois dias. Eu também sabia que poderia passar o resto da minha vida sem comer mais nenhum prato de espaguete. Junie adorou, e ela e meu pai cantaram aquela música estúpida de "On Top of Spaghetti" enquanto giravam o macarrão, então eu coloquei o máximo que pude.

"Sim você *deve* ter," ela disse irritada. "Você é uma garota tão esquecida e pouco confiável."

Eu estava quase na porta. Estendi a mão para a maçaneta sem me afastar dela, os cantos da minha boca formando um sorriso. "Poderíamos comer jantares congelados em vez disso. Papai trouxe para casa uma bela seleção. Cada um pode escolher o que quiser e eu vou aquecê-lo."

"Isso parece bom", disse ela, a agressão abruptamente drenada dela, seus olhos vagando para as persianas fechadas. A mão do cigarro caiu perigosamente perto da colcha. "Não estou me sentindo bem hoje. Talvez eu nem saia para jantar."

"Papai certamente gosta quando você faz isso", eu disse. "Nó *todos* gosto quando você faz isso."

Era um acerto ou erro se mamãe seria uma boa companhia, mas quando ela era, ela brilhava como um diamante. A última vez que me lembrei dela iluminando uma sala foi anos atrás, antes do meu acidente. Mamãe e papai estavam organizando uma reunião, e ela fez os convidados falarem sobre um sonho mortificante que tivera, no qual passeava pela Zayre Shoppers City usando seus rolinhos e nada mais. Garoto, ah,

todos os homens em nossa sala sorriram para ela. Até as mulheres não puderam deixar de rir. Ela era uma ótima contadora de histórias.

Talvez pudéssemos organizar um daqueles grandes jantares novamente se eu dissesse à mamãe que faria toda a comida. Eu estava encarregado disso há algum tempo. Ninguém realmente me perguntou, simplesmente foi natural. Não poderia ser muito diferente cozinhar para um monte de gente ao mesmo tempo. Em Zayre, onde Claude, Ricky e eu trabalhávamos, a seção de mercearia vendia cartões de receitas de Betty Crocker especificamente para festas. Eu pegaria alguns. Eu poderia usar meu desconto de funcionário.

Eu me senti efervescente e quente pela primeira vez desde que entrei no quarto dela.

Mamãe não me respondeu sobre se juntar a nós para jantar. Pior ainda, o cigarro dela estava queimando até os dedos. Foi uma aposta se eu deveria aceitar isso dela. Mas me senti tão bem imaginando a festa que resolvi arriscar.

Corri de volta para a cama, abrindo mão de todo o espaço que ganhei. Cantarolando baixinho, deslizei a ponta em chamas entre as pontas dos dedos e a esmaguei no cinzeiro transbordante. Num impulso, afastei seu cabelo do rosto e beijei suavemente sua testa. Já fazia alguns dias desde que ela tomou banho.

Eu prepararia um banho para ela esta noite e o encheria com pétalas de rosa. Nossas roseiras cor-de-rosa ainda estavam cheias de flores. Eles tinham um cheiro tão doce quanto uma maçã recém-cortada. Se eu preparasse para ela um banho que fosse escaldante, regasse seu óleo de amêndoa favorito ali e espalhasse as pétalas como confete por cima, eu poderia convencê-la a entrar, todas as vezes. Às vezes ela até me pedia para ficar no banheiro e conversar com ela, como antigamente.

“Eu te amo”, eu disse a ela enquanto saía de seu quarto.

Eu não esperava uma resposta, então não doeu quando não recebi uma.



Quatro jantares Swanson congelados estavam no balcão da cozinha. Eu os selecionei com base nos favoritos de todos. Fish 'n' Chips para mamãe, mesmo que ela não saísse do quarto, Salisbury Steak para papai, o estilo polinésio favorito de Junie com bolo de chá de laranja e a única opção restante - Beans and Franks - para mim. (Não foi tão ruim quanto parecia.) Eu estava esperando o forno pré-aquecer quando um barulho no porão chamou minha atenção. Fui até o topo da escada, olhando para a escuridão. O som não se repetiu. Deve ter sido minha imaginação.

Eu estava abrindo a caixa do Fish 'n' Chips quando o telefone tocou, três toques longos e um curto indicando que era para nossa casa. Eu tinha ouvido falar que as Cidades não estavam mais no sistema de linha partidária, que se você morasse lá, quando seu telefone tocasse você poderia presumir que era para você, mas ainda não estávamos lá em Pantown.

Peguei o fone de ouro da parede e coloquei-o no ombro enquanto tirava a bandeja de Fish 'n' Chips da caixa. O compartimento maior continha dois triângulos de peixes marrom-claros salpicados de gelo. A reentrância menor continha as batatas fritas cortadas amassadas. Foi isso, nada de sobremesa ou vegetais coloridos, apenas peixe e batatas fritas.

"Olá?" Eu disse ao telefone. "Você está sozinho?"

Era Brenda. Olhei para o corredor. Junie não tinha saído do quarto e mamãe provavelmente estava dormindo de novo.

"Sim", eu disse. "E aí?"

"Eu sei o que você pode me dar de aniversário."

Um sorriso dividiu meu rosto. Brenda fazia esse telefonema todo mês de agosto, mais ou menos uma semana antes de seu aniversário. Ela sempre propunha algo completamente fora de alcance, como um encontro

com Shaun Cassidy ou as botas de couro vermelho que vimos Nancy Sinatra usar em uma reprise de Ed Sullivan.

Passei para a caixa Salisbury Steak. "O que?" "Você pode ir comigo à festa que Ricky dará na sexta-feira. Depois de jogarmos a feira.

O sorriso desapareceu do meu rosto.

"Pare com isso agora mesmo", disse ela, como se pudesse ver minha expressão.

"Ricky é um vagabundo", eu disse. Era verdade. Mesmo antes de começar a sair com aquele Ed, Ricky já estava ficando estranho. Eu estava disposto a apostar que ele faltou mais aulas no ano passado do que frequentou. Ele quase nem aparecia mais na igreja. Nenhum de nós, crianças de Pantown, queria ir para Saint Patrick's, mas fomos mesmo assim, todos menos Ricky.

"Não, ele é um vagabundo", disse ela. "Mas ele tem a chave da cabana de um amigo, perto da pedreira. Com certeza será um bom momento."

"Quando ele te contou tudo isso?" Perguntei.

Reconheci o tom suspeito da minha mãe na minha voz. Eu não gostei do ciúme mastigando minhas entranhas. Primeiro Maureen estava saindo com o "sexy pra caramba" Ed, e agora Brenda estava sendo convidada para a festa de Ricky sem mim. Não importava que eu não quisesse ir. Eu ainda queria ser convidado, um convite de verdade, não um convite empoeirado de segunda mão que um amigo rolou ladeira abaixo.

"Ele me ligou. Acabei de falar ao telefone com ele. Sua voz se tornou provocadora. "Você sabe quem mais estará na festa?"

"Quem?"

"Formiga." Brenda fez uma pausa como se esperasse que eu respondesse. Quando não o fiz, ela continuou, parecendo irritada. "Ricky disse que Ant gosta de você, *Mescado*, que ele achou que você estava muito linda no treino de hoje.

"Nojento," eu disse, lembrando o quão estranho ele agiu na garagem. Anton Dehnke poderia crescer e se tornar um

neurocirurgião brilhante ou astronauta, e eu ainda só veria o garoto que comia pasta na primeira série. “E o que Ricky está fazendo ligando para você, afinal? Pela maneira como Maureen agiu hoje, imaginei que fossem um casal.

Terminado de preparar o Salisbury Steak, tirei o Beans and Franks da caixa. Eles pareciam piores do que eu lembrava, como um projeto de ciências D+. Desenrolei o fio do telefone para ter folga suficiente para chegar ao freezer. Procurei lá dentro, na esperança de encontrar um jantar de TV escondido lá atrás, um que eu tinha perdido, qualquer coisa, menos salsichas e feijões.

Sem sorte. Por que papai comprou este, afinal?

“Não, eles não estão juntos”, disse Brenda, depois de uma pausa muito longa. “Você sabe como Mo é. Ela gosta de flertar. Ricky disse que eles nunca namoraram e que ela está interessada em Ed a partir de hoje. Acho que ela estava animada com a aparição na feira e queria 'agradecê-lo adequadamente'. Você acredita que vamos fazer um show de verdade? Vai ser tão selvagem! Como o nosso High Roller pessoal!”

“É melhor você torcer para que não”, eu disse, sorrindo novamente, com relutância. Os pais dela nos levaram de carro ao Valleyfair, o novo parque de diversões nos arredores de Minneapolis, duas semanas depois de sua inauguração. Esperamos na fila por uma hora pela montanha-russa. “Você perdeu pedaços.”

Brenda deu uma risadinha. “Como o grande apostador *semo* vômito, então. Então você vem para a festa?

Suspirei. “Claro.”

“Bom.” Ela ficou quieta por alguns instantes. “Você ouviu falar daquela garçonete? Beth uma coisa ou outra.

“Não.” Abri a última caixa, o jantar polinésio de Junie, da cor do pôr do sol. “Então e ela?”

“Ela trabalha no Northside Diner. Vai para Saint Patrick's, eu acho. Meu pai encontrou a mãe dela no Warehouse Market. Ela estava muito preocupada, disse que Beth estava desaparecida. Achei que talvez seu pai pudesse ter mencionado isso.

Balancei a cabeça, embora ela não pudesse ver. “Não, o que significa que ela provavelmente não está realmente desaparecida.” Eu mordi minha língua

antes de adicionar algo maldoso, como *ela provavelmente fugiu com um garoto como você e Maureen*. "Tenho certeza que ela vai aparecer a qualquer momento. Ei, você quer vir hoje à noite e brincar de TV nos túneis? Depois do jantar?"

Eu não sabia por que eu disse isso. TV Tag era um jogo infantil, que não jogávamos há alguns verões. Era um cruzamento entre esconde-esconde e etiqueta congelada. Se você não conseguisse gritar o nome de um programa de televisão - e era surpreendentemente difícil pensar em algum sob pressão - antes que quem quer que fosse "aquele" tocasse você, você ficaria congelado até que um companheiro de equipe se tornasse corajoso o suficiente para deixar seu esconderijo e te libertar.

Era um jogo para bebês, mas de repente fiquei desesperado para acreditar que ainda poderíamos jogar jogos para bebês.

Eu não precisava me preocupar com Brenda, Brenda cujo coração era maior que Pantown inteiro, que chorou até dormir depois de ver o comercial de seguro de vida "você não precisa estar morto para receber", que organizou um bairro limpeza depois que seu pai a levou até o outdoor com o índio chorando.

"A etiqueta de TV hoje à noite é uma ótima ideia!" ela disse. "Vou convidar Maureen. Você conta para Claude e Junie.

"Isso é um grande dez-quatro", eu disse, meu alívio desproporcional à situação.

CAPÍTULO 5

“Isso é delicioso, bolinho!” Papai disse. “Você sabe como eu adoro bolo de carne.”

“Estou feliz”, eu disse, tomando cuidado para não corrigi-lo. Ele teve que trabalhar até tarde novamente. Ele não precisava que eu o fizesse se sentir idiota além disso. De qualquer forma, bolo de carne e bife de Salisbury eram basicamente a mesma coisa: carne que você não precisava de faca para comer. Papai gostava mais dos dois do que de bife de verdade, exatamente por esse motivo. Ele não gostava de comida que você tinha que suar para saborear, ele me confidenciou uma vez quando os Pitts serviram costelas em um churrasco no bairro.

Papai costumava trabalhar em horário normal, quando era advogado regular. Como foi eleito promotor público do condado de Stearns, ele saía antes do nascer do sol e às vezes só voltava à noite. Ele jurou que era só até se acostumar com o lugar e o lugar com ele. Não gostei que ele estivesse fora o tempo todo, mas alguém tinha que pagar as contas, pelo menos foi o que mamãe disse. *EU fiz* aproveite o papai sentado à mesa ainda com a gravata, como estava fazendo agora. Ele parecia tão bonito, tão responsável.

Quando alguém na igreja ou um professor perguntava o que eu queria ser quando crescesse, eu respondia que era baterista, mas às vezes — só para mim mesmo; Maureen tinha me dado tantos sermões sobre feminismo que eu sabia o suficiente para não dizer isso em voz alta: eu sonhava em ser dona de casa. Sem esposas, o mundo pararia, dissera minha mãe. Foi bom me imaginar tão vital, ter esse papel esperando por mim

para entrar, a mão direita de um homem forte e bonito. Eu saberia exatamente como agir.

Às vezes até me imaginava a esposa desta casa. Não de uma forma grosseira, não como pensei em me casar com meu pai. Eu apenas fantasiei que seria assim quando eu *era* casado. Meu marido à mesa, apreciando a comida que eu preparei, a casa limpa em que ele entrou. Ele estava administrando o mundo lá fora e, no final das contas, sua recompensa foi retornar ao seu castelo, onde eu o estraguei.

Sentei-me mais ereto no meu lugar. Junie estava enfiando um pepita de carne laranja brilhante na boca. Pisquei para ela, como imaginei que uma mãe faria. Ela cruzou os olhos e mostrou a língua. Estava coberto de pedaços de comida.

"Mastigue com a boca fechada", eu disse afetadamente. Voltei minha atenção para papai. "Eu estava pensando que se você e mamãe quisessem dar uma festa, eu poderia cozinhar. Estou acostumada a fazer jantar para nós quatro. Eu não me importaria de cozinhar para mais pessoas. Eu poderia fazer pesquisas.

Papai coçou o queixo. "Isso seria legal", disse ele, claramente sem me ouvir.

Eu sabia que precisaria mudar de assunto para mantê-lo entretido. "Como foi o trabalho hoje?"

Seus olhos se fecharam. Ele tirou o paletó quando chegou em casa, limpou as rugas e o colocou no encosto do sofá antes de se juntar a nós na mesa de jantar, onde Junie e eu esperávamos em frente às nossas latas de comida geladas há quase vinte minutos. Ele comeu direto na carne, que mal estava mais quente.

Ele fez uma pausa para pousar o garfo na bandeja de lata.

"Estava tudo bem", disse ele, mas de uma forma que eu sabia que era tudo menos isso.

"Novo caso?" Perguntei.

"Algo parecido." Ele passou as mãos pelo rosto. "Há um cara realmente mau operando fora das cidades. Meu nome é Theodoro Godo. Eles estão preocupados que ele esteja gravitando em torno de Saint

Nuvem. Eles até enviaram um agente do BCA para ajudar, está aqui há alguns dias. Jerome não está muito feliz. Me pediu para participar de uma reunião hoje, embora eu normalmente não me envolva até que alguém seja acusado.

O xerife Jerome Nillson e meu pai trabalhavam juntos agora que meu pai era promotor público. O xerife Nillson veio para uma festa em nossa casa na noite em que meu pai foi eleito. Mamãe ficou tão linda que quase quebrou o espelho, e deve ter durado meia hora inteira antes de dizer que não estava se sentindo bem. Eu estava orgulhoso dela. Papai também estava. Ele segurou o braço dela como se ela fosse um verdadeiro tesouro enquanto a levava para o quarto, guardando-a em segurança antes de voltar para dizer a todos, em voz baixa, que a festa havia acabado.

Papai continuou. "Acho que Jerome queria uma demonstração de força na frente do agente. Você sabe como essas pessoas da cidade grande podem olhar para nós com desprezo.

Sorri com conhecimento de causa, ignorando a menção ao agente do BCA e ao que o pessoal da cidade grande pensava de nós - este último um dos tópicos favoritos do meu pai - para chegar ao ponto central. "Aposto que o xerife Nillson não chamou esse Godo de 'um cara realmente mau'. Eu não sou um bebê, pai. Você pode me dizer o que realmente está acontecendo."

Seu olhar viajou para Junie, o rosto dela inclinado sobre o bolo de chá de laranja, o que ele queria dizer com clareza. Ela podia não ser um bebê, mas era jovem, nem mesmo (quase) uma adolescente.

"Podemos conversar mais tarde", eu disse, com uma pequena explosão de calor no peito. Às vezes, depois que Junie adormecia, papai passava o dia comigo tomando um copo de conhaque, como se não conseguisse mais aguentar. Ele me fez prometer que não contaria a ninguém porque tudo era confidencial. Adorei que ele confiasse tanto em mim, mas, honestamente, suas histórias pareciam todas iguais. Pessoas machucando outras pessoas, roubando-as, traindo-as ou espancando-as, e meu pai aparecendo para resolver tudo.

"Esta noite não, infelizmente." Seus olhos ficaram sombrios novamente. "Tenho que voltar ao escritório. Aquele cara que eu estava te contando

sobre, Godô. Preciso ter certeza de que tenho tudo em ordem para elaborar acusações se ele aparecer em Saint Cloud.

Balancei a cabeça, sentindo-me surpreendentemente triste.

“Não fique assim, Heather. Meu trabalho é importante.” Ele pegou o garfo. “Diga, você conhece Elizabeth McCain? Ela estaria no último ano do ensino médio no ano passado. Ela é garçoneiro no Northside.”

Meu estômago se apertou de preocupação. Deve ter sido a Beth a quem Brenda se referiu ao telefone, aquela cujo desaparecimento eu desvendei. “Eu sei quem ela é. Por que?”

Ele usou o garfo para cortar um delicado triângulo de carne, como um cavalheiro. “Ela aparentemente está desaparecida. Desapareceu por quase três dias.

Isso chamou toda a atenção de Junie. “Alguém a sequestrou?”

Papai franziu a testa enquanto mastigava, um acordeão de rugas se desenvolvendo acima de suas sobrancelhas. Quando engoliu, disse: — Provavelmente não, Bug. Provavelmente pegando carona em algum lugar. Crianças dessa idade ficam com o cabelo rebelde e simplesmente decolam. Ela está pronta para se mudar para a Califórnia para fazer faculdade em algumas semanas. Tenho certeza que ela aparecerá até lá.”

Balancei a cabeça para mim mesmo, sentindo o conforto da satisfação. Eu acertei quando disse a Brenda para não se preocupar com a garota. Eu estava errado sobre meus feijões e salsichas não serem tão ruins quanto pareciam. Empurrei os pedaços de cachorro-quente na bandeja. “Que horas estará em casa?”

Eu queria saber se deveria incomodá-lo com o jogo da TV. Não tínhamos toque de recolher no verão. Papai disse que confiava em mim e em Junie, e cabia a nós continuar a conquistar essa confiança. Isso significava que eu não fiz coisas estúpidas. O tempo no túnel não contava como estúpido — fazia parte da estrutura de Pantown — então, se ele nem ia voltar para casa, ele não precisava saber disso.

“Depois que você caiu no feno”, disse ele. Ele voltou a comer a comida congelada, os olhos mais brilhantes que o normal. Deve haver

tem sido muito mais envolvido neste caso Godo do que ele deixava transparecer. Eu perguntaria mais a ele quando Junie não estivesse por perto.

Uma batida na porta nos fez pular. Visitantes durante o jantar eram raros em Pantown, onde a maioria de nós comia ao mesmo tempo. Empurrei minha cadeira para trás, mas papai ergueu a mão. "Eu atendo."

Ele colocou o guardanapo sobre a mesa e caminhou até a porta. Seus ombros se contraíram quando ele abriu. "Gulliver!" ele disse, sua voz mais profunda do que o normal.

Junie estava tão inclinada para trás tentando dar uma olhada no recém-chegado que quase tombou. Bati as pernas dianteiras da cadeira no chão. "Não bisbilhote," eu disse baixinho.

Ela fez uma careta. "Mas não conhecemos um *Gulliver*."

Ela estava certa. Na verdade, esta pode ter sido a primeira vez que um estranho que não era vendedor apareceu à nossa porta. Sempre. Eu não tinha certeza do meu dever nesta situação, com mamãe deitada na cama me deixando como a dona da casa. Levantei-me e caminhei em direção ao sofá e parei, nervoso. Eu ainda não conseguia ver o homem na porta. Ele estava conversando com papai em voz baixa e urgente, mas então a conversa foi interrompida abruptamente. Papai se afastou.

"Gulliver, essas são minhas garotas. Heather e June. O homem inclinou-se para dentro da sala e acenou com a cabeça uma vez, um movimento rápido e firme. Ele era a pessoa mais pálida que eu já vi, tão branco que era quase translúcido, sua pele salpicada de sardas cor de canela que combinavam com a cor de seus olhos, seu cabelo curto e seu bigode. *irlandês* foi meu primeiro pensamento - tão diferente do creme e azul saudável dos suecos de Pantown ou dos olhos e cabelos cor de terra dos alemães.

Estranho foi meu segundo.

"Prazer em conhecê-lo", disse ele, erguendo a mão em um aceno estranho.

"Este é o Sr. Ryan", disse papai. "O agente do BCA de quem eu estava falando."

"Olá", eu disse.

"Oi", Junie disse, olhando para baixo, mas como uma raposa, não submissa.

Todos nós ficamos assim por alguns segundos, e então o Sr. Ryan agradeceu ao papai pelo seu tempo.

"Desculpe incomodá-lo em casa", ele continuou. "Eu não queria entregar a mensagem por telefone."

"Agradeço", disse papai, mas sua voz era rouca. "Quer se juntar a nós para jantar? Heather poderia aquecer outra refeição."

"Não, obrigado", disse Ryan. "Vou para a casa do xerife Nillson."

Ele se despediu. Voltei para a mesa. Papai também, mas ele não pegou o garfo. Junie e eu o observamos olhando para algo a um milhão de quilômetros de distância. Finalmente ele falou. "Eles encontraram um corpo em Saint Paul. Outra garçonete, mas não Elizabeth McCain. Eles não têm nenhuma evidência concreta, mas acham que pode ser aquele cara de quem lhe falei.

"E você acha que ele está vindo para cá?" Junie perguntou, sua voz estridente. "Para Santa Nuvem?"

Isso trouxe a mente de papai de volta à sala. Ele apertou a mão dela. "Não, querido, provavelmente não. De qualquer forma, é um tiro no escuro e estamos de olho nele. Não se preocupe com nada.

"Isso mesmo, Junie", eu disse, tentando apoiar papai. "Você não precisa se preocupar."

Ele me lançou um olhar agradecido e eu entendi isso. Meu trabalho era tirar a mente de todos das coisas ruins, pelo menos até meu pai terminar de comer. Desisti da minha pilha de mingau de feijão e me inclinei na direção dele, o queixo apoiado na rede das minhas mãos, exatamente como tinha visto mamãe fazer. "Eu te contei que as meninas vão brincar na feira do condado?"

"Eu também! Posso tocar pandeiro", disse Junie, puxando a frente de sua camisa favorita, agora mais top do que camiseta. DADDY'S FISHING BUDDY, dizia, acima de uma imagem de desenho animado de um walleye enrolado e sorridente. Papai, que não pescava, ganhou de presente de um cliente quando estava em particular

prática, um cliente que interpretou mal Junie como Johnny. Papai adorava contar essa história.

“Não, vocês certamente não me contaram isso”, disse papai, com o rosto relaxado. “Quero ouvir tudo. Tenho que acampar para comprar ingressos? Quanto custarão as camisetas do show?”

Então ele sorriu aquele sorriso de Kennedy mais jovem que foi bom o suficiente para trazer minha linda mãe de conto de fadas de volta quando ela estava 100 por cento viva, e terminamos nosso jantar.

OceanoofPDF.com

BETE

Beth caiu no chão de terra, o ambiente ainda tão escuro que ela não conseguia dizer se seus olhos estavam abertos ou fechados. Ela contou os batimentos cardíacos, batendo-os na terra fria com os dedos. Sessenta batimentos cardíacos eram um minuto.

Um á um. Um dois. Um três. Sessenta
tiros eram uma hora. *Sessenta e um.*

Sessenta e dois. Sessenta e três.

Nada mudou. A escuridão não mudou, o cheiro de terra de sepultura não diminuiu, nenhum som além do batimento cardíaco de seu coração.

Cento e um, cento e dois, cento e três. Ela ouviu os passos dele pela primeira vez como um contra-ataque, um leve tremor acima de sua cabeça que a fez perder a conta. Ela sentou-se lentamente, lutando contra ondas de tontura. Ela correu para trás até alcançar a batida fria de uma parede de concreto. Sua boca estava seca, os lábios rachados, sua sede era uma coisa viva. Ela já havia feito xixi duas vezes, com relutância, num canto distante. Ela teve que fazer xixi novamente.

Acima, uma porta pesada rangeu e gritou. O barulho parecia vir do teto, mas não estava perto, ainda não. Depois, passos cautelosos do carrasco na escada, distantes, mas próximos.

Depois o silêncio, exceto o esmagamento salgado das batidas de seu coração. Ela tentou engoli-lo enquanto a escuridão a engolia. As chaves tilintaram do outro lado da porta da masmorra. Ela mastigou a língua para não gritar. A porta se abriu.

O que veio a seguir aconteceu tão rápido. Mais escuridão delineando-o, não a verdadeira escuridão da barriga da besta como ela estava. Escuridão normal. Ela teve um vislumbre do que parecia ser um corredor atrás dele. Ela absorveu esse detalhe, engoliu-o como se fosse água gelada.

Ele entrou na sala e fechou a porta atrás dele. Escuridão novamente.

Ela ouviu o tilintar do metal sendo colocado na terra, sentiu o cheiro de querosene e depois queimou as íris com a chama de um isqueiro. A iluminação que se seguiu foi imediata e quente. Uma lanterna de acampamento.

Ele colocou-o no chão ao lado de dois potes de metal. “Vou deixar aqui se você estiver bem. Você grita, eu tiro isso.”

A chama bruxuleante o iluminou, transformando seu rosto em uma máscara de demônio.

Ele visitou o restaurante tantas vezes. Sentei-me em sua seção. Ela se sentiu levemente lisonjeada, embora algo nele a deixasse inquieta, como sussurros ao longo da curva suave de seu pescoço. Mas para quem você menciona isso? Quem ouviria sem dizer para você apreciar a atenção?

Seja feliz. O cara gosta de você.

“Mas você não quer queimar tudo,” ele disse, trazendo a atenção dela de volta para a sala.

A sala.

Era um cubo, talvez de três por quatro metros. Paredes de cimento. Piso de terra. Uma única porta. Ela esticou o pescoço, embora doesse terrivelmente. Vigas de madeira no teto. Ela explorou tudo de joelhos e depois em pé. Não houve surpresas.

“Isso consumirá seu oxigênio e você sufocará.” Ele deu um passo para o lado e apontou para a parte inferior da porta. Foi selado com uma borracha.

Ele planejou trazê-la aqui. Ou talvez ela não tenha sido a primeira.

“Você não pode fazer isso”, disse ela, com a voz embargada e sangrenta. “As pessoas nos viram juntos, tenho certeza disso. Nos viu

conversando fora da lanchonete.

“Garoto, se eles fizeram isso, eles decidiram cuidar da própria vida. Isso é o que a maioria das pessoas faz, se forem inteligentes.” Ele riu, rápido e sem humor, depois pegou as panelas. Ele os moveu para o canto atrás da porta, diretamente sobre onde ela já havia feito xixi. “Um tem água limpa. O outro é usado.

Ele enfiou os polegares nas alças da calça. Sombras brincavam em seus dedos longos e serpenteantes. Ela observou quando ele desabotoou o cinto e sentiu uma pasta fria enchendo suas veias.

Ela moveu as mãos lentamente atrás dela, não querendo que ele notasse, procurando por uma pedra, um pedaço de algo afiado, qualquer coisa para colocar entre ela e ele.

“Lembre-se”, disse ele. “Você grita e eu tiro a luz.”

CAPÍTULO 6

Se você equilibrasse pais e portas, Claude tinha o melhor acesso ao túnel do nosso grupo. Mamãe e papai mantiveram nossa entrada subterrânea original, uma pesada porta de carvalho tão sofisticada quanto a principal, a assinatura *P* para Pandolfo incrustado na moldura superior, igual ao de Claude. Infelizmente, a situação da mamãe fez da nossa casa um sucesso ou um fracasso. Os pais de Brenda eram tecnicamente os mais maduros do grupo, mas um de seus irmãos — Jerry, eu acho — foi pego fugindo depois de ter sido castigado há alguns anos, e o Sr. Taft bloqueou o acesso ao porão. Agora a porta do porão deles parecia aquela página do *O monstro no final deste livro* onde Grover estava tentando manter alguma criatura terrível do lado de fora, toda cruzada, com tábuas cheias de nós e pregos pesados. O porão de Maureen estava tão cheio de arrumação que era difícil chegar até a porta.

Então era o de Claude.

Nós quatro havíamos explorado a maior parte do sistema de túneis e conhecíamos nossa seção para frente, para trás, quadrada e redonda. Tínhamos até explorado todo o caminho até a fábrica original, mas aquelas enormes portas de metal já haviam sido soldadas há muito tempo. Nunca nos preocupamos em não conseguir encontrar o caminho de casa, não importa a distância que viajássemos, porque do lado do túnel, algumas paradas ainda tinham o número da casa gravado na alvenaria acima da porta. Isso foi inteligente, quem pensou nisso, para que você não entrasse acidentalmente na casa errada depois de um longo dia de trabalho. Algumas pessoas haviam quebrado os seus, mas restava o suficiente para que nunca nos perdêssemos por muito tempo.

O que não contamos a nenhum dos pais foi que a mesma chave funcionava no lado do túnel de mais de uma das portas. Nós descobrimos isso por acidente, quando a mãe de Claude trancou a entrada do porão depois de passarmos por lá uma tarde. Foi antes de os pais de Brenda selarem os deles, então Brenda estava com as chaves. Tentamos a chave do porão na porta de Claude e, com certeza, ela deslizou como manteiga. O mesmo acontece com todas as outras portas do porão que tentamos. Foi uma falha no design do Pantown, que ficamos felizes em explorar.

Claude ficou tão animado quando liguei para contar sobre a TV Tag que ele estava esperando na varanda da frente quando Junie e eu aparecemos. Ele saltou, exibindo um novo corte de cabelo que sua mãe deve ter dado a ele. Isso o fez parecer mais com Robby Benson do que nunca. Era uma loucura o quão alto ele tinha ficado, erguido como uma erva daninha ao sol. Ele era uma gracinha, não há como negar. Eu planejei fazê-lo primeiro me contar qualquer namorada em potencial.

“Você se lembrou de convidar Maureen?” Cláudio perguntou. Ele vinha tentando um apelido desde o jardim de infância, qualquer coisa além de Claude-rima-com-oi, que as pessoas constantemente pronunciavam erroneamente como “tolo”. Seu sobrenome era Ziegler, então seu último pedido para ser chamado de Ziggy foi um dos mais razoáveis. O problema é que o conhecíamos desde sempre, então não podíamos deixar de pensar nele pelo nome de batismo.

“Brenda fez isso”, eu disse, olhando para Maureen's do outro lado da rua. A casa dela estava escura, combinando com o céu pesado. Eu esperava que a chuva estivesse vindo para quebrar a barreira de calor em que vivíamos. O ar parecia uma sopa quente. “Somos os primeiros aqui?”

“Sim”, disse Claude. “Espero que os outros dois cheguem a qualquer minuto.”

No caminho abafado até a casa de Claude, Junie implorou para brincar de caça-palavras em vez de pega-pega na TV. A caça às palavras era nosso jogo mais inteligente. Aspiraríamos nossas cabeças contra as pessoas

portas tentando ouvir qualquer frase que escolhemos, como a música da salsicha de Oscar Mayer ou “dois hambúrgueres só de carne, molho especial, alface, queijo, pickles, cebola no pão de gergelim” do McDonald's. Quando ouvíamos a primeira palavra, corríamos, rindo, para a porta ao lado, esperando até ouvir a segunda palavra, e assim por diante. Raramente coletamos a frase inteira. Ouvimos muito silêncio, algumas conversas murmuradas, pessoas discutindo, ou pior, pessoas se amando. Sempre que ouvíamos isso acidentalmente, eu ficava grato porque nem todos tinham os números das casas visíveis na lateral do túnel. Eu não queria ver seus rostos na igreja e saber o que faziam à noite.

Foi assim que ouvimos o pai de Ant gritando com ele. Aconteceu em janeiro passado, durante uma pausa no bairro *Raíces*-feira de observação que os Pitts estavam realizando. Depois de preencher nossos buracos de bolo, um grupo de crianças entrou nos túneis para desabafar. Foi quando percebi pela primeira vez que Ant não estava na festa. Fomos direto até a porta dele para ouvir.

Cara, recebemos uma bronca do Sr. Dehnke berrando. Do jeito que ele fez isso, você poderia dizer que era um evento normal. Mas o engraçado é que, embora ele estivesse gritando com Ant, ele estava gritando *sobre* Mãe da formiga.

Sua mãe não quer que eu seja feliz, não é, garoto? Não, ela quer me incomodar o dia todo. Ela quer dizer ao seu pai o que fazer, não é, Anton?

Claude se afastou da porta no segundo em que percebeu o que estava acontecendo. Eu poderia dizer pelo seu rosto que ele achava que não deveríamos espionar um amigo. Fiquei, porém, sentindo algo novo, algo frio e quente, como vergonha e prazer girando juntos em uma bola de goma. Tentei imaginar o que Ant estava fazendo enquanto seu pai conversava com ele, mas *não* falando com ele. A mãe dele também estava lá?

Acho que sou simplesmente terrível, Ant. Acho que não consigo fazer nada certo. Sua mãe odeia que nos divirtamos, deve ser isso. Ela acha que não estou procurando um emprego o suficiente, mas

ela não sabe que estou lá fora o dia todo, batendo na calçada.

Ouvi Ant grunhir em resposta, era o quão perto ele estava da porta do porão. Foi o suficiente para afastar minha orelha. Claude e eu voltamos juntos para a festa, quietos, sem olhar um para o outro, sem dizer uma palavra até chegarmos à casa dos Pitt.

A próxima vez que vi Ant, foi como se ele soubesse o que havíamos ouvido. Ele agiu todo envergonhado e agressivo, empurrando Claude no playground gelado e gritando comigo quando eu lhe disse para recuar. Foi mais ou menos na mesma época do inverno passado que ele gemeu durante o simpósio. Eu queria dizer a ele que ele não precisava se sentir mal, que todos nós tínhamos coisas estranhas acontecendo em nossas cabeças e atrás de nossas portas, mas não o fiz.

De qualquer forma, Ant meio que desapareceu de nós logo depois da noite em que Claude e eu (eu mais do que Claude) espiamos do lado de fora de sua porta. Nas poucas vezes que ele viajou em nossa matilha, ele agiu tão confuso, deixando escapar *Não sei* em voz baixa sempre que lhe fazíamos uma pergunta, que foi quase um alívio quando ele começou a sair com Ricky.

Claude esmagou um mosquito que pousou em seu pescoço enquanto esperávamos Brenda e Maureen. Essa era outra coisa boa dos túneis: não havia insetos. Ele me deu um soco de leve no braço. “Qual é o problema?”

“Mamãe não saiu do quarto”, disse Junie, respondendo por mim, com a voz sombria.

Isso me surpreendeu. Eu pensei que ela não notasse mais. Suponho que isso não era realista. Toda a nossa casa estava em sintonia com mamãe e seu humor.

“Ela está bem”, eu disse a Claude. “Extremamente cansado, só isso.”

Ele assentiu. Ele não era apenas grande para a idade, mas também inteligente. Coração inteligente, dizia minha mãe, na época em que ela prestava atenção nessas coisas. Isso me fez pensar no último dia de aula deste ano. Estávamos fazendo exercícios de álgebra, aqueles *x*’areias *simé* um belo código caindo

no lugar, quando o professor substituto me chamou na frente de toda a turma.

Heather Cash, tire o cabelo do rosto. Suas palavras prenderam meu queixo no peito com tanta certeza como se ela tivesse apertado um botão. O movimento transformou meu cabelo na altura dos ombros em um escudo protetor, o oposto do que ela exigiu. Foi instinto, não desrespeito, mas ela viu o topo da minha cabeça como um ataque direto.

Você não me ouviu? ela perguntou com a voz trêmula. Os lápis de todos pararam no segundo em que sentiram o cheiro do meu sangue na água. Meu braço se contraiu, empurrando minha caneta favorita, aquela que tinha o horizonte de Paris rolando de uma ponta a outra dentro de um líquido pegajoso, no chão. Abaixei-me para pegá-lo, olhando para as pontas do meu pajem enrolado - franja em toda a volta - para não chorar.

O barulho de uma cadeira chamou momentaneamente a atenção de todos. Era Cláudio. Claro que foi Cláudio. Ele sempre foi *quegaroto*, aquele que não podia deixar as coisas acabarem. Eu adorei isso nele, mas também, naquele momento, fiquei tão brava por poder ouvir meu sangue. Ele caminhou até a frente da classe, onde sussurrou algo para o substituto. Tenho certeza que ele disse a ela que minha orelha estava queimada, por isso meu cabelo estava todo espesso e para frente, então eu não deveria ser punido por isso. Pelo menos foi o que imaginei que ele disse, já que ela me pediu desculpas imediatamente depois, e o resto daquele período foi tão estranho que me senti feito de barbante e sinos.

Eu fiquei quieto, no entanto. Eu era um seguidor de regras.

"Alguns dias são extremamente cansativos", disse Claude, trazendo-me de volta ao momento, à nossa conversa sobre mamãe.

Suas palavras me suavizaram. Foi um grande alívio não ter que explicar nada. Essa era a minha coisa favorita em Pantown, que conhecíamos as histórias um do outro. "Ei, Junie quer brincar de caça-palavras em vez de pega-pega na TV. O que você acha?"

“Acho que me prometeram uma etiqueta de TV, e uma etiqueta de TV terei!” Brenda gritou da calçada. Fiquei aliviado ao vê-la com a mesma roupa que usava antes: shorts felpudos, a parte inferior da frente da camiseta cor de framboesa presa no pescoço e puxada para baixo para expor a barriga, uma camisa verde-exército amarrada na cintura. . Parte de mim estava preocupada que ela viesse toda maquiada e apertada em algo apertado. Esse foi o vírus que infectou ela e Maureen.

Falando de. “Ainda estamos esperando por Mo.”

“Ela não vem. Disse que estava ocupada — disse Brenda, esfregando os braços e olhando para o céu listrado. Definitivamente havia chuva no caminho. Eu podia sentir o cheiro no ar.

“Ocupado fazendo o quê?” — perguntou Junie.

Eu tinha a mesma pergunta, mas parecia intrometido perguntar.

Brenda encolheu os ombros. “Não disse.”

— Rapazes — disse Junie com conhecimento de causa.

Escondi um sorriso atrás da mão, meus olhos viajando para Claude. Ele e eu sempre compartilhamos o mesmo senso de humor. Não éramos tão próximos quanto eu de Maureen ou Brenda, mas isso era porque ele era um menino. Fiquei surpreso ao encontrá-lo olhando severamente para Junie em vez de compartilhar um sorriso malicioso comigo. Eu atribuí sua expressão à tempestade estrondosa. Isso deixou o ar quente e inquieto, impregnado daquele cheiro de céu rasgado.

“Provavelmente, J-Bug”, disse Brenda. “Devemos ir para o subsolo antes que o tempo melhore?”

“Sim”, Claude, Junie e eu dissemos ao mesmo tempo, pouco antes de um alarme de relâmpago cortar o céu. Corremos para a casa de Claude.

CAPÍTULO 7

Eu nunca disse isso em voz alta, nem mesmo para Brenda, mas a verdade é que os túneis, embora tão familiares quanto meus joelhos, sempre me fizeram sentir *engolido*. Pensei nisso enquanto Claude e eu íamos para o porão, deixando Brenda e Junie no andar principal. O Sr. Ziegler os convenceu a admirar seu último navio em garrafa, que eu já tinha visto.

Quando cheguei ao pé da escada de Claude, uma frase surgiu na minha cabeça.

Você não pode viver no escuro e se sentir bem consigo mesmo.

Repassei as palavras como contas de rosário, esfregando-as para brilhar.

Você não pode viver no escuro e se sentir bem consigo mesmo. Onde eu ouvi isso?

“Você está quieto esta noite”, disse Claude, mantendo aberta a porta dos túneis. “É pior com sua mãe do que você deixa transparecer?”

O cheiro de terra úmida se espalhou pelo porão. Pensei em confessar que hoje parecia o diabo limpando sua agenda — desde que Ricky e Ant apareceram e nos contaram sobre jogar na feira do condado, não apenas com minha mãe —, mas dizer isso em voz alta tornaria tudo verdade. “Não, só estou cansado.”

Ele assentiu. Parecia que ele poderia dizer mais alguma coisa, mas eu não queria ouvir. Abri caminho através da pele invisível que separava a casa da escuridão dos túneis no momento em que Brenda e Junie apareceram. Um movimento à minha esquerda puxou

minha atenção, um ruído silencioso. Ant jurou que já viu ratos aqui uma vez, gordos e rosados, com caudas grossas como vermes arrastando-se atrás deles, mas eu nunca os tinha visto. Um arrepio fez cócegas na minha espinha.

"Brrr!" Eu disse de dentro da tinta do túnel. "Junie, vista sua jaqueta."

Eu a fiz trazer um. Eu gostaria de ter feito o mesmo. "Você quer minha camisa extra?" Brenda perguntou, entrando no túnel ao meu lado.

Liguei minha lanterna e apontei para a esquerda e para a direita. A luz do porão de Claude criava um círculo cremoso no chão sujo, mas, além disso, o mundo descia em todas as direções.

"Então *você vai* estar com frio", eu disse.

Ela acendeu sua própria lanterna e a segurou entre os joelhos, com um brilho amarelo frio balançando, enquanto desamarrava a camisa verde em volta da cintura. Era o uniforme militar de seu irmão Jerry, o emblema no peito onde se lia TÀ RÉ.

"Aqui", ela disse. "Você sabe que eu fico quente. Mais quente que você. Ela piscou.

Eu peguei a camisa. Tinha um cheiro forte, como o detergente. Era que sua mãe usava. "Obrigado."

"Não me agradeça", disse ela, batendo no topo da minha cabeça. "Isso significa que você é 'isso'."

Claude vaiou. Ele fechou a porta atrás de si, agarrou a mão de Junie e correu em uma direção enquanto Brenda corria na outra.

"Perdedores!" Eu gritei, rindo.

Aqui embaixo, você não precisava fechar os olhos para contar. Você simplesmente tinha que desligar a lanterna e cair na escuridão infinita, então foi isso que eu fiz. "Um dois três . . ."

Encostei-me na porta do Ziegler enquanto contava, sentindo a força da madeira em minhas costas, sentindo o cheiro forte do entrecosto e do chucrute que a Sra. Ziegler havia preparado para o jantar, inserindo-se no almíscar dos túneis. Por mais misteriosos que fossem os túneis, algo neles encorajou você

para espalhar sua imaginação, estenda-a em direções que você não conseguiria na superfície, não com o sol observando.

“... quatro, cinco, seis, sete...”

Brenda teve sorte de ter um irmão militar e de colocar as mãos no uniforme dele. A maioria das garotas precisava estar namorando um cara para usar uniforme.

“... oito nove...”

Cheguei aos trinta, sentindo a emoção da perseguição subir pela minha pele, deliciando-me com o desconforto da escuridão. Eu provavelmente poderia navegar por esta seção dos túneis – meu quartirão – sem uma lanterna, mas a ideia de esbarrar em alguém no campo escuro me deu arrepios. Muitas vezes encontramos outras crianças aqui, e até adultos, mas um estranho apenas uma vez.

Aconteceu no verão passado. Tínhamos nos desviado até a extremidade mais distante dos túneis de Pantown, a extremidade oposta à fábrica. Alguém começou o boato de que aquela seção em particular era mal-assombrada. Tudo o que sabíamos era que ninguém lá embaixo tinha filhos, por isso parecia ainda mais assustador do que o resto dos túneis. Mas em um desafio – um de Ant em sua última viagem subterrânea conosco; ele adorava desafios quase tanto quanto adorava fazer suas imitações de John Belushi, *Eu sou uma abelha assassina, me dê seu pólen, bem vindo ao Hotel Samurai, esmagar esmagar* – ele, Maureen, Brenda, Claude e eu corremos aterrorizados até o fim assombrado. Parecia-se com o resto dos túneis, portas e alcovas e becos sem saída, mas o nosso medo tornou-o especial. Chegamos ao canto mais distante e estávamos correndo de volta para nos gabarmos, rindo, sentindo-nos seguros e juntos.

Foi então que Claude tropeçou no vagabundo. A princípio pensamos que ele era um monte de trapos. Então ele se mudou.

Voamos até a porta familiar mais próxima, a de um aluno da quarta série que foi à nossa igreja gritando por socorro. Os pais chamaram a polícia. O xerife Nillson — isso foi antes de ser colega do papai — tirou o vagabundo por conta própria.

porta, nos disseram. Tinha que passar *de alguém* porta, porque não havia entrada de rua para os túneis, nem via pública para acessá-los.

Foi isso que nos deixou particularmente estranhos com a presença do vagabundo: como ele entrou?

"Pronto ou não, aqui vou eu!" Eu gritei e então liguei minha lanterna.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 8

Foi óbvio correr na direção que Claude e Junie haviam seguido. Dois pelo preço de um. Provavelmente três, na verdade. Além de alguns ramais que terminavam bem além de Pantown, os túneis refletiam mais ou menos os seis quarteirões do bairro, o que significava que eles voltavam sobre si mesmos.

"Fi, fi, fo, fum!" Eu explodi, batendo a batida contra minha coxa.

Qualquer pessoa do outro lado da porta me ouviria e saberia exatamente o que estávamos fazendo. Eu esperava ser criticado por isso no Saint Patrick's no próximo domingo, dada a minha idade - velho demais para jogar a maioria dos jogos de túnel.

"Você pode correr, mas não pode se esconder!" Gritei atrás dos meus amigos.

Virei à esquerda, indo na direção da casa de Maureen. Eu estava disposto a apostar que ela estava festejando com Ricky esta noite, ou pior ainda, com Ed. Ele poderia acabar sendo um cara legal, mas eu duvidava, dado o quão chapado Ricky geralmente estava desde que começou a andar com o cara e como Maureen falava sobre ele. *Sexy como o inferno.*

Eu não gostei do quanto os meninos eram importantes para ela de repente. Eu também estava com ciúmes disso.

Um movimento à frente, perto da porta dos Pitt, chamou minha atenção. "Eu te vejo!" Eu disse, correndo para frente. Virei a esquina rápido, esperando pegar Junie tentando desaparecer na parede, com "Laverne e Shirley" nos lábios. É o que ela sempre gritava durante a primeira rodada de TV.

Mas quando virei a esquina, não havia ninguém lá. Parei, inclinei a cabeça, passei a lanterna para cima e para baixo nas paredes, iluminando os nichos de armazenamento que apareciam a cada seis metros ou mais, um por casa. O som áspero da minha respiração era o único som, o ar escuro da tumba se fechava ao meu redor. Mas então ouvi de novo, definitivamente alguém falando.

Não vinha da porta dos Pitts como pensei inicialmente.

Vinha da direção onde tropeçamos no vagabundo.

O final extra-assustador.

Uma brisa lambeu meu pescoço exposto. Eu me virei, brilhando minha luz. "Olá?"

Ninguém. Atrás de mim, o som se repetiu. Eu me virei para trás, os músculos dos meus ombros tensos como cordas de violão. Eu estava sendo bobo. Não havia ninguém nos túneis além de mim, Brenda, Claude e Junie. Claro, eu nunca tinha caminhado até esse fim sozinho, mas não estava sozinho. Meus amigos estavam aqui, provavelmente escondidos na próxima esquina. Apontei minha lanterna para frente.

"Pronto ou não, estou indo atrás de você!"

Quanto mais eu caminhava em direção ao final assombrado, mais alto o barulho ficava, mas ainda era abafado e tinha uma batida distinta. Eu sabia o que aquele som geralmente significava: alguém estava dando uma festa no porão. Bem, isso era direito deles. Eu irradiei minha luz acima das portas pelas quais eu estava passando. A maioria deles teve os números removidos, mas um em cada cinco deles estava lá.

Eu ouvi um grito – música? Alguém estava realmente arrasando. Cobri bastante terreno rapidamente, tentando alcançar a origem dos sons da festa, para ver se sabia quem era. Talvez pudéssemos passar a brincar de caça às palavras, como Junie nos implorou.

Eu estava sorrindo, pensando na frase que usaríamos, quando uma mão fria agarrou meu pulso.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 9

Brenda me arrastou para uma alcova e apontou a lanterna para o rosto dela, com o dedo sobre os lábios. Ela então iluminou Claude e Junie, que estavam agachados ao lado dela e olhando para frente. Brenda conduziu a luz até a parede oposta para me mostrar por quê.

A maçaneta de bronze da porta estava se movendo.

Acima da porta ornamentada — uma das originais, como a minha e a de Claude —, tudo menos o número 23 estava lascado. Eu conhecia essa área geral mesmo sem o número completo da casa, então fiz as contas rapidamente. Estávamos bem no centro da seção assombrada. Como nenhuma criança morava ali, isso significava que um adulto passaria por aquela porta. Conhecíamos a maioria das famílias de Pantown, mas não conhecíamos todas. Senti uma pontada de medo.

A agitação parou. Eu exalei audivelmente.

“Eles estão realmente indo para a cidade lá”, sussurrou Brenda.

Música – Elvis Presley, que garantia que quem estava festejando do outro lado daquela porta estava *velho*– algumas risadas masculinas animadas.

Algo nos ruídos fez minha pele se arrepiar e arrepiar. “Devíamos ir”, eu disse.

Claude assentiu. Brenda também. Nós três sentimos isso, uma gosma preta e oleosa escorrendo junto com a música vibrante e as risadas rosnadas. Nós espionamos muitas festas brincando de caça-palavras. Isto era diferente. Algo ruim estava acontecendo do outro lado daquela porta.

Mas Junie não sentiu a ameaça. Pode ter sido sua idade ou sua personalidade. Ela nunca conheceu um estranho, papai sempre dizia. Ou pode ser que ela estivesse animada por estar conosco e quisesse se exhibir. O que quer que a motivasse, ela agiu antes que eu pudesse impedi-la, correndo pelo túnel, a lateral do rosto brilhando com a luz refletida.

“Vou assombrar a maçaneta”, ela sussurrou. “Prepare-se para correr.”

Haunt the knob foi outro dos nossos jogos. Escutávamos na porta do porão até termos certeza de que havia alguém do outro lado e então giramos a maçaneta. Saíamos gritando, dizendo a nós mesmos que o dono da casa devia pensar que era um poltergeist. Estúpido, mas neste momento foi ainda mais do que isso.

Parecia perigoso.

“Junho! Volte aqui,” eu sibilei, investindo contra ela. De repente, fiquei desesperado para nos tirar de lá, mas o ar me empurrou de volta, transformando tudo em geleia em câmera lenta.

Junie alcançou a maçaneta, agarrou-a e girou. Sua lanterna transformou seu rosto em uma lanterna sorridente. Ela olhou em minha direção e sua alegria mudou para confusão quando me viu voando pelo túnel para alcançá-la. Seu feixe de luz caiu, mas sua mão estava no modo automático e continuou girando o botão.

A porta se abriu.

Brenda, Claude e eu respiramos em estado de choque.

As portas de estranhos não deveriam abrir.

Nenhum de nós jamais havia tentado, não que eu soubesse.

Presumimos que eles estariam trancados.

Música saía pela porta que se abria, música e fumaça de charuto e algo salgado e suado, mas eu mal conseguia catalogar o cheiro e o som porque o que eu estava *vendo* me deu um soco na cara.

Luzes estroboscópicas.

Uma fila de três homens.

Não.

Flashes de brilho e depois escuridão os cortam, iluminando apenas a cintura até os joelhos, a mesma luz cortando meu peito, revelando o TÀ RÉremendo costurado no uniforme emprestado.

Elvis, cantando. *Bem, está tudo bem, mamãe, está tudo bem para você.*

Não não.

Uma garota de joelhos, a cabeça balançando na cintura do homem do centro.

Tudo bem, mamãe, seja como for. Seus cabelos longos e loiros. Clarão. Estroboscópio.

Emplumado, com listras verdes.

A mão na parte de trás do couro cabeludo pressionou o rosto na virilha dele. Ele estava usando uma pulseira de cobre que parecia familiar.

Não não não não não.

Eu não conseguia me agarrar a um pensamento, minha mente apagava o que eu estava vendo enquanto olhava para ele.

Bem, está tudo bem, está tudo bem.

"Fecha-o!" Brenda gritou, e a garota de joelhos cujo rosto eu não queria ver se virou, o queixo, a bochecha, o perfil aparecendo. Em um segundo, ela e eu estaríamos olhando diretamente nos olhos um do outro.

A porta foi fechada. Antes de ver o rosto dela.

Isso não é verdade, foi Maureen, claro, foi Maureen, quem mais tem mechas verdes no cabelo, que eram aqueles homens

Claude agarrou minha mão, Junie e Brenda lideraram o caminho e corremos com muita força e rapidez, para dentro das entranhas escuras e terrosas dos túneis, seguindo o círculo oscilante de luz de Brenda, com a respiração irregular, sem olhar para trás, mal diminuindo a velocidade para destravar e passar. a porta de saída mais próxima - eu e Junie e corremos pelo nosso porão e escada acima e saímos para o

gramado encharcado pela chuva, onde me dobrei e vomitei sob o olhar indiferente da lua.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 10

"O que foi, Heather, o que você viu?" Junie estava se equilibrando em um pé e depois no outro, mordiscando a ponta do polegar. A tempestade veio e passou enquanto estávamos no subsolo. Deixou para trás um céu noturno claro brilhando com estrelas, solo esponjoso e o cheiro inchado de vermes.

Limpei a boca com as costas da mão, o estômago revirando de novo com a pilha fumegante de feijões parcialmente digeridos que eu havia jogado. A menos que a tempestade voltasse, eu precisaria desenrolar a mangueira e lavar os pedaços.

"Sim, o que foi?" Cláudio perguntou. "O que você viu?" Ele ficou ao lado de Junie, o rosto vermelho, esperançoso. Sua expressão me disse que, por algum milagre de posicionamento, ele também não tinha visto o interior daquele porão.

Eu não conseguia mais adiar. Arrastei meu olhar para Brenda.

Seus olhos eram círculos vazios, seu queixo tremia. Ela parecia tão jovem, uma garotinha, e fui imediatamente transportado para o verão em que ela concordou em pular comigo no Muni. Tínhamos talvez sete anos. Enquanto os adolescentes e os mais velhos iam às pedreiras, os jovens de Saint Cloud passavam os dias quentes na piscina municipal.

Acho que todos nós teríamos ficado bem remando cachorrinhos na parte rasa do Muni naquele primeiro verão. Mas então Ant encontrou Maureen e eu sentadas na beira da escada da piscina, Brenda flutuando na água aos nossos pés. Ele tentou nos provocar,

mas não lhe prestamos atenção. Então, do nada, ele desafiou Maureen a saltar do salto alto.

“Não”, ela disse, inclinando-se para colocar água fria em seus braços rosados.

Não é que ela estivesse com medo. Maureen nunca teve medo de nada em sua vida. Acontece que mesmo aos sete anos ela não se importava o suficiente com o que Ant pensava dela para se esforçar.

Maureen, o que você estava fazendo com aqueles homens?

Eu era um péssimo nadador, com medo de águas profundas. Para minha surpresa, porém, gritei: “Eu farei isso”.

Brenda ergueu os olhos da piscina, tão surpresa que seus globos oculares mostraram um anel branco extra. Ela também não sabia o que havia acontecido comigo.

“Você não precisa fazer isso”, disse Maureen, com o nariz enrugado. “Eu sei”, eu disse, ficando de pé e marchando em direção ao trampolim alto. Eu percorri todo o quintal antes de me perguntar por que diabos eu tinha concordado com uma coisa tão absurda e como poderia desistir disso.

Mas então Brenda saltou da água para me seguir, as bordas franzidas de seu maiô rosa pingando no concreto quente. “Eu vou pular também!” ela disse, suas coxas fortes de menina apertando a cada passo.

“Eu não vou deixar vocês dois fazerem isso sem mim!” Maureen disse, gritando. Ela assustou um pato que estava fugindo do salva-vidas. Nós três pulamos até o fundo da piscina, passando por grupos de crianças. O sol estava quente, exalando o cheiro de cloro, mas nos aconchegamos à sombra da plataforma de quatro metros e meio, tremendo enquanto esperávamos nossa vez.

“Posso ir primeiro”, sussurrou Maureen. “Mostrar que é seguro. Tudo bem, Heather?”

Eu balancei a cabeça. Acho que já sabia que não havia como subir aquela escada.

Observamos a bunda de Maureen subindo em direção ao céu e, quando chegou a sua vez, ela saiu correndo da beirada com um grito rebelde. Ela passou por nós, como uma bala de canhão, com os olhos arregalados

aberto e o tampão nasal no lugar. Brenda agarrou meu pulso, sem soltá-lo até que Maureen reapareceu com um sorriso e um sinal de positivo.

"Posso ser o próximo, se você quiser", disse Brenda, olhando para mim, boquiaberta, como se tivesse acabado de perceber que tinha feito um péssimo negócio.

O mesmo rosto que ela usava agora.

Maureen, quem eram aqueles homens? Eles sabem que você pulou do salto alto para que eu não precisasse fazer isso?

"Você está bem?" Perguntei a Brenda.

Ela assentiu estupidamente e caiu ao meu lado, embora estivéssemos perto dos doentes. Ela pegou uma folha de grama e a cortou.

"Vamos ter problemas?" — perguntou Junie. "Me desculpe por ter aberto a porta."

"Não precisamos lembrar", disse Brenda, ignorando Junie, os olhos tão profundos e desesperados quanto as pedreiras. "Não precisamos ter visto nada."

"Vamos", disse Junie, choramingando. "O que havia lá dentro?" "Nada", disse Brenda, os olhos ainda fixos em mim. "Estava escuro demais para ver."

Ela estendeu sua mão. Eu agarrei-o. Estava tremendo e frio.

"Jure", ela disse, sua voz rangendo como um copo de pedra. "Juro que estava escuro demais para ver alguma coisa."

Mas não precisei que me dissessem para não contar. Meu cérebro já estava retirando o que restava da memória. Eu liberei as peças que estava tentando dar sentido, a história que continuava tentando se formar. *Deixa para lá. Você não precisa se lembrar.*

Brenda confundiu meu silêncio com dúvida.

"Sua reputação", disse ela. "Juro que estava muito escuro." Lá estava. Não apenas o horror do que vimos, mas o que custaria a Maureen se outros descobrissem. Eu ouvi o Padre Adolph como se ele estivesse parado perto de nós, sorrindo tristemente por

ainda precisava dizer: *Uma boa reputação é mais valiosa do que um perfume caro.*

Apertei a mão de Brenda e tossei, com a garganta dolorida de tanto vomitar. "Juro."

A memória voltou, Brenda, Maureen e eu no Muni, três mosqueteiros contra o mundo. Isso nunca mais aconteceria. Nesse aperto de mão, um pedaço de Brenda se fechou para mim e eu para ela, e nós dois nos afastamos de Maureen.

OceanoofPDF.com

BETE

Na primeira vez, Beth pensou que iria enlouquecer.

Na próxima vez, ela ficou entorpecida.

Nas intermináveis horas desde que foi sequestrada, ela continuou voltando para aquele lugar. O vazio. *O Aqui não.*

Ela não era virgem. Mark foi o primeiro, foi o único. Ela deu um soco no cartão V dele também. Ele queria esperar até depois do casamento, mas ela sabia que o casamento não estava no futuro. Quando ela o convenceu de que nunca iria se casar — com ninguém — ele finalmente concordou em fazer isso. A primeira vez foi desajeitada, seca e dolorosa, mas desde então eles descobriram o corpo um do outro. Agora era uma das poucas coisas que ela ansiava com ele. Ela desejou ter tido a coragem de terminar com ele de forma limpa. Ele merecia isso.

Mas ela não conseguia pensar em Mark, não agora, ou seu cérebro se soltaria e flutuaria como um balão rosa nodoso. Ela tentou pensar na faculdade. Ela era boa na escola, mas excepcional nos esportes, e recebeu uma bolsa de estudos em várias faculdades estaduais, bem como em Berkeley. Seus pais disseram que seria um desserviço aos dons dados por Deus escolher qualquer carreira que não fosse direito ou medicina.

Em outras palavras, qualquer trabalho que não trouxesse prestígio e dinheiro.

Ela adorava crianças, porém, adorava seus rostinhos sujos, suas risadas ridículas e a luz preciosa e perfeita que traziam a este mundo. Ela queria ser a professora deles, aquela pessoa com quem eles poderiam contar, não importa o que acontecesse, aquela

que perceberam sua especialidade, seja ser bom em ler ou ouvir ou desenhar perus à mão com giz de cera. Havia alguma vocação mais elevada do que ensinar crianças?

Um gemido gorgolejante assustou a sala iluminada por lanternas.

Beth percebeu que era ela.

Ele havia entrado no quarto dela momentos antes e estava de pé sobre ela, desfazendo o cinto.

Ele parou com o barulho dela. "O que?" ele perguntou.

Ela olhou para ele, para esse homem que ela sabia que era um estranho, essa pessoa que arriscou tudo em seu mundo para sequestrar outro humano para que ele pudesse afastar-se como um macaco de zoológico sempre que quisesse. Esse perdedor tornou um ato biológico tão imperativo que estava disposto a ir para a prisão para sentir o mesmo alívio que poderia obter com as próprias mãos.

Ela fez um barulho estranho novamente, mas desta vez foi uma risadinha.

A risada se transformou em risada.

E uma vez liberada, ela não conseguia parar. Ele poderia matá-la por isso, ela sabia disso, mas quem diabos se importava? Ele a prendeu em uma masmorra. Todas as apostas estavam canceladas.

"O que?" ele perguntou novamente, seu rosto se contorcendo.

Olhando para ele, ela percebeu que ele poderia escolher mulheres, pelo menos em Saint Cloud. Isso só a fez rir ainda mais, uma gargalhada estridente misturada com soluços. Ele nem sabia o que é amor verdadeiro, *bom amor*, senti como? Ninguém lhe dissera que o ato embaraçosamente animalesco era a porta de entrada e não o destino, que a parte divertida, a mágica, o ponto principal era baixar completamente a guarda com outra pessoa? Que foram a conexão e a vulnerabilidade que elevaram o que era essencialmente um espirro prolongado a algo pelo qual vale a pena travar guerras? Ele roubou um Maserati para pegar o chaveiro. Ele era um idiota de nível olímpico. O rei dos idiotas.

Ela riu e chorou ainda mais.

“Vadia estúpida”, ele murmurou com raiva, colocando o cinto de volta no lugar. A iluminação transformava seus olhos em órbitas, mas suas mãos trêmulas contavam toda a história.

“Você não vai rir da próxima vez”, disse ele, com a voz grossa. “Acredita nisso.”

Ele marchou para fora da sala.

Ela ouviu o som de fechaduras sendo apertadas. E ela começou a planejar.

Ela não voltaria para o Vazio. Não agora que ela se lembrava de quem ela era.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 11

Acordei com dor de cabeça e tristeza. Levei alguns momentos desorientadores para lembrar o porquê. Eu não queria pensar em Maureen e no que ela estava fazendo. Não era da minha conta. Se ela quisesse me contar sobre isso, ela o faria. Caso contrário, eu e Brenda fizemos a escolha certa, tirando isso da cabeça.

Exceto que ele continuou rastejando de joelhos afiados. Então, em vez de sair da cama, arranquei meu caderno de debaixo do colchão. Isso me distraiu de coisas ainda piores do que as que testemunhei na noite passada. Usei-o como um diário normal, escrevendo meus sonhos, o que me deixava louco e quem era fofo. Eu também escrevi músicas nele, letras que acompanhavam as batidas que vinham até mim. Mas eu não estava com vontade de fazer nada disso, não consegui encontrar um pinga de criatividade, então coloquei-o de volta em seu esconderijo e desci as escadas.

Eu não tinha ouvido papai voltar para casa na noite anterior. Eu escutei seus sons matinais. Nada. Ele já deve ter saído para trabalhar. A porta do banheiro estava parcialmente aberta. Normalmente, eu batia para ter certeza de que estava vazio, mas estava de mau humor, então simplesmente entrei.

Junie estava inclinada em direção ao espelho. Ela pulou para trás.

"Pare de bisbilhotar!" ela chorou.

"Desculpe. Achei que não havia ninguém aqui. Olhei em volta, franzindo a testa. "O que você estava fazendo?"

"Praticando meu sorriso", ela disse, mal-humorada. E então ela sorriu.

Foi um grande sorriso. Quando ela crescesse e tivesse aqueles dentes, ela seria a garota mais bonita de Pantown, com cabelos ruivos ondulados, olhos verdes e pele cremosa. Inquieto desde a noite passada, cansado de uma noite mal dormida, não pude deixar de sorrir de volta. “Certifique-se de trazer o almoço para mamãe, ok? Eu trabalho até as duas.



Como reflexo, puxei meu cabelo para a frente para proteger um lado da cabeça enquanto andava de bicicleta pelo estacionamento de Zayre Shoppers City. Eu não precisava. Meu nó de carne derretida já estava coberto. Meus QuadraFones estavam bem colados ao meu couro cabeludo, tocando a escolha deste mês, Led Zeppelin *Presença*. Comecei a usar telefones logo após o acidente, depois que ele estava curado o suficiente para não doer, para esconder minha deformidade. Em retrospecto, essa foi oficialmente a coisa mais idiota que eu poderia ter feito, porque chamou a atenção para mim, usando fones de ouvido grandes e velhos, não conectados a nada. Agora eu era pelo menos inteligente o suficiente para carregar um gravador.

Graças ao Columbia Record and Tape Club, toda a minha vida teve uma trilha sonora.

“Nobody's Fault But Mine” começou a tocar nos meus telefones. Era minha música favorita da fita. Pena que eu estava quase na entrada dos funcionários de Zayre. Eu teria que ouvir o resto mais tarde.

Comecei a trabalhar em Zayre uma semana depois do término das aulas. Papai insistiu para que eu conseguisse um emprego. Ele disse que uma mulher precisava ser capaz de cuidar de si mesma neste mundo, que ele não queria que eu dependesse de outra pessoa. Então ele pediu um favor para me conseguir o cargo. Trabalhei no balcão da delicatessen com Claude e Ricky e algumas senhoras mais velhas. Pegamos refrigerante gelado e colocamos sanduíches com batatas fritas e uma lança de pickles cor de sapo.

Nossos clientes eram todos compradores fazendo uma pausa. Eles precisavam disso. Zayre era uma mercearia, loja de ferragens, móveis

outlet, loja de roupas – caramba, tinha até uma barbearia lá. Nunca disse ao meu pai que preferiria trabalhar no departamento de roupas, dobrando lindas camisas de seda e endireitando os últimos jeans boca de sino, ou no balcão de joias, arrumando as pedras cor de esmeralda, rubi e safira.

Em vez disso, agi grato pelo trabalho na delicatessen.

Não foi de todo ruim. Na verdade, foi muito emocionante no começo. Eu gostava de ser responsável pelo caixa. Eu gostava de deixar os clientes felizes. Foi bom alimentá-los. Eu já havia interpretado balconista de loja quando menina, balconista, professora, atriz e dona de casa, que parecia o destino realmente fazer isso na vida real.

Não fez mal nenhum eu trabalhar com Claude na maioria dos turnos. Ocasionalmente, lembrávamos um ao outro de como, quando éramos pequenos, seguramos a língua e tentávamos dizer “Zayre Shoppers City” e então quase mijamos nas calças de tanto rir quando “cidade” soava como um palavrão. Agora nós dois trabalhamos lá. Claude ficou na frente comigo, onde enchia copos de refrigerante e se certificava de que Ricky estava preparando os pedidos corretos. Não houve uma grande seleção. Sanduíches, cachorro-quente, churrasco e um sanduíche de queijo grelhado fatiado em Velveeta em branco. Três tipos de batatas fritas e aquela lança de pickles. Ketchup, mostarda e temperos que os próprios clientes serviam. Mesmo com o menu limitado, estávamos ocupados. Zayre era o lugar certo para ir neste fim da cidade. Algumas pessoas o usavam para momentos sociais.

Apoiei minha bicicleta na placa de sinalização na parte de trás da delicatessen e tranquei-a. Faltava apenas mais ou menos um minuto para o fim da música, mas eu não queria chegar tarde, então apertei o pause em John Bonham e deslizei os Quadrafones até meu pescoço. O ar pegajoso era tão desconfortável quanto o abraço de um estranho.

“Ei, chefe.”

Eu pulei. Ricky ficou entre a lixeira e o prédio, prestes a acender um cigarro.

“Oi”, eu disse, com o coração disparado.

Ricky foi praticamente o único que me chamou de Chefe. Não era um apelido gentil, mas também não era tão cruel quanto parecia. Ele disse isso com uma voz normal e, de qualquer forma, foi melhor do que fingir que eu tinha duas orelhas. Ele pensou nisso logo após o acidente, quando eu ainda estava toda enfaixada. Mamãe e papai não me deixaram sair de casa. Acho que eles não queriam que ninguém visse o quanto eu parecia machucado, mas agiram como se fosse para o meu próprio bem. Ricky era o único que vinha regularmente.

Foi antes da febre, então ele não devia ter mais de oito anos. Ele traria seu velho gato rabugento. Sra. Brownie, ele ligou para ela. Ela sibilou para todos, menos para ele e para mim, e ele sabia que eu adorava acariciar seu pelo sedoso. Embora ela tolerasse que eu e Ricky a acariciássemos, ela odiava ser abraçada e ainda mais ser abraçada e depois andava, para que seus braços ficassem arranhados e sangrentos quando ele chegasse. Ele a colocava na cama ao meu lado e se jogava em uma cadeira, reclamando das irmãs, dos irmãos, da mãe e do pai, conversando até chegar a algum ponto que só ele conseguia ver, momento em que ele dava uma olhada. uma furiosa Sra. Brownie e desaparece até o dia seguinte.

Isso me impediu de sentir muita pena de mim mesmo, Ricky aparecendo com seu velho gato malhado, nunca me perguntando sobre o acidente, fingindo que tudo era normal, exceto que ele me chamou de Cabeça em vez de Heather. Ele parou de me visitar assim que meus curativos foram retirados. Desde então, nunca mais falamos sobre essas visitas e agimos como se nunca tivessem acontecido.

Meu coração inchou pensando neles.

Eu estava prestes a perguntar se ele se lembrava de quando soltou uma nuvem de fumaça. "Você está uma merda", disse ele, semicerrando os olhos para mim.

"Obrigado, Ricky," eu disse, revirando os olhos, lembrando por que nunca toquei no assunto. Deixei-o entregue ao dia já sufocante quando entrei no frescor da sala de descanso.

Claude estava tirando uma caixa de canudos da prateleira. Ele me lançou um sorriso tenso. Ele sentiu que algo estava acontecendo por último

noite, é claro. Nós nos conhecíamos desde sempre. Mas ele não insistiu.

"Vai ser muito movimentado", disse ele, inclinando a cabeça para a frente. "Já temos uma fila."

Eu digitei. "Quem come cachorro-quente às dez da manhã?" Meu estômago embrulhou quando me lembrei da refeição que vomitei na noite passada e lavei o gramado antes de subir na bicicleta.

"Já estão setenta e sete graus lá fora", disse ele. "As pessoas comerão muitos cachorros-quentes se isso significar que podem ficar no ar-condicionado."



"Você vem para minha festa amanhã?"

Ricky usava um chapéu de papel sobre uma rede no cabelo, assim como eu e Claude. Ele estava curvado em frente ao refrigerante, enchendo seu copo de plástico com uma bebida suicida, um pouco de cada sabor. Esta foi a primeira pausa que tivemos em duas horas. Os clientes fluíam em um fluxo constante. Quando os homens chegaram ao meu balcão, me vi espiando seus pulsos, procurando por uma pulseira cor de cobre, embora eu tivesse dito a mim mesmo para esquecer a noite passada e tivesse prometido a Brenda que esqueceria.

Eu também disse a ela que iria com ela para a festa de Ricky.

"Provavelmente."

Senti uma onda de excitação quando disse isso em voz alta, apesar de tudo. Se a cabana estivesse onde Brenda disse que estava, seria minha primeira festa na pedreira. Isso foi um grande negócio para um garoto de Pantown. Pulando daquelas grandes rochas da fortaleza nas profundezas geladas. Não havia lugar para ficar de pé e recuperar o fôlego porque não havia fundo, apenas um buraco que poderia muito bem se estender até o centro da Terra. Um buraco que provavelmente escondia monstros aquáticos pré-históricos, criaturas rastejantes e de dentes afiados que precisavam de profundezas imensas para sobreviver, mas que às vezes, apenas a cada poucos anos ou mais, abriam um buraco.

tentáculo e enrole-o em volta do tornozelo e sugue você para baixo.

"Eu posso vir?" Claude perguntou, saindo do fundo com um pacote de guardanapos para encher o dispensador de metal.

"Nada de pau", disse um homem, aparecendo no balcão. Pisquei para o cara. Ele parecia ter saído de um set de filmagem dos anos 1950. Seu cabelo era preto e oleado, as alças da jaqueta de couro tilintavam, os jeans gastos enrolados nos punhos. Como ele aguentava usar todas aquelas camadas com esse calor?

"Ei, Ed!" Ricky disse. Ele tomou um gole de sua bebida antes de adicionar mais laranja. "Chefe, você já conheceu Eddy?"

Inclinei a cabeça. Aqui estava ele, finalmente, o Ed da lenda. O homem que Maureen descreveu como sexy como o inferno. Senti um arrepio na barriga. Ele era baixo, seus dentes eram amarelos, mas ele *era* atraente, apesar ou talvez por causa da maneira estranha como se vestia, como se não tivesse medo de ser diferente. Esse tipo de confiança contava em Pantown. Foi isso que Maureen viu nele?

"Olá, querida," ele disse, me estudando. "Qual o seu nome?"

Mesmo que ele tenha dito dessa forma, como se estivesse estrelando uma peça de Tennessee Williams, ele *soou* como um mineiro, como todos nós, como os suecos que se esqueceram de descer do barco. Ainda assim, fiquei impressionado com o quão profunda era sua voz, dado seu corpo compacto.

"Mesclado."

Ele tirou um chapéu imaginário. "Prazer em conhecê-la, Heather."

"Ela é a baterista da banda da qual eu estava falando", disse Ricky, trocando nervosamente o peso de um pé para o outro. "Aqueles para os quais você conseguiu vaga na feira?"

Percebi que ele não estava mais dividindo o crédito por isso, não com Ed ali.

Ed, que não tirava os olhos de mim, sorriu lento e delicioso, como um alongamento matinal. "Tudo bem, então", disse ele.

“Você é amigo de Maureen.”

Eu balancei a cabeça. Fiquei me perguntando onde Ricky e Ed se conheceram, porque Ed era velho demais para sair com garotos do ensino médio, até mesmo um idiota como Ricky. Mas foi difícil manter a pergunta. Ed era emocionante e assustador e muito deslocado. Seu cabelo preto oleoso e sua jaqueta de couro contrastando com as compras suaves e pastéis dos Proprietários das Calças atrás dele me lembravam um elegante gato selvagem solto em um zoológico.

“Maureen é uma boa ave”, disse Ed, com um sorriso cada vez maior. “Você tem RC Cola aí atrás?”

“Claro que sim”, disse Ricky, puxando um copo encerado do dispensador.

“Você não deveria servir comida”, disse Claude, examinando o perímetro em busca do gerente. Ricky já havia recebido críticas duas vezes neste mês, uma vez por não usar rede no cabelo e a segunda vez por fazer muitas pausas para fumar. Ele estava patinando em gelo fino.

“Você não deveria servir comida,” Ricky disse, imitando Claude. Ele continuou enchendo o copo. “Que tal, *Cláudio*, você pode ir à festa se trazer duas garotas.

Ed gritou como se Ricky tivesse dito algo engraçado e se inclinou sobre o balcão para dar um soco no ombro de Claude. “Que diabos de nome é Cloudy?” ele perguntou. “O quê, você tem uma irmã chamada Windy? Se sim, gostaria de conhecê-la. Aposto que ela sopra forte.

Ed e Ricky riram disso e, assim, qualquer feitiço que Ed lançou sobre mim foi quebrado. Eu dei a ele o olho peludo.

“De qualquer forma, não queremos ir à sua festa idiota”, disse Claude, esfregando o braço onde Ed havia dado um soco.

Meus olhos caíram, evitando os de Claude. Não queria mencionar que já havia dito a Brenda que iria. Não foi só isso que eu prometi. Durante a correria do almoço, enquanto meus dedos estavam ocupados, mas minha mente estava livre para vagar, comecei a me perguntar se o que tinha visto na noite passada significava que eu tinha ainda mais coisas para fazer do que pensava.

Eu não queria fazer o que Maureen estava fazendo, obviamente, mas deveria estar fazendo *algo*, não deveria? Foi então que me passou pela cabeça que ela poderia estar sendo paga pelo que eu a vi fazer na noite passada. Isso explicaria onde ela conseguiu o dinheiro para comprar seu anel de Black Hills, com uvas roliças de ouro rosa abraçadas por curvas folhas verdes douradas. Eu esperava que ela não estivesse sendo paga. Se eu ganhasse o sorteio da Publishers Clearing House, compraria para ela todas as joias de ouro de Black Hills do mundo, para que ela nunca mais tivesse que se ajoelhar.

Ainda assim, não pude deixar de imaginar como seria. Meu estômago deu um pontapé pensando nisso, ainda. . . aqueles homens estavam esperando por ela. Eles eram *esperando*. Em uma fila. Focados demais na vez deles para perceber a porta do porão se abrir e depois fechar. Qual foi a sensação? Poderoso? Lindo? Foi o brilho labial Kissing Potion que deu a ela esse controle sobre os caras? A prima de Maureen em Maple Grove disse que os meninos não resistiriam se você usasse. Transformou até os lábios mais opacos em ímãs. Eu imediatamente comprei meu próprio tubo de Cherry Smash. Eu escondi do meu pai como se fosse uma droga, mas a bola de patinação acidentalmente apareceu. Arruinei meu par favorito de cordões roxos.

"Obrigado, cara", disse Ed, aceitando o refrigerante que Ricky lhe ofereceu. Ele tirou um frasco marrom de Anacin do bolso interno do casaco, tirou três comprimidos, colocou-os na boca e começou a mastigar.

Ele me pegou olhando. "Quero um?" ele perguntou, me oferecendo a garrafa, olhando para o meu peito e não para o meu rosto.

Boa sorte em encontrar alguma coisa lá.

"Adquiri o hábito na Geórgia quando estava no serviço militar", continuou ele, destemido. "Evita que meus dentes doam. Não há nada melhor para engolir Anacin do que a cola de Deus."

Quando não estendi a mão, ele torceu a tampa da garrafa, colocou-a no bolso do casaco e tomou um gole.

do seu pop. Olhei para seu pulso, procurando o brilho da pulseira de cobre que eu tinha visto naquele homem na noite passada, com a mão emaranhada no cabelo de Maureen.

Mas os pulsos de Ed estavam nus.

OceanoofPDF.com

BETE

Beth imaginou que teria uma chance de apontar a lanterna para ele.

O penico era muito leve, o jarro de água muito pesado.

Tinha que ser a lanterna.

Ela iria esmagá-lo na cabeça dele com força suficiente para que seu cérebro se espalhasse. Ela não era apenas uma corredora de longa distância, mas também passou o verão atirando bandejas cheias de pratos pesados. Ela sabia que tinha força suficiente em seus braços, desde que o surpreendesse, desde que pudesse alcançá-lo antes que ele levantasse um braço para se proteger.

Ela se agachou atrás da porta na escuridão ininterrupta.

Quando suas pernas começaram a sentir câibras, ela andou pelos cantos em silêncio, prestando atenção em qualquer som, qualquer coisa além do piso macio de seus próprios pés.

Seria tão bom machucá-lo.

Cabeças sangraram. Eles sangraram muito. Ela se lembrou disso da aula de saúde.

Ela não ficaria por perto para ver. Ela levantava a lanterna e depois corria. Ela saía por aquela porta e seguiria por aquele corredor e não importava de onde ela saísse. Ela continuaria correndo e correndo para sempre. A polícia precisaria viajar ao Canadá para interrogá-la sobre esse cara e seus cérebros ensanguentados e pegajosos espalhados pelo chão da masmorra.

O Pólo Norte, talvez.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 12

O ar estava denso com o cheiro de mini donuts e pipoca. As pessoas gritavam e riam, suas conversas pontuadas por sons intermediários - um sino tocando enquanto o martelo de alguém fazia o disco voar até o topo do High Striker, o delírio zumbido das máquinas Skee-Ball, o lançamento do anel, a voz cantada de Carny enquanto ele ordenou que as pessoas “avançassem e ganhassem” um gorila gigante de pelúcia.

Estávamos prontos para tocar no palco principal. As Meninas, chegando até você ao vivo.

Foi minha ideia formar a banda. A bateria era meu refúgio desde a segunda série. Antes disso, eu era um garoto grisalho. Você conhece o tipo, invisível, a menos que fique no seu caminho. Então veio o telefonema. Eu estava cavando na caixa de areia do quintal, enterrando tesouros que desenterrei de volta. Ao fundo, ouviu-se o toque do telefone específico da nossa casa, seguido pela voz abafada de mamãe, e então a porta dos fundos se abriu. Mamãe apareceu, o fone encostado no peito e um lenço no cabelo. Ela estava usando batom coral, embora não tivesse planos de sair de casa.

“Heather”, ela gritou, “Sr. Ruppke precisa de alguém para tocar bateria na banda. Você quer tocar bateria?”

“Claro.”

Foi isso.

Entrei para a banda e depois para a orquestra, até amarrei as armadilhas para a equipe de marcha de verão. Fiquei feliz com qualquer música que me pediram para tocar, até que me deparei com

Fanny em *Coreto Americano* em 3 de agosto de 1974. Observando aquelas quatro mulheres - quatro *mulheres*— tocar rock and roll como se tivessem todo o direito, arrasando e sorrindo em “I’ve Had It”? Bem, não havia como voltar atrás. Fiquei desesperado por uma banda, uma banda de verdade, só minha.

Brenda tinha a voz e Maureen a garagem, e o resto se juntava como chocolate e manteiga de amendoim. Os pais de Brenda doaram um rolo bolorento de carpete felpudo verde-limão, e eu trouxe todos os meus pôsteres, Fanny and the Runaways e Suzi Quatro, o suficiente para forrar as paredes da garagem. Depois que montamos nossos instrumentos e lâmpadas de lava e acendemos um pouco de *nag champa*, tornou-se um clube aconchegante. The Girls era para ser um nome temporário. Tão estúpido que foi inteligente, sabe? Mas nunca tivemos tempo de mudar isso.

E aqui estávamos nós, as meninas, prestes a fazer nosso primeiro show show.

Olhei para uma multidão que tinha vindo ver Johnny Holm tocar e provavelmente estava se perguntando o que diabos três garotas estavam fazendo no palco. Meus joelhos tremiam visivelmente. *Knockity toc toc*. Maureen embalou seu baixo e Brenda segurou sua guitarra, mas eu estava sentado no equipamento do baterista Johnny Holm porque não haveria tempo suficiente para desmontar o meu e colocar o dele entre as músicas. O baterista foi gentil quando me mostrou como ajustar o assento, todos foram gentis, mas eu estava tão apavorado que me senti como se a cor branca se unisse à eletricidade. Se alguém olhasse para mim de lado, eu me dividiria em um milhão de átomos vibrantes, para nunca mais ser inteiro.

Brenda estava testando seus pedais, o cabelo escovado e brilhante, as orelhas brilhando com os brincos de pavão que sua mãe lhe emprestara para o grande show. Maureen parecia destemida olhando para a multidão. Ela também usava brincos novos esta noite, bolas douradas do tamanho de uvas penduradas em correntes. Eles pareciam caros. Não conseguimos contatá-la para o treino mais cedo, então éramos apenas Brenda e eu na garagem, preocupadas se Maureen apareceria hoje à noite.

Mas é claro que ela tinha. Ela estava ansiosa para que essas pessoas a amassem, e isso aconteceria quando nos ouvissem tocar. Depois do que vi ontem à noite, eu esperava que ela estivesse de folga hoje, talvez chorando, mas ela agia como sempre, casual e confiante, e estava vestida como um milhão de dólares. Ela usava sua calça boca de sino de veludo cotelê marrom com pequenas flores laranja e amarelas bordadas por toda parte. Ela combinou as calças com uma blusa camponesa branca, com cordão no decote largo o suficiente para pendurar no ombro nu. Ela tinha penteado o cabelo como Farrah, e as luzes do palco faziam as mechas verdes parecerem tão legais.

Maureen era uma estrela do rock. Brenda também, com sua camiseta laranja vibrante, jeans HASH com a estrela na bunda e sandálias plataforma de couro e madeira da Candie. Ela apareceu com anéis de humor para cada um de nós e nos presenteou solenemente.

“Para dar sorte”, ela disse. “Mire no azul profundo. Significa que está tudo bem no mundo.”

Coloquei o meu. Imediatamente ficou amarelo doentio. “Espere um minuto”, disse Maureen, rindo e batendo em meu braço antes de Brenda nos puxar para um abraço.

Nos soltamos, fomos até nossos instrumentos, aguardamos a deixa para tocar.

Olhei para a multidão, ainda sentindo o calor de Brenda e Maureen em meu peito. Por mais assustado que estivesse, pude sentir a pulsação do momento. Com o anoitecer caindo, as luzes cintilantes do meio do caminho faziam com que parecesse Las Vegas lá fora. Essas pessoas podem não ter vindo nos ver, mas íamos dar um show para elas.

Uma batida forte no palco chamou minha atenção. Percebi que estava olhando para a roda gigante, com a boca aberta e seca. Fechei-a e olhei para Jerome Nillson de uniforme completo. Maureen, Brenda e eu tínhamos visto *Smokey e o bandido* no Cinema 70 no início deste verão, e depois quando saíamos do teatro, Maureen jurou que se Jackie

Gleason e Burt Reynolds foram jogados juntos no liquidificador, o que você derramou seria exatamente igual ao xerife Nillson.

Brenda e eu rimos muito, principalmente porque era verdade.

Meu pai estava ao lado do xerife Nillson, sorrindo para mim como se eu estivesse prestes a descobrir a cura para o câncer. O agente do BCA, de aparência irlandesa, estava atrás deles, com uma expressão sombria.

“Estamos muito satisfeitos por você se apresentar”, gritou o xerife Nillson em voz alta, retirando a mão do palco. “Garotas locais. Coisa boa. Você deixa Pantown orgulhoso.

“Obrigado, senhor”, eu disse, embora duvidasse que ele pudesse me ouvir por causa do barulho da feira.

“Embora”, ele continuou, olhando para Maureen e Brenda e depois para a fileira de trabalhadores do carnaval olhando boquiabertos em suas barracas, “no futuro, você talvez não queira usar tanta maquiagem. Você não quer atrair o tipo errado de atenção.”

Os ombros de Maureen se contraíram. “Por que você não diz a eles para pararem de olhar em vez de nós pararmos de brilhar?”

A boca do agente do BCA se contraiu como se ele quisesse sorrir. Gulliver Ryan, esse era o nome dele. O fato de ele ainda estar na cidade não poderia ser um bom sinal.

O xerife ergueu as mãos como se quisesse aplacar Maureen, com um sorriso fácil. “Ei, é assim que os homens são. Por baixo das palavras e das roupas bonitas, somos animais. É melhor se acostumar com isso.

Junie's pandeiro tilintou, corte através o constrangimento do momento. Ela estava escondida atrás de um dos alto-falantes, com saltos plataforma quase tão altos quanto os de Brenda. Seu short curto cor de cereja e a blusa Mary Ann combinando, vermelha como sangue, revelavam mais do que encobriam.

Achei fofo o quão adulta ela estava tentando parecer. Pelo menos eu fiz isso até ela me dizer que eu parecia uma vovó

logo antes de subirmos ao palco, quando já era tarde demais para fazer algo a respeito. Eu usava uma camiseta larga, calças palazzo onduladas e minhas sandálias deslizantes Dr. Scholl favoritas. Dado o que o xerife Nillson tinha acabado de dizer sobre não quisermos chamar o tipo errado de atenção, o comentário dela se tornou engraçado e irônico, não ha-ha - porque a certa altura, eu propus que mudássemos o nome da banda de Girls para The Grannies. Poderíamos separar nossos cabelos ao meio, usar óculos redondos e vestidos disformes, e não teríamos que nos preocupar muito com nossa aparência, apenas com nossa música. Brenda e Maureen vetaram isso tão rapidamente que quase voltaram no tempo.

“Estou muito orgulhoso de vocês, meninas”, disse meu pai, repetindo o xerife Nillson.

Brenda, que desviou o olhar do xerife, sorriu educadamente para meu pai. Maureen estava olhando para a multidão. Quem ela estava esperando? Eu bati no pedal da bateria, uma luz *quem* você só podia ouvir no palco. Foi rude ela estar ignorando meu pai.

Ela olhou por cima. Eu podia ver o perfil dela, piscando como se ela estivesse acordando de um cochilo. Ela sorriu. “Obrigada”, ela disse na direção de meu pai e do xerife Nillson antes de se virar para mexer nos botões de seu amplificador.

“Você não se importa se eu subir no palco e apresentá-lo, não é?” o xerife perguntou, direcionando a pergunta para mim.

Aturdido, olhei para Brenda. Ela parecia um pouco verde de repente. Isso realmente iria acontecer. “Todo mundo pronto?” ela perguntou.

Maureen assentiu, com o rosto brilhando. Junie tremia tanto que o pandeiro que ela segurava tocava sozinho. Ver o quão assustada ela estava me deu uma onda de confiança.

“Você está pronto, J-Bug?” Eu gritei, lançando-lhe uma piscadela.

Ela assentiu, mas não abriu a boca. Suspeitei que ouviria seus dentes batendo se o fizesse.

“Estamos bem”, eu disse a Brenda, lançando-lhe um sorriso tranquilizador.

Brenda sorriu ferozmente para o xerife Nillson. "Introduzir nós."

Ele pulou no palco.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 13

“Isso foi uma loucura”, Claude exultou. “Vocês nunca soaram melhor.”

Balancei a cabeça, ainda atordoado. Ele estava certo. Começamos um pouco desajeitados, como se estivéssemos tocando três músicas diferentes. Um cara vaiou. Mas na segunda música, as pessoas que nem estavam lá para ouvir a música deixaram o meio do caminho e começaram a se aglomerar em direção ao palco, carregando bichinhos de pelúcia que haviam ganhado, mordiscando algodão doce pegajoso.

Na nossa terceira música, eles estavam dançando.

Dançando.

Pessoas com quem nem éramos parentes.

Foi quando Maureen gritou *Valhala!*, e compartilhamos um sorriso exultante e secreto sobre nossos instrumentos porque estávamos *iniciando*, inteiramente dentro da música juntos contra o mundo, voando e caindo, fazendo mágica.

Eu poderia ter tocado a noite toda, mas acabou quase antes de começar.

O xerife Nillson voltou ao palco, agarrou o braço de Maureen, sussurrou algo em seu ouvido e depois bufou para o microfone.

“Vamos aplaudir as meninas de Pantown!”

Os aplausos pareciam ter sido injetados diretamente em minhas veias.

Os roadies de Johnny Holm começaram a correr pelo palco, ajustando e movendo coisas, cumprimentando-nos antes de guardarem os instrumentos de Maureen e Brenda em um canto para que pudssemos aproveitar a feira. Flutuamos nas nuvens até o

área dos bastidores. Claude, Ed, Ricky e Ant estavam esperando. Maureen correu direto para os braços de Ed. Mesmo isso não poderia me derrubar. Eu estava voando alto demais.

"O que você achou, Ed?" Maureen perguntou. "Você gostou de como eu soei?"

"Claro", disse Ed, com os lábios esticados de um jeito que aposto que ele achou legal. Ele estava com uma aparência extra-Fonzie esta noite, com sua camiseta branca e jeans, seu cabelo preto e oleado refletindo as luzes do estádio. Suas botas tinham saltos altos que deviam acrescentar uns dois centímetros à sua altura.

"Não acredito que tenha conhecido esse aqui", disse ele, girando Maureen para poder dar uma olhada completa em Junie, corada e radiante no set. "Qual é o seu nome, linda garota?"

"Junie", ela guinchou, puxando seu vestido cor de cereja.

principal.

Ed esmagou sua lata de refrigerante e jogou-a para o lado antes de arrancar um maço de Camels de dentro da jaqueta de couro que segurava sobre o ombro. Ele apagou um cigarro como fazem nos filmes. Ele o segurou entre os dentes enquanto o acendia. Ele estava fazendo um show para nós, isso estava claro, mas por que estávamos todos assistindo?

Com o cigarro aceso, ele deu uma tragada profunda e depois o soltou. Ele piscou para Junie em meio a uma névoa de fumaça. "Você se parece com minha primeira namorada, sabia disso?"

Junie sorriu.

"Ela partiu meu maldito coração", disse ele. Sua boca se contorceu como se ele tivesse mordido um amendoim estragado. "Mulheres, certo?"

Junie continuou sorrindo, mas seu rosto se contraiu, deixando sua boca aberta como uma ilha estranha. Ela não tinha um mapa para navegar nesse tipo de conversa. Eu também não, mas estaria em perigo se deixasse que ele fizesse minha irmã se sentir mal daquele jeito.

Exceto que ele se virou para Maureen antes que eu pudesse responder. "Que tal irmos para a multidão para que eu possa te exhibir?" ele perguntou.

Essa foi a coisa certa a dizer a Maureen. “E a minha festa?” Ricky choramingou.

“Não pode começar até chegarmos lá”, disse Ed. Apesar de sua grosseria, eu ainda via o que Maureen via nele, seu toque sedoso. Mas ela não conseguia sentir o que eu percebi, que ele estava marcado com cerca de cinquenta sinais de perigo?

“Garotas!”

Virei-me para uma voz familiar. Padre Adolph Theisen, nosso padre em Saint Patrick's, caminhava em nossa direção. Eu nunca o tinha visto sem colarinho, e esta noite não foi exceção.

Ricky enrijeceu. Formiga derreteu atrás dele, claramente esperando desaparecer. Ed olhou para o padre Adolph, como se o desafiasse a falar com ele.

Se padre Adolph notou alguma coisa, não deixou transparecer. “É maravilhoso ouvir aquela música de quatro dos meus paroquianos favoritos. Posso contar com você voltando ao coral para compartilhar um pouco dessa beleza com os filhos de Deus?”

Ele estava olhando para Brenda, a única de nós que sabia cantar uma música — que o pai conhecia muito bem —, com os olhos brilhando.

Brenda assentiu, mas por outro lado não respondeu. Ela abandonou o coral no ano passado, pouco depois de ela e Maureen terem retornado de um dos retiros de verão do padre Adolph. As fugas foram realizadas em uma cabana na floresta, nos arredores de Saint Cloud, na pedreira da cidade. Meu pai e o xerife Nillson ajudaram o padre Adolph a organizá-los como uma de suas iniciativas comunitárias. Corria o boato de que a cabana tinha sauna e era possível comer pizza a semana toda, mas nem Maureen nem Brenda quiseram conversar muito sobre isso quando voltaram.

“Adorável”, disse ele a Brenda, antes de se virar para Ricky. “E vejo você na igreja neste domingo?”

“Sim, pai”, disse Ricky. Não importava o quão duro você fosse com seus amigos; quando o padre lhe fez uma pergunta, você respondeu.

“Bom”, disse o padre Adolph. Ele era jovem para ser padre, não muito mais velho que nossos pais, e tinha todo aquele cabelo e dentes, então cada uma de nós, meninas, tinha uma queda por ele uma vez ou outra. “E você, Anton? Você sabe que posso ver você lá atrás, certo?”

Claude e eu abafamos o riso.

“Sim, senhor”, disse Ant, permanecendo atrás de Ricky.

“Maravilhoso”, disse o padre Adolph. “Vou saborear as amêndoas torradas com canela que cheirei mais cedo. Espero que todos vocês aproveitem a noite.”

Ed esperou até que o Padre Adolph desaparecesse no palco antes de cuspir alto. “Padres podres e malditos. Não confie em nenhum deles.”

Levou tudo em mim para não me persignar.

Um barulho de guitarra indicou que a Johnny Holm Band estava prestes a tocar.

“Vamos explodir essa barraca pop”, disse Ed. “Acabei com o carnaval.”

Brenda olhou para mim. Nós dois amamos o Tilt-A-Whirl, andamos nele em todas as feiras. Este ano, ganhamos um monte de ingressos grátis como pagamento pelo nosso show.

“Encontramo-nos na cabana”, disse Brenda a Ed. “Dê-me o endereço.”

Ricky e Ed trocaram um olhar baixo, como um rosnado ou cheiro de plástico queimado.

“Temos que ir até lá juntos”, disse Ricky finalmente. Brenda encolheu os ombros. “Então você terá que esperar. Eu, Maureen e Heather acabamos de tocar o set de nossas vidas. Merecemos alguns passeios.

Houve mais negociações, com Claude concordando em entregar nossos instrumentos no carro dos pais de Brenda (eles assistiram todo o show de longe), Ricky, Ed e Ant saindo para comprar maconha de um dos trabalhadores do carnaval, e Brenda certificando-se de que Junie voltasse em segurança para meu pai.

Foi assim que me vi sozinho com Maureen por um breve momento, nós dois próximos no meio da multidão e do calor, tão próximos e em tal bolso que pude ver o que ela estava tentando esconder a noite toda com seus sorrisos largos e sua sombra brilhante e o traço escuro de seu delineador: seu rosto estava atormentado, formas de lâmina de barbear – memórias? – pulsando sob sua pele macia. Eu a puxei para meus braços.

“Você está bem, Mo?” Eu disse em seu cabelo. Ela estava tremendo.

“Eu sempre estive atrás de alguma coisa,” ela sussurrou.

Eu não tinha certeza se tinha ouvido direito. Eu me afastei e olhei para seu lindo e cru rosto.

“Você também sabe disso”, disse ela, tentando sorrir e falhando. Sua voz era fina como uma teia de aranha. “Vou tentar qualquer coisa. Comida. Fuma. Comprimidos. *Qualquer coisa*. Mas nunca me sinto satisfeito. Nem mesmo o show desta noite fez isso. Isso me deixa tão cansada, Heather.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando. Eu a arrastei para perto novamente.

Essa última troca me assombraria para sempre.

BETE

Beth sabia que precisava ficar acordada. Se ela adormecesse, ele poderia entrar e tomá-la quando ela estivesse vulnerável. Ela não ia deixar isso acontecer duas vezes. Mas ela estava andando de um lado para outro há horas, o metal quente do cabo da lanterna cravando-se em sua palma.

Pela sua melhor estimativa, ela estava presa no quarto há quatro dias.

Nesse tempo, ele trouxe para ela apenas meio pão e um pote quase vazio de manteiga de amendoim. Ela os estendeu o máximo que pôde, mas estava com fome e cansada de sentir o cheiro de seus próprios dejetos, e seus pés doíam de tanto caminhar, caminhar, sempre caminhar em sua jaula quadrada. Ela também fazia flexões, agachamentos e burpees, tudo o que podia para manter o corpo forte.

Mas o cansaço a puxou.

Ela colocou a lanterna no chão duro. Ela descansaria os olhos por um momento. Tudo bem. Ela nem sequer se deitava completamente. Ela se encostava na parede fria, inclinava a cabeça para trás e simplesmente relaxava. No segundo em que ela ouvisse os passos dele, ela se levantaria, com a lanterna na mão, atacando sua cabeça horrível, esmagando-a como uma abóbora.

Esmagar. Pop.

Ela se enrolou no canto. A exaustão cobriu-a com seu cobertor.

Antes que ela percebesse, ela estava sonhando com uma abóbora desaparecendo debaixo de um pneu de carro quando de repente ele estava em cima dela, uma mão sobre sua boca, a outra em sua garganta.

Ela sentiu como se estivesse emergindo de uma poça de cola, seus membros mal respondendo, tudo escuro como um pesadelo. Ela estava tão desorientada que demorou um pouco para identificar o cheiro novo, tão forte que cortou o cheiro forte de vinagre de sua urina e os dias de suor de medo. O novo cheiro era gorduroso.

Espesso. Doce.

Inconfundível.

Comida justa.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 14

Eu visitei a Pedreira do Homem Morto durante o dia. Ficava a pouco mais de cinco quilômetros de Pantown quando o corvo voou. Quando Brenda, Maureen e eu tivemos idade suficiente, supostamente fomos de bicicleta até lá para nadar. Na verdade, era uma desculpa para olhar e ser encarado. Nunca entrei na água. A altura das rochas e a profundidade da água me aterrorizavam. Além disso, uma história de fogueira sobre as pedreiras (às vezes era a do Homem Morto, às vezes uma diferente, dependendo de onde você estava nadando) afirmava que elas eram assombradas pelo cadáver inchado de um cara que se afogou em suas profundezas aquáticas. Uma vez por ano, ele enganava um nadador fazendo-o acreditar que a descida era para cima. Eles pulariam, cheios de risadas e sinais de paz. Assim que mergulhassem abaixo da superfície, porém, eles seriam virados. Eles avançavam em direção ao fundo sem fundo, pensando que estavam prestes a chegar à superfície, a respiração cada vez mais tensa, os chutes mais frenéticos à medida que a água ficava mais gelada, a doce luz do sol era uma promessa que se afastava.

Quando descobriram, já era tarde demais.

Eu sabia que era apenas uma história. Eu também sabia que nunca iria nadar nas pedreiras.

Brenda também não entrou na água, mas foi porque não queria bagunçar o cabelo. Nós dois enrolávamos em um cobertor, perto da água, mas não muito perto, e nos untávamos com óleo de bebê misturado com iodo, borrifávamos Sun-In com aroma de limão no cabelo e nos preparávamos para um dia de bronzamento.

Maureen era o oposto. Ela esperou apenas o tempo necessário para tirar a camisa e o short antes de correr para o penhasco mais alto em seu biquíni verde. Ela ficava na fila naquela parede de rocha escavada que se elevava quinze metros acima da água, enormes pedras de granito espalhadas atrás dela como gigantescos blocos de brinquedo. A água lá embaixo era clara, mas tão profunda que era negra, e o ar estava saturado com seu cheiro de sapo.

Quando Maureen chegava ao início da fila, ela saía com indiferença, de olhos abertos e com tampão no nariz, exatamente como naquele dia em que conquistou o salto alto no Muni. Brenda e eu torcíamos, às vezes outras crianças de Pantown vinham conversar conosco e, no final do dia, voltávamos de bicicleta para casa, suados e murchos, com a pele agradavelmente esticada por causa de um dia de sol.

Além das idas diurnas à casa do Morto, eu suspeitava que Brenda e Mo também frequentavam festas na pedreira. Aqueles para os quais eles não me convidaram. Doía pensar nisso. Eu não queria ser o idiota do grupo, mas quando eles me confessaram que fumaram maconha, qual foi a primeira coisa que fiz? Isso mesmo, dê um sermão sobre os perigos. Eu ouvi o mesmo discurso do meu pai e repeti para eles. Depois disso, eles fechavam a boca sobre fumar e barris de wapatuli assim que eu entrava na sala, ou pior, começavam a sussurrar por trás das mãos.

Então foi bom eu finalmente estar participando da minha primeira festa na pedreira.

Ed e Ant estavam sentados à minha esquerda, Ricky e Brenda à minha frente, todos nós sentados em lajes de granito ao redor das chamas bruxuleantes de uma fogueira, o calor e o movimento do fogo me deixando enjoado. contei mais de duas dúzias de outras pessoas rindo e bebendo, alguns outros garotos de Saint Cloud que eu conhecia de vista e depois estranhos que eu suspeitava serem trabalhadores do carnaval que Ed havia convidado. Pensei ter visto Maureen também. Eu fui com Ant e Ed, então ela deve ter vindo no carro de Ricky junto com Brenda. Eu estava preocupado com ela depois da coisa estranha

ela disse na feira, mas eu não conseguia identificá-la, embora fosse uma reunião pequena e espalhada.

Com certeza não foi uma festa lendária de Jerry Taft. Todo garoto de Pantown já tinha ouvido falar disso. Eu esperava chegar a um deles, mas Jerry foi para o exército antes que eu tivesse idade suficiente. Ele voltou para casa há cerca de uma semana em circunstâncias estranhas. Nunca cruzei com ele, e Brenda não queria falar sobre isso, a não ser para dizer que ele, de fato, deu uma festa enquanto estava na cidade.

Acho que foi um dos que ela foi sem mim. Eu me segurei com força. As pedreiras pareciam antigas e assustadoras à noite, com um vento quente assobiando entre os pinheiros. Ed tinha levado Ant e eu para além do estacionamento do Dead Man's, por uma estrada de cascalho com uma entrada tão coberta de galhos que você perderia se não soubesse onde procurar. Tínhamos chegado a uma pedreira menor cercada por árvores ondulantes, escuras ao luar. A água me deixou desconfortável. Parecia um olho remelento olhando para nós, sua pálpebra pesada era a parede de rocha que se erguia atrás de onde os mineiros haviam empilhado a terra que haviam escavado. Nossa fogueira ficava em frente à pálpebra rochosa.

"Bad Moon Rising" do CCR tocou no carro de Ed, as portas abertas. Meus dedos tamborilaram a batida em meu joelho. Ed acendeu o fogo e a música quando chegamos, depois desapareceu na floresta antes de voltar com um saco de papel pardo. Ant, Ricky, Brenda e eu estávamos sentados como um bando de polegares esperando por ele. Eu ainda não conseguia descobrir exatamente o que havia nele que nos reorientou, que fez com que sentíssemos que precisávamos conversar com ele ou esperar por ele, mas foi exatamente isso que começamos a fazer.

"Droga", disse Ed, acendendo um baseado que acabara de enrolar. "Eu nunca vou me cansar dessa música."

Eu não podia discutir, não que tivesse aberto a boca para dizer alguma coisa.

Do outro lado do fogo, Ricky começou a se apoiar em Brenda, tratando-a de forma diferente do que eu tinha visto antes. Eu não gostei.

"Vamos," ele estava dizendo muito alto, sua boca bem perto da orelha dela, sua mão segurando seu pescoço. "*Contorcer*-setambém não é um filme nojento! Não seja um maricas.

Ela tentou se livrar dele. "Pare com isso."

Ele balançou os dedos na frente do nariz. "Você vai ser uma cara de verme!"

Reconheci a citação do filme, mas foi sua voz, aguda e infantil, que me trouxe de volta àquela tarde fresca de outono em que eu não pensava há anos. Eu devia ter quatro ou cinco anos e Junie era apenas um bebê. Foi logo antes do meu acidente, então mamãe às vezes ainda era ela mesma. Aquele dia foi um dos bons.

Sra. Schmidt não está se sentindo bem, mamãe disse, então estamos trazendo um prato quente para ela.

Ela colocou Junie em seu carrinho de bebê, vestiu seu melhor casaco verde que eu tanto amava, me ajudou a vestir minha parca e saímos. Fiquei tão orgulhoso que empurrei Junie enquanto mamãe carregava a caçarola de vidro. Folhas crocantes deslizavam pela calçada, finas como papel. A princípio, ninguém atendeu a porta do Schmidt, mas então, de repente, lá estava Ricky, ainda vestindo seu pijama Tom & Jerry, embora estivéssemos mais perto do jantar do que do café da manhã. Fiquei envergonhado por ele.

Olá, Heinrich, A mãe disse. Sua mãe está em casa? Ricky olhou por cima do ombro. Ela não está se sentindo bem. Eu entendo,

Mamãe disse, mas ela entrou em casa mesmo assim, como se não entendesse nada. Ela colocou o prato quente de arroz e hambúrguer na mesa mais próxima, tirou Junie da carruagem, colocou-a no chão e me disse para observá-la. Então ela entrou no quarto dos Schmidt como se fosse sua própria casa.

Ricky, Junie e eu nos entreolhamos.

Quer ver meu conjunto de trem? Ricky finalmente perguntou, a Sra. Brownie se esfregando em seus tornozelos, seus olhos laranja

nunca deixando Junie gritando. *É o melhor do bairro*, ele prometeu, só que ele pronunciou *o melhor* porque foi assim que ele falou naquela época.

Claro, Eu disse.

Ajudei Junie a se levantar e seguimos Ricky até o quarto que ele dividia com os irmãos. No caminho, vislumbrei a Sra. Schmidt em sua cama, com um olho machucado e inchado, o lábio cortado tão fundo que o corte era preto. Ela me pegou olhando e virou o rosto, em direção ao berço ao lado de sua cama. Mamãe se levantou para fechar a porta, lançando-me um olhar de advertência, o rosto tenso como uma casa de botão.

A fogueira da pedreira estourou, me trazendo de volta ao momento. Engoli em seco e desviei o olhar de Ricky e Brenda. Ant estava dando uma tragada no baseado que Ed lhe entregara. Quando Ant terminou, ele me ofereceu. Ele parecia tão assustado quanto eu. Essa também foi a primeira vez dele? Segurei o doobie entre o polegar e o indicador e segurei-o perto da boca. Meus olhos encontraram os de Brenda do outro lado do fogo. Ricky estava indo em sua orelha como se estivesse procurando ouro, mas ela estava olhando para mim, sua expressão clara.

Você não precisa fazer isso.

Dei uma tragada, pequena, e segurei-a no fundo da boca. Eu não queria tossir e me envergonhar. Eu também não queria ficar chapado. Eu só queria pertencer. Eu tinha visto minha mãe fumar cem milhões de vezes. Eu tomava um gole no baseado como ela fazia com um cigarro.

"Tudo bem, garota", disse Ed, com aprovação.

Eu sorri, levantando-me para levar o baseado até Ricky. Ele se desvencilhou de Brenda e deu uma tragada. Voltei para minha pedra, me perguntando se minha cabeça estava confusa ou se eu estava imaginando isso. Alguém gritou ao longe, seguido por um barulho.

"Devíamos ir nadar", disse Ant quando me sentei ao lado dele. Ele parecia desesperado, mas sempre parecia estar assim ultimamente.

Eu fiz um barulho evasivo.

“Você sabia que há uma cabana entre as árvores?” ele perguntou. Olhei na direção que ele apontava, vendo apenas uma floresta sombreada, e então olhei de volta para ele. Ele cortou o cabelo escuro como o de Ricky, curto na frente, longo atrás, e algo nele me lembrou um brinquedo que Junie ganhou da vovó alguns Natais atrás. *Freddy de quatro vias*. Freddy era um retângulo de madeira com trinta centímetros de altura e cinco centímetros de largura. Ele tinha quatro lados, um homem diferente desenhado em cada um, e cada um desses homens era dividido em três partes móveis: cabeça, tronco e pernas. Quando você pressionava a alça no topo da cabeça de Freddy, as três seções giravam, todas separadas. Muito raramente eles combinariam no final. Em vez disso, você teria algo como um homem careca com peito de menino e pernas musculosas.

Ultimamente, Formiga me lembrava daquele brinquedo, um borrão de transformação, que nunca aterrissava direito.

“A cabana pertence a um amigo de um amigo de um amigo”, disse Ed, rindo sombriamente. “Ele me deixa usá-lo quando está fora da cidade.”

Ele enfiou a mão no casaco, tirou a garrafa de Anacin e colocou um par na boca, os músculos da mandíbula trabalhando.

Quando ele percebeu minha expressão, ele piscou.

“Como você pode mastigar essas pílulas?” Eu deixei escapar. Eu tomei aspirina para adultos apenas uma vez na vida, quando estávamos sem aspirina mastigável. Papai me disse para engolir rápido porque era amargo.

“Gosto do sabor”, disse ele. “Me lembra que estou vivo.” Ele estava bebendo pôneis Grain Belt que Ricky trouxe, chamava-os de “granadas de mão” e fazia barulhos de explosão quando abria um, mas eles não deviam estar funcionando porque ele agarrou o saco de papel pardo que estava a seus pés e arrastou-o. uma garrafa de Southern Comfort. Ele desatarraxou a tampa e tomou um gole, depois se inclinou para me oferecer.

Eu peguei. O exterior estava pegajoso. Coloquei-o no nariz e cheirei. Cheirava a diarreia infantil.

"Experimente", disse Ant. "Tem melhor do que cheira."

Tomei um gole. Isso aconteceu *na* gosto melhor do que cheirava. Na verdade, tinha gosto de cocô de pato na minha boca. *Esguicho*. Eu mantive isso baixo, no entanto.

"O que há de errado com sua orelha?" Ed perguntou.

Eu abri meus olhos. Ele estava olhando para mim, seu olhar intenso.

"Foi queimado em um acidente", disse Ant. "Eu te disse." "Eu sei quem é seu pai", disse Ed, ignorando Ant.

Devolvi a garrafa para ele, mas ele balançou a cabeça. "É melhor tomar outro gole", disse ele, abrindo uma RC Cola. "Você pode perseguir com isso."

O licor forte deslizou mais suavemente quando seguido imediatamente pelo pop.

"Obrigado", eu disse, limpando a boca com o pulso antes de devolver os dois.

"Suponho que você queira dividir esta cidade assim que tiver idade suficiente", Ed perguntou, desta vez levando o Southern Comfort de volta.

Minha pele estava vermelha. "O que?"

Ele sorriu e parecia genuíno. "Posso dizer que você é inteligente. Os quietos sempre são. E uma garota esperta sairia correndo deste buraco remanso assim que pudesse.

Eu tentei isso para ver o tamanho. Sair de Pantown? Eu suponho, para a faculdade. Mas eu não voltaria? Todo mundo fez.

"Você acredita na pena de morte?" Ed perguntou, ainda olhando para mim, sem o sorriso.

De repente, não gostei da atenção dele. "Claro, para coisas realmente ruins."

"Como o que?"

Dei de ombros e passei a língua pelo interior da boca. Estava seco, embora eu tivesse acabado de tomar uma bebida. Parecia que também estava demorando mais para piscar, como se o mensageiro entre meu cérebro e meus olhos continuasse adormecendo.

"Assassinato", eu disse.

A boca de Ed se curvou, um gesto feio. "Então você é tão mau quanto qualquer um. O assassino sempre apresenta um motivo que faz sentido para ele, mas matar um homem é matar um homem, seja você um policial, um soldado ou algum vagabundo de merda com uma faca. Diga isso ao seu pai, por que não?"

Anton riu estupidamente. "Papai DA", disse ele. "Dada." De repente, fui tomado por uma vontade estranha e selvagem de estar jogando Banco Imobiliário com Junie e comendo Jiffy Pop, ou talvez dançando. Quando éramos pequenos, costumávamos dançar em nosso porão revestido de madeira ao som de "Twist and Shout" dos Beatles. Sempre usávamos saias para podermos vê-las girar. Eu queria estar girando com ela agora, rindo tonto, mamãe e papai nos mantendo seguros.

O baseado apareceu na minha frente. Fiz um sinal para passá-lo adiante.

"Seu amigo levou outro golpe", disse Ed, indicando Brenda. "Não seja um peixe frio."

"Sim, Heather", disse Ant. "Não seja chato."

Dei outra tragada e, quando a garrafa apareceu, tomei outro gole também.

Fleetwood Mac tocou no rádio, mas eu não sabia qual música. Os ruídos ficaram fortes, como se alguém estivesse segurando minha orelha.

Olhei para Brenda através do fogo crepitante, o brilho iluminando seu rosto em formato de coração. Meu amor por ela estava gravado em meus ossos. O baseado havia parado nela e estava pendurado em sua mão, assim como os cigarros de mamãe às vezes ficavam nas dela. Os olhos de Brenda estavam vidrados. Poderia ser da maconha ou ela, Maureen e Ricky levaram alguma coisa no caminho? Havíamos conversado sobre experimentar ácido juntos, mas sempre pareceu um futuro distante. Isso foi mais uma coisa que ela fez sem mim?

"Você está bem?" — perguntei a ela, minha boca parecendo uma lagarta difusa, uma imagem que fez meu estômago borbulhar. Uma risada surgiu como um arrote. Eu queria que Maureen estivesse aqui,

sentado ao redor do fogo conosco. Olhei para a água, para um grupo de três rapazes e uma garota. A garota parecia Maureen. Por que ela não se juntou a nós na fogueira?

“Preocupe-se com você mesmo”, disse Ricky, atraindo minha atenção enquanto enganchava o pescoço de Brenda novamente. “Melhor ainda, por que você e Ant não abandonam e se preocupam um com o outro.”

Ant estava estudando seus pés.

Haverá um teste com eles mais tarde. Isso pareceu excepcionalmente engraçado, então comecei a rir de novo, mas não deve ter sido em voz alta porque ninguém percebeu. Ed estava contando uma história sobre combate. Algo sobre bombardeios e tiroteios. Se ele tivesse vinte e poucos anos, como pensei inicialmente, isso significava que talvez tivesse visto combates no Vietnã. Tentei fazer as contas, mas os números formaram chapeuzinhos e dançaram. Mais risadas.

“O garoto acha alguma coisa engraçada”, disse Ed, de muito longe. “Por que você não a leva para a cabana e mostra onde estão as verdadeiras piadas?”

Eu não sabia com quem ele estava falando, mas então algo prendeu meu braço perto do ombro. Eu cambaleei para trás, surpresa ao descobrir a mão de Ant ali, ao senti-lo me colocar de pé, me puxando na direção que ele disse que era a cabana. Brenda havia desaparecido, um grande espaço vazio onde ela e Ricky estiveram. Para onde eles foram? Também não havia mais ninguém perto da água.

Éramos apenas Ed, Ant e eu.

Meu coração batia rápido como um beija-flor enquanto Ant me levava para a floresta.

CAPÍTULO 15

Quando a cabana tomou forma no centro sombrio da floresta, senti alívio e depois algo parecido com excitação. Nunca planejei beijar Anton Dehnke, mas era isso que estava prestes a acontecer. Eu tinha certeza disso. Fiquei grato pela bebida e pela maconha. Eu não teria tido coragem de passar por isso sem ele.

A porta da cabine estava destrancada.

Ant me puxou para dentro e acendeu a luz. Ele ainda não tinha soltado meu pulso. Eu queria dizer a ele que não iria fugir, que queria tirar aquele primeiro beijo do caminho para que eu não fosse mais o estranho, e então o timing dele foi impecável. Minha língua estava seca e inchada demais para falar.

Eu esperava que não fosse nojento me beijar.

Pela aparência da decoração, aquela era uma cabana de caça, com chifres montados e peixes rígidos com olhos de mármore nas quatro paredes. Estávamos na sala principal, uma combinação de cozinha, sala de jantar e sala de estar, com uma geladeira e um fogão estreito ao lado de uma pia de um lado e um sofá com um cobertor xadrez vermelho de aparência áspera pendurado no outro, um sofá. mesa de cartas entre. Um tapete marrom sarnento cobria o centro do chão. O tapete parecia o guardião dos maus cheiros da cabana, principalmente xixi de rato e fumaça de cigarro e, por baixo de ambos os cheiros, algo escuro e cogumelo.

A sala principal tinha duas portas além daquela por onde havíamos passado, uma que dava para um banheiro e

outro que foi fechado.

O quarto.

Formiga me puxou em direção a ele.

Tropecei no tapete comido pelas traças, meus joelhos arderam ao bater no chão.

"Do que é feito esse tapete?" Eu perguntei, tentando suavizar a parte que me fez tropeçar. Parecia que já esteve vivo uma vez, oleoso e triste.

"Quem se importa?" Ant perguntou, sua voz trêmula enquanto ele me colocava de pé. Seus olhos azuis eram excessivamente brilhantes, o estrabismo do Popeye exagerado, o olho direito agora com o dobro do tamanho do esquerdo. Concentrei-me em sua boca, seus lábios carnudos e macios, seus dentes brancos e retos. Foi um bom primeiro beijo na boca.

"Você com certeza é bonita", disse ele. Eu ri.

Suas sobrelanceiras se juntaram. "Quero dizer." Isso me fez rir ainda mais.

Ele largou minha mão. "Ninguém gosta de caras legais", ele lamentou. "As meninas sempre querem os meninos maus, como Ed ou Ricky. Não *você*?"

"Não, eu disse. Tentei imaginar como seria estar sozinho com qualquer um deles. O pensamento me fez estremecer. Mas pelo menos Ant viu através de Ed, viu o perigo que ele representava. "Por que você sai com ele? Ed, quero dizer.

Formiga se contorceu como se algo o tivesse mordido. "Não sei", disse ele, olhando para um ponto por cima do meu ombro, sua voz ficando vaga. "Passo muito tempo pensando que estou bagunçando tudo. Com Ed, não preciso pensar em nada."

Eu tentei isso para ver o tamanho. Achei que poderia saber o que ele quis dizer.

"Posso tirar uma foto sua?" Ant perguntou, olhando para mim de repente, tão sincero e urgente.

Foi quando me lembrei de outra coisa sobre Ant, algo além da pasta que ele comeu na primeira série ou de seu pai gritando com ele no porão ou daquele gemido que ele tinha feito.

feito durante o simpósio de inverno. Anton Dehnke costumava fazer móveis para bonecas Barbie para todas nós, meninas de Pantown. Ele era um mago com papelão, cola e tecido. Ele construía pequenos sofás para nós, armários com gavetas funcionais que ele fazia com caixas de fósforos e palitos de picolé, cadeiras estofadas com restos de tecido que sua mãe havia jogado fora. Lembrar disso aqueceu minha barriga.

“Claro”, eu disse. “Você pode tirar minha foto.”

Achei que minha resposta o deixaria feliz, mas em vez disso algo feio floresceu em seu rosto, um inchaço rastejante sob sua pele. Ele se virou rapidamente, me dando uma chance de me convencer de que eu tinha imaginado isso. Ele apagou a luz da sala principal, banhando-nos com o luar, e então indicou que eu deveria segui-lo pela porta fechada, que

— eu adivinhei certo — levava para um quarto.

“Sente-se aí”, disse ele, apontando através da penumbra para uma cama de casal caída enfiada no canto. Ele fechou a porta atrás de mim e foi até uma luminária em forma de urso segurando um pote de mel, com uma sombra cobrindo seu rosto de urso. Ele acendeu a luz. Uma câmera Polaroid estava ao lado dela. Antes que eu pudesse fazer perguntas, Ant jogou um lenço vermelho no abajur, pintando o ambiente com um tom sangrento. Ele pegou a câmera e se virou para mim, sem rosto, cercado por uma aura de luz vermelha.

“Eu estava falando sério quando disse antes como você é bonita”, disse ele, com a voz rouca. “Você vai tirar a camisa?”

“Nojento, Ant”, eu disse.

Ele largou a câmera e veio até a cama, sentando-se ao meu lado. “É porque sou muito legal, não é?”

Comecei a rir novamente. Não achei o que ele disse particularmente engraçado, mas rir parecia mais fácil do que discutir. Só parei quando vi a expressão de Anton. Ele tinha um olhar duro.

Arranhei uma picada de inseto no braço. “O que você tem?”

Eu não quis dizer agora. Eu quis dizer sair com Ricky e agora com Ed, fumar maconha como eles e cortar o cabelo como Ricky, e mesmo antes disso, se afastar do nosso grupo, se tornar um estranho malvado.

"Eu te disse," ele disse asperamente. "Eu acho que você é bonita. Eu acho que você está realmente, *realmente* bonito. Isso não faz você se sentir bem?

"Honestamente, isso me faz sentir meio estranho", eu disse. Estávamos sentados perto o suficiente para que senti sua perna tremendo através da calça jeans.

"Sou o único que nunca beijou uma garota", disse ele, sua voz deslizando para o desespero.

"Eu também nunca beijei um garoto."

Seu olhar faminto me fez sentir poderosa. Finalmente senti o que Brenda e Maureen queriam, pelo menos pensei que sentia, e queria mais daquilo. Fechei os olhos e me inclinei em direção a ele. Algo úmido e pegajoso grudou na minha boca. Tinha gosto de Southern Comfort. Um arroto grosso irrompeu de mim.

A umidade recuou. "Caramba, Mesclado. Isso é nojento."

Eu abri meus olhos. "Desculpe. Vamos tentar de novo."

Dessa vez, nos atacamos tão rápido que nossos dentes bateram. Isso machuca. Achei que não teria coragem de tentar uma terceira vez, então continuei beijando-o. Ele retribuiu o beijo, sua língua como um molusco musculoso procurando o fundo da minha boca.

Não foi a coisa mais desagradável que já experimentei. Foi nessa época que mamãe me levou ao Dr. Corinth, quando eu tinha oito anos e estava com febre, e ele disse a ela que o melhor lugar para verificar minhas glândulas inchadas era a crista entre minha perna e as partes íntimas. Logo abaixo das linhas da minha calcinha. Mamãe parecia pensar que ele sabia o que era melhor, e suponho que sim. Beijar Formiga não foi *que* ruim, mas tinha algo nojento assim.

Embora não tenha me sentido bem, descobri que ainda gostava *algo* sobre isso.

Pelo menos até ele agarrar um dos meus seios como se estivesse roubando um Snickers do Dairy Bar e espremê-lo. Eu queria dizer a ele que se ele quisesse leite, deveria procurar uma vaca, mas isso trouxe de volta as risadas, que fiz o possível para disfarçar com uma tosse.

A mão de Ant caiu do meu peito e ele se afastou. Ele parecia atordoado e ganancioso. "Você deveria parar de rir de mim. Eu sei que muita gente acha que você é nojento por causa da orelha, mas eu nem vejo isso. Acabei de ver seus lindos olhos.

Foi uma coisa terrível de se dizer. De alguma forma, porém, isso me fez sentir mais mal por ele do que por mim. "Desculpe. Eu não deveria estar rindo."

"Você não *não deveria*." Ele olhou para as mãos e depois para mim com olhos de cachorrinho. "Posso tirar uma foto sua agora?"

Parecia melhor do que o que estávamos fazendo. "Claro." Ele pulou da cama e pegou a câmera antes que eu mudasse de ideia. Era lisonjeiro, eu suponho, e me senti livre do uísque e da maconha e aquecido por causa dos beijos, e eu conhecia Ant a vida toda e me sentia bem com ele, mesmo ele sendo um esquisito.

Resolvi posar como eles fizeram na capa da *Voga*, inclinando-me para frente provocativamente e raspando toda a inteligência do meu rosto. Eu estufei meus lábios em um beicinho. Aposto que minha boca parecia machucada e inchada de tanto beijar. Parecia bobo e bom, o que foi um alívio depois daquele beijo francês nojento. Eu pretendia contar tudo a Claude na próxima vez que o visse. Ele acharia esta noite hilária, do início ao fim.

"Isso é legal", disse Ant, me encorajando, sua voz quase um rosnado. "Sexy."

Seus cortes ficaram sólidos na frente. Atravessei a névoa mental, olhando para seu short com curiosidade, e então, de repente, entendi. Uma vergonha quente tomou conta de mim.

"Eu tenho que ir, Formiga."

Ele baixou a câmera, seu rosto percorrendo todos os tipos de sentimentos, pairando por mais tempo sobre a raiva antes de

finalmente pousando em algo em branco, que era o visual mais assustador de todos. Eu tinha visto o rosto do pai dele fazer a mesma rotina na igreja quando Ant estava agindo mal, aquelas opções girando e depois um floreio de raiva e, finalmente, toda emoção apagada.

"Você não pode ir para casa até que eu tire uma foto minha", disse Ant, com a voz tão monótona quanto o rosto. A frente de seu short permaneceu firme. "Você *dever* meu."

"O que?" Eu estava tendo dificuldade em acompanhar.

"Você não pode voltar aqui e não me dar nada." Seu ressentimento era algo vivo na sala, tão concentrado que quase pude vê-lo.

"Tudo bem", eu disse, apertando os joelhos, apoiando os cotovelos neles, o queixo nas mãos. O fundo da minha garganta apertou com a injustiça de tudo isso.

Ele clicou. A câmera cuspiu um quadrado de filme.

"Agora tire a camisa", disse ele.

"O que?" Aparentemente era minha nova palavra favorita. "Você me ouviu. Não é diferente de estar de maiô. Tire."

Meu estômago gorgolejou. "Acho que vou vomitar, Ant. Eu quero ir para casa."

"Mostre-me seu sutiã." Ele nem se parecia mais com Ant.

Comecei a chorar, não sei por quê. Era *Formiga*. "Multar." Puxei minha camiseta pela cabeça, olhando para meu peito. A frente de cada xícara branca estava enrugada. Mamãe disse que eu usaria o sutiã, que economizaria dinheiro se comprássemos um tamanho maior.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. "Tire sua maldita foto."

Ele removeu a primeira foto e tirou uma segunda, o som nítido na pequena sala. No momento em que a segunda foto foi ejetada, ele agarrou-a e começou a agitá-la no ar para secá-la.

"Isso não foi tão difícil, foi? Agora Ed vai levar você para casa."

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 16

"O que aconteceu ontem à noite?"

Eu pulei para longe da geladeira. Eu não ouvi mamãe entrar na cozinha, nem sabia que ela estava acordada. *Oh meu Deus, ela sabe? Ela sabe que deixei Ant tirar uma foto minha de sutiã?* O cheiro cortante de fogueira em meu cabelo de repente me deixou tonto. "O que você quer dizer?"

Ela usava seu melhor roupão. Seu cabelo estava enrolado, sua maquiagem perfeitamente aplicada. "Quero dizer, seu show na feira do condado. Isso foi ontem à noite, não foi?"

O alívio me deixou tonto. "Foi bom, mãe. Muito bom. Corei ao lembrar disso. "A multidão era de bom tamanho, talvez algumas centenas de pessoas. Eles estavam lá para ver a banda principal, mas acho que gostaram de nós."

Seus olhos se estreitaram. "Não se gabe, Heather. Não é atraente." Ela foi até a cafeteira e puxou-a do lugar. "Isso está frio."

Eu me aproximei e senti isso. "Papai deve ter saído mais cedo." "Ou ele não voltou para casa ontem à noite."

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. "Ele não veio para a cama?"

Às vezes eu o encontrava saindo furtivamente do escritório pela manhã, no sofá atrás dele segurando um cobertor e um travesseiro amarrotado. Ele torcia a boca com tristeza, murmurava algo sobre mamãe ter tido uma noite ruim. Seu escritório estava fora dos limites atualmente – seu reino pessoal, disse ele. Não era minha função questionar isso. Além disso, eu sabia o quanto mamãe poderia dar trabalho.

Seus olhos ficaram encapuzados. “Eu não disse isso.”

Ela me lembrava a mãe dela, minha avó, quando ela tinha aquela aparência. Vovó Miller, aquela que deu a Junie o Four-way Freddy, morava em Iowa, e nós a visitávamos na Páscoa e no Natal. Ela tinha um plástico grosso e enrugado cobrindo todos os móveis e apenas discos de caramelo como doces, mas era legal comigo e com Junie. Às vezes eu a pegava olhando para mamãe como se mamãe estivesse olhando para mim agora, como se a outra pessoa tivesse pregado uma peça que ela estava tentando decidir se permitiria ou não.

“Vou fazer um café fresco”, eu disse. Peguei a panela e estava indo até a pia para enxaguá-la quando ela me parou.

“Eu posso fazer isso”, disse ela. “Junie ainda está dormindo?”

“Sim,” eu disse hesitante. Ela estava agindo de forma estranha.

Alerta. Foi então que me lembrei de quem havia dito a frase que me seguiu pelos túneis naquela noite. *Você não pode viver no escuro e se sentir bem consigo mesmo.* Mamãe disse isso para a Sra. Hansen, mãe de Maureen, logo após meu acidente. Foi uma das últimas vezes que me lembrei de mamãe atendendo a porta. Lá estava a Sra. Hansen, o rosto coberto de lágrimas e inchado de tanto chorar. A Sra. Hansen era elegante naquela época, bem vestida, com o cabelo preto liso como o de um gato. Isso foi antes, ou mais ou menos na mesma época, em que o pai de Maureen os abandonou.

Você não pode viver no escuro e se sentir bem consigo mesmo, Mamãe gritou e bateu a porta na cara da Sra. Hansen.

“Bom”, disse mamãe, puxando-me de volta para a cozinha. “Junie precisa descansar para construir ossos fortes. Vou garantir que ela almoce e depois mandá-la praticar com vocês, meninas. Sua mão veio em minha direção, hesitou e continuou a dar tapinhas em meu braço. “Você já não deveria estar aí?”

Olhei por cima do ombro dela e depois de volta para ela, me perguntando quem ela era. Fazia meses que ela não saía do quarto antes do meio-dia, e ainda mais tempo desde que ela se importava com

minha agenda ou me tocou. "Como você sabia que temos treino hoje?"

Ela fez uma cara como se eu tivesse dito algo ridículo. "Você pratica quase todo segundo que não está no trabalho. Tenho certeza que você não abrirá exceção no dia em que fizer mais uma exposição na feira."

Sorri, com sede de abraçá-la, mas sem querer forçar. "Isso mesmo."

"Eu posso ir ver você jogar esta noite. Seu pai não deveria ficar com toda a diversão. Ela ficou quieta por um momento. "Você tem sorte de ter namoradas tão próximas. Eu costumava ter minhas próprias namoradas, você sabe.

Eu balancei a cabeça. Lembrei-me.



Refleti sobre aquele encontro no caminho até a casa de Maureen, tentando descobrir do que se tratava. Havia muita coisa que eu não lembrava dos primeiros anos da minha vida. Acho que é o mesmo para a maioria das crianças. Mamãe e papai estavam lá, no fundo, cuidando do que precisava ser cuidado. Houve risadas, refeições em família à mesa. Eu tinha um álbum de fotos inteiro que provava que tínhamos viajado para a Disneylândia, eu sentada nos ombros do papai com orelhas de Mickey Mouse, mamãe com seu bufante, na ponta dos pés, beijando sua bochecha. Eu também tinha lembranças de mamãe e Sra. Hansen rindo tanto que uma vez Sanka esguichou o nariz da Sra. Hansen.

Na verdade, a Sra. Hansen era, na maioria das minhas primeiras lembranças, ela e minha mãe tão unidas quanto irmãs.

Então Junie nasceu.

Depois disso, a Sra. Hansen parou de visitar. Mamãe se afastou de muitas das minhas lembranças e papai ficou mais claro, preparando o café da manhã na casa da mamãe e me levando para a escola nos dias em que chovia. Quando mamãe apareceu, ela era uma força,

brilhando em jantares, correndo pela cozinha preparando jantares de quatro pratos, mas parecia custar-lhe caro. Ela permaneceu nesse nível – 50% dela – por alguns meses.

Até o meu acidente.

Minha mão foi até a protuberância murcha onde minha orelha estivera.

"E aí, como vai?"

"Ei!" Quase passei por Brenda inclinada à sombra do enorme bordo no jardim da frente de Maureen. Nós balançamos em seus galhos e ao longo dos anos arrancamos montanhas de folhas debaixo dele. Inclinei a cabeça em direção à porta fechada da garagem.

"Maureen ainda não acordou?"

Brenda saiu da árvore e saiu sob o sol úmido. Precisei de todo o meu autocontrole para não ofegar audivelmente ao ver o olho vermelho inchado e preto e azul ao redor de seu olho.

"O que aconteceu?"

Ela colocou o cabelo atrás das orelhas. "Você quer a versão que contei aos meus pais ou a versão real?"

Quando não respondi, ela esfregou o nariz. "Eu fiquei muito confuso ontem à noite. Foi direto para uma árvore."

"Essa é a história que você contou aos seus pais?" Minha pele se contraiu lembrando o quão agressivo Ricky tinha sido com ela na noite passada. "Bren, quem bateu em você?"

Ela balançou a cabeça e me olhou bem nos olhos. "Não, de verdade. Entrei em uma árvore. Aquele grande carvalho mais próximo da fogueira? Acho que ia mijar por trás disso, mas acabei batendo com o rosto em um galho. Mas é apenas uma questão de tempo até que eu seja agredido de verdade se continuar com Ricky. Eu terminei com ele, Heather. Eu nem sei o que deu em mim ontem à noite."

Abri a boca para contar a ela sobre mim e Ant, estava na ponta da língua, mas senti vergonha demais. Eu não queria que ele tirasse aquela foto, mas não o impedi,

qualquer. Meu estômago ficou todo revirado pensando em quem ele iria mostrar.

Engoli em seco e semicerrei os olhos para ver a casa. "Devemos acordar Maureen?"

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 17

Com o passar dos anos, foi ficando cada vez mais difícil entrar na casa de Maureen.

Na casa de Brenda ou Claude, eu me sentia confortável entrando sem bater.

"Ei, Heather", diziam os irmãos de Brenda quando ainda moravam em casa.

"Quer um pouco de suco?" A mãe de Claude perguntaria.

Costumava ser a mesma coisa na casa de Maureen, mas a Sra. Hansen começou a mudar mais ou menos na mesma época que mamãe.

"Você vai bater?" Brenda perguntou, apontando para seu olho roxo.

"Claro." Atravessei a manhã abafada e subi as escadas.

A varanda sugeria o que havia lá dentro. O sofá de veludo laranja estava cheio de caixas e uma pilha de jornais moldados estava encostada num canto. As pilhas às vezes ficavam mais altas, mas nunca diminuía.

Esperei depois de bater. Conhecíamos a rotina. Batidas extras não fariam a Sra. Hansen chegar mais rápido, mas com certeza a deixariam irritada.

"Que horas você chegou em casa?" Eu perguntei, puxando conversa fiada.

"Não muito tarde." Os braços de Brenda estavam cruzados diante dela, apesar da umidade. Ela olhou para a rua. "Ricky e eu nos afastamos, nos beijamos um pouco. Não me lembro muito disso, mas lembro-me de voltar para a fogueira e você, Ant e Ed terem ido embora. Ficamos um tempo juntos até

Eu tive que fazer xixi, como eu disse. Foi quando entrei na maldita árvore. Assim que percebi o quanto estava bêbado, implorei a Ricky que me levasse para casa. Cara, ele estava chateado. Ele quase não faria isso, mas fez. Entrei pela porta dos fundos. Papai ainda estava acordado. Eu o conheci no corredor. Seu rosto se contraiu. "Heather, eu *mentiu* para ele."

Os pais de Brenda, Roy e Cheryl, eram muito rígidos, mas amavam os filhos. Roy era o diretor atlético da Saint John's University, e Cheryl conseguiu um emprego de meio período na área da saúde na faculdade quando Brenda entrou no ensino médio. Eles pensaram que o sol nascia e se punha com Brenda. Eu teria ficado com ciúmes se ela não fosse minha melhor amiga.

"O que você disse?"

"Eu disse a ele que passei a noite toda na feira, com você e Maureen. Quando ele viu meu olho, eu disse que tinha brigado com o Tilt-A-Whirl, e o Tilt-A-Whirl venceu. Ele agiu como se acreditasse em mim, mas eu cheirava tão mal, Heather. Ele devia saber que eu estava bebendo.

Ela parecia infeliz.

"Se ele aguentar Jerry e Carl, ele pode lidar com uma pequena Brenda", eu disse.

Ela deu um sorriso agradecido. "Espero que sim. De qualquer forma, ele não precisa se preocupar em me esclarecer sobre Ricky. Esse é um erro que não pretendo repetir. Ontem à noite, eu...

A porta foi aberta. Gloria Hansen estava do outro lado, carrancuda. Ela tinha um lenço na cabeça e óculos de gato empoleirados no nariz. Eu a tinha visto sem eles recentemente e quase não a reconheci. Eles deram forma e cor ao seu rosto inchado e de cor creme. Ela também estava vestindo um lindo cafetã de seda verde. O cheiro que veio com ela – papel velho e algo floral – era forte, mas eu estava preparado para isso.

"Bom dia, Sra. Hansen. Você pode mandar Maureen embora? Precisamos praticar."

Ela se afastou para que pudéssemos entrar. "Ela ainda está dormindo. Você pode acordá-la.

Eu me lembrei de meu pai conversando com a Sra. Hansen durante um dos churrascos do bairro, quando ela jogava a cabeça para trás quando ria e ela e minha mãe ainda saíam juntos. Papai estava falando sobre Pantown, nossa comunidade maravilhosa, e sobre como era injusto que todos fora de Saint Cloud pensassem que era apenas a fábrica falida de Pandolfo e a prisão na periferia da cidade que nos colocaram no mapa. Sra. Hansen murmurou *Fracasso e uma prisão? Isso parece certo*, sua mão agarrou seu copo de ponche com tanta força que ele derramou pela lateral, um vermelho sangrento e pegajoso escorrendo por sua mão.

Eu pensei que era uma coisa estranha de se dizer, mas então ela e papai desapareceram nos túneis porque ele tinha algo para mostrar a ela e eu esqueci até agora, observando-a parada de lado, olhando para seus pés. quando ela costumava ser uma mulher que olhava todo mundo nos olhos até que eles finalmente tiveram que desviar o olhar, momento em que ela ria.

Fracasso e uma prisão? Isso parece certo.

Uma vez perguntei ao meu pai se ele estava preocupado com a situação atual da casa da Sra. Hansen. Antes de Junie nascer, quando mamãe me arrastava até aqui e me jogava na frente da televisão com Maureen, costumava haver caixas em apenas alguns cantos, e elas eram etiquetadas e organizadas. Mas então o pai de Maureen fugiu da cidade e as caixas se espalharam por todos os cômodos. Agora havia apenas um único caminho de um lado ao outro da casa. Caixas de achados de venda de garagem, sacolas de roupas, jornais e livros nunca lidos *Vida e Tempo* revistas estavam empilhadas até o teto de cada lado da passagem estreita. A cozinha tinha sido o último reduto, mas mesmo aquele cômodo agora era principalmente de armazenamento, com espaço suficiente na frente da geladeira apenas para abri-la. Maureen e a mãe não podiam mais usar o forno, embora o fogão estivesse livre.

Apesar da enorme quantidade de *coisas*, a casa estava limpa até recentemente. Parecia quase um ninho grande e seguro, que pensei ser o que a Sra. Hansen procurava. Mas

em algum momento, um roedor morreu em uma das pilhas ou nas aberturas inacessíveis, e seu cheiro gasoso seguia você por toda parte. Foi quando eu comentei isso com meu pai.

“Boas mulheres mantêm suas casas limpas e bons vizinhos cuidam da própria vida, querida”, ele disse.

Meu pai era inteligente. Quase sempre concordei com o que ele disse, mas isso me fez pensar. Pareceu-me que Gloria Hansen precisava de ajuda. Eu tentei falar sobre isso com Maureen, mas ela me disse que a mãe dela tinha a casa do jeito que ela gostava.

“Obrigado”, eu disse à Sra. Hansen, prendendo a respiração para poder passar por ela e entrar no caminho único. Levava diretamente para a escada com um galho na sala de estar. Eu podia ouvir a TV ligada, mas não conseguia ver o que estava passando. Subi direto as escadas, Brenda nos meus calcanhares, a pista parecendo mais apertada do que da última vez que a visitei. Não me lembrava das pilhas roçando meus braços quando passei. O fedor de animal em decomposição também era mais forte. Eu esperava que isso significasse que o cheiro tinha atingido o seu pico e logo se dissiparia.

“Maureen?” Eu gritei na porta dela. Estava estampado em pôsteres de Andy Gibb. “Pronto ou não, aqui vamos nós!”

Bati uma vez e entrei. O quarto dela estava normalmente bagunçado, e não o resto da casa bagunçado. Havia mais roupas no chão do que no armário ou na cômoda, e sua penteadeira estava coberta com tubos de Poção do Beijo, rímel e brincos brilhantes. Sua cama estava desfeita.

E vazio.

“Verifique o banheiro”, eu disse a Brenda, mas ela já estava no fim do corredor.

Ela reapareceu em segundos. “Ela não está aqui.”



Foram necessárias algumas súplicas para que a Sra. Hansen chamasse a polícia. Primeiro tivemos que convencê-la de que Maureen não estava lá em cima. Depois de vasculharmos os poucos lugares restantes que permitiriam uma pessoa, a Sra. Hansen ainda jurou que não havia nada com que se preocupar.

Mas não era típico de Maureen desaparecer, não sem pelo menos contar a Brenda.

Brenda também parecia insegura sobre chamar a polícia, mas eu pressionei. Algo parecia muito errado. Finalmente, a Sra. Hansen me deixou ligar para o gabinete do xerife.

Eles enviaram Jerome Nillson.

Estávamos na varanda da frente, esperando, então vimos o carro dele parar. O xerife Nillson era corpulento, mas não alto, mas parecia grande e imponente. Era o uniforme, a maneira como ele se comportava e a voz estrondosa. Brenda desviou o olhar quando ele caminhou em nossa direção, assim como ela fez quando ele conversou conosco antes do nosso show na noite passada. Achei que dessa vez era por causa do olho roxo dela.

Encontrei-o no meio da calçada e repeti o que havia dito ao despachante. O xerife Nillson concordou imediatamente com a avaliação da Sra. Hansen de que não havia motivo para preocupação.

"Ela provavelmente fugiu."

Não tive coragem de discutir, mas Brenda apareceu ao meu lado, com o rosto tenso. "Ela fez *não*. Temos outro show esta noite. Na feira. Ela não perderia isso por nada no mundo."

Fiquei feliz em saber que Brenda estava tão preocupada quanto eu.

O xerife Nillson estudou seu olho roxo. Acho que sim, de qualquer maneira. Ele estava usando aqueles óculos escuros refletivos de policial e sua boca era uma linha fina. "Bem, então, que tal isso? Se ela não aparecer no show desta noite, começaremos a fazer perguntas.

Ele sorriu para a Sra. Hansen. Ela estava parada na porta da frente entreaberta, para que pudesse deslizar para frente ou para trás conforme a situação exigisse.

“O que você acha disso, Glória?” ele perguntou, levantando a voz. “Ainda nem vamos começar a nos preocupar com Maureen. Ela estará na feira esta noite, pode apostar. Não há razão para desperdiçar toda a mão de obra, certo?”

A Sra. Hansen encolheu os ombros.

O xerife Nillson pareceu não gostar de alguma coisa na moção. “Como você está, Glória? Quer me convidar para tomar um café?”

Ele foi em direção à varanda. A Sra. Hansen entrou na casa, carrancuda, mas não fechou a porta. Brenda e eu ficamos na calçada.

“Ela não estará no show hoje à noite,” Brenda disse baixinho. “Eu sei disso em meus ossos.”

Eu senti a mesma coisa. Isso me deixou nervoso. Quando fechei os olhos, a imagem dela de joelhos me dominou. Aqueles homens machucaram Maureen? “Devemos contar a ele. . . contar a ele o que vimos na outra noite? O que vimos Maureen fazendo?”

Ela se virou para mim e, a princípio, pensei que ela fosse gritar comigo por ter mencionado aquilo que havíamos prometido esquecer. Mas ela não parecia brava. Ela pareceu surpresa e depois assustada.

“Heather, o xerife Nillson estava lá. Pensei que você soubesse.”

CAPÍTULO 18

As costas de Jerome Nillson estavam quadradas, bloqueando nossa visão da Sra. Hansen. Suas mãos carnudas estavam soltas ao lado do corpo. A respiração de Brenda estava irregular em meu ouvido enquanto ela esperava minha resposta. Eu senti como se ela tivesse me dado um tapa de lado.

O xerife Nillson esteve lá?

Fechei os olhos, lembrei-me da luz estroboscópica, daquela mão empurrada contra a nuca de Maureen, empurrando-a contra ele, aquela familiar pulseira de identificação de cobre pendurada em um pulso muito mais fino que o do xerife Nillson. Meus olhos se abriram.

“Pense”, disse Brenda.

As luzes piscantes. Cortando todos ao meio. Iluminando meu torso, escondendo meu rosto, fazendo o mesmo com os homens lá dentro, uma fila deles, Maureen no centro, virando-se. O grito de Brenda. E então a porta se fechou, mas não antes que o homem na ponta, o de cintura grossa, abaixasse o rosto, sem nunca deixá-lo à vista, mas ele não precisava, porque eu sabia como ele se movia em todos os momentos. Eu sentei atrás dele na igreja.

Lágrimas brotaram em meus olhos. “Caramba.”

Ela assentiu. “Eu tinha certeza de que você o viu tão claramente quanto eu. É por isso que fiquei tão incomodado quando ele apareceu no palco ontem à noite. Você viu como Maureen ficou chateada? Ela lançou outro olhar para a porta da frente. O xerife Nillson havia entrado. “Vamos sumir.”

“Quem mais estava lá?” — perguntei enquanto viramos a esquina correndo, fora da vista da casa de Maureen. Eu me senti exposto apesar do

protegendo os braços verdes das árvores do bairro.

Ela abriu as mãos, com as palmas para cima. "O rosto de Nillson foi o único que vi. Dele e de Maureen quando ela se virou. Acho que era na casa de Nillson que todos estavam também. Passei de bicicleta, mas não tive certeza. Ele mora na rua 23, então se não era a casa dele, era perto.

O xerife do condado organizando uma festa de BJ em seu porão. Isso fez meu couro cabeludo arrepiar. "O que ela estava fazendo lá?"

Brenda esfregou a nuca. "Eu não sei, Heather, honestamente não sei. Ela nunca me contou nada sobre isso. Você conhece Maureen. Ela gosta de atenção e gosta de dinheiro. Talvez ela estivesse recebendo os dois.

Meu estômago revirou. O mesmo me ocorreu, mas havia algo horrível em ouvir isso em voz alta. Agora que estávamos conversando sobre isso, íamos *falar* sobre isso. "Mas eles eram homens adultos, não eram? O que eles estavam fazendo não era ilegal?"

"Acho que sim", disse Brenda, olhando por cima do ombro na direção de Maureen. "Eu esperava que eles não mandassem Nillson. E se ele fez alguma coisa com Maureen, algo para mantê-la quieta, e é por isso que ela não está em casa?"

Eu balancei minha cabeça. O xerife Nillson trabalhou com meu pai. Ele visitou nossa casa. Ele era um *oficial da lei*. "O que quer que estivesse acontecendo lá embaixo era nojento, com certeza, mas não acho que ele sequestraria Maureen por causa disso, especialmente porque ela estava guardando o segredo deles. Se ela não nos contou, ela não contou a ninguém. Além disso, o que ele faria com ela?"

"Amarre-a em algum lugar", disse Brenda. "Porque ele não poderia saber que ela *era* mantendo seu segredo.

Eu agarrei o braço dela. "Você está falando sério?"

Ela me deu de ombros. "Não. Não sei. Só estou preocupado.

"Maureen disse alguma coisa para você no caminho até a pedreira ontem à noite?"

Os olhos de Brenda se arregalaram. "Achei que ela fosse com você."



Brenda saiu para se preparar para seu turno na casa de repouso. Eu estava muito impaciente para ficar sentado em casa, então fiz um passeio de bicicleta. Eu não tinha um destino no início. Pedalei sem rumo, procurando por Maureen e por pulseiras de identificação cor de cobre em igual medida. O sol batia em meu nariz e bochechas, deixando-os crocantes, sem me importar que eu já estivesse sofrendo.

Eventualmente, me senti atraído pela Rua Vinte e Três. A maioria das pessoas estava no trabalho ou tomando chá gelado à sombra das varandas, mas, a caminho da extremidade assombrada de Pantown, passei pelo Sr. Pitt cortando a grama, com o boné protegendo o rosto. Ele acenou e o sol refletiu em algo brilhante em seu pulso. O ácido inundou meu estômago.

Quando ele baixou o braço, vi que era apenas um relógio de pulso.

Virei rapidamente à direita pela Vinte e Três. Esta era a área de Pantown com a qual eu não estava tão familiarizada, mas imaginei que o porão onde vi Maureen poderia estar em uma das cinco casas. Todos os cinco pareciam que seus donos haviam partido. Eles também se apresentavam como bangalôs normais de Pantown, e não como antros de depravação onde adolescentes eram atraídas para um trem BJ.

"Veja onde você está indo!"

Quase tropecei em alguém na calçada. Ele olhou para mim e depois se virou. Eu só o vi de relance — mais ou menos da idade de Ricky, olhos encovados e inconstantes, sem bigode, mas com uma barba eriçada no queixo, como um Abe Lincoln malvado —, mas sabia que o tinha visto em algum lugar. Um cliente da Zayre?

"Desculpe!" Eu chamei pelas costas dele.

Ele saiu correndo, xingando baixinho. Fui de bicicleta para casa.

BETE

Beth acordou com barulhos no alto. Pareciam passos rangentes e depois uma voz masculina e outra feminina, mas ela havia perdido a noção do tempo, do som, do cuidado. Suas roupas eram rígidas e surradas, o cabelo oleoso, os dentes cobertos de pelos grossos. Ela ficaria aqui para sempre. Não houve fuga. Nada importava.

Ela bateu na testa e enterrou a palma da mão no crânio, tentando desalojar aquele pensamento perigoso. Ela não podia deixar aquela faixa ter um ritmo. Ela precisava se controlar, imaginar a fuga, *ver* uma vida depois disso. Como ela poderia ser professora se não lutasse? Ela iria se libertar desta prisão. Ela tinha coisas para fazer em sua vida.

Ela importava.

Além disso, havia esperança. A fatia mais fina disso. Ela havia descoberto algo.

Uma forma na terra, a borda de uma coisa, uma crista áspera.

Seu pé descalço ficou preso nele em uma de suas muitas voltas no quarto úmido, um sussurro que ela teria perdido se não fosse pela escuridão amplificando seus outros sentidos. Ela caiu de joelhos e cavou até que suas unhas ficaram arrancadas e em carne viva, até que ela ficou tão exausta quanto um cachorro faminto.

Ela havia adormecido encostada na parede, mas estava pronta para voltar à escavação. Isso significava alguma coisa.

Aqui embaixo, tudo significava alguma coisa.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 19

Demorei até depois do jantar daquela noite para me lembrar de onde eu conhecia o homem, o magrelo Abe Lincoln, com barba sem bigode, por quem eu quase tinha andado de bicicleta na parte mal-assombrada da cidade.

Eu o vi na feira do condado.

Ele estava trabalhando em uma das cabines intermediárias, seus pelos faciais o ligando à minha memória.

Ele não deveria estar em Pantown, tão longe do recinto de feiras.

Quando me lembrei de tudo isso, já havíamos cancelado o show desta noite. Os pais de Brenda queriam mantê-la em casa até que Maureen aparecesse. O pai da Brenda estava na feira à procura da Maureen. Fiquei feliz que algum adulto parecesse preocupado com o desaparecimento dela. Meu pai ainda não havia chegado do trabalho, embora fosse sábado. Mamãe estava em seu quarto dormindo.

Éramos eu e Junie jantando em frente à TV, assistindo *O Show dos Muppetse* comendo a última safra de jantares de TV, frango frito para nós dois.

“Eu queria tocar pandeiro de novo esta noite”, disse Junie. Ela estava empurrando seu frango, usando seu DADDY'S FISHINGBUDDYCamiseta. Eu sabia que precisava ser lavado. “E se Maureen estiver aí agora, esperando por nós?”

“Se ela estiver”, eu disse, “Sr. Taft dirá a ela onde estamos e por quê, e todos ficaremos felizes porque ela está segura.”

Junie mordiscou a ponta da baqueta, fez uma careta e a deixou cair. “Ed disse que me compraria um cachorro-quente depois do

mostrar esta noite se eu voltasse.

Meu garfo congelou a meio caminho da boca, pérolas de milho doce caindo na bandeja. "Ed quem montou o show?"

"Sim. Aquele que se parece com Fonzie." "Você não deveria estar falando com ele. Ele vendeu." "Ele é legal", disse ela. "Ele disse que eu era bonita."

Agarrei seu cotovelo com tanta força que ela gritou. "Junie, não fale com ele. Você me ouviu?"

Ela puxou o braço. "Você está com ciúmes."

"Eu não sou. Um homem adulto não deveria conversar com uma menina de doze anos. Quando isto aconteceu?"

"Noite passada."

Repassei nossos movimentos. "Você estava sozinho com ele?"

Ela sorriu seu sorriso secreto de raposa, mas não respondeu. Eu a agarrei novamente e a sacudi. "Junie, você estava sozinha com ele?"

"Não!" Ela começou a chorar. "Brenda estava me acompanhando até o papai e, no caminho, o homem que comanda o lançamento do anel queria falar com ela. Brenda e ele foram para o fundo de sua cabine. Foi quando Ed apareceu. Ele me prometeu algodão doce. Eu disse a ele que não gostava de algodão doce, que gostava de cachorro-quente, e ele achou isso engraçado."

Eu a soltei, tentando acalmar meu pulso. "Sinto muito, Junie. Estou preocupado com Maureen, só isso. E acho que são más notícias para Ed.

"*Você sair com ele.*"

Pensei no que Brenda disse sobre terminar com Ricky. "Não mais. Prometa-me que você também não vai."

"Como você e Brenda me prometeram que praticariam o sorriso neste fim de semana?"

Revirei os olhos, exasperado. "Junie." "Tudo bem", ela disse. "Eu prometo."

Balancei a cabeça, satisfeito. Mastigamos e assistimos TV por um tempo. Gonzo entrou, o favorito de Junie. Ela riu.

"Papai e eu saímos na feira depois que vocês foram embora, você sabe", disse ela. "Ele me comprou bolo de funil."

"Legal." Eu tinha terminado meu frango, batatas batidas e milho, o que significava que poderia comer o brownie, ainda quente do forno.

"Eu vi Maureen quando estava comendo o bolo", disse ela. Eu podia ouvi-la olhando para mim. "Pensei que ela iria àquela festa com você, mas ela não foi. Ela ficou na feira.

O brownie tinha gosto de poeira na minha boca. "O que você a viu fazendo?"

"Ela foi para a cabine de lançamento de anéis também. Ela desapareceu nos fundos, assim como Brenda.

Tentei engolir o brownie calcário, mas não tive saliva suficiente. "Junie, como era o cara que jogou o anel?"

"Como Abe Lincoln, mas não tão velho."



Brenda foi "amorosamente fundamentada" (*parecede castigo de castigo*, ela resmungou na linha do grupo) até que Maureen apareceu. Claude não atendeu o telefone. Isso significava que, uma vez que eu tivesse certeza de que Junie estava preparada para a noite, eu precisaria ir à feira sozinha. Eu não tinha um plano claro. Eu simplesmente sabia que aquele carnavalesco — que não deveria estar em nossa vizinhança — poderia ter sido a última pessoa a ver Maureen.

Desejei por um momento ter coragem suficiente para pegar carona. Seria mais rápido e talvez até mais seguro, dado o quão apertado era o tráfego da feira, mas havia uma boa chance de que eu o manuseasse e voltasse para o papai. Brenda e Maureen viajaram de carona até as cidades em junho passado para visitar a plataforma de observação do IDS Center, o edifício mais alto de todo Minnesota. Eu estava com muito medo de fugir com eles.

Eu evitei perguntar a eles sobre a experiência deles naquele dia, além de trazer à tona o tema da carona em geral

porque eu não queria revelar para Brenda que eu suspeitava que ela e Maureen também faziam isso sem mim, que isso fazia parte da nova linguagem secreta delas, aquela que incluía maquiagem, roupas, festas e salpicos de rosa choque. daquela coisa que senti quando Ant olhou para mim com fome nua.

Subi na minha Schwinn porque se eu não tivesse tido coragem suficiente para perguntar a eles sobre pedir carona, definitivamente estava com muito medo de fazê-lo. Foi um longo e difícil passeio de bicicleta, a feira do outro lado do rio Mississippi, em frente a Pantown. A roda gigante erguendo-se sobre as planícies do lado leste de Saint Cloud foi a primeira coisa que avistei. Pouco depois veio o zumbido enxameado de uma multidão, uma música rock and roll metálica e os gritos dos ladrões intermediários. O último foi o cheiro forte de comida frita. Normalmente, seria elétrico estar perto de tantas pessoas. Adoramos nossas reuniões de verão em Minnesota. Passamos o inverno todo enfiados, depois a neve derreteu, as folhas brotaram e o sol apareceu. Abruptamente, desesperadamente, nós *necessário* estar entre as pessoas. É por isso que tínhamos uma feira ou um festival todo fim de semana, ao que parecia.

Mas senti apenas pavor ao acorrentar minha bicicleta perto do portão. Maureen poderia ter fugido, mas não o fez. Ela não teria feito isso, não sem contar a mim e a Brenda. Eu queria acreditar nisso, me agarrar a esse pensamento, e então lutei contra as dúvidas, sussurrando que havia tanta coisa que Maureen e Brenda estavam escondendo de mim, e se eu insistisse demais, se cavasse muito fundo, eu Descobriria que o que realmente estava acontecendo era que eles cresceram sem mim.

Esse era um segredo que eu não queria saber.

Procurei nos meus shorts a taxa de entrada de cinquenta centavos, mas a senhora que trabalhava no portão me reconheceu do show da noite anterior e acenou para que eu passasse. Tive que passar direto pelo palco para chegar ao meio do caminho. Foi organizado para a Johnny Holm Band, sem sinal de que alguma vez estivemos lá.

Eu não sabia que iria gostar tanto de tocar na frente das pessoas.

A feira só começaria a zumbir dentro de uma hora, mas já havia muita gente, muitas das quais pareciam ter pulado uma refeição caseira em favor de batatas fritas e pizza. Suponho que não tenha sido pior do que os jantares de TV que Junie e eu comemos. Esperei na fila por uma Coca gelada e depois caminhei até o meio do caminho, tentando parecer casual. Havia um punhado de pessoas jogando, mas nenhuma fila antes do lançamento do anel. Ninguém está trabalhando nisso também.

Bebi minha bebida e perambulei uma fileira, fingindo estar curioso sobre o jogo do pato de borracha que rendia a você um peixinho dourado vivo flutuando em um saco de água se você escolhesse o pato correto. Continuei olhando para o lançamento do anel, tentando não ser óbvio. Quando fui cutucado por algumas crianças que insistiam para ver melhor o peixe ensacado de aparência caída, segui em frente, fingindo que estava interessado em Skee-Ball e depois na derrubada da garrafa de leite e depois no Bust a Balloon. Cheguei ao final da fileira e comecei a subir pela outra, ainda não detectando nenhum movimento no jogo de lançamento do anel.

"Você está procurando por mim, garotinha?"

Minha pele se ergueu do meu corpo quando me virei em direção ao estande do Hoop Shoot. Era o mesmo homem que quase atropelei de bicicleta mais cedo, o arremessador de argolas, o desalinhado Abe Lincoln, que Junie tinha visto com Brenda e depois com Maureen. Ele estava escondido na sombra da máquina Hoop Shoot, fumando. Seus olhos eram tão frios, tão duros, que me pararam no meio do caminho.

Você é Theodoro Godo? Eu quero perguntar. Você levou Maureen?

O homem deu um tapinha no bolso da frente, como se tivesse algo para mim, e depois passou por uma cortina atrás.

"Mesclado! Você está aqui sozinho?"

Pulei para longe da cabine, culpado como um bandido. Jerome Nillson estava andando pelo campo em minha direção, seu rosto ilegível, seu corpo cheio de poder. Eu podia ouvir seus passos falando: *Esta feira é minha, esta cidade é minha, esta feira*

é minha, esta cidade é minha. Imaginei-o naquele porão com Maureen e minha respiração ficou presa.

Fugi dele, saí da feira, joguei o resto da minha Coca-Cola no lixo mais próximo, destranquei a bicicleta com as mãos trêmulas e corri para casa.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 20

— Está quente demais para um vestido — reclamou Junie, puxando a gola de renda.

Ela não estava errada. Ainda não eram 9h30 e o sol já estava derretendo nosso melhor do domingo em nossa carne. Mamãe ia à igreja conosco todo quarto domingo. Hoje não foi um desses momentos. Papai estava conversando com o padre Adolph nos degraus da igreja enquanto Junie e eu brigávamos pela pequena sombra que a porta aberta oferecia. Seria rude entrar no prédio sem o papai.

Um assobio chamou minha atenção. Brenda e Claude estavam sob o guarda-sol fresco do carvalho do cemitério. Metade dela dava sombra ao cemitério, a outra metade aos vivos.

“Já volto”, eu disse a Junie. “Se papai terminar mais cedo, diga a ele que encontrarei você lá dentro.”

“Não é justo!” ela disse, mas eu já estava na metade da escada.

“Ei”, eu disse. As folhas salpicavam seus rostos, mas não conseguiam esconder a preocupação.

“Brenda me contou sobre Maureen”, disse Claude. Ele parecia tão adulto em sua calça preta, camisa de botão bem passada e gravata azul. “Disse que ela não foi à festa da pedreira depois do seu show.”

Meu couro cabeludo ficou tenso com a menção da festa. Provavelmente veria Anton hoje pela primeira vez desde então. Eu estava esfregada da cabeça aos pés, o cabelo penteado limpo e grosso sobre as orelhas, usando meu melhor vestido de verão com ilhós, mas de repente me senti

sujo. O que Claude pensaria de mim se descobrisse o que eu fiz? Eu não podia acreditar que pensei que ele iria rir disso.

"Junie disse que viu Maureen na barraca de lançamento de anéis depois que saímos", eu disse, olhando para Brenda em busca de confirmação. "Eu vi o mesmo cara, o cara que joga o anel, na parte mal-assombrada do bairro ontem."

Os olhos de Brenda se desviaram. "Aquele com a barba de Abraham Lincoln? Comprei maconha dele."

"Acha que ele também estava vendendo para Maureen?" Cláudio perguntou. Brenda encolheu os ombros e começou a esfregar um polegar no outro. "Talvez."

Claude franziu a testa. "A polícia ainda acha que Maureen fugiu?"

Ele não sabia o que a tínhamos visto fazer naquele porão, não sabia que o xerife Nillson estivera lá. Brenda e eu trocamos um olhar.

"Isso foi o que ele disse ontem", disse Brenda, inclinando a cabeça em direção à igreja.

Virei-me e vi Jerome Nillson entrando. Ele usava um terno bege com gravata cinza. Parecia apertado nos ombros. Percebi o quão pouco eu sabia sobre ele. Ele morava em Pantown e era a lei. Isso foi o suficiente. Eu nunca tinha notado uma aliança de casamento em sua mão e nunca tive motivo para pensar em sua vida pessoal.

Nem em um milhão de anos teria me ocorrido que isso envolveria um dos meus amigos mais próximos. Ela pensou que estava namorando o xerife Nillson?

Foi então que tive a ideia de entrar furtivamente no quarto da Maureen.

Eu leria o diário dela.



Minha mente vagava enquanto eu realizava a missa católica, ajoelhando-me, rezando, *e também com você*-ing.

A Sra. Hansen estava sentada três fileiras à nossa frente, no mesmo banco que Jerome Nillson, mas do outro lado. Eu ainda não tinha visto Ant ou sua família, o que provava (pelo menos para mim) que Deus podia fazer milagres.

Decidi contar à Sra. Hansen que havia esquecido algo no quarto de Maureen. Não era exatamente uma mentira — uma vez eu tinha esquecido uma camisa ali —, mas era uma farsa o suficiente para eu esperar até que estivéssemos fora da igreja para contar a ela. Eu não tinha certeza de onde Maureen guardava seu diário, nem sabia se ela tinha um, mas se tivesse, isso poderia nos dizer por que ela estava naquele porão e onde estava agora.

“. . . Heather Cash e Claude Ziegler — disse o padre Adolph, seu tom indicando que acabara de chegar ao fim de uma lista de nomes.

Meu coração trovejou enquanto eu olhava em volta, com os olhos arregalados, em busca de pistas do que ele acabara de dizer. Claude estava olhando para mim, sem sorrir.

“. . . os adolescentes convidados para meu primeiro acampamento do Dia do Trabalho na cabana da igreja. Então converse com seus pais e veja se você consegue sobreviver.

Papai apertou minha mão. Durante todo o verão ele me incentivou a frequentar um dos acampamentos do pai. Ele disse que seria bom se a filha do promotor público fosse. A ideia dele e do xerife Nillson ao criar as escapadelas com o padre Adolph foi criar um lugar seguro para os adolescentes passarem o verão, algo que os mantivesse longe das drogas e da carona e lhes ensinasse coisas inúteis de pioneiros, como acender fogueiras e dar nós. Acho que papai acreditou que eu poderia até falar sobre mamãe se fosse, conseguir algum apoio, mas não o fiz. *querer* para falar sobre ela. Eu só queria que ela melhorasse.

“Finalmente, vamos todos reservar um momento para fazer uma oração por um membro desaparecido da nossa comunidade.”

Meus olhos presos na nuca do xerife Nillson. Se o padre soubesse que Maureen estava desaparecida, isso significava que Nillson não seria capaz de encobrir o desaparecimento.

Mas o padre Adolph não estava falando de Maureen. "Ninguém vê Elizabeth McCain há seis dias. Por favor, mantenha Beth e sua família em suas orações."

Eu estava olhando diretamente para o pescoço do xerife Nillson, então notei quando sua pele pulou.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 21

Mamãe saiu do quarto para jantar conosco. Papai parecia tão feliz em vê-la. Ele beijou seus cabelos cacheados, puxou a cadeira para ela, conversou durante toda a refeição de queijo grelhado e sopa de tomate que eu fiz, falou tanto que quase não percebi como mamãe estava quieta. Ela mordiscou as bordas do sanduíche.

“Eu cozinhei demais?” Perguntei. Ela gostava de seus sanduíches grelhados macios, não crocantes.

Ela não pareceu me ouvir. Assim que papai se levantou, indicando que a refeição havia terminado, ela correu de volta para o quarto. O rosto do meu pai cedeu ao vê-la ir embora, e de repente tive muita vontade de abraçá-lo. Não houve tempo, no entanto. Ele estava a caminho da porta da frente, como se o desaparecimento de sua mãe o tivesse liberado para fazer o mesmo.

“Obrigado pelo jantar, querido. Não espere por mim. Eu balancei a cabeça.

Ele disse que encontrar Maureen não era seu departamento, que o xerife Nillson provavelmente estava certo ao dizer que ela havia fugido, assim como Elizabeth McCain, e eu não deveria me preocupar, mas ele também prometeu visitar seu escritório hoje à noite, depois do expediente. e “faça alguma pesquisa”. Foi como um bálsamo quando ele me disse isso. De jeito nenhum eu poderia contar a ele sobre Maureen estar naquele porão com Nillson, mas estava me incomodando que o homem encarregado de encontrá-la provavelmente não se importaria se ela desaparecesse para sempre. Com meu pai bisbilhotando, Nillson teria que voar direto.

"Junie, me ajude a limpar", eu disse quando a porta da frente se fechou atrás de papai.

"Mas eu quero assistir TV. *Os meninos resistentes* estão no."

"Então é melhor você se apressar para não perder muito."

Enquanto ela lavava a louça e eu secava e guardava, ela conversava sobre como estava animada para o jantar desta noite. *Meninos resistentes* episódio, e como ela estava triste porque a feira havia acabado, mas ela não podia esperar até o próximo ano, que ela achava que o brilho labial de uva tinha um gosto melhor do que morango porque morangos faziam seu nariz coçar, por favor, poderíamos comer espaguete e almôndegas para o jantar amanhã, eu pensei que papai me deixaria levá-la para ver *As colinas têm olhos*, e quem seria estúpido o suficiente para sair do carro se ele quebrasse como mostraram aquela família fazendo no trailer, era quase tão estúpido quanto pedir carona.

Minha respiração ficou presa na garganta. *Quase tão estúpido quanto pedir carona.* "Junie, preciso sair."

"Você não vai assistir ao show comigo?"

"Estarei de volta em uma hora", eu disse. "Agora suba. Eu tenho que fazer uma ligação particular rapidamente."

"Então faça isso no porão", disse ela, apontando para a escada da cozinha. "O cordão é longo o suficiente."

Eu rosnei para ela.

Ela sorriu e saiu da cozinha para o sofá da sala, bem ao alcance da voz. O pequeno fedorento. Meu plano era ligar para Brenda e perguntar diretamente se ela e Maureen tinham pegado carona em algum lugar que não fosse para as cidades. Não importava que a resposta certamente feriria meus sentimentos. Junie's *As colinas têm olhos* comentário tinha chegado até mim. E se um estranho tivesse apanhado Maureen e a estivesse mantendo prisioneira em algum lugar agora?

Coloquei o telefone no ouvido e estava prestes a discar quando ouvi alguém na linha. Por reflexo, fui desligar - cortesia da linha do grupo - antes de reconhecer a voz de Ant.

“... foto”, ele resmungou. “Você disse que se eu conseguisse, eu poderia dar uma volta.”

Meu sangue congelou.

Quando a pessoa do outro lado não respondeu, Ant continuou, com a voz estridente de emoção. “Não se preocupe com Nillson. Conheço bem um porão. Ela não vai...”

“Chamada privada!” Junie gritou, voltando para a cozinha.

Bati o aparelho no corpo montado na parede. “Junie!”

Ela riu.

Meu coração batia forte contra minha caixa torácica. De jeito nenhum Ant poderia saber que era eu do outro lado da linha, a menos que ele reconhecesse a voz de Junie. Imaginei os túneis sinuosos abaixo dos meus pés. Se eu corresse para a casa do Ant e encostasse o ouvido na porta dele, o que mais eu ouviria? Que outras coisas terríveis ele estava dizendo, que segredos terríveis sobre porões e Jerome Nillson e um *ela*?

Uma Maureen.

Agora que deixei minha mente vagar pelos túneis, ela queria continuar, voar para a seção mal-assombrada, para o porão onde eu tinha visto Maureen de joelhos. Brenda dissera que poderia ter sido o porão do xerife Nillson. Ela até disse que Nillson poderia ter sequestrado Maureen, mas depois desistiu. Claro que ela fez. Um xerife não *faria sequestrar uma garota*. Mas e se tivéssemos descartado a possibilidade cedo demais? E se Nillson a tivesse, e Ant e outra pessoa — Ricky? Ed? - sabia disso, estava se aproveitando de Maureen ferida e aterrorizada?

Meu estômago ficou oleoso com o pensamento.

As chaves de nossa casa estavam penduradas em um gancho ao lado do telefone. Aquela marcada com um pedaço de fita isolante era a chave da porta do porão.

A chave que também destrancou as portas do porão de Brenda e Claude.

Arrepios brilharam em minha carne.

Talvez destrancasse o Ant também. *E do xerife Nilsson.*



Não tive coragem de fazer isso sozinho.

Eu estava com muito medo de pegar o telefone novamente - Ant poderia estar à espreita do outro lado da linha, louco como um machado de carne, esperando que a pessoa que o ouviu voltasse na linha, então fui até a casa de Brenda em vez de ligar. Os pais dela me disseram que ela estava no trabalho e que iriam buscá-la depois. Fui para a casa de Maureen em seguida. Eu ainda queria verificar o diário dela no quarto, mas ninguém atendeu a porta. Depois de cinco minutos de espera na varanda da frente, atravessei a rua até a casa de Claude.

"Que bom ver você, Heather!" Sra. Ziegler disse, abrindo a porta para mim, liberando uma onda de cheiro de biscoitos recém-assados. Ela usava seu perene avental xadrez vermelho sobre um vestido caseiro e os cabelos bem cacheados. Ela tinha o sorriso mais acolhedor de toda a vizinhança. "Você não quer entrar."

"Obrigado", eu disse, repassando uma imagem mental de minha aparência. Era algo que eu fazia sempre que estava perto de adultos. Boné puxado para baixo, camiseta arco-íris, shorts, tênis branco. Eu não usava meus Quadrafones desde que Maureen desapareceu. Eu queria poder ouvir o que estava por vir.

"Claude está em casa?"

Ela apontou para as escadas. "No quarto dele. Vocês sobem e eu trarei um pouco de Kool-Aid para vocês dois.

"Obrigado, Sra. Ziegler, mas não sei se ficarei aqui por muito tempo." Planejei convencer Claude a entrar nos túneis comigo. Ou ele faria ou não.

"Leva apenas um minuto para um rato beber Kool-Aid", disse ela, sorrindo calorosamente. O Sr. e a Sra. Ziegler estavam em uma gravata quente

com os pais de Brenda, os pais mais legais de Pantown. Eles eram tão *normal*.

"Obrigado, Sra. Z."

Subi as escadas correndo. A casa Ziegler foi montada como a nossa, com o quarto principal no andar principal e dois quartos extras e um banheiro no segundo andar. Como Claude era filho único, ele praticamente era dono do segundo andar. A porta do quarto estava entreaberta e a porta do banheiro, fechada. *É melhor esperar no quarto dele.* Passei boa parte da minha infância lá, relaxando em sua colcha azul costurada à mão pela Sra. Ziegler, olhando para seus pôsteres de filmes.

- *Carrie, Rochoso, mandíbulas, Monty Python e o Santo Graal*- tantas vezes que pude vê-los de olhos fechados.

Eu estava com a porta entreaberta antes de perceber que tinha cometido um erro, que ele não estava no banheiro, mas na verdade estava sentado na cama, de costas para mim. Ele olhou, fez um som de gargarejo quando me viu e rapidamente enfiou o que estava segurando debaixo do travesseiro, mas não antes de eu ver o brilho de uma corrente de cobre.

BETE

Beth tinha um ritmo. Ela agarrou a forma na terra acumulada enquanto pôde aguentar.

Depois ela embalava os dedos destroçados, soprando-os para aliviar a dor, e descansava.

Quando ela acordasse, ela cavaria um pouco mais.

Ela havia dragado o suficiente para deduzir que o que estava desenterrando era metal, provavelmente com doze centímetros de comprimento e tão grosso quanto seu polegar. Provavelmente um antigo pico de ferrovia. Agora que suas unhas haviam sumido e as pontas dos dedos amassadas de tanto cavar, ela teve que modificar seu método. Se ela empurrasse com muita força, ela simplesmente compactava a terra com mais força. Se ela não cavasse com força suficiente, seus dedos deslizariam pela superfície. Ela encontrou um meio-termo feliz, onde ela firmemente - mas não *também* firmemente — balançou um pedaço de material duro sob a ponta do dedo indicador. Isso afrouxou-o um pouco, o suficiente para que ela pudesse acertá-lo pela lateral, usando a ponta do dedo, onde ficava o prego, como uma pequena pá.

O esforço exigiu paciência e uma vontade de aço. Ela tinha ambos.

Ela manteve a sujeira que removeu por perto. Se ele voltasse, ela o jogaria de volta no buraco e o socaria. Significaria reescavar mais tarde, mas era melhor do que ser descoberto. Além disso, seria mais fácil desenterrá-lo pela segunda vez. A parte difícil foi afrouxá-lo em primeiro lugar.

O que ela não daria por uma caneta, ou um cortador de unhas, ou mesmo uma presilha, todas as pequenas conveniências que ela considerava garantidas. Mas ela perseveraria com nada além dela

mãos e seu foco obstinado, e quando ela estivesse livre, ela contaria essa história para seus alunos. Nem tudo, nem as partes onde ele veio visitá-la. Ela deixaria isso de fora. Mas a lição de nunca desistir, mesmo quando seu sangue parecia lama e cada centímetro quadrado de você estava cansado e a rendição o chamava como um doce alívio?

Essa era a parte que ela compartilharia.

Ela se manteve na estaca como uma arqueóloga, removendo delicadamente a sujeira, um átomo de cada vez, seu foco tão absoluto que ela quase não ouviu as vozes acima. Desta vez soou apenas como homens. Em pânico, ela jogou toda a terra de volta no pequeno buraco, deu uma batidinha e correu pelo chão de terra até o canto mais distante, tudo isso sem acender o lampião de querosene. Ela conhecia o espaço de cor, havia mapeado cada centímetro.

Ela puxou os joelhos contra o peito, esperando.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 22

"Mesclado!" Ele pulou da cama e correu até mim, ficando muito perto, tão perto que parecia que eu podia ouvir nossos batimentos cardíacos acelerados ecoando um no outro. "O que você está fazendo aqui?"

"Eu estava na vizinhança", eu disse, encolhendo-me quando as palavras saíram da minha boca. Obviamente eu estava na vizinhança. EU *vividona* vizinhança. Lutei contra a vontade de fugir e, em vez disso, olhei para Claude, realmente *visto* para ele. Tive que esticar o pescoço. Ele tinha mais de um metro e oitenta de altura, seu cabelo castanho arenoso caído sobre a testa, aqueles olhos verdes firmes olhando para mim, me implorando para não perguntar o que ele estava fazendo quando entrei.

Fiquei mais do que feliz em atender.

De qualquer forma, era impossível para ele ser o homem que usava a pulseira de identificação cor de cobre naquele porão, o homem horrível que Maureen estava visitando, porque Claude-rima-com-oi estava parado ao meu lado quando tudo aconteceu. estava acontecendo. Não é como se fosse um clube nojento onde todos os membros ganhavam uma pulseira e um aperto de mão secreto.

"Quem quer Kool-Aid e biscoitos?" — chamou a Sra. Ziegler, subindo as escadas.

Claude e eu pulamos, mas ele se recuperou primeiro. "Obrigado, mãe."

"Sim, obrigado, Sra. Z."

"Céus, por que vocês dois estão parados na porta? É porque o quarto do Ziggy é um chiqueiro, não é? EU

disse para você limpá-lo.

Seus pais sempre o chamavam pelo apelido preferido atual. Ser lembrado disso aliviou a tensão em meus ombros. Era para Claude que eu estava olhando, não para algum perverso.

Ele pegou um biscoito de chocolate e um copo plástico suado de Kool-Aid de uva da bandeja da Sra. Ziegler. Peguei o outro copo e dois dos três biscoitos restantes. É uma regra de Minnesota que você nunca pegue o último pedaço de nada. Nós reduziríamos tudo a moléculas em vez de sermos o rudenik que acabou com tudo. A Sra. Z conhecia o placar tão bem quanto qualquer um, então trouxe aquele último biscoito para baixo com ela. Segui Claude até seu quarto. Ele se sentou na cama, com uma perna dobrada, e eu me sentei na cadeira perto da janela. Nossas posições habituais.

"Achei que o padre Adolph tivesse mencionado o desaparecimento de Maureen", disse ele, tomando um gole. Ele não tirou o sorriso Kool-Aid da boca, então apontei para o meu. Ele entendeu a dica.

"Eles acham que ela fugiu", eu disse, contando o que ele já sabia. "Eles provavelmente não querem anunciar isso para o resto das crianças."

Pensei em Beth McCain, a garçonete desaparecida de Northside. Eu poderia formar uma vaga imagem dela a partir de algum grupo da igreja: cabelos ruivos encaracolados, sardas cobrindo um nariz perfeito. Uma risada gostosa, meio achocolatada e acolhedora. Fiquei tão insensível quando Brenda me contou que havia desaparecido, tão satisfeito quando meu pai confirmou meu palpite de que não era nada demais. Parecia algo muito importante agora que estava acontecendo com alguém que eu conhecia. Então me lembrei de outra coisa. "Não acredito que o Padre Adolph nos chamou para o acampamento, bem na frente de todos."

Claude fez uma careta como se seu estômago estivesse doendo. "Eu não vou. Você também não deveria.

Sua contundência me surpreendeu. "Por que?" "A Formiga não te contou?" ele perguntou.

"Diga-me o quê?"

"Esse acampamento é uma má notícia. Ant disse que Padre Adolph implicava com ele o tempo todo. Achei que Maureen ou Brenda pelo menos teriam contado a você.

Abri a boca e fechei. Eles não tinham. Eles tinham? Eles estavam tão quietos quando voltaram, mas mamãe estava no hospital em uma de suas visitas. "Eles não me contam tanto quanto antes", eu disse.

Claude inclinou a cabeça. "O que você quer dizer?"

Tentei parecer relaxado, mas de repente fiquei muito consciente do meu corpo. "Eles não parecem querer sair tanto comigo, só isso. Eu realmente não me importo. E isso não importa. O que importa é que encontremos Maureen.

Claude não se distrairia. "Heather, vocês três são melhores amigas. Vocês estão em uma banda juntos.

"Isso é só porque eu os fiz!" Eu disse, meu pior medo falado. Minha voz caiu. "Não porque eles queriam."

Ele largou a bebida e franziu as sobrancelhas, os olhos claros e honestos. "Isso não é verdade. Vocês são amigos de verdade. Todos nós somos. Nada pode mudar isso."

Ele parecia tão sério que eu não queria discordar dele, mas sabia o que meu coração estava me dizendo. "Não gostamos mais das mesmas coisas."

"Dores de crescimento", disse ele. "Você contou a algum deles como se sentia?"

Uma explosão de raiva aqueceu minha garganta. Isso não foi minha culpa. "Fez *você* contar aos seus pais o que você ouviu sobre o padre Adolph e o Ant?"

Seu rosto ficou vermelho. "Sim. Disseram que não preciso ir para o acampamento, mas é isso."

Respirei fundo. Eu não queria machucá-lo. "Sinto muito, Cláudio. Você tem razão. Eu deveria apenas falar com Brenda e Maureen quando a encontrarmos. Estou sendo bobo."

Ele sorriu torto, parecendo tanto com Robby Benson que fiquei tentado a pedir-lhe um autógrafo. "Você sempre marchou ao ritmo do seu próprio baterista."

Eu gemi. "Não comece a contar as piadas do seu pai." O pai de Claude era um daqueles caras que pensavam que se você não ria era porque não tinha ouvido a piada com clareza suficiente.

O sorriso de Claude se alargou e, de repente, sua mão veio em direção à minha orelha ruim, como se fosse afastar meu cabelo dela ou algo assim. Foi tão íntimo que deixei escapar a primeira coisa que me veio à mente para impedi-lo.

"Claude, acho que Ant pode saber onde Maureen está." Ele se recostou. "Por que você pensa isso?"

Contei a ele sobre o trecho de conversa que ouvi na linha do partido.

Ele balançou sua cabeça. "Isso pode ser sobre qualquer coisa."

"Poderia ser. Ou poderia ser sobre Maureen. Foi por isso que passei por aqui. Vou para os túneis escutar na porta do Ant. Quero que você venha comigo. Fiz uma pausa, estudando-o. Eu não queria denunciar Maureen, mas queria que Claude soubesse no que ele estaria se inscrevendo. "Também vou até aquela porta que Junie abriu naquela noite, aquela com o número vinte e três em cima. Acho que pode ser a casa de Jerome Nillson. As coisas têm piorado desde que abrimos aquela porta."

Seus olhos se desviaram e depois voltaram, como se ele quisesse me perguntar algo, mas pensou melhor. "Se você puder esperar até amanhã, eu posso ir junto", ele finalmente disse. "É noite de jogo aqui."

Todos os domingos os Zieglers jogavam jogos de tabuleiro. Às vezes eu me juntava a eles. "Está tudo bem", eu disse, parecendo muito mais corajoso do que me sentia. "Eu vou ficar bem. São apenas os túneis. Se eu não voltar, você sabe onde procurar.



A entrada estava vazia quando voltei para casa, o que significava que meu pai ainda estava fora. Junie foi plantada na frente da TV.

Eu disse a ela que estava indo para o porão lavar roupa. Ela nem sequer olhou para cima, as luzes dançando em seu rosto, hipnotizando-a. Mamãe certamente estava na cama.

Corri escada acima para pegar roupas sujas do meu cesto e do de Junie, certificando-me de que estava com ela. ADDY'S FISHING BUDDY camiseta. Poderia muito bem matar dois coelhos com uma cajadada só. Meu rádio-relógio chamou minha atenção, lembrando-me que eu tinha esquecido de gravar músicas do álbum de Casey Kasem. *Top 40 americanos*. Eu realmente queria gravar "Who'd She Coo?" dos Ohio Players? antes de sair das paradas. Eu estava com meu gravador bem ao lado do rádio-relógio, pronto para tocar, mas perdi o show inteiro. Peguei um lápis e papel para escrever um lembrete para a próxima vez, quando percebesse o que estava fazendo.

Eu estava adiando a entrada nos túneis.

Apesar do que eu disse a Claude, fiquei apavorado com o que iria encontrar, especialmente porque havia decidido entre a casa dele e a minha que não iria apenas ouvir, que traria a chave-mestra de Pantown e invadir a casa de Ant e depois aquela que eu acreditava ser do xerife Nillson. Meu coração deu um salto para o lado só de pensar nisso. Mas se Maureen estivesse trancada num desses lugares, eu teria que libertá-la.

Fui atingido pela lembrança de Maureen, Claude e eu, nós três jogando no Maureen's. Foi depois que o pai dela saiu correndo, mas antes que a casa dela estivesse totalmente cheia. Naquela época, contas cor de âmbar separavam a cozinha da sala de jantar, e ainda era possível ver as decorações das paredes da sala de estar, incluindo o enorme garfo e colher e as lindas cortinas de macramê da Sra. Hansen. No dia em que me lembrei, Maureen nos fez brincar *Enfeitado*. Você poderia pensar que era a casa dela e a ideia dela que ela escolheria ser Samantha, mas não. Ela queria ser Endora porque era "a única divertida". Claude era Darrin, e Maureen me deixou ser Samantha, o que significava que eu tinha que mexer o nariz e lançar feitiços.

"Faça-nos desaparecer!" ela gritou.

Eu mexi o nariz e ela e Claude mergulharam debaixo de um cobertor, rindo tanto que Maureen bufou. Quando arranquei o cobertor, o cabelo de Claude foi eletrocutado. Maureen era loira e branca, com o cabelo preso nas lindas tranças francesas que a Sra. Hansen gostava de fazer.

“Faça-me flutuar!” Maureen gritou em seguida.

Balancei o nariz novamente, encantado com o jogo. Maureen estava deitada numa cadeira da sala de jantar, rígida como uma tábua. “Jogue o cobertor sobre minha cintura”, ela ordenou a Claude.

Ele fez.

Se você apertasse os olhos, ela parecia uma assistente de mágico pairando.

“Você é a melhor bruxa do mundo”, ela me disse, com os olhos fechados e o sorriso largo.

Quando Maureen dizia coisas, elas pareciam verdadeiras.

Soltei a chave mestra ao passar pela cozinha e coloquei-a em cima do cesto de roupas sujas. Eu estava tão imerso na minha cabeça que não vi a pessoa no sofá do porão até que meu pé bateu no carpete.

CAPÍTULO 23

“Ouvi barulhos”, disse mamãe suavemente, sentada na beira do sofá.

Larguei o cesto de roupa suja lentamente, a nuca fria, o sangue pulsando em minhas veias. Mamãe nunca veio aqui, desde o acidente. Minha mão voou para minha orelha torcida. Ela parecia tão frágil no sofá, sua pele branca como um passarinho com veias azuis aparecendo.

“Que tipo de ruídos?” Olhei de volta para as escadas. Eu precisava que Junie rastreasse papai *agora mesmo*, mas eu não podia arriscar deixar mamãe, não quando ela estava assim.

“Você não consegue ouvi-los?” ela perguntou, seu rosto relaxado de alívio. “Graças a Deus eu salvei você disso. Agradecer *Deus*.”

Eu balancei a cabeça. Eu não queria me aproximar dela, embora soubesse que era maior que ela agora, que ela não seria capaz de me dominar como fez da última vez. Pelo menos eu não pensei assim. Às vezes, quando ela se aproximava de mim, eu ficava muito flexível. A maneira como ela fez isso foi como um feitiço, sombrio e impossível, não a doce magia da risada que eu fiz com Maureen e Claude brincando. *Enfeitiçado*.

Ela apontou para a porta dos túneis. “Os barulhos vêm de lá. Coçando. Uma mulher chorando. Homens gritando. Vou pedir ao seu pai para trancar aquela porta. Está na hora. Já passou da hora. Por que, *qualquer um* poderia esgueirar-se e nos machucar enquanto dormíamos. Você consegue ouvir?”

Caminhei em direção a ela, sem grandes movimentos, tratando-a como uma criatura selvagem que poderia fugir. Um pensamento fugaz, que eu deveria deixá-la aqui embaixo, subir as escadas e ligar

Papai no trabalho, passou pela minha mente. Não. Eu não poderia arriscar. As cicatrizes pegajosas em seus pulsos, como se alguma criatura horrível tivesse se enterrado sob sua pele, eram um testemunho do que ela poderia fazer nesse estado de espírito.

O que ela tinha feito.

"Mãe?" Fiquei surpreso com o quão jovem e assustado eu parecia. "Devemos subir? Podemos fugir da porta. Longe desses sons.

A confusão nublou seus olhos. Estendi a mão para ela. Ela observou minha mão avançar e se encolheu diante dela. "Não posso ir embora", disse ela, chocada. "Não até que seu pai chegue em casa. Quem guardará a porta?

De repente, ela agarrou minha mão e me puxou para o sofá ao lado dela, me envolvendo em um abraço. Ela estava com frio e tremendo. "Eu morreria por você, Heather. É por isso que eu tive que fazer isso. Sinto muito, querido. Eu não poderia deixar você ouvir as vozes. Eu não queria que eles vivessem em seu cérebro como vivem no meu. Você entende, não é?

Balancei a cabeça em seus braços, meu coração era um pássaro batendo contra a gaiola do meu peito. Sua mão encontrou minha protuberância e segurou-a. A primeira vez que ela tocou desde o acidente.

A primeira vez que estivemos juntos no porão desde então.

Naquela noite, tínhamos acabado de voltar de um churrasco na casa dos Taft. Tinha sido um dia quente, então pegamos os túneis. Trouxemos o equipamento para grelhar e uma melancia. Algo aconteceu na festa que chateou mamãe, algo com a Sra. Hansen, e saímos mais cedo, mamãe pegando nosso isqueiro e fluido de isqueiro quando saímos. Lembrei-me disso, e de papai subindo as escadas para colocar a pequena Junie na cama assim que chegássemos em casa, e de mamãe ficando lá embaixo, em nosso porão.

Eu viria ver minha mãe, talvez pedir para ela ler uma história para mim ou escovar meu cabelo. Eu a encontrei neste lugar, em móveis diferentes, mas no mesmo estado mental. Ela foi tão rápida, eu tão pequeno.

Assim que cheguei perto o suficiente, ela pegou o fluido de isqueiro e depois em mim, esguichou meu cabelo – o cheiro, o cheiro escorregadio e enjoativo de querosene – e então acendeu, me segurando com força. Gritei e chutei, mas ela tinha a força de uma louca. Papai desceu as escadas em segundos, jogou um cobertor sobre minha cabeça, mas o estrago estava feito.

Minha orelha derreteu.

Mamãe sacrificou um pouco de cabelo, seu suéter favorito, o sofá.

Ela também tirou suas primeiras “férias”.

Eu sabia agora que ela visitou a ala psiquiátrica do hospital, mas parecia mais fácil continuar a chamar aquilo de férias. Essa suavização da realidade, principalmente quando era algo feio, não acontecia só na minha casa. Foi assim em toda Pantown, talvez em todo o Centro-Oeste. Se não gostávamos de alguma coisa, simplesmente não víamos. É por isso que nunca falei em voz alta as palavras que li no prontuário da mamãe (*doença maníaco-depressiva*), por que papai não ajudou a Sra. Hansen, por que os pais de Claude não denunciaram o padre Adolph. No nosso bairro, o problema não foi quem cometeu o erro; foi a pessoa que reconheceu a verdade.

Essas eram as regras.

Todos aqui os seguiram, inclusive eu. Foi assim que mantive eu e Junie seguros.

“Mãe”, tentei mais uma vez, torcendo o pescoço para poder ver o rosto dela, minha voz rouca. “Você vai subir?”

As nuvens em seus olhos se dissiparam por um momento, tempo suficiente para eu vislumbrá-la lá atrás, presa dentro de seu próprio corpo.

“Eu *seria* Eu gosto de brincar com Junie — ela disse timidamente, me soltando. “Eu *seria* gostaria de colocar maquiagem nela.

Meus músculos relaxaram tão dramaticamente que tive medo de cair do sofá. O comportamento calmante favorito da mamãe era tratar a linda Junie como uma boneca. Eu me agarrei a isso. “Isso soa bem. Aposto que ela gostaria disso.



Ela não fez isso. Junie queria assistir ao filme dela — eu podia ver isso em seu rosto —, mas assim que ela colocou os olhos em mamãe, que eu levei escada acima com cuidado, como se ela fosse feita de porcelana, Junie entendeu. Ela desligou a televisão sem reclamar e nos seguiu até o quarto de mamãe e papai. Mamãe a empoleirou na beira da cama e correu para pegar seus bobes no banheiro.

Eu estava cansado de repente. Se eu sentasse naquela cama, adormeceria e não poderia deixar isso acontecer, não até que meu pai voltasse. Então me encostei na parede, cravando as unhas na palma da mão quando fiquei sonolento, e observei, observei mamãe preparar o rosto de Junie, empurrando seu cabelo cor de cobre para trás das orelhas.

Atrás de suas orelhas de concha rosa perfeitas.

A busca nos túneis teria que esperar.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 24

Meu rosto queimou.

Não fazia sentido ficar tão envergonhado. Como funcionário da Zayre Shoppers City, visitei todos os cantos do complexo. Eu me sentia mais confortável na delicatessen, obviamente, mas comprava minhas roupas lá, fazia compras e até parava na seção de ferragens quando papai precisava de algo para a casa. Mas eu nunca tinha conversado com alguém no balcão de joias e, de alguma forma, ficar ali parada me fez sentir enorme e desajeitada, um gigante com punhos desajeitados olhando para as lindas bugigangas sob o vidro.

"Posso ajudar?"

Tentei sorrir, mas meu lábio ficou preso em um dente. Ambas as minhas mãos batiam nas minhas coxas, as batidas de abertura de "Toad" do Cream. "Tenho uma pergunta sobre uma pulseira de identificação."

A ideia me ocorreu quando não consegui dormir na noite passada, depois que meu pai chegou em casa, mesmo estando exausta. Eu o chamei de lado depois de ter certeza de que Junie estava em segurança na cama. Eu disse a ele que estávamos perto de mais férias para mamãe. Ele ficou furioso.

Eu me senti péssimo por fofocar. Não achei que mamãe pudesse evitar quando a situação piorasse. Meu coração doeu por papai também. Não poderia ser divertido voltar para casa com tanta agitação. Suas vozes começaram com raiva, mas com urgência, aquele zumbido de briga que zumbia nas tábuas do piso sob meus pés descalços. Então a coisa piorou, papai gritando sobre ela ter me assustado, mamãe gritando sobre como e/

deveria ser aquele de quem todos tínhamos medo. Finalmente coloquei minha orelha boa no colchão e cobri a orelha ruim com um travesseiro, fechando os olhos com força.

Foi então que esse novo plano apareceu.

Eu precisaria esperar para entrar nos túneis, mas poderia visitar o balcão de joias Zayre e perguntar sobre a pulseira de identificação de cobre. Era um tiro no escuro, mas talvez eles tivessem vendido um recentemente e pudessem me dizer quem o comprou. Era uma joia tão única que percebi que não tinha nada a perder.

Eu não contava com o quanto me sentiria como um grande e estúpido animal de fazenda elevando-se sobre a pequena mulher atrás do balcão, sua blusa branca engomada cobrindo seu corpo perfeitamente, seu pescoço amarrado em um ângulo sedutor, seu cabelo cor de pêssego. batom gelado brilhante e succulento.

"Não usamos mais pulseiras de identificação", disse ela, com um sorriso caloroso parecendo genuíno. Eu relaxei um pouco. "Eles eram populares há cerca de dez anos. Antes do meu tempo.

Espiei através do balcão de vidro. "Zayre alguma vez vendeu aqueles de cobre que você conhece?"

"Hummm", disse ela. "A maioria das nossas joias masculinas é de ouro ou prata. Mas temos alguns lindos pingentes de cobre." Ela bateu no vidro acima de um coração do tamanho de uma moeda de 25 centavos, sua cor tão pura que era quase rosa.

"Isso é lindo", eu disse.

"Não é?" Ela indicou minha camisa verde de trabalho. "Você é o segundo funcionário da delicatessen aqui esta semana."

Meu couro cabeludo formigou. "Quem foi o primeiro?"

Ela fez um movimento de zíper na frente da boca. "Descrição é fundamental no ramo de joias. Nunca sabemos quem está comprando presentes para quem, sabe?"

Fim da linha. "Obrigado de qualquer forma."

Eu estava me virando para sair quando um par de brincos dourados pendurados sob o vidro chamou minha atenção. Maureen estava usando roupas idênticas na noite em que tocamos na feira. A última vez que a vi. "Quanto são aqueles?"

Ela olhou para onde eu estava apontando. "Ah, \$ 49,99. São ouro de vinte e quatro quilates. Costumávamos exibi-los no balcão, mas alguém continuou usando o desconto de cinco dedos. Perdeu três pares em um único dia."

Era possível que Maureen tivesse roubado todos eles. O vendedor moveu-se para abrir a mala. "Você gostaria de vê-los? Este é o nosso último par.

"Não, obrigado", eu disse. "Talvez outra hora."



As segundas-feiras eram lentas, então éramos apenas Ricky e eu no balcão da delicatessen. Não conversamos muito, mas isso não era incomum. Eu *era* fiquei surpreso quando ele me ofereceu uma carona para casa na hora de fechar.

"Eu andei de bicicleta", eu disse.

"Posso colocar sua carona no meu porta-malas." Ele já havia se barbeado há alguns dias, seu cabelo oleoso mantendo o formato da rede que ele usava. Seus olhos continuavam passando por mim, como se esperasse que alguém aparecesse. Até olhei para lá uma vez, mas só vi pessoas correndo para fazer compras.

"Não, obrigado." Apaguei as luzes para sinalizar que a delicatessen estava fechada. Eu esperava também transmitir a Ricky a mensagem de que nossa conversa havia terminado. Fui até os fundos e dei um soco, mas ele me seguiu.

"Tem certeza que não posso te dar uma carona?"

"Sim."

Ele nunca se ofereceu para me levar para casa antes, e agora estava forçando. Eu não gostei de nada disso. Eu estava com a mão na porta quando ele agarrou a maçaneta e eu não pude sair. Eu girei. Ele me bloqueou.

"Estou preocupado com Maureen", ele sussurrou com urgência, olhando novamente para trás. Eu não podia acreditar que alguma vez pensei que ele era fofo. Seu corpo estava bem, magro e musculoso e alguns centímetros mais alto que meu um metro e oitenta, mas

de perto, pude ver seus poros entupidos, sentir o cheiro do cabelo sujo. "Você sabe onde ela está?"

Eu balancei minha cabeça.

"Você não ouviu *qualquer coisa*?"

"Ricky!" uma voz profunda gritou da frente. "Você está aí atrás?"

Ricky cerrou a mandíbula. "Sim, Ed, estou indo." Ele virou o rosto para mim, seu olhar intenso. "Ela nunca compareceu à festa naquela noite, na noite seguinte ao show", disse ele. Eu não sabia se ele estava tentando me convencer ou a si mesmo. "Se alguém lhe disser o contrário, está mentindo."

Eu balancei a cabeça.

"Se você ouvir alguma coisa sobre Maureen, venha até mim primeiro. Entender?"

Ele partiu em direção à frente, deixando-me com meus pensamentos confusos.



"Maureen adorava cavalos", disse a Sra. Hansen, colocando um copo de água limpa na minha frente, um copo coberto com palominos galopantes. Pelo menos eu esperava que fosse um copo limpo. De alguma forma, a casa dos Hansen acumulou ainda mais coisas desde a última vez que a visitei, e o cheiro de lixo se juntou ao cheiro de carcaça podre. Isso fez minhas mãos coçarem.

"Eu não sabia disso," eu disse, então desejei ter mordido a língua, pelo jeito que ela olhou para mim. Como se eu a tivesse pego mentindo.

Mas essa expressão rapidamente desapareceu de seu rosto. Ela parecia estar lutando para se agarrar a qualquer coisa. Fiquei grato por ela ter me deixado entrar, apesar do fato de que o único lugar que nos restava era no final da escada. Até a artéria que levava ao espaço da televisão estava fechada, cheia de sacos brancos cheios de moscas-das-frutas.

"Eles não parecem se importar", disse ela, balançando a cabeça. "A polícia. Todo esse maldito bairro. . . ninguém aqui se preocupa com as meninas, nem com aquelas que falam abertamente. Aposto que Beth McCain era outra pessoa que eles não conseguiam calar, como Maureen. Garotas fortes, ambas. Eu ouço os sussurros. Você acredita que as pessoas estão dizendo que ela fugiu de mim?"

Levei a água à boca e fingi beber. Eu precisava acessar o quarto de Maureen. Se a Sra. Hansen se assustasse, eu perderia minha chance. Ela não fazia nenhum sentido em trazer Beth McCain para isso, mas, felizmente, eu tinha muita prática em lidar com o que meu pai chamava de "mulheres excitáveis". Era tudo uma questão de movimentos constantes e não discutir, não importa o que dissessem.

"Ouvi o xerife Nillson dizer isso sobre Maureen", concordei.

"No dia em que ele passou por aqui?" A Sra. Hansen esfregou os braços. "Isso mesmo, você e Brenda estiveram aqui."

Na verdade, éramos as pessoas que lhe disseram que Maureen estava desaparecida, que insistiram para que ela chamasse a polícia. "Sim", eu disse.

"Ele estava errado naquele dia", disse ela. "Eu não contei isso a ele. Não conte nada a Jerome Nillson. Mas eu sabia quando ele disse isso que Maureen não tinha fugido. Agora que ela está desaparecida há três dias, ele deveria ver isso também. Mas você acha que ele sabe?*Não.*"

Tentei me lembrar da conversa daquele dia. A Sra. Hansen inicialmente não parecia preocupada com a ausência de Maureen, mas seu comportamento mudou quando Nillson apareceu. "Ele voltou desde então?"

Ela suspirou. "Ele veio ontem à noite. Cometi o erro de dizer a ele que alguns dos meus comprimidos desapareceram ao mesmo tempo que Maureen. Meu remédio para o coração. Agora ele tem certeza de que ela pegou alguns para vender ou para ficar chapada e não voltará para casa até que esteja bem e pronta.

"Ficar chapado com remédios para o coração?"

A Sra. Hansen franziu os lábios. "Os tablets parecem coisas boas. Maureen provavelmente os confundiu.

O armário de remédios da Sra. Hansen era algo e tanto de se ver. Maureen disse que sua mãe aguentava um pouco de tudo, mas não sofria de nada além da solidão. Eu sabia que Maureen já havia roubado algumas das “coisas boas” antes porque ela me mostrou. Parecia uma aspirina, a menos que você olhasse atentamente para os números gravados nela. Era possível que Maureen tivesse confundido aqueles comprimidos com o remédio para o coração se ambos fossem brancos e estivessem lado a lado em sua mão, mas ela teria lido o rótulo do frasco antes de chegar tão longe. De qualquer forma, roubar comprimidos não significava que ela tivesse fugido.

"Você acha que ela os levou?" Perguntei.

Aquele suspiro novamente. "Talvez. Jerome pode ser muito persuasivo. Ele quase me convenceu a acreditar que aquele telefonema não era importante."

Meus olhos voaram para os dela. "Qual telefonema?"

"Na noite em que Maureen desapareceu, o telefone tocou por volta da meia-noite. Nosso anel, tenho certeza, mas parou quase imediatamente. Não pensei muito nisso na época. Voltei a dormir. Não foi um de vocês, foi?"

Eu balancei minha cabeça. "Não, eu não penso assim. Claude ou Brenda não teriam ligado tão tarde, e eu certamente não liguei."

Seu rosto caiu. "Jerome disse que devo ter imaginado o telefonema. Maldito seja."

Pensei em todos os motivos pelos quais o xerife iria querer descartar a possibilidade de um telefonema. "Você conhece muito bem o xerife Nillson?"

Seus olhos vieram para mim como falcões. "Não tão bem quanto seu pai."

Balancei-me sobre os calcanhares. "Eles trabalham juntos." Ela balançou a cabeça. "Antes disso. Todos vocês, crianças, pensam que seus pais não existiam até vocês nascerem, mas Jerome, sua mãe e seu pai, eu, todos nós estudamos juntos no ensino médio. Sua expressão ficou distante. "Eu sabia que Jerome seria policial ou diretor um dia. Mesmo naquela época, ele dizia às pessoas o que fazer."

Ela moveu o corpo como se estivesse tossindo, mas não fez nenhum barulho. “Jerome e Gary não se davam muito bem no ensino médio. Seu pai era um esnobe, odeio dizer isso. Pelo jeito que ela olhou para mim, com a boca apertada, eu poderia dizer que ela não se importava em dizer isso. “E Jerome era da classe trabalhadora possível. Mas seu pai adotou a maneira de Jerome ver o mundo, não foi? Agradável e perto do chão, onde estão as cobras.” Sua mandíbula funcionou, mas nenhuma palavra saiu por alguns instantes.

“Claro, você poderia dizer a mesma coisa sobre quase todo mundo em Pantown.” Ela riu, um som oco, um vento de inverno passando por galhos com garras. “É assim que sei que alguém sabe o que aconteceu com Maureen. Nada acontece em Pantown que *alguém* não sabe. As línguas tremeram quando meu marido me deixou, é melhor você acreditar, mas suponho que mereci isso. Maureen certamente nunca me perdoou.”

Eu fiz uma careta. Maureen nunca falou sobre por que seu pai tinha
esquerda.

A Sra. Hansen caiu, como se o ar tivesse subitamente saído dela. Ela apontou na direção das escadas. “Você disse que estava aqui para pegar sua camisa no quarto de Maureen. Você pode muito bem subir.

Ela pegou de mim o copo, ainda cheio de água. Fiquei grato por ela não ter me seguido até o quarto de Maureen, embora meu coração doesse ao pensar onde ela estava.*seria*ir. Restava tão pouco espaço. Ela estava se enterrando viva. O quarto de Maureen, por mais bagunçado que estivesse, parecia o único lugar onde eu conseguia respirar em toda a casa.

Comecei pelas gavetas de Maureen. Não localizei um diário, mas encontrei a camisa que emprestei para ela há tanto tempo que não cabia mais em nenhum de nós. Coloquei-o no bolso de trás para poder mostrá-lo à Sra. Hansen caso a encontrasse na saída. Então passei a mão por trás do espelho de maquiagem, vasculhei os cantos do armário, vasculhei o esconderijo pegajoso de brilho labial na mesa de cabeceira. Nada. Eu cá na cama dela

e olhou para fora. A casa de Claude ficava bem em frente, e a janela de seu quarto combinava quase perfeitamente com a de Maureen. Ele teve que dizer a ela para tirar os óculos escuros em mais de uma ocasião.

O único lugar que restava para procurar era embaixo do colchão, exatamente onde eu guardava meu diário. Enfiei minha mão entre o estrado e o colchão. Parecia muito clichê, muito normal para uma adolescente, para alguém como Maureen não apenas manter um diário, mas também colocá-lo na cama, mas lá estava ele, um ângulo difícil que mordeu meus dedos. Eu puxei para fora. Era um caderno universitário, com capa espiral, e um cachorro babão e de aparência raivosa desenhado na capa acima das palavras "Abra por sua própria conta e risco".

Passei as mãos pela imagem. Eu não sabia que Maureen sabia desenhar.

O que mais eu não sabia sobre Maureen?

Abri na primeira página. Continha duas frases sombrias, rabiscadas com tanta força que arranhavam a página seguinte.

He disappeared, & I've been murdered. Don't let him get away with it.

BETE

As vozes dos homens no alto ficaram mais altas, como se estivessem se aproximando.

Beth não tinha pensado muito nele quando ele visitou o restaurante. Ele era apenas um homem que ela reconheceu no contexto de sua vida. Claro, às vezes ele esperava por uma mesa na seção dela em vez de escolher uma mesa aberta. Sua pele estava arrepiada, pelo jeito que ele sempre ficava de olho nela mesmo quando estava conversando com outras pessoas, quando pensava que ela não iria notar.

Ela percebeu.

O problema era que ele era um dos poucos homens que a tratavam dessa maneira.

Cada garçoneiro tinha um grupo de rapazes que confundiam cortesia profissional com relacionamento pessoal. Ela nunca gostou disso, mas achou que entendia. Pelo que ela sabia, os homens não tinham amizades íntimas, não como as mulheres, mas ainda tinham aquela necessidade humana de conexão. Cada filme, programa de TV e artigo de revista lhes dizia que era seu trabalho sair e pegar o que queriam, ao mesmo tempo que lhes dizia que as mulheres estavam à sua disposição. Fazia sentido que algumas das facas mais cegas na gaveta tivessem seus fios cruzados, confusos à espreita para o namoro, e quem poderia culpá-los?

Isso é o que ela costumava pensar.

Agora ela sabia melhor.

Eles não eram *equivocados*, esses homens que não entendiam nenhuma dica, que ficavam com uma mulher que estava claramente desinteressada.

Eles estavam quebrados. Poucos deles chegariam ao ponto de seqüestrar, claro, mas cada um deles estava atrás de alguém que pudessem fazer sentir. *menor que*, alguém que eles imaginavam estar abaixo deles, e eles acreditavam que toda mulher estava abaixo deles.

Ele a forçou a entrar em seu jogo antes que ela conhecesse as regras, mas suas vendas estavam tiradas agora.

Ela estava perto de liberar o espigão, talvez mais algumas horas de escavação, mas se ele entrasse no quarto antes que ela o tirasse, ela não iria se deitar para ele novamente. Não importava se ela não estava com a ponta da ferrovia solta. Ela comeria o rosto dele. Torça suas bolas. Afaste-se o suficiente para que ela possa enfiar o punho na garganta dele, assim como ele fez com ela, e rir como uma alma penada o tempo todo.

Ela percebeu que estava engolindo ar.

Ele passou pelo Northside Diner um dia antes de sequestrá-la. Era o início da correria do jantar, então ele teve que esperar quinze minutos pela seção dela. Ela o avistou enquanto se movimentava, olhando para ela, mas tentando parecer que ele não estava. Era tão óbvio. Ele não sabia o quão óbvio ele era? Então ele estava sentado. Ele não se dava ao trabalho de abrir o cardápio porque sempre pedia o especial Pantown — filé de Salisbury com purê de batatas e molho, acompanhamento de creme de milho —, mas desta vez, pela primeira vez, ele perguntou a ela sobre seu dia.

“Está bom”, ela disse, afastando o cabelo do rosto e recostando-se para olhar para a cozinha. O peixe frito da mesa sete estava pronto. “O de sempre?”

“Você não vai me perguntar sobre meu dia?” ele perguntou. Sua voz era afiada.

Ela deu seu melhor sorriso. “Como foi o seu dia?” “Pobre, até agora.”

Ela assentiu. Ele pediu. Ver? Foi assim *normal*. Ele até perguntou a ela sobre a faculdade mais tarde, depois que a correria diminuiu. Sentindo-se generosa, o bolso do avental cheio de gorjetas,

ela lhe dissera que iria para Berkeley em apenas três semanas. Ele parecia encantado com isso.

Legal, até.

Ele estava escondido. Eles estavam todos escondidos à vista de todos, os monstros? Ela pensou em seu pai e isso quase dividiu seu coração em dois. Ele era um homem gentil, um contador que adorava jardinagem. Ele se casou com a mãe dela durante o segundo ano de faculdade, vinte e quatro anos antes. Seus rostos ainda ficavam embaçados de amor quando se entreolhavam e, até hoje, eles se apoiavam mesmo quando estavam irritados. Eles ficavam de mãos dadas quando assistiam à televisão, pelo amor de Deus. Foi o amor deles que a fez perceber que Mark não seria seu cara para sempre, mesmo sendo um homem gentil, verdadeiramente gentil.

As vozes pararam do lado de fora da porta da masmorra. Ela prendeu a respiração.

O pai dela e Mark cresceram com as mesmas mensagens que esse cara e quem quer que ele tivesse com ele, e eles conseguiram se tornar seres humanos decentes, para não tratar as mulheres como se fossem subumanas, para não ficar à espreita ou espiar ou ficar muito bem-vindo ou forçar alguém.

Você sabe porque? *Porque o pai dela e Mark não eram bastardos quebrados.*

O sangue bombeava como poder em seus braços, descendo até os punhos, enchendo suas pernas, que estavam fortes por correr e trabalhar como garçoneiro, embora ela tivesse vivido no escuro com uma dieta pobre por uma semana. Ela mataria o que quer que passasse por aquela porta ou morreria tentando. De qualquer forma, ela estava farta dessa miséria.

A maçaneta chacoalhou. Foi ele? Ela não ouviu o tilintar familiar das chaves. O idiota mantinha um grande anel no cinto como se fosse uma espécie de zelador. Como se de alguma forma essas chaves significassem outra coisa senão o fato de ele possuir muitas chaves.

Deve ser ele.

Não importava. Ela era um animal pronto para atacar, agachada, com todos os pelos em alerta.

As vozes recomeçaram. Criado no que parecia ser uma discussão.

Então eles recuaram até que sua caverna úmida ficou novamente silenciosa. Ela ofegou no silêncio. Então ela atacou o local onde a estaca estava meio enterrada e moveu a terra com a energia das Fúrias.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 25

“Quem quer donuts?”

Minha coluna enrijeceu como acontecia sempre que mamãe estava tendo um de seus dias bons. Eles eram mais assustadores que os difíceis. Quando ela estava fora, eu sabia que nunca deveria baixar a guarda. Mas às vezes, quando ela estava de bom humor, isso me relaxava, me atraía, me lembrava de como ela costumava ser.

Doeu tanto quando ela trocou, então.

"Eu faço!" Junie disse, aparecendo atrás de mim, com um grande sorriso. Eu lancei um olhar para ela. Nenhum de nós havia mencionado o quão perto mamãe estava de outras férias ontem, mas isso deixou seu bom humor ainda mais alarmante.

“Eu sei”, disse Junie para mim, empurrando-me para entrar na copa. “É um dia de comer seus vegetais.”

Respirei um pouco mais fácil. “Dia de comer seus vegetais” era o código para “prepare-se para uma viagem acidentada”. Eu expliquei isso para Junie dessa maneira, quando ela já tinha idade suficiente: alguns dias eram péssimos do nascer ao pôr do sol, e isso na verdade era positivo porque significava que você estava gastando sua cota de juju estragado em um único dia. O dia seguinte foi um *garantido* bom dia. A mesma teoria de comer vegetais primeiro, para que só restem coisas saborosas no prato.

Mamãe sorriu para mim. “E você, Heather? Quer donuts?”

Ela tinha o cabelo penteado do meu jeito favorito, encaracolado com um lenço branco amarrado como uma faixa, as pontas soltas penduradas sobre o ombro. Seu olhar era líquido e claro, delineador e sombra azul pavão deixando seus olhos

parecem impossivelmente grandes. Seu ruge combinava com seu batom. Ela parecia uma estrela de televisão, ali na nossa cozinha, preparando a máquina de fazer donuts sem gordura Pandolfo. Presumi que todos em Pantown possuísem um. Eles foram a última invenção do fabricante de automóveis Sam Pandolfo, um molde de ferro fundido que cozinhava seis donuts por vez. A receita original pedia trigo integral e passas, mas mamãe fez a dela saborosa, pulando as frutas secas e polvilhando os donuts com açúcar canela.

"Isso seria ótimo", eu disse, sentando em frente a Junie.

"Obrigado."

Mamãe cantarolava enquanto trabalhava "My Sweet Lord", de George Harrison, pensei, cada movimento que ela fazia com os quadris e o sorriso particular com os lábios me deixavam nervoso. Junie agiu indiferente.

"Gostaria que Maureen não tivesse fugido", disse ela, pegando a caixa de suco de laranja.

Mamãe parou. Girado. Seu rosto havia se transformado em madeira. "O que?"

Junie assentiu. "Maureen fugiu há alguns dias. É por isso que não pudemos tocar nas duas noites da feira."

"Quem te disse que ela fugiu?" Perguntei.

Eu trouxe o diário de Maureen para casa, onde folhee o resto. Continha apenas mais quatro entradas, todas datadas deste verão, cada uma listando o que

ela usava (*Shorts de pink velvet shorts, softball T-shirt with pink sleeves, lucky #77*), o que ela fez e o número de homens que ela fez

para (*two tonight, his only, he promised*) e quanto ela recebeu (*US\$ 75 - \$75 - faster than waitressing. men are doing burros*). Ler isso fez

Tenho certeza de que o xerife Nillson sabia o que havia acontecido com ela.

"Charlie", disse ela, referindo-se a um garoto da sua série que morava a dois quarteirões de distância. "Ele disse que Maureen estava correndo com um público ruim."

"Calma", disse mamãe, com a voz afiada. "Não fale assim sobre os amigos de Heather."

Olhei para mamãe com surpresa. Ela raramente me defendia. "Está tudo bem, mãe. Junie está apenas repetindo o que ouviu."

"Bem, ela estava?" — perguntou Junie. "Correndo com uma multidão ruim?"

Eu considerei a questão. Ed disparou meu radar, mas ele ainda não tinha feito nada de errado que eu soubesse. Ricky estava tentando o seu melhor para ser um cara durão e Ant estava logo atrás, mas ambos eram familiares e crianças. Mas aqueles três homens no porão com Maureen? Eles estavam podres até a medula.

"Ela poderia ter sido", eu disse, "mas ela não fugiu."

"Como você sabe?" Mamãe perguntou.

Seu súbito interesse pelo mundo era enervante. "Ela não tinha motivo para isso. Nada de novo estava acontecendo em sua casa. Do que ela estaria fugindo? Além disso, ela teria me contado."

Eu acreditava menos nisso cada vez que dizia isso.

"Como estão minhas lindas damas esta manhã?" Papai perguntou, aparecendo na cozinha, apertando a gravata azul royal no pescoço. Ele deu um beijo na bochecha de mamãe, com a mão na cintura dela, e pela primeira vez ela não se afastou.

Isso foi demais para Junie ignorar. "O que há de errado com vocês dois?"

Eles se entreolharam e riram, um ronronar que eu não ouvia deles há algum tempo. Tudo naquela manhã estava errado. Isso me deixou mal-humorado.

"Pai, você ouviu mais alguma coisa sobre Maureen ou aquela outra garota que está desaparecida?" Perguntei. "Elizabete?"

Seu sorriso permaneceu imóvel. "Nada, infelizmente. Mas Jerome e sua equipe estão fazendo o melhor que podem. Trabalhando 24 horas por dia."

Aposto. "Então eles acham que Maureen não fugiu mais?"

Ele franziu a cara. "Eu não disse isso, querido. Mas sei que eles estão empenhados em localizá-la, seja qual for o motivo de sua saída.

"São eles?" Perguntei.

"Mesclado!" minha mãe advertiu. "Não responda ao seu pai."

Por um momento, quase saí furioso, como as crianças fazem nos programas de TV quando os pais as repreendem. Mas isso não foi um show. Eu tinha que manter a calma para poder proteger Junie se precisasse, protegê-la de mamãe quando esse humor piorasse, o que eles sempre faziam.

"Desculpe," eu murmurei.

Papai se aproximou e apertou meu ombro. "Eu prometo que ela vai aparecer", disse ele. "É difícil quando essas coisas demoram mais do que deveriam, mas eu juro que o Gabinete do Xerife do Condado de Stearns está levando isso a sério. Na verdade, terei uma atualização esta noite. Fui convidado para jantar na casa de Jerome."

Meu coração deu um pulo. Se eu conseguisse convencê-lo a me trazer, poderia finalmente dar uma olhada no porão.

Papai olhou para o relógio como se aquilo fosse o fim de tudo, mas mamãe surpreendeu a todos nós.

"Eu quero ir", disse ela. "Eu também", apoiei. Junie ficou quieta.

O nariz do papai enrugou quando ele olhou do meu rosto para o da mamãe. "Tem certeza que? Vai ser chato. Conversa de loja.

"Tenho certeza", disse mamãe, inclinando-se contra o peito dele e rodeando sua cintura com os braços. Eu conhecia aquele lugar, sabia o quão seguro era, como ele sempre tinha um cheiro reconfortante, como torrada com manteiga. Mamãe não reivindicava aquele lugar há algum tempo.

Meu ciúme me pegou desprevenido.

"Está resolvido, então", disse papai, sorrindo. "A família Cash vai a um jantar esta noite!"

CAPÍTULO 26

Papai insistiu em ir de carro até a casa do xerife Nillson, embora tenha dito que poderíamos caminhar até lá em quinze minutos. Ele não queria que o calor da tarde “murchasse minha linda flor”. Ele e mamãe ainda estavam se arriscando. Ela manteve o bom humor o dia todo, andando pela casa, tirando o pó, regando as plantas, aspirando e depois varrendo o carpete felpudo. Para o almoço, ela preparou para mim e Junie sanduíches de banana e manteiga de amendoim em pão branco macio servido junto com um copo de leite gelado. Ela até fez um bolo Bundt que deixou a casa muito quente. Descansei minha mão sobre ele enquanto esfriava, sentindo sua carícia quente contra minha palma.

Mesmo assim, não baixei a guarda nem por um segundo.

Isso fez meu peito relaxar e ficar feliz em ver Junie absorver isso, no entanto. Ela brilhava à luz do sol da mamãe, abrindo-se como uma flor. Mamãe começou a se preparar para o jantar à tarde, convidando Junie para ir ao seu quarto para que elas pudessem fazer o cabelo e a maquiagem juntas. Quando tentei me juntar a eles, mamãe me disse que era um momento especial, apenas para Junie.

Peguei meus telefones e ouvi *Fé cega*. Eu estava trabalhando no catálogo de Ginger Baker e estava pronto para a música “Do What You Like”. Eu já tinha o ritmo principal elaborado e uma ideia de como conseguir algo parecido com aquele som com apenas um bumbo no duplo, quando mamãe e Junie saíram do quarto.

Eles me tiraram o fôlego.

Mamãe estava com tudo, cachos suaves no cabelo, maquiagem tão perfeita quanto a de uma rainha, seu vestido verde justo abraçando-a.

figura de ampolheta. E Junie era igual a ela, mas em miniatura, até os cabelos cacheados e o vestido verde.

"Vocês duas são lindas."

Papai concordou quando chegou em casa. Ele vestiu um terno mais bonito e nos conduziu para dentro do carro, dirigindo lentamente em direção ao lado assombrado de Pantown. Passamos pela casa de Maureen. Parecia morto, sem luzes acesas por dentro. Amanhã eu iria verificar a Sra. Hansen, ter certeza de que ela estava bem.

Esta noite, meu único foco era entrar furtivamente no porão do xerife Nillson.

Eu precisava saber com certeza se era aquele em que vimos Maureen naquela noite.



"Parece que somos os primeiros aqui."

Papai estacionou o Pontiac em frente ao número 2311 da Twenty-Third Street North. Era uma casa azul com venezianas marrom-lama, bem no centro da fileira de cinco casas que eu havia classificado como marco zero. Mamãe embalou o bolo Bundt no colo como se fosse feito de vidro. Ela segurava *ela mesma* como se ela fosse feita de vidro, na verdade, agora que eu estava olhando para suas costas, estudando o corte de seus ombros.

"Você não disse que era um *festã*", disse ela, olhando ao redor nervosamente.

"Claro que sim", disse papai jovialmente, sem perceber a acusação por trás de suas palavras, o aviso. "Eu disse que Jerome estava dando um jantar."

"Mas pensei que era só para nós. Que fomos os únicos convidados."

"*EU* foi o único convidado, se quisermos ser mais técnicos", disse papai, rindo, ainda sem entender. Como ele poderia ser tão cego?

"Mas ele ficará feliz em..."

"Acho que deveríamos ir para casa", eu disse do banco de trás, com frio e suando ao mesmo tempo. "Agora."

Papai se virou para mim, com a testa enrugada. Tudo melhorou quando ele viu minha expressão chocada, finalmente percebendo. "Claro. Sim, eu deveria ter mencionado que era uma festa maior. Você pode me perdoar, Constança?"

O carro prendeu a respiração. Uma criança passou de bicicleta. Junie ergueu a mão para acenar, conteve-se e deixou-a cair no colo. Mordi meu lábio inferior, esperando.

"Bobagem", disse mamãe, finalmente. "Estamos aqui agora."

Todos nós exalamos.

Mamãe esperou que papai fosse até o lado dela no carro e lhe oferecesse o braço. Junie e eu os seguimos pela caminhada. A cada passo, fiquei mais certo de que isso era o casa, aquela que engoliu Maureen e a fez fazer coisas terríveis. A localização era certa, a sensação, o jeito que não havia nada de feminino nisso, nenhuma flor na frente, nem mesmo arbustos, apenas grama, calçada e casa. Nada suave nas linhas da casa, nenhum toque acolhedor como na maioria dos bangalôs Pantown. Apenas uma praça grande e sombria.

O que significaria se Jerome Nillson tivesse forçado uma adolescente a entrar em seu porão e a feito dar BJs para ele e seus amigos? O que significava que a menina estava desaparecida?

Isso significava que ele era um perverso, alguém com poder, e que Maureen nunca seria encontrada.

Eu me sentia tão vazio quanto chocolate de Páscoa quando chegamos à porta da frente. O xerife Nillson provavelmente tinha alguma coisa contra Maureen, pegando-a pedindo carona ou com os comprimidos de sua mãe. Disse que se ela ajudasse numa festa, ele apagaria a mancha. E então ele se ofereceu para pagá-la, exatamente como dizia seu diário. Talvez ele até tenha comprado joias para ela. Isso explicaria o anel de ouro de Black Hills e aqueles brincos novos, aquelas lindas bolas de ouro, caras o suficiente para que nenhuma estudante do ensino médio as comprasse para si mesma.

A porta se abriu. O xerife Nillson estava ali, com os finos lábios vermelhos curvados para cima sob o bigode espesso. "Gary prometeu que traria toda a família, e aqui estão todos vocês!"

“Sou um homem de palavra”, disse papai, apertando a mão do xerife Nillson, embora eles certamente tivessem se cruzado no prédio administrativo do condado de Stearns, onde ficavam os escritórios de ambos, hoje cedo.

Mamãe entregou-lhe o bolo Bundt, parecendo menor do que no carro. “Espero que você possa usar isso.”

“Muito obrigado, Constance”, disse ele, pegando o bolo com uma das mãos e abraçando-a com a outra. Ele semicerrou os olhos por cima do ombro dela enquanto a abraçava. “Junie Cash, você cresceu cinco anos desde que te vi na igreja no domingo!”

Junie corou.

Eu me senti mal por ele porque agora ele precisava pensar em algo bom para me dizer.

— Você também está linda, Heather — disse ele, com os olhos ainda em Junie.

“Obrigado.”

“Entrem, pessoal”, disse ele, recuando para nos deixar entrar. “Deixe-me servir uma bebida para todos vocês. Os outros ainda não chegaram. Deve aparecer a qualquer minuto.

“O que você está comendo?” Papai perguntou.

“Só um refrigerante por enquanto”, disse o xerife Nillson. “Talvez tenhamos que conversar sobre alguns negócios esta noite.”

“Eu quero o mesmo”, disse papai.

“Quem mais está vindo?” Mamãe perguntou, parada logo depois da porta. Eu queria passar por ela, para descobrir como dar uma espiada no porão – ainda havia uma chance de eu estar errado sobre qual casa era – mas não conseguia ser óbvio.

“Eu posso te dizer quem *é* não vindo”, disse o xerife Nillson ao papai. “Aquele cara das Cidades.”

“Gulliver não é tão ruim assim”, disse papai, sorrindo como se eles estivessem contando uma piada.

“Se você diz”, disse o xerife Nillson, piscando antes de atravessar a sala em direção a um balde de gelo e uma fileira de garrafas cheias de bebida de cor âmbar. Ele jogou alguns

nomes por cima do ombro, desta vez dirigindo-se à mãe. "Estou esperando o delegado Klug e sua esposa, e o padre Adolph."

"Ah", disse mamãe. "Oh."

Estava tudo acontecendo tão rápido, aquela conversa e movimento normais na superfície, e abaixo, o terror de mamãe crescendo. Olhei em volta para ver se mais alguém tinha ouvido, o estalo delicado indicando que ela havia deixado seu estado de espírito. Ela estava flutuando, livre, logo após a porta da frente. Ela afundaria suas garras na primeira pessoa que pudesse atracá-la. Eu já tinha testemunhado isso uma dúzia de vezes antes. Não foi cruel; foi a sobrevivência. Sua cabeça estava pendurada, procurando por mim, ou talvez por Junie. Papai estava sorrindo, conversando com o xerife Nillson, indiferente. Atrás dele havia uma porta aberta com degraus acarpetados que desciam.

O porão.

Tão perto que tive vontade de chorar.

Será que eu poderia correr, descer correndo, verificar se era o quarto onde vi Maureen de joelhos e voltar correndo antes que mamãe desmoronasse? Eu precisaria de um motivo para meu comportamento esquisito e, em seguida, de uma desculpa para tirar mamãe de lá. Era muito, uma montanha esmagadora para escalar, mas eu conseguia. Se isso pudesse salvar Maureen, eu poderia fazê-lo.

Quase pulei quando senti o toque de penas.

A mão de Junie estava procurando a minha, seus olhos azuis fixos em mamãe. Ela também ouviu o pop. Meu coração despencou. Eu não poderia deixá-la. Eu estava tão perto daquele porão, mas não podia abandonar minha irmã.

Nós dois estremecemos quando ouvimos a sirene. Seu som agudo foi logo seguido por luzes giratórias cortando o crepúsculo lilás que descia e ricocheteando nas árvores. Um carro da polícia parou em frente à casa do xerife Nillson. Nillson estendeu a mão para a cintura como se procurasse a pistola, mas não estava de uniforme. Ele correu para fora, com papai em seus calcanhares.

A porta do lado do motorista se abriu e um policial uniformizado disparou. "Encontramos a garota, Jerome. Ela está nas pedreiras."

O ar ficou denso.

Vivo? Eu queria gritar. *Você a encontrou viva?* "No carro", papai nos ordenou. "Agora."

"Dê-me dois minutos", disse o xerife Nillson, correndo de volta para casa.

"Vou levar minha família para casa e depois encontro você lá", disse papai ao policial, com o rosto sombrio. "Qual pedreira?"

"Homem Morto."

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 27

Papai nos levou para casa e partiu em direção às pedreiras quase antes de sairmos do carro.

Mamãe o observou ir embora, protegendo os olhos com a mão do sol caindo em seu travesseiro violeta. Eu estava com uma dor latejante, incapaz de me imaginar entrando ou ficando ao ar livre.

“Eu me pergunto que garota é”, Junie perguntou, nós três parados na frente da casa.

Eu me virei para ela. “O que?”

Mas a verdade me atingiu antes que a palavra saísse completamente da minha boca. Maureen não era a única garota desaparecida em Saint Cloud. Beth McCain ainda não havia retornado. Eu me senti culpado por esperar desesperadamente que fosse Maureen, inteira e saudável, que eles tivessem descoberto nas pedreiras.

Não que eu não quisesse que Beth fosse encontrada. É que a ausência dela não deixou na minha vida o mesmo buraco que a ausência de Maureen deixou. Antes de tudo isso, Beth ocupava um quarto descuidado em minha cabeça, aquele onde você armazenava pessoas neutras que se moviam nos limites do seu círculo, aquelas que não eram exatamente conhecidas, mas que você ficaria feliz em ver se as encontrasse. algum lugar estrangeiro, um lugar onde você não conhecia as regras.

Ei, você é de Saint Cloud! Sim!

Você também.

Mas Maureen? Ela era como uma família.

“Vou dar um passeio de bicicleta”, eu disse, minha mente subindo por si mesma. Era seguro deixar Junie com a mãe?

“Eu quero ir”, disse Junie.

Mamãe passou por nós e entrou em casa. Por trás, parecia que alguém havia manchado as bordas com o polegar.

"Você não pode", eu disse. "Estou pedalando longe demais."

"Você está indo para as pedreiras, não é?" ela perguntou, com as mãos nos quadris, sua postura desafiadora. "Para ver se é Maureen."

"Vou deixar você na casa de Claude", eu disse, observando as costas de mamãe.

"Mas eu estou com fome!"

"Você pode se juntar a eles para jantar." A Sra. Ziegler preparou muitas refeições para nós. Agora eu sabia cozinhar com menos frequência, mas a casa deles era a nossa casa. A Sra. Ziegler disse isso e ela quis dizer isso. "Vou buscá-lo no caminho para casa e faremos Jiffy Pop e assistiremos TV juntos esta noite. Negócio?"

Ela resmungou, mas depois que liguei para a Sra. Ziegler, meu coração disparou...*que garota era?*— e a Sra. Z disse que eles não apenas tinham bastante comida, mas que estavam prestes a se sentar para comer uma panela de lasanha com sorvete de arco-íris como sobremesa. Junie era toda sorrisos. Levei-a até o final da calçada de Ziegler, fiquei tentado a esperar e garantir que ela conseguisse entrar, mas mil formigas vermelhas rastejaram pela minha pele, entrando pelos meus poros, rastejando por baixo da minha carne. Eu não conseguia ficar parado, assim como não conseguia criar asas.

"Não deixe os Ziegler sem mim", gritei enquanto corria com minha bicicleta em direção à casa de Brenda. "Lembre-se que estou pegando você."

Subi pela passarela de Brenda e bati na porta da frente. Sua mãe respondeu, seu sorriso subindo e descendo quando ela viu que era eu e então, um instante depois, leu meu humor. "O que é?"

"Brenda está em casa?"

Ela abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas depois pensou melhor. Ela se virou em direção à sala. "Brenda! Heather está aqui."

Bati os pés enquanto esperava, tamborilando uma chama nervosa em meus quadris. Brenda apareceu na porta momentos

mais tarde. Ela havia trançado o cabelo, colado lantejoulas nas bochechas e usava o vestido longo de camponesa Gunne Sax que comprou na Goodwill.

"E aí?" Eu perguntei, surpreso com sua aparência. Ela olhou para trás enquanto saía, me empurrando para longe da porta.

"Quieto", ela disse em voz baixa. "Eu disse a eles que iria ao cinema com você e Claude. Essa é a única maneira de eles me libertarem."

"Por que você não me contou?"

Já havíamos coberto um ao outro antes. Nem sempre porque fazíamos quase tudo juntos e raramente era necessário, mas de vez em quando. No entanto, só funcionava se mantivéssemos um ao outro informado.

"Foi uma coisa de última hora. Tentei ligar, mas a linha está pegando fogo. Eu não consegui passar."

Meu olhar voou para seu cabelo, sua maquiagem. Sua decisão de mentir pode ter sido recente, mas seus planos não. "Onde você está indo?"

"Encontro," ela disse, olhando para baixo.

"Com quem?"

Ela começou a mexer na trança, recusando-se a olhar nos meus olhos. "O que você está fazendo aqui?"

"Eles encontraram uma garota nas pedreiras."

Ela empalideceu, sua mão voou para a boca. "É Mo?" "Não sei. Estou pedalando até lá agora. Você quer ir junto?"

"Sim", ela disse, já se movendo em direção à porta. "Claro."



Ela não trocou de roupa. Não havia tempo e ela sabia disso. Ela gritou para os pais que estávamos saindo, amarrou a saia perto dos joelhos, sacudiu as lantejoulas enquanto corria para a bicicleta e partimos. Ficamos de lado

estradas, cortando campos vazios, gafanhotos zumbindo em nossas pernas, suor escorrendo por nossas espinhas.

Seu cabelo ainda estava parcialmente trançado. Ela parecia jovem por trás, como a Brenda que levava sua luz noturna Tinker Bell para a festa do pijama até a quarta série.

Como a garota que furou minhas orelhas.

Todos nós tínhamos feito sexo um com o outro há três verões. Estávamos na casa de Maureen, o lugar onde sempre íamos para fazer coisas que sabíamos que poderiam nos causar problemas. As portas do nosso quarto eram sagradas — nenhum dos nossos pais entraria sem permissão, a não ser que a casa pegasse fogo —, mas sempre pareceu mais fácil violar as regras na casa de Maureen.

Maureen molhou cinco alfinetes de segurança em álcool isopropílico, e seu aroma de vidro encheu a sala. Ela também preparou uma tigela com cubos de gelo. Tínhamos tirado a sorte: eu estava perfurando Maureen, Maureen estava perfurando Brenda e Brenda estava me perfurando. (*Uma orelha, metade do trabalho*; ela brincou.)

Maureen exigiu que suas orelhas fossem furadas primeiro e, como sempre, Brenda e eu ficamos felizes em deixá-la liderar. Coloquei um pontinho em cada um dos lóbulos esponjosos e cor de pêssego de Maureen, com as mãos surpreendentemente firmes.

"Parece bom?" Eu perguntei.

Ela virou o espelho de mão para encará-la, empurrou o cabelo para trás e inclinou a cabeça. "Perfeito."

Eu sorri. O que estávamos prestes a fazer era para sempre. Onde quer que fôssemos neste mundo, quem quer que conhecêssemos e o que quer que nos tornássemos, sempre teríamos isso, uma conexão permanente um com o outro. Pressionei um cubo de gelo em cada lado da orelha de Maureen, anestesiando-a.

"Coragem líquida", disse Brenda, oferecendo a Maureen a garrafa de creme de menta que ela havia roubado do armário de bebidas de seus pais.

Maureen tomou um gole, mantendo a cabeça o mais imóvel possível. "Tem gosto de pasta de dente", disse ela, franzindo a boca.

Nós rimos disso, uma risada nervosa, muito fora de escala. Íamos enfiar alfinetes de segurança nas orelhas um do outro.

"Preparar?" Eu perguntei, minhas pontas dos dedos ficando dormentes por causa do frio.

"Sim", disse Maureen, ainda segurando o espelho de mão. Ela iria assistir isso acontecer. Era assim que Maureen era. Ela não iria perder nada nesta vida.

"Tudo bem." Deixei cair os cubos derretidos na tigela. O marcador em sua orelha havia se tornado um fino riacho preto, mas eu sabia onde começava.

"Agulha", eu disse para Brenda.

Ela tirou um alfinete do álcool e me entregou solenemente. Seu cheiro forte picou meu nariz. Esticei o lóbulo de Maureen e engoli em seco, superando uma onda de mal-estar. "Conte regressivamente a partir de dez", eu disse a ela.

Quando ela chegou ao três, eu dei um soco.

Seus olhos se arregalaram e sua mão voou até a orelha, tateando suavemente as pontas do alfinete, a cauda voltada para a frente, a ponta afiada por toda parte. "Você fez isso!"

Ela riu e me abraçou antes de voltar para o espelho, admirando meu trabalho. "Eu poderia usar o alfinete de segurança como um brinco. O que você acha? Traga o punk rock para Pantown!"

Nós gritamos com isso.

Ela acabou usando aqueles broches até o primeiro dia do nono ano, quando a diretora exigiu que ela os removesse. Ela os substituiu por botões de ouro elegantes, iguais aos que eu e Brenda usávamos.

Coloquei uma explosão de energia para alcançar Brenda, para lembrá-la daquele bom dia, para convencê-la de que alguém cujas orelhas eu furei não poderia estar morto, mas o grito de uma ambulância tinha ficado muito alto, seu lamento enchendo o lado da pedreira da cidade. As casas eram escassas aqui. Algumas das pedreiras ainda estavam ativamente minadas, com cercas protegendo a maquinaria barulhenta, escondendo a sua violência. Outros, como o do Dead Man, foram transformados em nadadores

buracos e locais de festa antes do meu tempo. Papai disse que ele e seus amigos costumavam sair com eles no ensino médio.

Brenda desviou para a esquerda, saindo da estrada de asfalto e entrando no cascalho que levava ao Dead Man's. O ar tinha gosto de giz por causa de todo o tráfego. A clareira à frente abrigava nosso Pontiac verde e três carros de polícia, com as cerejas brilhando. Atrás dos veículos, imponentes carvalhos e olmos assomavam, guardando a pedreira. Uma trilha principal e várias outras menores serpenteavam pela floresta, nenhuma larga o suficiente para seguir de carro.

Quando a ambulância estava quase em cima de nós, Brenda entrou na vala gramada. Eu segui seu exemplo. A luz vermelha pulsava em meu rosto, em meu peito, enquanto o veículo passava. Brenda tapou os ouvidos, mas gostei do barulho. Isso empurrou todos os pensamentos da minha cabeça.

O mesmo policial que parou na casa do xerife Nillson acenou para a ambulância ir até o início da trilha principal. Ele era a única outra pessoa que eu conseguia ver. O resto dos oficiais e papai devem ter passado pela floresta, perto da pedreira.

"Eles não vão nos deixar voltar lá", disse Brenda, com a voz alta. "Sem chance. Não se houver uma cena de crime. Eu escutei seu pai o suficiente para saber disso.

"Veremos", eu disse, conduzindo minha bicicleta em direção ao início da trilha. Eu não tinha nenhuma informação privilegiada, nenhum plano. Acontece que eu não conseguia parar de me mover. Eu deslizei para um espaço fora da realidade. Um fantasma, atordoado e deslizando pela neblina. Brenda me chamou, gritando meu nome enquanto eu contornava o carro da polícia mais próximo. A poeira que a ambulância levantou caiu na minha pele como cinzas.

"Ei!" — disse o deputado, notando-me. Ele estava esperando o motorista da ambulância descarregar a maca. "Você não pode voltar aqui. Fique exatamente onde você está.

Suas palavras me congelaram no lugar, e talvez fosse assim quando você era um fantasma. Quem pudesse ver você controlava você. Pisquei, vendo a maca desaparecer

descendo a trilha. Gravei o aperto de Brenda em meu braço como uma pressão, ouvi sua voz vindo de muito longe.

Ela tem que estar viva. Quem quer que seja tem que estar vivo, ou por que precisaria de uma ambulância?

Desejei que isso fosse verdade, olhando para o início da trilha. Não importava mais se era Maureen ou Elizabeth McCain. Eu queria tanto que qualquer garota com quem eles saíssem estivesse viva que parecia que eu morreria também, se ela não estivesse.

Por favor, tire uma garota viva de lá.

O estrondo de vozes sinalizou que as pessoas estavam voltando pelo caminho, mas lentamente. Muito mais devagar do que o motorista da ambulância e seu parceiro desceram correndo. Não havia mais necessidade de pressa, era o que diziam seus passos. Meu coração caiu quando eles surgiram, carregando a maca, um lençol branco cobrindo o corpo, manchas molhadas obscenas encharcando o corpo imóvel.

O homem na frente tropeçou. A mão do cadáver caiu para o lado, puxando o lençol de seu rosto, o que antes era lindo, ficou cinza e inchado.

CAPÍTULO 28

"Maureen!" Brenda gritou.

Tropecei para a frente e caí de joelhos, o que me colocou no mesmo nível dos olhos vidrados de Maureen, bem abertos, olhando para mim, um fantasma vendo um fantasma. Ela parecia ter sido bombeada com água, as bochechas esticadas, os olhos vazios, a boca um círculo preto e frio do qual eu esperava que vermes saíssem.

Brenda estava ofegante como se não se lembrasse de como respirar, mas mesmo assim eu não conseguia fazer barulho.

Maureen, o que eles fizeram com você? Mas ela não respondeu, seus olhos tão frios.

Depois o lençol foi colocado de volta no lugar, a mão cinza-azulada enfiada e o cadáver dela deslizou para a traseira da ambulância.

"Mesclado!"

A voz do papai caiu como uma corda na minha frente. Eu agarrei-o, levantei-me, não lutei quando ele me puxou para um abraço. Ele também passou o braço em volta de Brenda e nos segurou ali, chorando em nossos cabelos. Brenda o acompanhou, seus soluços ofegantes balançando meu corpo, até que finalmente encontrei palavras.

"O que aconteceu?" Perguntei.

Papai nos segurou por mais um tempo, até que o choro de Brenda se transformou em um tremor silencioso. Então ele nos deu um aperto rápido e recuou, olhando para a trilha. Eu só tinha visto meu pai desmoronar uma vez, naquela vez em que eu e minha mãe tivemos que ir ao hospital.

Fui levado de volta a essa lembrança, o céu da pedreira dando lugar às fortes luzes do hospital. Papai tinha viajado na minha ambulância. Mamãe estava embrulhada na sua.

Ele me escolheu.

“Sinto muito, querido”, ele havia dito anos atrás, parado, com o rosto cinzento, na parte traseira da ambulância. Sua quietude contrastava com os movimentos rápidos do paramédico, cujas mãos tremulavam suavemente como mariposas, procurando queimaduras em meu corpo. “Eu não deveria ter feito isso. Eu nunca deveria ter feito isso.”

Isso me confundiu — mamãe colocou fogo em mim, não papai —, mas ele estava louco de preocupação. Ele não sabia o que estava dizendo.

Ele falava claramente agora, no estacionamento da pedreira, embora seus olhos estivessem inchados de tanto chorar. Ele olhou para a traseira da ambulância que levava Maureen embora.

“Jerome acha que pode ser suicídio”, disse ele. A cabeça de Brenda girou. Vi a verdade que sabia refletida em seus olhos, mas localizei as palavras primeiro.

“Não, eu disse. “Não Maureen.”

O xerife Nillson e seu ajudante estavam emergindo da floresta, o xerife segurando o que parecia ser um dos sapatos plataforma que Maureen usara em nosso show.

Papai deu um tapinha no meu braço. “Não há nada que você pudesse ter feito.”

Mas ele entendeu mal. Maureen estava mais viva do que qualquer um de nós. Ela protegia as crianças dos valentões. Quando os homens a vaiavam, ela respondia. Ela exigiu que furássemos suas orelhas primeiro *porque ela era Maureen*.

“Ela não se mataria, pai.”

Uma brisa trouxe o cheiro de água do lago das pedreiras em nossa direção. Se eu apertasse os olhos, poderia ver as pedras contornando as bordas das árvores, mas não estava olhando naquela direção. Olhei para meu pai, e foi por isso que vi quando a tristeza escorregou de seu rosto e foi substituída por uma máscara fria e dura.

Apertei meus braços contra o peito.

“Veremos o que o legista diz, Heather, mas não havia nenhum ferimento no corpo dela.”

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 29

Fui trabalhar no dia seguinte. Ninguém teria piscado se eu o tivesse tirado. Na verdade, mamãe sugeriu isso em sua cama quando fui ver como ela estava. Ela parecia normal para ela: olhos claros, boca curvada em uma linha bonita. Bastava que eu me sentisse confortável deixando Junie em casa, mas o que eu mesmo faria lá? Cada vez que eu piscava, via Maureen, seus brilhantes olhos de peixe olhando para o nada, sua boca aberta em um grito eterno.

Claude deveria abrir a delicatessen, mas eu não o vi quando cheguei, então comecei a me preparar sozinho. O shopping estava silencioso para um dia quente. Quando a calçada ficasse pegajosa o suficiente para engolir o suporte, você poderia contar com pessoas aglomerando-se lá dentro em busca do ar-condicionado. Mas a multidão de hoje tinha metade do tamanho habitual. Onde eles estavam todos se reunindo? Eles estavam falando sobre Maureen?

"Ei", disse Claude, aparecendo por trás. "Passei na sua casa para ver se poderíamos andar de bicicleta juntos. Junie disse que você saiu mais cedo.

"Sim." Eu estava olhando para o supermercado. A Sra. Pitt estava pegando sabonetes em uma vitrine, cheirando-os e colocando-os de volta na mesa. Os Pitts eram ricos, para Pantown. Eles até possuíam um micro-ondas. A Sra. Pitt mantinha um copo de água dentro para que não provocasse um incêndio acidentalmente.

"Eu ouvi sobre Maureen."

"Sim." Eu queria continuar observando a Sra. Pitt, mas a voz de Claude era tão triste. Eu me virei para ele. Dele

aparência - pele pálida, círculos de guaxinim ao redor dos olhos - quase me fez voltar a mim mesmo. "Você está bem?"

Sua boca se curvou sem abrir. Então, suavemente: "O que aconteceu?"

Sua pergunta parecia maior do que nós dois. "O xerife diz suicídio."

"Ele acha que ela se afogou?"

Brenda e eu jogamos isso para frente e para trás como uma pedra quente e faminta no caminho de bicicleta para casa. "Eu acho. Mas você sabe como ela era uma boa nadadora.

"Essas pedreiras são profundas", disse Claude. "Nós dois já ouvimos falar de nadadores fortes que afundaram neles antes. Basta uma câibra nas pernas. Talvez ela estivesse lá com alguém.

"Talvez." *Ou talvez o Xerife Nillson a tenha matado em outro lugar e jogado o corpo lá dentro.* "Mas por que aquela pessoa não tentou salvá-la? Ou pelo menos relatar o que aconteceu?"

"Caramba, Heather," ele disse, com as palmas voltadas para mim, me dizendo para recuar. "Eu disse *talvez*."

Eu não tinha percebido o quão brava eu parecia. Esfreguei meu rosto. "Desculpe. Não dormi muito ontem à noite. Obrigado por acompanhar Junie de volta para casa. Ela disse que vocês jogaram Banco Imobiliário.

Mas ele não estava mais me ouvindo. Ele estava olhando para o supermercado, com a testa enrugada de preocupação.

Virei-me e vi Gloria Hansen caminhando em nossa direção. Seu andar era estranho, como se ela tivesse sentado em algo pontiagudo. Sua blusa estava abotoada errado, muito errado, com um buraco que mostrava seu sutiã, os dois botões desemparelhados na parte superior fazendo com que a gola se enrolasse.

"Você pode tocar bateria quando quiser", ela gritou em minha direção, com a voz muito alta. Ela ainda estava a dez metros de distância e avançava pesadamente em direção à delicatessen, os olhos vibrando nas órbitas, as mãos tremendo. "Só porque Maureen não estará lá não significa que você não possa estar."

Levantei a bancada articulada e corri em sua direção. “Você não deveria estar fora, Sra. Hansen. Você deveria estar em casa.

“Eu sei o quão importante a bateria é para você”, disse ela. Ela cheirava azedo de perto, como ácido estomacal e roupas sujas. “As pessoas pensam que não percebo mais muita coisa, mas vejo tudo.”

“Vamos ligar para o meu pai”, eu disse, tentando conduzi-la até o balcão da delicatessen. “Ele pode vir buscar você.”

Suas mãos voaram como pombos assustados, me sacudindo. “Eu não quero ver Gary.”

Desamarrei meu avental e joguei-o em direção ao balcão, conversando mais com Claude do que com ela. “Então eu vou te levar para casa. Caminharemos juntos. Você gostaria disso?”

Ela assentiu, com o queixo caindo sobre o peito. Ela estava olhando diretamente para a frente bagunçada da blusa, mas não acho que foi por isso que ela começou a chorar.



A Sra. Hansen divagou durante a maior parte da caminhada de trinta minutos, o suor escorrendo pelo seu rosto intensificando seu cheiro. Foi uma conversa unilateral. “Esta cidade oprime as meninas”, ela murmurava. “É insaciável. Pegue-os inteiros ou em pedaços, mas isso atinge todos nós. Eu deveria ter contado a Mo. Eu deveria ter avisado ela.

Dei um tapinha em seu braço e a levei para casa. Ela havia deixado a porta da frente aberta. Quando atravessamos a sala, em fila única, vi que os copos foscos de palomino estavam apoiados em uma torre de caixas, onde os havíamos deixado da última vez que estive lá, os meus ainda cheios de água. Parecia que Maureen poderia estar viva, parada em sua casa, revirando os olhos para as pilhas familiares. Como se eu pudesse escapar um centímetro do tempo e pudesse sair de um mundo onde Maureen não tivesse morrido.

Eu não sabia onde colocar a Sra. Hansen, mas sabia que guardávamos nossos segredos em Pantown. Se ela não quisesse que eu ligasse

meu pai, ela não queria que eu ligasse *qualquer um*, então levei-a para o único lugar que pude: o quarto de Maureen. Pedi desculpas a ela durante todo o caminho subindo as escadas, mas ela não parecia estar ouvindo.

Quando entramos no quarto de Maureen, fiquei chocado ao ver todas as gavetas abertas, pilhas de roupas no chão, a cama vazia.

"Sra. Hansen, você fez isso?"

Ela balançou a cabeça estupidamente. "Jerome enviou um de seus representantes aqui para procurar uma nota." Ela fez um barulho molhado.

"Uma nota de suicídio."

Eu sufoquei a onda de raiva. Não haveria nenhum bilhete de suicídio porque Maureen não se matou e, de qualquer forma, o policial deveria ter feito a limpeza antes de partir. Arrumei rapidamente a cama e coloquei a Sra. Hansen sobre ela, cobrindo-a com o lençol favorito de Maureen, estampado com limões e framboesas. Esfreguei sua cabeça até que ela relaxasse, assim como fiz com minha mãe. Quando seus olhos se fecharam e sua respiração se tornou regular, comecei a limpar o resto da sala o mais silenciosamente que pude. Não foi muito, mas foi tudo que consegui pensar em fazer.

Quando tudo ficou em ordem, ajoelhei-me ao lado da Sra. Hansen, como se estivesse orando.

Seus olhos estavam abertos.

O choque me lambeu como um fio energizado. Ela parecia Maureen na maca, com o rosto inchado, os olhos úmidos e vazios. Ela os fechou com força, sem perder a respiração. Seus olhos abertos foram um reflexo. Acho que ela nem acordou.



Mais tarde, em casa, na minha própria cozinha, fui invadido por pensamentos.

Eu sabia que Maureen não se matou.

Mesmo assim, o xerife Nillson enviou um delegado para revistar o quarto de Maureen.

Isso poderia significar que Nillson acreditava que era suicídio e estava preocupado por ter sido mencionado no bilhete, ou ele sabia que não era suicídio e queria seu homem - que, pelo que eu sabia, era um dos outros dois homens naquela sala com Maureen que noite - para limpar qualquer coisa que a conectasse a eles.

Eu ainda não tinha confirmado que era na casa de Nillson que eu tinha visto Maureen. Eu tinha certeza, mas não tinha certeza.

O conhecimento sentou-se como uma pedra quente no meu estômago.

Pensei, mais uma vez, em pedir a Brenda ou Claude que fossem comigo até os túneis, até aquela porta que Junie havia aberto, e descobrir o que havia do outro lado. Tive medo de fazer isso sozinho, mas também não queria colocá-los em perigo. Se Maureen tivesse sido assassinada pelo que fez naquele porão, seu quarto saqueado em busca de evidências disso (evidências que eu agora possuía, na forma de seu diário), então o que eu faria seria perigoso.

Foi quando percebi que havia uma pessoa a quem eu poderia contar, alguém que poderia me proteger.

O meu pai.

Agora que Maureen estava morta, eu não precisava proteger a reputação dela. Eu poderia compartilhar o que vi. A compreensão de que, afinal de contas, eu não precisava voltar aos túneis, não precisava invadir aquele porão, passou por mim como água fria. Eu contaria ao papai *tudo*, sobre os três homens, a pulseira, a mensagem que descobri em seu diário, as coisas horríveis que ela descreveu, coisas que ela certamente fez naquele mesmo porão. Meu rosto ficou vermelho só de pensar em dizer essas palavras para ele, mas eu faria isso.

Preparei um prato quente de hambúrguer para o jantar e até preparei um pouco de gelatina de morango 1-2-3 para a sobremesa. Ganhei o suficiente para quatro, mas mamãe nunca saiu do quarto e papai não voltou para casa. Pratiquei sorrisos no espelho com Junie, embora meu rosto parecesse uma máscara de Halloween. Vasculhei a cozinha, até limpei o interior da geladeira, fiz um desenho para mamãe

banho, coloquei-a na cama depois e entrei no quarto de Junie para dizer boa noite.

Depois esperei no sofá, observando a porta da frente. A liberação emocional de saber que não precisava fazer isso sozinha foi avassaladora.

Papai perceberia que não foi suicídio quando eu contasse tudo a ele.

Era o jeito Pantown de viver sozinho, mas sozinho não significava sem seus pais.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 30

O grito do telefone me acordou.

Foi para nós? Deslizei em direção à cozinha, puxado por uma linha invisível. Eu estava indisposto, desorientado por ter dormido no sofá — será que meu pai chegou em casa? —, mas meu corpo sabia que você não deixaria a linha da festa tocar se fosse para você. Isso foi rude com seus vizinhos.

A ligação parou quando cheguei à cozinha e imediatamente recomeçou. Três anéis longos e um curto. Peguei o fone da parede. "Olá?"

"Mesclado?"

Encostei-me na parede. O relógio acima do fogão marcava 7h37. Eu não conseguia acreditar que havia dormido lá embaixo a noite toda. "Oi, Brenda. E aí?"

A preocupação de ontem ainda não havia me alcançado. Caminhei até a soleira entre a cozinha e a sala de estar, arrastando a corda enrolada atrás de mim. Nenhum barulho vindo do andar de cima ou deste andar. Mamãe, papai e Junie não devem estar acordados. Mas isso não fazia sentido para papai. Ele precisava estar no trabalho às oito.

"Estou com medo", disse Brenda, me puxando de volta para a conversa, com a voz tão tensa quanto uma armadilha. "E se acontecer conosco a mesma coisa que aconteceu com Maureen?"

As regras da linha partidária eram tácitas, mas rígidas. Você falou *em volta* qualquer coisa escandalosa, nunca mencionando detalhes que possam ser usados contra uma pessoa. "Não seria. Não estávamos fazendo as mesmas coisas."

"Era meu nome na camisa."

Pisquei e limpei a crosta no canto do olho. "O que?"

"Você estava vestindo a camisa de Jerry, Heather. Seu nome está no adesivo no peito. O meu nome. Taft. Qualquer um . . . qualquer pessoa naquela sala olhando para fora poderia ver.*Elevi* isso."

Ele. Jerônimo Nillson. "Tem certeza?"

"Sim." A palavra saiu, tanta pressão se acumulou por trás dela.

"Vou contar ao meu pai, Brenda. OK? Precisamos confessar tudo. Isso é o mais importante. Justiça." A palavra estava pesada na minha língua, abstrata, mas importante, como "reputação" tinha sido até deixar de ser.

Brenda ficou quieta por alguns segundos. Um vaso sanitário dava descarga no alto. Era muito cedo para Junie acordar. Deve ser um xixi para dormir.

"Tudo bem", disse Brenda finalmente.

"Tudo bem", concordei.



Se papai tivesse voltado para casa ontem à noite, ele devia ter voltado; onde mais ele passaria a noite? Ele chegou e saiu com pés de rato. Mamãe estava sozinha na cama e Junie na dela. Penteei meu cabelo para frente, coloquei minha última calcinha limpa - eu nunca tinha pegado aquele monte de shorts, sutiã e camiseta, enfiei algumas torradas e subi na minha bicicleta.

Eu não conseguiria Sherlock sozinho. Isto não era televisão. Ainda bem que meu pai era um dos principais policiais do condado. Foi uma pena que ele fosse amigo do xerife Nillson. Isso tornaria as coisas estranhas, mas meu pai sempre fazia a coisa certa.

Sempre.

Tranquei minha bicicleta em frente ao prédio administrativo do condado de Stearns e caminhei até o escritório do meu pai. Eu senti um

Uma pontada de nervosismo entre minhas omoplatas, mas sua secretária sorriu calorosamente e acenou para que eu entrasse. Meu short e minha camiseta pareciam tão deslocados quanto um vestido de baile enquanto eu atravessava o carpete profundo para bater suavemente na porta de mogno.

"Entre."

Seu escritório cheirava a couro, madeira e à loção pós-barba picante do meu pai. Eu fiquei emocionado com as paredes forradas de livros nas poucas vezes que visitei, fiquei impressionado com a enorme mesa que dominava o espaço, tão grande quanto uma geladeira e da mesma madeira vermelha escura da porta. Quase não os notei desta vez.

Papai estava lendo alguma coisa em sua mesa e ergueu os olhos quando me aproximei.

"Mesclado!" Sua expressão de surpresa foi substituída por alegria, que rapidamente foi substituída por preocupação. "Sua mãe está bem?"

"Sim", eu disse, fechando a porta atrás de mim. "Ela está bem. Junie também."

Ele assentiu. Ele estava prestes a se levantar, mas caiu de volta na cadeira. Ele pegou o telefone, apertou um botão transparente do tamanho de um cubo de açúcar e disse a Mary na recepção para suspender as ligações.

"Não me diga que você está aqui porque sente falta do seu velho", disse ele, passando a mão pelos cabelos. Sempre foi prata nas têmporas? Lembrei-me dele brincando sobre alguns cabelos grisalhos, mas isso não foi apenas no mês passado? Manchas rosadas na testa indicavam que a rosácea estava de volta. Eu precisaria lembrá-lo de reabastecer sua pomada.

"Quero falar sobre Maureen", eu disse.

Sua cabeça caiu. Deve ter sido muito difícil para ele, um amigo meu morto.

Morto.

Respirei fundo e trêmulo. "Ela não se matou, pai. Ela estava fazendo algo ruim."

Ele sentou-se direito, sua atenção voltada para mim.

Quase me acovardei. "Como era o xerife Nillson, pai? De volta ao ensino médio."

Suas sobrancelhas se juntaram, mas ele me deu o respeito de uma resposta. “Um pouco encenqueiro, na verdade. Você não precisava pensar quando estava perto dele, o que significava que ele e quem quer que estivesse em seu círculo operavam do lado de fora da lei. Era um comportamento estúpido e inofensivo de adolescente — vandalismo, consumo de bebidas alcoólicas por menores, esse tipo de coisa —, mas eu não gostava disso, então não saíamos juntos naquela época. Ele tinha pais respeitáveis, no entanto. Eles o impediram do pior. E ele é um bom homem agora. Ele cresceu. Todos nós fizemos.

“Não acho que ele seja um bom homem, pai”, eu disse, com a voz trêmula. Então a história da coisa terrível que vi naquela noite explodiu, uma infecção finalmente foi liberada.

Contei a ele sobre mim, Claude, Junie e Brenda nos túneis, eu vestindo a camisa militar de Jerry Taft, sendo estúpidos e abrindo aquela porta. Jurei que Brenda e eu vimos o rosto de Jerome ali. Era mentira, mas eu não queria Brenda sozinha na beira daquele penhasco, pelo mesmo motivo que não contei a ele que foi Junie quem abriu a porta. Isso não mudou a parte importante da história, que era que Maureen estava de joelhos por causa daqueles homens adultos, e então, alguns dias depois, ela estava morta.

“Assassinado.” Foi o que eu disse a ele.

Ele me deixou tirar tudo, ficou imóvel como água de uma pedreira, mas ergueu a mão ao ouvir a última palavra. “Espere, Heather, essa é uma acusação muito séria.” Ele pegou um bloco de anotações amarelo e uma caneta, seu rosto franzindo como se um buraco estivesse se abrindo dentro de seu crânio. “Conte-me tudo o que você viu, de novo.”

Repeti a história exatamente. Ele escrevia enquanto eu falava, e os riscos da caneta soavam como música. Um adulto estava no comando, um adulto que ganhava a vida fazendo isso. O meu pai.

“Você não viu o rosto de mais ninguém? Alguém além do xerife Nillson?”

Eu balancei minha cabeça. Gostei de como ele se referia formalmente a Nillson, distanciando-o de nós, não ligando mais para ele.

Jerônimo.

Papai fixou os olhos nos meus, a caneta posicionada sobre o bloco de notas. "Heather, isso é muito importante. Você é *claro* Era ele? Estamos falando da reputação de um homem aqui. Sua carreira. Você não pode cometer um erro."

Deslizei um pouco para o lado. Quase confessei tudo, disse a ele que não tinha visto o xerife Nillson, apenas Brenda. Mas então me lembrei do rosto dela quando ela me contou. Ela tinha certeza. Isso foi bom o suficiente para mim. "Pai, tenho quase certeza, mas isso não importa, você não vê? Se fosse o porão dele, era *ele*."

Papai bateu a caneta no queixo como se estivesse pensando. "Sim," ele grunhiu. Ele parecia distante de repente. "Droga, Heather. Eu sinto muito. Lamento que você tenha visto isso e lamento que Maureen esteja morta.

Ele quase nunca xingava perto de mim. Isso me fez sentir adulta. "Sim", eu disse, sem perceber que estava imitando sua resposta, seu tom, até que percebi minha mão prestes a bater em meu queixo exatamente como ele acabara de fazer.

"Para quem mais você contou? Cláudio sabe? Júnia? "Não. Só eu e Brenda. Juramos manter isso em segredo. Não queríamos criar problemas para Maureen. Mas agora . . ."

Uma batida em sua porta me fez pular dos tênis.

"Entre", disse papai, erguendo a mão para mim, com a palma aberta. *Segure esse pensamento, disse. Eu preciso ouvir tudo.*

O agente Gulliver Ryan enfiou a cabeça coberta de gengibre e me viu. "Eu posso voltar."

"O que é?" Papai perguntou, sua voz tensa. Fiquei mais ereto. Papai era a autoridade aqui, era isso que seu tom e postura transmitiam. Meu pai estava no comando.

O Agente Ryan estendeu um molho de chaves. "Eu não preciso mais disso. Tenha o meu. Devo devolvê-los para você ou para Jerome?"

"Jerome", disse papai. Seu rosto estava duro.

O agente Ryan assentiu e fechou a porta atrás de si.

Olhei para papai, que passou as duas mãos no rosto como se estivesse lavando.

“Acontece que o agente Ryan está montando um escritório temporário aqui. Esperávamos que ele fosse embora dentro de uma semana. Não tive essa sorte. Ele balançou a cabeça como se quisesse se livrar de um pensamento ruim. “Mas isso não é para você se preocupar. Você já tem o suficiente no seu prato. Brenda sabe que você veio até mim?

Eu balancei a cabeça.

“Boa menina. Isso foi inteligente. Eu assumo daqui. Você confia em mim para lidar com isso?

“Sim”, eu disse, as lágrimas esquentando minhas pálpebras. As coisas iriam ficar bem, tão bem quanto poderiam estar agora que Maureen se foi.

Papai me deu um abraço e prometeu que estaria em casa para jantar esta noite. Eu estava quase na minha bicicleta quando me lembrei que não tinha contado a ele sobre a pulseira de identificação de cobre ou o diário. O tribunal assomava atrás de mim, imponente, olhando para minhas roupas de adolescente e meu cabelo bagunçado.

Eu contaria a ele sobre eles quando ele chegasse em casa.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 31

Papai não chegou em casa para jantar. Embora eu soubesse que o hambúrguer quente da noite anterior estava na geladeira, fui de bicicleta até o supermercado Zayre para comprar o filé de Salisbury favorito do meu pai, esperando que ele se juntasse a nós.

Ficou frio.

Mamãe até saiu do quarto para se sentar à mesa da sala de jantar, com o cabelo penteado, a maquiagem imaculada e o sorriso frágil. Ela parecia tão desapontada quanto eu porque papai não estava aqui. Conversamos com Maureen, fingindo que ela não estava morta, sempre fingindo em Pantown. Mamãe perguntou sobre trabalho, eu perguntei a ela sobre o grupo da igreja que ela ainda frequentava às vezes, Junie falou sobre gatinhos, como Jennifer, três portas abaixo, tinha um, como ela queria um também, mas um lindo, um bebê de verdade, não um rabugento appleton como a Sra. Brownie de Ricky.

Então mamãe voltou para o quarto dela e Junie para o dela depois de me ajudar a limpar.

Eu estava prestes a voltar de bicicleta para o tribunal quando ouvi um carro parar na garagem. Corri para a janela. Foi o papai! Segurei a porta aberta para ele. Ele parecia uma versão de si mesmo, como seria daqui a vinte anos, mas isso não importava porque ele estava em casa.

“Vou reaquecer seu jantar”, eu disse, correndo de volta para a cozinha para colocar seu bife no forno ainda quente.

Quando voltei, ele estava se servindo de um copo de conhaque. “Quer que eu pegue gelo?” Perguntei.

Ele caiu no sofá com um suspiro tão pesado quanto chumbo. Ele estudou o líquido cor de mel em seu copo, sem olhar nos meus olhos. "O legista concorda que é suicídio, Heather."

Aproximei-me dele, abraçando as bordas da sala. "O que?"

"E Jerome nega inequivocamente ter Maureen em sua casa, alguma vez."

Meu queixo caiu aberto. Papai disse que *investigar*, não vá direto até a raposa e pergunte se ela visitou o galinheiro. "Você contou a ele o que Brenda e eu vimos?"

"Não, claro que não. Eu protegi você. Eu disse a ele que era um boato. Ele disse que era tudo besteira, que Maureen era uma garota problemática e que ela se afogou. Período. O fim disso."

"Ela estava perturbada por causa do que ele fez com ela!" Eu gritei. "Eu vi com meus próprios olhos."

Mas eu não tinha. Eu não tinha visto o xerife Nillson, apenas um homem que eu acreditava que poderia ser ele. "Além disso, ela nunca teria se afogado. Eu te falei isso. Ela era uma ótima nadadora." Eu estava ofegante como se tivesse acabado de correr ao redor do quarteirão. Fiz uma pausa, meus pensamentos desabando. Eu ainda tinha o ás na mão. Algo estava me dizendo para não compartilhar isso, mas eu segui em frente. Este foi o meu *pai*. "Há algo mais."

Ele franziu a testa. "O que?"

Soltei um suspiro trêmulo. "Eu li o diário dela depois que ela desapareceu, pai. Ela estava preocupada com alguém a matando. Ela disse que se fosse assassinada, para não deixá-lo escapar impune."

Papai se inclinou para frente, suas bochechas de repente ficaram vermelhas. "Deixar *Quem* escapar impune?"

Lutei contra a vontade de pegar o diário e mostrar a ele. "Ela não disse."

Papai olhou para cima como se estivesse sendo enganado, depois tomou um grande gole de seu copo. "Os adolescentes são dramáticos assim, Heather. Eles não são tão sensatos quanto você."

Balancei a cabeça, sem vontade de aceitar a lisonja, chocada com a facilidade com que ele descartava a prova definitiva. “Ela sabia que seria assassinada!”

“Então por que ela não nomeou o assassino?” “EU . . . Não sei.”

Ele tomou outro gole de sua bebida e fez uma careta. Ele estava bebendo rápido. “Porque era uma fantasia, só isso. Uma fantasia que ela inventou em sua cabeça perturbada. Você sabe que ela tem estado selvagem desde que seu pai foi embora, tanto ela quanto sua mãe saindo da linha. Receio que fosse apenas uma questão de tempo até que algo assim acontecesse. O xerife Nillson acredita que Maureen roubou alguns remédios para o coração de sua mãe, sua digoxina, para desmaiar e não lutar contra a água. Se não fosse o remédio para o coração, eram alguns dos seus analgésicos. Deus sabe que ela tem pílulas suficientes para escolher, apesar de todo o bem que elas fazem a ela.

Sentei-me cuidadosamente na cadeira em frente a ele. Eu precisava que ele me ouvisse, que acreditasse em mim. Por que ele não estava ouvindo? Falei devagar. “Se isso for verdade, o medicamento apareceria numa autópsia.” Eu não tinha certeza disso, mas parecia certo.

Papai balançou a cabeça. “Jerome não está pedindo uma autópsia. Isso só é feito quando há dúvida sobre a causa da morte. Ele tem certeza de que foi suicídio e, mesmo que ele tenha ordenado, eles teriam que saber exatamente o que testar ou seria apenas uma caçada de mil dólares.

Abri a boca para protestar, mas ele ergueu a mão. “Já ouvi falar disso antes, as meninas roubam algo do armário de remédios dos pais para se acalmarem e se jogam de uma ponte. Tudo muito dramático.”

“Mas-”

“Suficiente!” ele trovejou.

Ele poderia ter me dado um soco no estômago e me chocado menos. Eu nunca tinha ouvido meu pai levantar a voz, não para mim.

Seu rosto fez aquela coisa de desabar sobre si mesmo novamente. “Sinto muito, querido, realmente sinto. Olha, entre você e eu, vou manter meu nariz no chão nisso. É quem você conhece e

quem você deve ao departamento do xerife do condado de Stearns, então terei que ter cuidado, mas não vou desistir. Ele olhou para mim, implorando. "Se eu prometer ficar de olho nisso, você considerará que Jerome pode estar dizendo a verdade? Você mesmo disse que havia uma luz piscando naquela sala do porão, que os rostos não estavam claros.

"Eu não vou," eu disse, minha voz revelando minha miséria. "Maureen fez *o* não se matar."

O movimento chamou minha atenção. Junie estava descendo as escadas. Ela parecia abalada. Ela deve ter ouvido a gritaria. Mamãe também deve ter feito isso, mas não houve nenhum movimento vindo de seu quarto. Fiz sinal para Junie vir até mim. Ela correu pela sala como um animal caçado, aconchegando-se ao meu lado na cadeira. Joguei meu braço em volta dela.

Papai tomou outro gole, nem sequer reconheceu Junie. "Você não sabe tudo, Heather."

Ele não disse que isso era mau. Eu esperei.

Ele olhou pela janela e depois voltou para sua bebida como se fosse um telescópio apontado para o meio da terra. "Lá é outra teoria, uma que não envolva Jerome ou suicídio."

O hálito quente de Junie aqueceu meu pescoço onde seu rosto se curvava.

"O homem de quem lhe falei, aquele que Gulliver Ryan veio das Cidades para verificar, Theodore Godo? Ele atende por Ed ou Eddie. Veste-se como um engraxador. Fui visto pela cidade dirigindo um Chevelle azul, saindo com Ricky Schmidt."

Junie enrijeceu. Eu quase engoli minha própria língua. Papai e o xerife Nillson não devem ter visto Ed esperando por nós nos bastidores depois do show, não devem saber que passamos um tempo com ele.

Não reconheci minha voz quando falei. "Jerome acha que Ed – Theodore – está envolvido no caso de Maureen. . . afogamento?"

Ele assentiu. "O agente Ryan também. Qualquer suspeita que Jerome tenha sobre a morte de Maureen – e não estou dizendo que ele

tem alguma, oficialmente - eles estão olhando para Godo para responder.

Pela parte de trás das minhas pálpebras, vi Maureen flertando com Ed nos bastidores do show na feira do condado.

"Por que eles não o prendem?" Junie perguntou com a voz ofegante.

"Não é tão fácil assim, Bug", disse papai, e naquele momento eu ouvi, a maneira como todos nós a tratamos como um bebê, ou pior, como uma boneca, falando mal dela, protegendo-a. Como eu nunca tinha notado antes?

"O agente Ryan o levou para interrogatório em Saint Paul quando aquela garçonete desapareceu pela primeira vez", continuou papai, "mas ele teve que deixá-lo ir. Não havia provas suficientes para detê-lo. Então Godo aparece em Saint Cloud mais cedo do que pensávamos. A próxima coisa que você sabe é que Elizabeth McCain desaparece e Maureen se afoga. O agente Ryan acolheu Godo novamente, desta vez com a ajuda de Jerome. Novamente, não havia o suficiente para segurá-lo."

Essas palavras encheram a sala, impossivelmente pesadas. Papai estava olhando para o fundo do copo, mas não ergueu os olhos ao terminar a explicação. "Todos nós temos trabalhado até tarde da noite, algumas noites, tentando fazer com que ele fique bem, mas simplesmente não há mais tempo. Nós decidimos isso hoje. Jerome e um deputado dele estão expulsando Godo da cidade.

Junie se aninhou mais fundo em mim.

Eu balancei minha cabeça. Isso não fazia sentido. Eles pensaram que ele assassinou duas meninas e sequestrou uma terceira, e eles iriam *expulsá-lo da cidade*? "Mas ele não vai simplesmente se safar, então?" Perguntei.

Papai girou sua bebida e bebeu o resto. "Continuaremos investigando. Enquanto isso, é melhor para Saint Cloud tirá-lo daqui. Ed e provavelmente até Ricky, você nunca pode mudar homens como eles." Sua voz pareceu ir embora, mas seu corpo permaneceu na sala. "As mulheres sempre tentam, mas homens assim nascem maus."

Eu queria ligar de volta para ele, dizer-lhe para se livrar desse impostor que estava bem em fugir de um homem que eles

considerado um assassino, levando-o para alguma outra cidade que tivesse mulheres e crianças, como esta.

Mas não consegui encontrar as palavras.

“Entenda, essa informação não sai da sala ou me custaria o emprego”, disse papai, concentrando-se em mim novamente, sério. “Eu preciso que você saiba, Heather. . . Preciso que você saiba que se houver alguma injustiça aqui, ela não ficará impune. Eu te dou minha palavra. Você acredita em mim?”

Ele estava quase implorando.

Meu pai estava implorando para que eu acreditasse nele. Então balancei a cabeça, sentindo-me sozinho dentro de mim.



A casa estava silenciosa, uma quietude pontuada pelos ruídos fungados do meu pai. Ele só roncava quando bebia demais. Ele continuou jogando tudo de volta enquanto eu contava tudo o que sabia sobre Ed, o que não era muito. Pelo menos pude confirmar que Ed e Maureen se conheciam. Papai ligou para o xerife Nillson para contar, suas palavras eram arrastadas. Ele voltou para o sofá, adormecendo pouco depois. Cobri-o com um cobertor e caminhei silenciosamente até meu quarto.

Deitei-me debaixo das cobertas, completamente vestido, ouvindo o tique-taque do relógio e meu pai roncar. Quando tudo permaneceu igual por trinta minutos, desci até a cozinha, tirando a chave mestra do gancho. Peguei uma lanterna e fui até o porão.

Papai pode confiar em Jerome Nillson.
Eu não.

BETE

Um barulho semelhante ao de um roedor correndo pela floresta arrancou Beth de seu meio sono e ela se levantou, pronta para lutar ou fugir antes de se lembrar de onde estava. Ela se transformou em uma criatura das trevas, cochilando e depois acordando, instantaneamente alerta a qualquer mudança em seu ambiente. Esse barulho era suave, vindo do teto. Ou estava do lado de fora da porta? Um som de deslizamento. Isso fez seu estômago roncar. A última comida que ela comeu foi o pedaço de pão, mais crouton do que pão. Isso foi há dois dias.

Ela fantasiou sobre comer terra. Ela se lembrou da aula de saúde que algumas mulheres grávidas ansiavam por isso, grandes e sujos punhados de terra. Geralmente apontava para uma deficiência de ferro. Se ela comesse terra, ela a colheria no canto mais distante de seu penico com cheiro de amônia. Já se passaram dias desde que ela fez cocô – o que havia para evacuar? – mas o xixi ainda apareceu. Não muito, e o que veio foi lamacento porque ela estava racionando a água.

A sujeira no canto mais distante, porém, tinha um cheiro bom, notas de chocolate com um tom de café. Ela riu, assustando-se. Ela poderia moldá-lo em um biscoito ou bolo e mordiscá-lo com o dedo mindinho levantado. Sua risada ficou mais alta.

Eu ainda posso rir, seu bastardo.

Se o que estava fazendo o som de arranhar fosse um rato, ela não o comeria, mesmo que estivesse morrendo de fome. Ela faria amizade com ele. Eles esperariam juntos porque logo ela estaria livre: ela havia desenterrado aquela estaca. Aquela chave de caveira de cinco polegadas.

Foi assim que ela decidiu chamá-lo porque iria enfiá-lo no olho dele, e isso abriria a porta de sua jaula e a libertaria.

Ver? Chave de caveira.

esquisito esquisito esquisito

Sua risada era rica e apenas um pouco estridente.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 32

Eu congelei, inchaços assustadores surgiram em meus braços.

Pensei ter ouvido risadas à frente, altas e baixas, depois vozes, mas assim que parei, o barulho também parou. Provavelmente os fantasmas do outro lado de Pantown — o extremo sinistro, o extremo onde Nillson morava — ganham vida como criaturas de uma casa mal-assombrada. Eu não poderia me preocupar com fantasmas ou nunca chegaria aonde queria.

Mesmo assim, entrei em uma das alcovas em frente a uma porta para acalmar meus nervos, a própria fenda era uma forma de fantasma, marcando o porão de uma casa que nunca havia sido construída. Que projeto grandioso teria sido, acima e abaixo, se o sonho de Pandolfo tivesse se concretizado. Mas não era para ser. Saint Cloud era uma cidade de granito, terrestre, pesada. Não foi construído para voar muito alto.

Contei até cem naquela alcova enquanto meu batimento cardíaco se acalmava.

A risada não voltou. Pantown estava dormindo.

Comecei de novo, parando em duas portas diferentes, a de Ant e a dos Pitt, encostando meu ouvido nelas, me assegurando de que ninguém sairia. Depois continuei em direção ao porão que tinha certeza de pertencer ao xerife Nillson. O ar estava mais denso naquela extremidade, mais turvo. A escuridão engoliu minha luz, engolindo em direção a mim, então deixei cair o círculo amarelo no chão, concentrando-o, e contei as portas até chegar àquela que Junie havia aberto.

A porta de Pandora.

Mas isso não era justo. Pandora lançou males no mundo. Não havíamos liberado nada. Tínhamos testemunhado acidentalmente o que já estava lá. Minha mão foi para o meu peito, dando tapinhas onde estava escrito T.À RÉestava. Quase pude ver as luzes estroboscópicas atravessando-o, destacando o nome.

Mas o xerife Nillson não veio atrás de Brenda Taft.

Apenas para Maureen.

Descansei minha cabeça abaixo da assinatura *P*ncrustada na pesada porta de madeira e ouvi um silêncio tão profundo que tinha um som próprio, antigo como o oceano. Eu realmente iria fazer isso? Invadir a casa de alguém? Movi a lanterna para a mão esquerda para poder segurar a chave mestra com a direita. Eu deixaria isso decidir. Se abrisse a porta, eu entraria. Se não abrisse, bem, eu encontraria outra maneira de entrar. Implore ao papai para me levar para outra festa, ou apareça com biscoitos e peça para usar o banheiro, ou rasteje por uma janela, ou. . .

Funcionou.

A chave deslizou, girou, abriu a fechadura com um *snick*.

Funcionou.

Girei a maçaneta, minha nuca dançando, os pelos dos braços se arrepiando.

Quando a porta se abriu, um cheiro de casa tomou conta de mim. Fígado e cebola, café, charutos acre, almíscar humano. Tudo dentro de mim ficou imóvel e meu foco se estreitou até certo ponto. Entrei no porão revestido de painéis. Fechei a porta atrás de mim e me encostei nela. Meus olhos se acostumaram à escuridão e os objetos entraram em foco: um sofá, um armário de armas, um modelo de televisão agachado como um enorme buldogue, um toca-discos com uma pilha de álbuns ao lado. A parede oposta, onde os homens estavam alinhados, continha prateleiras escondidas pelos corpos.

Minha garganta apertou. Eles tinham esgotado Maureen.

Pela primeira vez, considere que poderia ter sido suicídio, mas mesmo que fosse, o dono desta casa tinha alguma responsabilidade. Maureen era uma menina. Eu cheguei em

uma foto emoldurada, oito por dez, em cima da televisão agachada. Acendi minha lanterna, rezando para que fosse uma foto pessoal, não de arte.

Eu me peguei olhando para um Jerome Nillson sombrio.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 33

Era a foto oficial de seu xerife, a mesma que estava pendurada no interior do tribunal. Teria sido exibido naquela noite ou ele teve a decência de guardá-lo antes de molestar meu amigo? Eu tremi de vergonha e raiva porque foi isso que aconteceu: molestar. Maureen era...*era*- apenas dezesseis.

Respirei fundo para me equilibrar e acendi a luz pela sala. Meu pai me ensinou que existem tipos de criminosos, e isso é exatamente o que o xerife Nillson era. Um criminoso. Ele era do tipo que tem ego, isso é o que meu pai teria dito se soubesse que o xerife exibiu sua própria foto. Criminosos com egos eram mais fáceis de capturar porque pensavam que eram imparáveis.

Então eles cometeram erros preguiçosos.

Eu descobriria o de Nillson e o levaria para meu pai, uma prova do que Nillson tinha feito a Maureen, ou pelo menos uma prova de que ela esteve aqui.

Então meu pai teria que acreditar em mim.

Com uma orelha apontada para o andar de cima, comecei a vasculhar cada centímetro da toca. Procurei nas capas dos discos, espiei nos cantos das prateleiras, levantei as almofadas do sofá e enfiei as mãos nas frestas, até abri o porta-retratos do xerife Nillson para ver se ele havia escondido alguma coisa atrás do tapete.

Nada.

Verifiquei a porta do porão para ter certeza de que não estava trancada atrás de mim, caso eu precisasse fazer uma visita rápida.

fuga e depois fui na ponta dos pés até a despensa. Era isso ou subir, algo que eu não estava disposto a fazer, não quando Nillson estava em casa, o que presumi que ele estivesse.

Sua despensa continha um amaciante de água, um aquecedor de água e uma fornalha, assim como a nossa. Também continha duas pilhas de caixas bancárias, uma dúzia no total. Nenhum deles foi rotulado. Olhando para a porta que deixei aberta e depois para as escadas escuras (eu poderia chegar ao túnel em três segundos, tinha minha rota de fuga mapeada a partir daí), tirei a de cima.

Decorações de Natal.

Fez-me pensar porque é que o Xerife Nillson não era casado. Ele estava? Ele era divorciado ou viúvo? Abaixo daquela caixa havia outra contendo suprimentos para correspondência. Os próximos quatro continham arquivos, do tipo que papai levava diretamente para seu escritório em casa, o único lugar da nossa casa onde Junie e eu éramos proibidos de entrar. Folhee os arquivos, não reconheci nenhum nome e empilhei as caixas do jeito que as havia encontrado.

Um arranhão no alto transformou meus ossos em molho. Esforcei-me para ouvir, os olhos brilhando entre a porta e a escada, a porta e a escada, a porta e a escada.

O som não se repetiu.

Respirei fundo e trêmulo e peguei a caixa de cima da segunda pilha, tirei-a e coloquei-a no chão. Era mais pesado que a caixa de Natal, mais leve que as caixas de arquivo.

Tirei a tampa e acendi minha lanterna.

Uma fotografia em preto e branco de Ed Godo me encarava.

Meu batimento cardíaco acelerou.

Ed parecia louco, com o cabelo cortado rente. Sem aquela onda alta e oleosa na testa para distrair, seus olhos eram insondáveis, dois buracos perfurados em seu rosto. Caí no chão com as pernas cruzadas e enfiei a lanterna na boca para poder usar as duas mãos. A foto era de papel

anexado ao arquivo de Ed. Ele serviu no exército, exatamente como disse.

Adquiri o hábito na Geórgia quando estava no serviço militar. Evita que meus dentes doam. Não há nada melhor para engolir Anacin do que a cola de Deus.

Ele foi dispensado com honra no final de seu mandato. Pela lista de pequenos crimes que cometeu desde então, parecia que ele havia atravessado a costa leste antes de desembarcar em Minnesota. Não houve registro de acusações formais quando ele chegou, mas uma cópia borrada de notas manuscritas dizia que ele estava sob vigilância por atividades violentas. Meus olhos voaram pelos detalhes, que eram esparsos, basicamente o que papai já havia me contado. Eles pensaram que ele havia assassinado uma garçonete em Saint Paul, mas dois de seus amigos juraram que ele passou a noite toda com eles, e a polícia não encontrou nenhuma evidência na cena do crime que ligasse Ed a isso.

Virei a página, mas não havia mais informações. Embaralhei os papéis, lendo novamente os dois lados, mas não descobri nada de novo. Reorganizando os registros de Ed do jeito que os encontrei, peguei o envelope pardo que estava embaixo deles na caixa. Desenrolei o cordão que segurava o envelope fechado e deslizei a mão para dentro. Senti quadrados pontiagudos. Virei o envelope de cabeça para baixo e observei as fotos Polaroid caindo como neve escorregadia.

Pisquei, minha boca seca ao redor da lanterna. Tirei-o entre os dentes, tremendo levemente com as mãos. As Polaroids eram fotos de garotas nuas, todas com aparência jovem, algumas mais novas que Maureen, tão jovens que não tinham pelos entre as pernas. Muitas das fotos eram apenas de corpos, com as cabeças cortadas pelo ângulo da câmera. Virei cada Polaroid. Datas, sem nomes, alguns remontando a 1971. Meus olhos ficaram turvos. Percebi que estava chorando. Não eram fotos da polícia, pelo menos não todas, nem aquelas com o carpete verde-maçã do xerife Nillson visível.

Aquelas pobres meninas, três dúzias de Maureens, foram forçadas a fazer algo que não queriam. Como eu tirando a blusa para o Formiga porque não tive escolha, não mesmo, não se não quisesse ficar para trás.

Eu me sinto doente.

Devolvi as fotos ao envelope, enrolei o cordão em forma de oito e fiquei me perguntando se teria estômago para pegar o próximo envelope quando ouvi o som inconfundível de uma porta de carro se fechando, tão perto que só poderia ser vindo do Xerife. A entrada da garagem de Nillson.

Minhas lágrimas secaram imediatamente.

Joguei o arquivo de Ed de volta na caixa, fechei-o, coloquei-o de volta no topo da pilha e coloquei o envelope de fotos na parte de trás do meu short. O som da porta da frente se abrindo acima coincidiu com o clique mais suave quando fechei a porta da despensa abaixo.

Os passos pareciam estar indo direto para as escadas do porão, mas eu nunca saberia porque já havia saído pela porta do porão, trancado-a atrás de mim e correndo para casa através dos túneis antes que ele chegasse ao degrau mais alto.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 34

Papai já tinha ido embora quando desci na manhã seguinte e, pela primeira vez, eu estava bem com isso. Eu precisava de um plano. Eu não poderia simplesmente entregar-lhe as Polaroids. Na verdade, acordei arrependido de tê-los roubado. Teria sido melhor que a polícia — aqueles que não eram amigos de Nillson — descobrisse as fotos por conta própria, talvez depois de receberem uma denúncia anônima. Talvez até Gulliver Ryan pudesse ter sido alertado, um morador de fora da cidade em quem o xerife Nillson desconfiava. Descobertas dessa forma, as fotos poderiam ser usadas como prova. Caso contrário, Nillson simplesmente negaria que eles tivessem estado em sua casa, alguma vez, que fosse uma coincidência o carpete se parecer com o dele.

A partir de agora, minha melhor aposta parecia ser devolver o envelope pardo à caixa em que o encontrei e depois ligar para receber a gorjeta de um telefone público. Eu hiperventilei só de pensar em voltar furtivamente ao porão do xerife Nillson. Meu medo me deixou paralisado, esperando que uma ideia melhor aparecesse. Já fazia tanto tempo que eu não tinha uma boa noite de sono que meu cérebro parecia confuso.

Eu me peguei pensando em sabonete artificial. Eu o ganhei como presente de brincadeira de Anton durante o Papai Noel Secreto da sexta série. Parecia sabonete comum, cheirava a detergente, mas quando você o usava deixava suas mãos pretas. Foi assim que me senti: quanto mais esfregava a superfície das coisas, mais sujo ficava.

Decidi guardar as fotos debaixo do colchão por enquanto. Eles poderiam se esconder ao lado do meu diário e do de Maureen.

De repente, fui tomado por um desespero pela minha bateria, uma fome pela ordem, pelo núcleo sólido que senti quando me sentei atrás do meu kit. Este foi o maior tempo que fiquei sem jogá-los desde que comecei. Eu visitaria a Sra. Hansen, veria como ela estava e, se parecesse certo, perguntaria se poderia ficar na garagem. Ela já havia dito que eu poderia, mas tive medo de que minha bateria a lembrasse de Maureen.

Verifiquei mamãe, que estava dormindo. Junie havia deixado um bilhete dizendo que passaria o dia na casa de sua amiga Libby. Liguei para a mãe de Libby para ter certeza de que estava tudo bem.

“Está tudo bem”, disse a Sra. Fisher. “Na verdade, eu estava prestes a ligar para saber se você se importaria se ela passasse a noite. Queremos ir ao drive-in esta noite. Libby implorou para trazer Junie junto, e você sabe até que ponto isso pode demorar.

“Isso seria ótimo”, eu disse. Menos uma pessoa com quem se preocupar. “Vou mandar algum dinheiro com ela na próxima vez que ela vier para pagar de volta.”

“Não se preocupe com isso”, disse ela. “Vai sair na lavagem.”

Desliguei e preparei o café da manhã. Eu geralmente comia torradas, mas a missão da noite anterior me deixou com isso. Coloquei uma frigideira de ferro fundido sobre o queimador maior e coloquei no máximo. Quando o ar acima ficou turvo, coloquei um bom pedaço de manteiga. Enquanto chiava, cortei um círculo no centro de duas fatias de pão branco, usando uma das rodela para empurrar a manteiga derretida pela panela. Depois acrescentei o pão, ouvindo-o absorver a manteiga, e quebrei um ovo em cada buraco. O truque para um sapo perfeito no buraco é não deixar as claras penetrarem muito fundo no pão, pois ele fica encharcado. Você quer que a gema fique firme onde toca a frigideira antes de virá-la. Espere mais um minuto do outro lado e voilà, o café da manhã perfeito. Junie sempre implorava por meus buracos porque eram os melhores para ensopar a gema. Foi um prazer conseguir os dois.

Comi a refeição em pé no balcão e engoli com um copo de leite. Eu me perguntei se a Sra. Hansen tinha

estive comendo. Eu precisava levar um pouco de comida para ela. Foi isso que a vizinhança fez quando Agatha Johnson, na mesma rua, perdeu o marido devido a um ataque cardíaco. Os pratos quentes continuavam chegando.

Vasculhei nossos armários, empurrei de lado latas de feijão verde e ervilha, até encontrar uma lata vermelha e branca de sopa condensada de frango e estrelas Campbell's. Eu esquentava, colocava na garrafa térmica do papai e trazia junto com alguns sanduíches de mortadela. Não era um prato quente, mas eu não queria perder tempo fazendo um e, além disso, o dia já estava pegajoso.

Tomei um banho frio enquanto a sopa fervia e vesti um macacão amarelo. Em um dia tão quente como este, eu gostaria de poder prender meu cabelo em rabos de cavalo curtos, mas é melhor riscar um mapa do tesouroXsobre meu nó se eu quisesse chamar a atenção para ele. Optei por uma presilha grande na nuca que pelo menos levantava um pouco o cabelo. Espiei mamãe novamente. Ela tinha se levantado para fumar um cigarro pelo cheiro, mas agora estava imóvel. Embalei a comida da Sra. Hansen em um saco de papel, coloquei uma maçã vermelha dentro, coloquei no meu Dr. Scholl's e saí.

Meu pescoço formigava enquanto eu andava, zumbia como se alguém estivesse me observando, mas quando me virei, não havia ninguém lá. Eu considerei isso uma reação ao sol escaldante até atravessar a rua no momento em que um Chevelle azul entrou em nosso quarteirão e parou ao meu lado.

Ed sentou-se ao volante.

Senti o medo como uma respiração sufocante perto do meu rosto. Papai disse que eles expulsariam Ed da cidade. Eles aparentemente fizeram um péssimo trabalho. Continuei andando, minhas sandálias entupindo a calçada, mas o Chevelle rastejou ao meu lado como um tubarão.

“Ei, menina bonita”, Ed gritou.

Tenho vergonha de que minha resposta instintiva tenha sido garantir que minha orelha estivesse coberta para que ele não tivesse que retrain a parte “bonita”.

"Não tenho tempo para conversar", eu disse, erguendo a sacola. "Tenho que levar comida para um amigo."

"Não sou um amigo?" ele perguntou.

Quando não respondi, ele parou o carro e começou a falar alto. "Você não foi muito bom em falar comigo depois que eu consegui aquele show na feira ou quando você estava fumando minha grama ao redor do fogo."

Uma porta de tela fechou a rua. Se eu pudesse ouvir isso, isso significava que eles poderiam nos ouvir. Caminhei alguns metros em direção a Ed, perto o suficiente para que pudéssemos conversar sem que todos ouvissem, longe o suficiente para que ele não pudesse me agarrar. Não pensei que ele fosse me sequestrar em plena luz do dia, mas se ele me deu arrepios antes de eu saber que ele poderia ser um assassino, agora ele me fez desejar poder cair na terra e desaparecer.

Ele apontou para a bolsa. "Que tipo de comida?"

Segurei o papel amassado contra o peito, a garrafa térmica emitindo calor como um segundo coração. "Sopa. Sanduíches."

"Eu gosto de sanduíches."

A bolsa continha dois. Tentei pensar em uma maneira de não lhe dar uma, mas não consegui, não sem ser rude. Estendi a mão, tirei um sanduíche embrulhado em cera e entreguei-o a ele com cuidado, como um tratador de zoológico alimentando um tigre.

"Certo", disse ele, agarrando-o e desembulhando-o. "Minha mortadela tem um primeiro nome e é EATME." Ele riu enquanto enfiava um canto na boca. "Para quem é o resto?"

"Mãe de Maureen." Comecei a apontar para a rua antes de me lembrar do que ele poderia ser culpado.

"Droga, sim, isso é uma notícia difícil sobre o garoto se afogando. Ouvi dizer que ela se jogou na pedreira quando descobriu que Brenda estava namorando Ricky.

Parecia que alguém tinha dado um nó no meu cérebro. "O que?" Ele encolheu os ombros. "Foi exatamente o que ouvi."

"Mas eu pensei que ela estava namorando você. Maureen, quero dizer.

"Não, eu não aproveito os segundos desleixados de ninguém. Você ouviu errado. Seus lábios estalaram enquanto ele comia o sanduíche.

Examinei todas as minhas memórias da semana passada. Claro, Brenda estava com Ricky na festa, mas Maureen não teria se importado. Ela tinha terminado com Ricky, se é que alguma vez tivesse começado com ele. "Eu penso *você* ouvi errado."

Seu rosto virou em minha direção. Estava roxo. "O que você acabou de me dizer?"

"EU . . . Nada. Desculpe. Estou chateado, só isso. Meu amigo está morto."

Ele olhou para mim por mais alguns instantes com aqueles olhos pequenos. "Sim, é melhor você ficar longe de mim."

Ele jogou seu sanduíche pela metade pela janela aberta do passageiro. Ele caiu aos meus pés e se desfez. Eu estava olhando para o Chicote Milagroso que fiz questão de alcançar as bordas de ambas as fatias. Um chocalho atraiu meu olhar para trás. Ed agarrou o frasco de Anacin, colocando comprimidos brancos na boca.

"Suponho que você não tenha um RC nessa bolsa?" ele perguntou, sua boca gentil ao redor das pílulas.

Eu balancei minha cabeça.

"Bem, droga", disse ele, mastigando-os. Ele engoliu em seco. "Por que eu parei você é porque queria perguntar se você está interessado em um encontro duplo."

Minha cabeça recuou. "Com quem?"

Ele riu muito disso, tanto que seus olhos lacrimejaram.

"Formiga", disse ele, quando se recuperou do controle. "O garoto não vai calar a boca sobre você. Acho que vocês dois precisarão de mim para um passeio. Que tal você trazer aquela sua doce irmãzinha?"

"Junie tem doze anos", eu disse, o choque comprimindo minha voz.

Ele encolheu os ombros. "Parece muito mais velho."

"Meu pai é o promotor público", eu disse. Tentei fazer com que parecesse uma ameaça. Pareceu que eu estava fazendo uma pergunta.

"Foi isso que ouvi", disse Ed, colocando o carro em movimento. "Pense nisso. Eu sei como divertir uma garota."

Ele saiu tão rápido que o chaveiro em seu painel caiu no banco da frente.



“Não consigo engolir pão, mas estou grata pela sopa”, disse a Sra. Hansen quando expliquei por que viera. Ela tinha os olhos claros, mas suas palavras eram um pouco arrastadas e ela tinha um cheiro doce, como se tivesse tomado banho em suco de maçã. Ela ainda não tinha me deixado entrar, mas eu podia ver uma área do chão aparecendo atrás dela, e a luz entrava por uma janela no lado oposto da sala que eu tinha esquecido que estava lá, estava escondida por caixas por tanto tempo.

“Você está limpando?” Perguntei. Eu ainda estava nervoso por causa do encontro com Ed, lutando contra a vontade de olhar para a rua esperando seu retorno.

“Não estou limpando”, disse ela, caminhando em direção à cozinha e indicando que eu deveria segui-la. “Movendo.”

Apesar de suas palavras arrastadas, ela estava andando em linha reta, mas isso poderia ter sido uma função das caixas que ainda ladeavam o caminho. A cozinha era ainda mais surpreendente do que a sala da frente. A mesa estava limpa. Coloquei o saco de papel em cima dele, formando uma confusão de perguntas. Eu nunca tinha ouvido falar de ninguém saindo de Pantown. As pessoas ficaram no bairro, passaram suas casas para os filhos.

“Para onde você está se mudando?”

Ela se inclinou na geladeira e saiu com uma jarra de chá gelado. “Longe deste inferno, isso é tudo que importa. Estou pegando meu coração ruim e pegando a estrada.”

Eu não sabia como era meu rosto, mas isso a fez rir com força, como se alguém tivesse empurrado seu peito. “Você entenderá quando ficar mais velho”, disse ela. “Talvez nem demore tanto. Você sempre foi inteligente.

Ela tirou dois copos de um armário cheio de copos do McDonald's grátis com hambúrguer, apresentando Ronald McDonald e sua turma. Ela os encheu com chá gelado. Peguei um copo de Hamburglar e ela pegou o Grimace.

"Quando você vai embora?"

Ela tomou um gole de chá. Isso intensificou seu cheiro adocicado, como se o líquido estivesse empurrando o cheiro para fora de seus poros. "Quando eu encontrar aqui as coisas que importam, e estou prestes a dizer que nada disso importa. Não sem Maureen. Uma onda de tristeza turva percorreu seu rosto, mas ela continuou. "Tenho um amigo que mora em Des Moines. Ela disse que posso ficar um pouco com ela, então quem sabe? Las Vegas sempre precisa de dançarinas."

Ela riu disso. Ela tinha a mesma idade da minha mãe, trinta e poucos anos. Ela ainda era bonita.

"Eu deveria pegar minha bateria na garagem", eu disse. Eu vim brincar, mas durante a caminhada também pensei em perguntar a ela o que fazer com as fotos. Eu não contaria a ela por que fui ao porão, apenas o que encontrei. Ela parecia ser a única adulta que eu conhecia que se sentia confortável com as coisas mais sombrias, mas ela estava tão estranha esta manhã, triste, mas sólida de uma forma que ela não sentia há anos.

Ela assentiu, mas seus olhos claros ficaram tempestuosos. "Você poderia sair comigo, você sabe. Não há nada para ninguém aqui. Eu deveria ter saído da cidade há um tempo atrás, quando seu pai começou a brincar na minha porta depois de percorrer o resto da vizinhança. Se seus pais não conseguiram sobreviver a Pantown com a alma intacta, nenhum de nós conseguirá.

Ela agarrou meu queixo, me assustando. "Sinto muito por isso, pelo que aconteceu com sua mãe, eu dormir com seu pai. Constance nunca mais foi a mesma depois que descobriu."

CAPÍTULO 35

“Eu sei que não foi o único fator, que ela tinha alguns genes ruins da própria mãe e ficou triste depois que Junie nasceu, mas eu dormir com o marido dela não poderia ter ajudado”, ela continuou, como se tivesse feito isso. não apenas nivelei meu mundo, como se estivéssemos conversando sobre nossos programas de televisão favoritos ou que restaurante deveríamos escolher para almoçar e não meu pai correndo atrás da minha mãe com Gloria Hansen, com Maureen's *mãe*.

"Não, eu disse.

Ela largou o copo, me estudando, com a cabeça inclinada. “Não me diga que você não sabia sobre mim e seu pai? Ele trazia você algumas vezes, pelo amor de Deus, quando o Sr. Hansen estava no trabalho. Você brincaria com Mo. Ela me lançou um olhar como se talvez eu não fosse tão inteligente quanto ela pensava, mas isso se transformou em simpatia. “Sinto muito, querido. Pensei que você soubesse. Eu paguei por isso, se isso ajuda. Custou-me meu marido e meu melhor amigo. Quando Maureen descobriu, isso também me custou o respeito dela.

As imagens batiam umas nas outras como bolas de bilhar na minha cabeça. Mamãe e Junie recém-nascida descansando na mesma cama, papai perguntando se eu queria sair um pouco de casa. Eu disse sim todas as vezes. Eu adorava brincar com a Maureen, estava acostumada a ir na casa dela com a mamãe. Maureen e eu corríamos lá fora, tomávamos longos goles da mangueira quando esquentávamos ou, em dias de chuva, nos escondíamos no quarto dela, a casa dos Hansen mais vazia, mas ainda cheia de coisas interessantes. Não prestamos atenção ao papai e à Sra. Hansen, a não ser para

me esconder deles, sabendo que quando nos descobrissem, a diversão acabaria e eu teria que ir para casa.

"Poderia usar seu banheiro?" Perguntei à Sra. Hansen. Ela parecia querer dizer mais, reembrulhar o pedido de desculpas e apresentá-lo uma segunda vez, mas em vez disso disse que estava tudo bem e se virou para tirar mais xícaras do armário.

"Sirva-se de qualquer coisa que você quiser", disse ela, de costas para mim. "Vou acabar deixando quase tudo. Deixe a maldita cidade descobrir o que fazer com isso."

Naveguei até o banheiro, ainda atordoado. Sentei-me no assento fechado do vaso sanitário, tentando manter um pensamento, mas era como pegar um peixe debaixo d'água.

Meu pai e a Sra. Hansen tiveram um caso.

O armário de remédios estava entreaberta, a pia cheia de frascos laranja de remédios. Procurei o mais próximo. Equanil. O próximo dizia diazepam. Mamãe tinha ambos. Eu os tinha visto em sua mesa de cabeceira e sabia que ambos foram feitos para relaxá-la. Pílulas felizes? Eu supus. O terceiro frasco estava rotulado como digoxina. Ouvi a voz do meu pai falando sobre o afogamento de Maureen.

O xerife Nillson acredita que Maureen roubou alguns remédios para o coração de sua mãe, sua digoxina, para desmaiar e não lutar contra a água. Se não fosse o remédio para o coração, eram alguns dos seus analgésicos.

Antes que eu pudesse me convencer do contrário, abri os três frascos e coloquei um monte de comprimidos de cada um no bolso do meu short. Eu não tinha um plano, apenas uma necessidade desesperada de entender Maureen, ou de ser como Maureen. Ou talvez eu quisesse fugir de tudo por um momento, não para sempre, apenas o tempo suficiente para parar de me sentir tão triste, tão perdido, tão certo de que as coisas iriam piorar ainda mais.

E assim por diante.

Sirva-se de tudo o que você vê e deseja, Sra. Hansen havia dito.

CAPÍTULO 36

Assim que cheguei em casa, mudei os comprimidos do bolso para um frasco de Anacin quase vazio e coloquei-o debaixo do colchão. Já me arrependi de tê-los levado. Aparentemente foi o que fiz agora. Estupidamente peguei coisas que não deveria.

Depois que os comprimidos sumiram de vista, liguei para papai para contar que tinha visto Ed. Ele não gostou de ouvir isso. Ele me disse para ficar longe de Ed – como se eu precisasse que alguém me dissesse isso – e depois desligou, eu pensei em descobrir como fazer com que o “expulsar Ed da cidade” durasse. Talvez ele e o xerife Nillson devessem ter assistido alguns faroestes.

Sozinho na cozinha, depois do telefonema, fui atingido por uma onda de desespero para falar com Claude. De todos os meus amigos, ele permaneceu firme. Não tinha começado a perseguir garotas, a ir a festas, a usar roupas estranhas. Ele era simplesmente Howdy Claude, confiável como o sol, firme como cimento e sempre tentando conseguir um apelido que durasse.

A ideia de descarregar sobre ele tirou um peso quente dos meus ombros. Nunca havíamos conversado sobre sexo ou qualquer coisa próxima, mas ele aguentava ouvir o que Maureen estava fazendo agora que sua reputação não estava mais em jogo. Eu não mostraria a ele as fotos assustadoras, mas seus ouvidos sobreviveriam à minha descrição. Eu não poderia contar a ele tudo sobre Ed e Ricky porque meu pai havia deixado claro que isso era confidencial, mas todo o resto era justo, inclusive o que a Sra. Hansen disse sobre ela e meu pai terem um caso.

Eu até contaria a ele sobre o remédio para o coração que roubei dela.

Claude me ajudaria a dar descarga ou a devolver os comprimidos, apostou. Sorri um pouco pensando nisso. Seria tão bom não ter que fazer tudo isso sozinho.

Mas eu não poderia contar nada a ele além da linha do partido, e era tarde demais para incomodar os Ziegler. Teria que esperar até amanhã, no trabalho.



Na manhã seguinte, quando chegou a hora de eu partir para Zayre Shoppers City, Junie ainda não havia chegado da casa dos Fisher. Mamãe estava fumando em frente à televisão, sua maquiagem espessa incapaz de esconder sua palidez. Foi difícil olhar para ela agora que eu sabia. Doeui pensar em como ela era vibrante antes de Junie nascer. Ela quebrou como um espelho depois, e seus pedaços eram tão afiados que nenhum de nós conseguiu chegar perto o suficiente para juntá-la novamente.

Será que o caso do pai com a Sra. Hansen foi o que a destruiu?

Num impulso, liguei para a casa de Libby ao sair para perguntar se Junie poderia ficar mais tempo. Algo sobre mamãe estar fora do quarto me deixou nervoso. A Sra. Fisher disse que estava tudo bem.

Lá fora, o mundo era tão normal. O Sr. Peterson, do outro lado da rua, estava cortando a grama como fazia todos os sábados de verão. O barulho do seu velho cortador de grama era reconfortante, deixando o ar verde e confuso com o suco da grama. Uma leve brisa ondulava as folhas de carvalho e bordo para cima e para baixo no quarteirão, movimento suficiente para levantar os cabelos do meu pescoço e tornar a umidade da manhã suportável. Uma gangue de crianças do ensino fundamental passou de bicicleta.

“Oi, Heather!” um deles ligou.

Acenei e subi na minha bicicleta. Eles iam jogar softball. Eu saberia mesmo se não tivesse visto o equipamento deles. As crianças jogavam softball todos os sábados no Pantown Park. Minha casa, meu bairro, zumbindo como um relógio sintonizado enquanto o veneno a apodrecia por dentro. Sempre foi assim? Brilhante e feliz na superfície, escuro e decadente por baixo? Era assim que todos os bairros eram ou foram os túneis que amaldiçoaram Pantown, enfraquecendo nossos alicerces desde o início?

Pensar nisso me lembrou de algo que papai costumava dizer aos amigos mais vezes do que eu poderia contar. Ele se gabava de nunca discutir com a mãe em casa porque já cansava disso no trabalho. Todos iriam rir. Eu ria de orgulho porque parecia uma prova de que meus pais tiveram o melhor casamento da cidade.

Mas lá *tive* foram discussões, agora percebi. Muitos deles. Um em particular me veio à mente.

Junie era uma recém-nascida, com o rosto rosado e irritado. Eu a coloquei no chão e fiquei olhando para ela, como sempre fazia. Mamãe e papai estavam conversando, foi o que pensei, as vozes deles eram um ruído de fundo, até que ouvi mamãe dizer que estava invisível. Isso exigiu a atenção do meu filho de três anos. Papai disse que conseguia vê-la muito bem, que talvez a visse demais e que ela havia mudado desde que o bebê nasceu. Eu havia traçado as sobrancelhas de Junie com a ponta do dedo.

Mudado? Mamãe ainda tinha barriga. Quando perguntei se havia outro bebê chegando, ela chorou. As mães de Claude e Brenda começaram a vir regularmente depois disso, movimentando-se pela casa, limpando e cozinhando, com os rostos contraídos. Mamãe dormia mais, às vezes só saindo da cama na hora do almoço. Seu rosto sempre parecia inchado. Não demorou muito para que mamãe fosse ao Dr. Corinth e voltasse para casa com seu primeiro frasco de comprimidos, mas o que quer que eles deveriam consertar não funcionou porque ela queimou minha orelha logo depois.

Mas não antes de ela comparecer àquela última festa na casa dos Pitts, aquela em que papai disse à Sra. Hansen que foi a fábrica falida da Pan Motor Car e a prisão que colocaram Saint Cloud no mapa, e então ele a levou para baixo. , para os túneis.

Eu não sabia se era a primeira ou a última vez que papai traiu mamãe ou algo entre os dois, mas tive dificuldade para respirar, pensando nisso, como se o ar de repente tivesse ficado muito denso. Papai sabia que mamãe estava sofrendo e ainda brincava com a melhor amiga dela.

A Sra. Hansen foi uma presença constante na minha infância até o acidente, e depois ela nunca mais apareceu. *Meu pai fez isso.* A Sra. Hansen também, mas eu não estava bravo com ela como estava com ele.

Meu pai era um trapaceiro.

Continuei bebendo o ar, tentando respirar fundo enquanto andava de bicicleta sob as nuvens de algodão puxado, o suor se formando na linha do cabelo. Estaria ocupado em Zayre. O ar condicionado e o fato de ser sábado garantiam isso.

"Muito tempo sem ver!" Ricky gritou quando fui de bicicleta até os fundos da loja.

Ele ficou na sombra da lixeira de metal, mesmo lugar onde sempre fumava. Além de uma espinha aparecendo como um chifre em sua testa, ele não parecia diferente do que era antes de meu pai me contar sobre Ed. Ele não parecia ter matado ninguém, pelo menos.

Acorrentei minha bicicleta.

"Não estamos conversando?" — ele perguntou, o que foi engraçado, porque ele nunca quis falar comigo, exceto para perguntar o que Maureen estava fazendo, se ela era solteira, mas desde que ela desapareceu, ele parecia não se cansar disso. tagarelando comigo.

"Não tenho muito a dizer", eu disse.

Ele riu. "Isso é o que eu gosto em você, Chefe. Você não desperdiça palavras."

Ele bateu a ponta do cigarro na lateral do prédio, fazendo voar faíscas, e segurou a porta aberta para mim. "Vou dar uma festa amanhã. A mesma pedreira da última. Pedreira Onze. Quer vir?"

Passei por ele e entrei na cozinha. O ar frio tomou conta de mim, junto com os cheiros que sobraram da comida de ontem. *Ed e provavelmente até Ricky, você nunca pode mudar homens como eles. As mulheres sempre tentam, mas homens assim nascem maus.* "Estou ocupado."

"É uma festa em homenagem a Maureen."

Minha mão flutuou na frente da fileira de cartões de ponto, a minha, a de Claude e a de Ricky na frente. Trabalhamos na maioria dos turnos, por isso obtivemos o maior faturamento. "Por que?" Perguntei.

O que eu quis dizer foi: por que *você* faça isso?

Ele pareceu entender minha intenção. "Ela era uma boa criança, cara. Eu a conheço há toda a minha vida."

Eu dei um soco e me virei para ele. "Você estava namorando ela?" Ele encolheu os ombros. "Nós brincamos algumas vezes. Nada de grandes."

"E Brenda? Você está namorando ela?"

Ele ergueu as mãos. "Uau, Columbo, tire sua caminhonete da minha garagem. Eu gosto da Brenda, claro. Ela é uma raposa. Mas não estamos namorando."

"Ed diz que você é."

A mandíbula de Ricky apertou. "Quando você falou com Ed?" "Ontem."

"Mostra o que ele sabe. Por que você mesmo não pergunta a ela na próxima vez que a vir?"

Eu com certeza iria, mas eu não ia contar isso a Ricky. Ocupei-me preparando a frente para a abertura, contando os segundos até que Claude aparecesse. Quando ouvi a porta dos fundos se abrir, fiquei tão animado que quase o derrubei.

"Ziggy!" Eu disse, correndo para ele.

Ele deve ter vindo de bicicleta até aqui também, porque o suor escorria por seu rosto, enrolando o cabelo em sua nuca. Ele olhou para mim

desconfiado antes de entrar. "Desde quando você me chama assim?"

"Desde hoje", eu disse. "Obrigado mais uma vez por receber Junie na outra noite."

"Eu disse que estava tudo bem."

"Hum-hmm." Sorri para ele, mas ele parecia evitar olhar para mim. "Você está bem?" Perguntei.

"Sim", ele disse rispidamente, indo para o almoxarifado.

"Estaremos ocupados hoje, só isso. Não olhando para a frente."

Eu o segui, olhando para Ricky para ter certeza de que ele estava fora do alcance da voz. "Eu preciso falar com você."

Ele estava tirando um pacote de canudos da prateleira. Suas bochechas ficaram rosadas. "Eu preciso falar com você também."

Pela primeira vez reconsiderarei meu plano de revelar tudo a Claude. O que quer que tenha acontecido com Maureen e Brenda parecia tê-lo finalmente infectado também. Achei que não conseguiria lidar com meu último amigo indo para o sul. "Sobre o que?"

"Já era hora de vocês, idiotas, começarem a trabalhar", disse Ricky da porta, assustando a nós dois. Ele segurava uma espátula, que apontou para o balcão da frente. "Clientes."



As três horas seguintes passaram numa névoa de cachorro-quente. Era como se todos em Saint Cloud tivessem decidido fazer compras e precisassem de sanduíches e batatas fritas para abastecê-los. Cada vez que eu pensava que estava diminuindo a velocidade e conseguia sentir Claude, descobrir por que ele estava agindo de forma tão estranha, mais clientes famintos faziam fila.

Só no final do nosso turno, quinze para as três, é que tivemos uma pausa.

"Não sei por que eles passam o dia aqui em vez de no Muni", eu disse, encostando-me no balcão. Servi a última refeição do dia: cinco cachorros-quentes, três sacos de batatas fritas,

e uma cerveja grande - para um pai, uma mãe e seus três filhos.

Cláudio não respondeu. "Há algo que eu realmente preciso tirar do meu peito", disse ele, pegando o bolso de trás. "Se eu não fizer isso agora, eu..."

"Cláudio! Mesclado!"

Brenda apareceu do outro lado do balcão. Eu precisava falar com ela também, perguntar se ela estava namorando Ricky como Ed disse, mas Claude estava prestes a lançar algo realmente importante sobre mim. Levantei a mão para Brenda, mas Claude murmurou algo como "deixa pra lá" e desapareceu no banco de trás.

O que deu nele?

"Você vai à festa da Maureen?" Brenda perguntou. Virei-me para dar-lhe minha atenção.

Foi então que notei seus brincos, bolas de ouro penduradas em correntes, caras o suficiente para que uma adolescente não as comprasse para si mesma.

Os mesmos brincos que Maureen usava na noite em que desapareceu.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 37

"Onde você conseguiu isso?"

"Você gosta deles?" Brenda passou o dedo indicador por um deles.

"Maureen tinha alguns assim. Lembrar? Ela os usou na noite do nosso show."

"Ela fez? Deve ser por isso que gostei deles."

Ela não estava me enganando nem por um segundo. Por que ela estava fingindo não se lembrar? "Eu saio em dez minutos. Espere por mim?"

Ela assentiu.

O rosto de Ricky apareceu pela janela da cozinha. "Brenda! Diga a Cash que não estamos namorando."

Algo parecido com um sorriso brilhou em seu rosto. "Eu e Ricky não estamos namorando", disse ela.

Eu fiz uma careta. Parecia que eles estavam zombando de mim. "Dez minutos", eu disse, apontando para um banco livre no meio da loja. "Espere aí."



O banco acabou ficando cheio antes que ela pudesse chegar até ele, então, em vez de ficarmos sentados no ar-condicionado, voltamos juntos de bicicleta para Pantown. Conversar com Claude teria que esperar. Ainda nem tínhamos saído do estacionamento quando Brenda desabou e confessou onde havia conseguido os brincos.

“Ed deu para mim.” Ela estava se segurando, andando rápido como se estivesse tentando fugir de uma má ideia. “Eu sabia que não deveria tê-los levado. Ele deu esse par para Maureen também. Acho que é assim que ele recompensa quem é seu favorito.”

Engoli uma bola de cola. “Ele obrigou você a fazer coisas para eles?”

“Não, Heather, não é assim.”

Eu a estudei com o canto do olho. Ela era tão bonita, a garota mais bonita que conheci depois de Maureen e Junie. Ela não se importava muito com sua aparência, porém, nunca teve. Ela passou de uma criança de bochechas de maçã para uma fase rápida e estranha e, de repente, uma atordoante de cabelos castanhos e olhos azuis que, sempre que saíamos de Pantown, certamente seria parada por pelo menos uma pessoa perguntando se ela era modelo. . Ela ria e agitava o pulso para eles, como se estivessem sendo bobos. Às vezes, se eles não desistissem, ela lhes dizia que queria ser enfermeira quando terminasse o ensino médio. A questão era que era verdade. A mãe dela era enfermeira e isso era tudo que Brenda sempre quis ser.

Estiquei os dedos nos punhos da bicicleta. O odor gorduroso do sol cozinhando a comida que eu derramei em mim revirou meu estômago. “Se não é assim com Ed, então como é?”

Ela tentou sorrir, mas a expressão derreteu. “Eu saio com ele porque não quero ficar sozinha. Eu penso muito quando sou só eu. Não consigo desligar.”

Seus ombros se ergueram com a força do choro repentino. Levei-a para baixo da única árvore na beira do estacionamento, um olmo fino que mal dava sombra. “Você não está sozinho, Bren. Você tem a mim, Claude e Junie. Sua mãe e seu pai, seus irmãos. Joguei fora todos os nomes que consegui pensar, esperando que funcionasse. Eu tinha que colocá-la de volta em terreno firme ou afundaria com ela.

Ela finalmente se acalmou o suficiente para poder falar. “Você sabe que Jerry estava em casa de licença há algumas semanas?”

"Sim", eu disse, lutando para acompanhar a mudança de conversa. Eu pensei que isso fosse sobre Maureen.

"Ele estava ausente."

Reconheci o termo de *M*A*S*H*. "Ele fugiu?" Ela limpou o rosto antes de estudar as unhas. "Algo parecido. Ele tem um problema com a bebida e acho que engravidou uma menina. Tudo isso foi demais, então ele abandonou o exército. Mamãe e papai finalmente o convenceram a voltar atrás e enfrentar as consequências, mas ouço mamãe chorando à noite, e papai fica muito tenso o tempo todo. Então o que aconteceu com Maureen. Sinto que estou afundando, sabe? É como se eu pensasse que estava vivendo uma vida, mas descobri que todo mundo estava vivendo outra, e os dois simplesmente se chocaram. Eu nem sei mais o que é real." Ela balançou a cabeça com tanta força que seu cabelo caiu em seu rosto. "Parece estúpido."

"Não, não importa," eu disse, falando as palavras mais verdadeiras que já pronunciei. "Sei exatamente o que você quer dizer."

Ela não agiu como se tivesse me ouvido. Ela limpou o nariz, os brincos balançando, a voz baixa. "É por isso que saí com Ricky, Ricky e depois com Ed. Só para sentir algo além de triste o tempo todo. E acho que Ed nem gosta de mim. Ele me deu esses brincos, mas não presta mais muita atenção em mim."

Agarrei seu pulso. Eu prometi ao meu pai que não revelaria o que ele havia revelado sobre Ed, e por mais que quisesse punir meu pai por ser um trapaceiro, não quebraria minha palavra com ele, especialmente se isso significasse que ele perderia o trabalho dele. Mas eu não poderia dizer *nada*. "Ele é uma má notícia, Brenda. Ed, quero dizer. Você não deveria mais sair com ele. Eu ouvi ele. . . Ouvi dizer que ele machucou alguém em Saint Paul."

"Você brigou, você quer dizer?"

Mordi o interior da minha bochecha. "Algo parecido." Eu a senti se movendo um pouco em minha direção, como se pudéssemos ser nós dois contra o mundo novamente. Eu queria mais disso. "Você vai à festa do Ricky?" Eu perguntei timidamente.

Ela massageou uma das bolas douradas, com a testa franzida.
"Eu estava pensando sobre isso."

"Você quer vir para minha casa em vez disso?"

Eu esperava que ela dissesse não, mas em vez disso, ela me abraçou. "Oh cara, eu quero! Poderíamos ter uma noite de garotas. Isso seria muito melhor. Ed é agressivo, Heather. Ricky e Ant fazem tudo o que ele manda, e acho que eu também faço. Ele faz tudo parecer importante, pelo menos quando estou com ele. Assim que ele se vai, sinto-me uma idiota. E você sabe o que mais? Ela chupou o lábio inferior e então seu rosto se iluminou. Ela se inclinou e sussurrou em meu ouvido: "Ele beija muito mal".

"Eca," eu disse. "Realmente?"

Ela estava rindo. "Sim. Seus lábios estão secos e tensos, é como ser bicado por um pássaro. Acho que ele tem que beijar assim porque os dentes dele são muito ruins."

"Pare com isso!" Eu disse, rindo agora também.

"Oh, você vai ouvir tudo isso e muito mais esta noite, então é melhor você já estourar a pipoca quando eu chegar."

Nós nos separamos, eu me sentindo melhor do que deveria

para.



Naquela noite, toquei outra música *Fé cega*, "Can't Find My Way Home", enquanto esperava por Brenda, tocando uma almofada do sofá com minhas baquetas, rebobinando quando perdi uma batida, tentando novamente.

Levei algumas horas, mas finalmente consegui. Ainda não havia Brenda, então esperei mais um pouco.

E mais alguns.

Por fim, depois que o resto da casa adormeceu e o relógio bateu meia-noite, adormeci no sofá, com as baquetas no colo.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 38

Bum bum bum bum!

Levantei-me do sofá, desorientado, meu pulso combinando com as batidas. Eu sonhava em tocar bateria. Eu tinha levado aquele trovão para o mundo desperto? Então o telefone começou a tocar e a barreira contra a porta aumentou até incluir a maçaneta balançando furiosamente.

"Acorde, caramba! Gary, acorde!"

Papai correu para a sala, amarrando o roupão, parecendo preocupado. Ele veio de seu escritório. Ele estava trabalhando até tarde ou dormindo lá.

Ele destrancou a porta e a abriu. Jerome Nillson estava na nossa varanda, com os cabelos espetados em todas as direções, delineados pelo anoitecer. Ele estava vestido, mas mal: calça comprida e uma camiseta branca manchada. Alguém o acordou assim como ele estava nos acordando.

"O que é?" Papai perguntou.

Mas os olhos do xerife Nillson me encontraram. Ele empurrou papai para o lado e entrou na sala, o cheiro pungente de bebida o precedendo. "Onde está Brenda Taft?"

Senti como se tivesse saído da sala de estar e caído em um palco bem iluminado. Tentei engolir, mas fui na direção errada e comecei a tossir.

O xerife Nillson agarrou meu ombro e me deu uma sacudida rápida, como você faz com uma máquina de doces que não deixa cair seu chiclete. "Ela está aqui?"

"Não", eu disse, com os olhos lacrimejando. "Ela deveria ter vindo, mas ela nunca apareceu."

Ele agarrou meu queixo, seus dedos enviando fios de dor ao longo da minha mandíbula. “É um pacto de suicídio? É isso que vocês, meninas, têm?”

“Jerome, já chega”, disse papai, puxando-o de cima de mim. “Isso é sobre o quê?”

O xerife Nillson passou as mãos pelo cabelo de algodão doce, prendendo-o de volta no lugar. Suas palavras saíram firmes. “Roy Taft estava saindo para pescar. Brilhante e cedo pega o verme. Pensei em dar uma olhada em Brenda antes de sair e dar um beijo nela. Exceto que Brenda não estava na cama, não estava em nenhum lugar da casa. Ele me ligou e eu vim direto para cá.

O xerife Nillson olhou para mim enquanto eu esfregava o queixo dolorido. “Se você está escondendo algo de mim, então me ajude”, disse ele. “Não vou permitir que duas garotas desapareçam sob minha supervisão.”

Ele colocou ênfase nos “dois” – “não ter *dois* meninas desaparecem” – como se uma fosse aceitável, mas duas fosse vulgar. Ou talvez, como ele sabia sobre o primeiro, tivesse uma participação nisso, mas o segundo foi uma surpresa indesejável.

Eu estava lutando para respirar fundo. “Se Brenda estiver desaparecida, pergunte a Ricky”, eu disse. “Ricky, Ant e Ed. Eles saberão. Ed está de volta à cidade. Ele comprou brincos para Brenda.

Papai e o xerife Nillson trocaram um olhar ponderado.

“Você sabe onde Ed está hospedado?” Papai perguntou.

Balancei a cabeça e pensei na cabana onde participei da minha primeira e única festa. “Ele mencionou a casa de um amigo perto da pedreira, aquela atrás do Dead Man's. É um menor, Quarry Eleven, eu acho. Se você dirigir por aquela estrada o máximo que puder e estacionar, a cabana fica a cem metros ao norte, por entre as árvores.

O lugar onde Ant tirou minha foto.

O xerife Nillson olhou para mim, com as engrenagens girando. “Que tal o carny, aquele que vendeu maconha para Brenda. Você já

o viu por aí? Ele tem uma barba de Abraham Lincoln. Se você o visse, você saberia.

Meu peito apertou. Como ele sabia que Brenda comprou maconha do carnavalesco? "Eu o vi em Pantown na semana passada. Enquanto a feira ainda estava na cidade. Não Desde." Eu fiz uma pausa. "Ele estava na sua parte da vizinhança."

O xerife Nillson parecia prestes a gritar comigo de novo. Em vez disso, ele desabou em uma cadeira próxima como se Deus tivesse soltado suas cordas. Ele passou as mãos pelo rosto. Eles fizeram um som rouco contra sua barba por fazer. "Eu sei o que você acha que viu no meu porão, Heather."

Papai soltou um grito, mas o xerife Nillson ergueu a mão para silenciá-lo antes de continuar. "Precisamos de todas as nossas cartas na mesa, Gary. Os casos podem estar conectados."

O chão desapareceu de repente como uma daquelas pontes suspensas *Tarzan*, eu na metade do caminho até que o xerife Nillson cortou uma das pontas, transformando a ponte no ar a trezentos metros de altura. Fiquei horrorizado quando papai revelou que havia contado ao xerife Nillson que Brenda e eu tínhamos visto Maureen em seu porão. Mas papai jurou que não nos deu o nome.

Não, claro que não, ele disse. Eu protegi você. Eu disse a ele que era um boato.

Papai havia mentido. Ele não protegeu Brenda e eu. A traição rastejou como agulhas de tatuagem, profunda e afiada, pela minha pele.

Eu não conseguia olhar para meu pai.

"O que quer que você pense que viu naquela noite, seus olhos estavam pregando peças em você", continuou o xerife Nillson. "Você entende? Claro que dei uma festa, inocente como qualquer coisa. Isso é tudo. Preciso que você tire qualquer outra coisa da cabeça para que possa me ajudar a descobrir o que está acontecendo com vocês, meninas."

"Pensei que você tivesse dito que Maureen se matou", falei, mordendo cada palavra.

“Sim, e ainda acho isso”, disse ele. “Mas com três garotas mortas – duas delas na sua banda, devo acrescentar – eu seria um tolo se não viesse aqui e fizesse perguntas. Se você, Brenda e Maureen têm algum tipo de acordo suicida, é estúpido. Morto está morto. Não há glória do outro lado.”

Não pensei que o Padre Adolph aprovaria essa mensagem. “Maureen não se matou. Brenda não se matou. *Eu sou* não vou me matar.” A imagem das pílulas que eu roubei da Sra. Hansen passou pela minha cabeça. Eu empurrei de volta.

O xerife Nillson estava olhando para mim com uma expressão ilegível. “Se você se lembrar de alguma coisa que possa me ajudar a encontrar Brenda”, ele finalmente disse, com a voz rouca, “você conta ao seu pai, e ele me contará. Enquanto isso, quero que saiba que pretendo que meus delegados revistam minha casa, sem que eu esteja lá. Não permitirei que ninguém pense que tenho algo a esconder. O boato é um cupim. Ele comerá sua casa, um grão de cada vez, se você permitir. Não permitirei que vocês, crianças, destruam o que construí, entenderam?”

Olhei de volta para ele, recusando-lhe a satisfação de uma resposta.

Eu era arrogante.

Foi quando ainda acreditei que Brenda voltaria para casa.

BETE

Caindo estrondoso. Risada. Um grito.

Tantos homens lá em cima. Pelo menos cinco, pelo que parece, e não do tipo que ele trouxe consigo antes. Aqueles homens caminharam com leveza, suas vozes eram como tiros de palavras. Aqueles homens tinham sido convidados, ela sabia, mas também sabiam que não deveriam estar ali. Os homens acima agora não se importavam se tivessem sido questionados. Eles eram *caminhando*. Policiais, talvez, ou militares.

Apenas alguns metros de ar e algumas vigas e tábuas isoladas separavam Beth deles. Eles estavam conversando alto o suficiente para que ela pudesse entender cada sexta palavra ou mais.

Garota. . .procurar. . .vivo. Algo que soava como “dodô”.

Se ela pudesse ouvi-los, eles certamente a ouviriam se ela abrisse a boca.

"Ajuda! Sou Elizabeth McCain e fui sequestrada! Estou aqui embaixo!

Isso é o que ela gritaria, se pudesse.

Ele a pegou desprevenida. De novo. Ele era um animal que farejava quando ela dormia. Ou talvez ele tivesse um olho mágico lá no alto, onde ela não pudesse descobrir. Desta vez, ela não estava com a lanterna acesa quando ele entrou, então, a menos que ele tivesse alguns óculos mágicos de visão noturna, foi uma pura sorte ele tê-la pegado dormindo.

Isso, ou urgência imprudente.

Ele poderia saber que esses homens estavam vindo.

Na verdade, quanto mais ela pensava nisso, com o cérebro seco e tenso de sede e fome, isso explicaria tudo. Ela presumiu que ele tinha vindo para violá-la, mas não. Ele correu para o quarto. Prendeu os pulsos atrás das costas com fita adesiva antes de colocar uma tira sobre a boca, o som nítido do rasgo tão chocante na meia-luz que tinha gosto de limão nas obturações de suas costas.

Então ele a empurrou para um canto, como se ela pudesse ser *maisescondido*, sibilou em seu ouvido para ficar quieta ou então, e saiu correndo, trancando a porta atrás de si. Os homens com seus passos de “nós pertencemos” apareceram menos de vinte minutos depois.

Pense, Bete.

Ele estava infeliz ao gravá-la? Assustado? Ela não conhecia o humor dele, não realmente. Ela conhecia o homem de mentira que estava sentado em sua seção no restaurante, confiante e sedutor, mesmo depois de ela ter enviado vibrações de cobertor molhado tão fortes que poderiam ter apagado um pequeno incêndio. Ela também conhecia o homem que veio e a violou, um macaco idiota e bufante, um escravo de seus impulsos. Aquele homem entrou e saiu rapidamente.

Depois houve a terceira versão. Esse foi o homem que trocou o penico e o balde de água três vezes naqueles primeiros dias, o homem que deixou o pão para ela. Essa versão não aparecia há algum tempo.

Não se esqueça de alimentar os animais do zoológico, amigo.

Ela começou a rir, mas depois se conteve. Quando ele a amarrou pela primeira vez, ela cometeu o erro de lutar contra a fita em seus pulsos. O esforço provocou um ataque de tosse, que fez seu nariz entupir. Com a boca fechada com fita adesiva, ela quase sufocou. Levou cada onça de reserva de *auto*, de *Bete*, ela saiu para acalmar sua mente, depois seu coração, depois sua respiração.

Assim não, ela disse a si mesma.

Não vou morrer assim, seu filho da puta.

Respirações profundas e fortes quando seu nariz estava limpo, no fundo de seus pulmões.

Ela poderia grunhir e rosnar para tentar chamar a atenção dos homens acima. Não iria funcionar, ela sabia disso. Ela já havia testado sua voz com a fita adesiva sobre a boca. Foi lamentável.

Se houve um momento para desistir, foi agora.

Resgate tão perto e tão impossivelmente longe.

Mas ele parecia preocupado, não é? Essa tinha sido a expressão dele nesta última visita, o olhar que ela não conseguia ler até agora. Os passos acima significavam alguma coisa. Eles deram-lhe esperança.

Os passos mais a ponta de cinco polegadas que ele não conseguiu descobrir.

Antes de se deitar para dormir, ela escondeu a estaca na borda da parede dos fundos, a mesma parede contra a qual ele a jogou quando entrou correndo. amarrando seus pulsos.

CAPÍTULO 39

A meia hora seguinte foi um borrão irregular. Junie, acordada pela comoção, desceu as escadas aos tropeções. Nillson saiu correndo, papai desapareceu em seu escritório e eu fiquei sentado, paralisado. Então Junie assistiu televisão, clicando no CBS Late Late Movie.

Papai saiu do escritório momentos depois vestindo um terno. Ele foi até a cozinha, tirou o prato quente pegajoso da geladeira e colocou-o na boca, levantando-se. Eu não sabia mais por que ele se dava ao trabalho de voltar para casa, esse homem com formato de pai, esse trapaceiro, esse *mentiroso*.

Ele bagunçou o cabelo de Junie onde ela estava sentada no sofá, me deu um beijo na bochecha ao lado dela e estava a meio caminho da porta quando eu percebi que estava desaparecendo.

"Fique em casa", implorei.

"O que?" ele disse, parecendo surpreso. Ele não notou o rosto cheio de maquiagem de Junie, que ela desceu usando, levemente borrada, como se ela tivesse aplicado antes de adormecer. Ele não disse nada sobre como mamãe não saía de casa sozinha há um mês. E ele não me perguntou como meu coração não parou de bater depois de perder Maureen e agora, com a partida de Brenda.

"Por favor," eu disse, um soluço me surpreendendo. Uma vez liberado, as lágrimas correram quentes. "Por favor, não nos deixe agora." Eu me odiei por dizer isso, mas se ele não ficasse, eu iria afundar.

Ele estava pegando sua pasta. Em vez disso, ele correu de volta para mim, me puxando do sofá e me abraçando.

firmemente.

“É isso que você quer também, Junie?”

Eu a observei através das dobras da camisa do meu pai, vi ela balançar a cabeça em silêncio, embora eu tenha pensado ter percebido um brilho em seus olhos quando ela passou a língua sobre seus dentinhos afiados de raposa, nos observando.

Papai recuou, olhou para o relógio e depois para o telefone. Seu rosto suavizou-se. “Você estoura o milho e eu pego um jogo de tabuleiro, como costumávamos fazer. Como soa a vida?



“Não era para ser assim”, disse papai. Ele estava guiando seu minúsculo carro de plástico pelas pequenas montanhas verdes, com um pino rosa e outro azul.

“Você conseguirá mais gente”, disse Junie, olhando para o quadro.

Papai sorriu, mas foi melancólico. “Não é o jogo.” Ele olhou em direção à porta do quarto. Nenhum de nós sugeriu convidar mamãe para esse espaço protegido de tempo, esse espaço surreal e cheio de pânico das duas da manhã que existia separado do mundo. “Ela é a mulher mais bonita para mim. Vocês, meninas, sabem disso, não é?”

Junie assentiu. Eu queria, mas não consegui, não agora que sabia que ele havia me traído. Talvez ele estivesse até trapaceando agora, e é por isso que quase nunca estava em casa.

Girei o volante, ouvindo seu som de catraca. “Mesclado?”

Papai perguntou suavemente.

Eu não queria olhar para ele, mas não pude evitar. Quando nossos olhos se encontraram, vi que os dele estavam focados, insistentes.

“Eu amo muito sua mãe e amo vocês, meninas, de todo o coração. Preciso que você saiba disso. Quando ainda não respondi, sua voz ficou profunda e ecoante. “Também preciso que você se lembre de que sou o chefe desta família.”

Percebi que estava cerrando os punhos. Eu os relaxei e senti o sangue voltar. Ele não poderia saber o que a Sra. Hansen tinha me contado, então por que parecia que ele estava confessando um caso? Eu queria que ele ficasse em casa para me confortar. Eu pensei que morreria se ele não o fizesse, e aqui estava ele, sem me oferecer nada. Nem mesmo isso. Ele era *Perguntando* coisas de mim.

Tirando. Tomando, tomando, tomando.

"Mesclado?" ele disse, seu tom de aviso, o último que eu receberia, dizia. "Você sabe disso, não é?"

Eu nunca o desrespeitei antes. Este era um território desconhecido. Uma feia veia azul latejava na têmpora do meu pai. Eu podia sentir a veia correspondente pulsando na minha.

Junie tossiu, chamando minha atenção. Ela parecia trêmula, à beira das lágrimas.

"Claro, pai," eu disse com a mandíbula cerrada. Maureen teria recuado ainda mais, mas eu não era Maureen. Em vez disso, engoli meu redemoinho amargo de sentimentos, levantei-me, caminhei como um robô até seu lugar na cabeceira da mesa e coloquei meus braços em volta dele. Afinal, ele ficou em casa quando perguntei. Isso contou para alguma coisa, não foi?

Ele sorriu, inclinando-se para mim como se eu fosse o pai e ele o filho.

A questão era que eu sabia que ele estava dizendo a verdade. Ele *fez* amo todos nós. Por que isso não era mais suficiente?

"Gary?"

Eu me virei. Mamãe ficou perto do sofá. Ela usava um roupão florido. Seu rosto estava sem maquiagem e seu cabelo estava despenteado. Ela parecia jovem e vulnerável. Olhei para Junie, me assegurando de que ela estava segura, como eu fazia sempre que mamãe entrava na sala. Fiquei feliz ao ver que um pouco de cor havia retornado às bochechas de Junie.

"Você está bem, querido?" Mamãe perguntou, deslizando em direção ao papai. "É meio da noite."

"Eu estava confortando Heather", disse papai, endireitando-se ao mesmo tempo em que me empurrou. "Tem sido um

momento difícil, como você sabe.

"Isso não é trabalho para um pai", ela disse a ele, com a voz sonhadora e os braços abertos. "Consolar uma criança é dever de mãe."

Dei um passo para trás, agradecendo o abraço, mas em vez de me abraçar, mamãe estendeu a mão para papai, beijando o topo de sua cabeça, murmurando palavras suaves que fizeram os anos desaparecerem de seu rosto. Junie e eu trocamos um olhar incrédulo, eu porque não conseguia acreditar que ela quase me abraçou, Junie porque não conseguia se lembrar de quando elas eram assim. Eu poderia, por pouco, mas já fazia tanto tempo. Mamãe segurou muito papai antes do acidente. Do jeito que isso o fazia brilhar, eu costumava pensar que ela estava iluminando sua alma.

"É melhor assim", disse ela, esticando o pescoço para estudar o rosto dele e depois sorrindo para mim. "Por que ninguém me disse que íamos ter uma noite de jogos?"

"Desculpe", eu disse. "Achei que você estava dormindo."

"Minha garota responsável", disse mamãe, aproximando-se para acariciar minha bochecha e depois gentilmente me guiar de volta para minha cadeira. Minha coluna ficou tensa em alarme. "Meu *pobregarota*", ela continuou. "Seu pai me contou sobre Maureen. Ninguém pode carregar o fardo do outro, mas podemos testemunhar a dor. Estou aqui agora, Heather. Sua mãe está aqui."

Pisquei, o quarto estava tão silencioso que pude ouvir o clique suave das minhas pálpebras. Ela estava dormindo quando Nillson nos contou sobre Brenda. Ela pensou que estávamos acordados porque eu estava chateado com Maureen. Mas essa consciência mal foi registrada.

Ela estava sendo minha mãe.

"Gary", ela disse, sorrindo vagamente para ele, "estou pensando em trazer um prato quente para Gloria. Aquela pobre mulher. E todas as vezes que ela tentou se desculpar comigo, e eu não deixei. É hora de deixarmos o passado para trás, você não acha?"

Papai assentiu, seu rosto virou uma marionete.

"Foi o que pensei", disse mamãe. Ela flutuou até a cadeira em frente ao meu pai, aquela que ela raramente ocupava. "Agora, quem quer negociar comigo?"

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 40

Mamãe insistiu que ela estava bem o suficiente para ir à igreja na manhã seguinte. O funeral de Maureen deveria ocorrer imediatamente após a cerimônia, mas o partido disse que estava sendo adiado por respeito à família de Brenda e à busca por ela.

Estávamos todos em silêncio no caminho para Saint Patrick's, com o ar úmido da manhã nublando as janelas. Quando chegamos à igreja, não consegui encontrar a caminhonete dos Tafts no estacionamento lotado. Parecia que o resto de Pantown havia decidido aparecer, junto com alguns estranhos, repórteres fazendo perguntas. Papai conduziu nós três para baixo da árvore para esperá-lo enquanto ele conversava com um dos jornalistas que reconheceu. Estava quente. Eu estava infeliz. Pela primeira vez me perguntei — pelo menos na minha cabeça — por que não podíamos entrar em um prédio sem papai. Estava pelo menos dez graus mais frio lá dentro.

Eu estava questionando muitas coisas ultimamente.

Claude e seus pais caminhavam pelo gramado. Acenei freneticamente. Cláudio desviou o olhar. Eu poderia jurar que ele me viu.

“Mãe, vou dizer oi para Claude.”

Ela assentiu, sua pele translúcida na sombra ondulada.

Eu corri. “Cláudio!”

Ele se recusou a olhar. Ele deve ter me ouvido. Seus pais estavam se virando, sorrindo.

"Claude, posso falar com você?" Eu perguntei quando cheguei ao lado deles. "Sozinho?"

"Vá em frente, Claude", disse seu pai. "Encontraremos você lá dentro." Claude parecia desconfortável com sua camisa de botão e gravata, e não era apenas o calor.

"Você ouviu falar de Brenda?" Eu perguntei depois que seus pais se afastaram.

Ele assentiu.

"Claude, por que você não olha para mim?"

Ele se virou, seus olhos ferozes, então os deixou cair, um rubor subindo por seu pescoço. "Eu tinha algo para te contar no trabalho outro dia, mas suponho que você não queira ouvir agora."

Senti linhas de confusão surgirem em minha testa. "O que você está falando?"

"Ed e Ant pararam no balcão da delicatessen depois que você saiu. Ant me mostrou sua foto. Seu olhar disparou novamente, suplicante e depois irritado. "Você poderia ter me dito que você e ele estavam namorando."

Minha mão voou para minha garganta e olhei para a cruz. Posso não gostar de ir à igreja, mas era dono de calças. Fui criado com um temor saudável a Deus. Eu sabia que não deveríamos falar sobre aquela foto em solo sagrado.

"Eu não sou. *Eram* não. Foi uma noite estúpida. Minha vergonha se transformou em raiva de Ant. Pena que Claude estivesse aqui. "Qual é o seu negócio, hein?"

Seu queixo caiu como se eu tivesse dado um tapa nele. "Acho que não", disse ele, entrando na igreja.

Fiquei ali por alguns instantes, em algum lugar entre chorar e gritar. Eu não conseguia acreditar que Ant tinha mostrado aquela foto para Claude. Isso nem deveria importar, não com Maureen morta e Brenda desaparecida, e não importava, nada parecido com aquelas perdas importava, mas doeu em um momento em que eu não tinha espaço para mais sofrimento. Voltei para baixo da árvore ao lado de mamãe e Junie, me perguntando quem mais aqui tinha

me viu de sutiã, chorando, naquela foto de coelhinho idiota que deixei Ant tirar.

Depois de alguns minutos, papai acenou para nós e o seguimos até a igreja.

“O que os repórteres queriam saber?” Mamãe perguntou ele.

Ela jogou duas rodadas de Life conosco naquela cavidade trêmula do crepúsculo, conversou com Junie sobre penteados e comigo sobre trabalho, perguntou ao papai sobre seus casos. Parecia que ela brilhava com a alma *todos* de nós, como antigamente, mas eu estava cauteloso. Com mamãe, o que subia tinha que descer, e era um mistério qual combinação exata tornaria a vida demais para ela.

É hora de férias, Gary, ela dizia, sua voz soando como se viesse de um poço profundo.

Foi por isso que fiquei tão horrorizado que papai tivesse contado a ela sobre Brenda no caminho para a igreja. O que ele estava pensando? Não podíamos protegê-la de tudo, mas normalmente conseguíamos controlar a velocidade com que as más notícias chegavam até ela. Ela pareceu aceitar isso com calma, o que me deixou desconfortável. Mas então pensei que talvez fosse melhor, já que o padre Adolph certamente mencionaria o desaparecimento de Brenda durante o sermão. Mamãe poderia receber muitas notícias ruins na igreja. Ela disse que se sentiu apoiada aqui.

“Eles queriam saber se havia alguma atualização sobre as meninas desaparecidas”, disse papai, fazendo o sinal da cruz e nos guiando até nosso banco. Mamãe, Junie e eu seguimos o exemplo quando os últimos sinos tocaram no alto. O farfalhar de movimento dentro da igreja parou na hora certa com o eco final do sino. Respirei os cheiros reconfortantes de olíbano e sabão de madeira enquanto as velas estavam acesas. O coro iniciou o canto de entrada enquanto Padre Adolfo se aproximava do púlpito, seguido por seus coroinhas. Ele se curvou e balançou o porta-incenso antes de acenar para um ajudante retirá-lo.

“Todos de pé”, disse ele, parecendo que um vento ruim soprava através dele.

A congregação permaneceu unida.

“Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, entoou Padre Adolph.

“Amém”, respondemos. Mamãe estendeu a mão para trás de Junie para apertar minha mão. Eu tinha amaldiçoado muito alto? Mas mamãe manteve os olhos no padre.

Padre Adolfo continuou. “Bem-vindos a todos que se juntaram a nós para o culto hoje; que você encontre consolo e força entre seus irmãos. Estou muito grato pela sua presença. Devemos confiar em nosso Senhor Jesus Cristo e com Sua força, confiar uns nos outros. Neste momento, neste momento, três das nossas famílias precisam desesperadamente do nosso amor.” Ele ergueu os olhos do púlpito, os olhos tristes e o rosto tenso. “Glória Hansen.”

Todos nós olhamos em volta como se ela pudesse se levantar. Eu não a vi entre a congregação.

“Sua preciosa filha está com nosso Senhor, e cabe a nós cuidar de Glória aqui na terra.” Ele assentiu solenemente e continuou: “Os Tafts também precisam do nosso amor”.

A mesma resposta, todos nós boquiabertos, mas nenhum Tafts à vista.

“A filha deles, Brenda, desapareceu. Se você souber de alguma coisa sobre o desaparecimento dela, fale com o xerife Nillson.”

Isso provocou alguns suspiros dos poucos que não ouviram a notícia, seguidos por um murmúrio de inquietação. O xerife Nillson, que estava sentado algumas fileiras acima e à esquerda, levantou a mão, como se houvesse alguém aqui que não soubesse quem ele era.

“Enquanto isso, devemos orar pelo retorno rápido e seguro de nossa querida Brenda. O mesmo vale para Elizabeth McCain, que não foi vista desde que desapareceu do Northside Diner, há mais de uma semana. Se você souber de alguma coisa, mesmo que não ache importante, fale com o xerife Nillson.

Vamos dar nossos corações em oração a essas meninas desaparecidas e suas famílias."

Padre Adolph baixou a cabeça e começou a murmurar. Todos nós seguimos o exemplo. Alguém na minha fila se levantou, provavelmente para usar o banheiro. Eu não prestei muita atenção. Embora eu quisesse desesperadamente Brenda de volta, sã e salva, tive vergonha de dizer que estava muito ocupado pensando naquela foto que Ant estava mostrando para todo mundo orar. E se meu pai soubesse disso? Ou pior, viu?

"Você sabe onde eles estão!"

O grito estridente cortou os suaves murmúrios da igreja como um estilete. Todos nós olhamos para cima. Mamãe passou por papai e entrou no corredor, onde cambaleava e gritava com padre Adolph, o rosto cor de framboesa de raiva.

Eu suspirei.

"Você sabe onde essas crianças estão! Falei com o Senhor e Ele disse que você deve devolvê-los!" Ela girou em câmera lenta, com os olhos em chamas. "Você *todo* saber o que aconteceu com eles. Eles tiveram que pagar o preço de Pantown, e cada um de vocês é responsável." Ela apontou para os fiéis, cutucando o ar enquanto cuspiam cada palavra. "Todo. Um. De. Você."

Padre Adolph descia correndo do púlpito, mas papai já estava ao lado de mamãe, com a mão na cintura dela, tentando conduzi-la para fora. Ela estava se contorcendo contra ele, lutando para se libertar, os olhos selvagens, gritando por ajuda.

Entorpecido de horror, só consegui puxar Junie para perto, cobrindo seus ouvidos.

O xerife Nillson deu um passo em direção ao púlpito e encarou a congregação, usando sua melhor voz estrondosa de homem no comando. "É um momento difícil para ser mãe, sem dúvida. Pai, volte para o seu rebanho. Gary cuidará de sua família.

Nillson virou-se para mim e assentiu. *Ir. Agora. Eita.* Cheio de vergonha, agarrei Junie e a levei para o corredor lateral, tropeçando em outros em nossa pressa de escapar. Por

Quando chegamos lá fora, papai já estava saindo do estacionamento, acelerando na direção do hospital.



"Eu não *querer* passar no Ant's", disse Junie, chutando a areia. Saint Patrick's ficava a apenas um quilômetro e meio de nossa casa, mas o calor dobrava a distância. "Quero ir para casa e assistir TV."

"Não há nada de bom nas manhãs de domingo, e você sabe disso. Além disso, levará apenas alguns minutos. Ant tem algo meu e preciso recuperá-lo."

"O que ele tem?" "Uma foto."

"Oh." Caminhamos mais um quarteirão em silêncio. Havia pouco trânsito. Quase todo mundo estava na igreja.

"Quanto tempo você acha que mamãe vai ficar fora desta vez?" — Junie perguntou, quebrando o silêncio. Ela estava usando um vestido de algodão e fitas no cabelo. Apesar das roupas femininas, Ed estava certo. Ela parecia muito mais velha do que era, pelo menos dezesseis anos.

"Contanto que ela leve para ficar boa."

Junie franziu o rosto. "Você sempre diz isso." "Porque é verdade."

Ela ficou quieta um pouco mais. Pude ver a casa de Ant no final da rua, a entrada vazia.

"Posso te contar um segredo?" Junie disse calmamente.

Eu quase esqueci que ela estava ao meu lado. Eu estava ensaiando mentalmente o que diria para recuperar aquela foto.

"Às vezes eu queria que ela nunca mais voltasse para casa", concluiu Junie.

Minha cabeça virou em direção a ela. "O que?"

Ela esticou o queixo, olhando para mim com um desafio nos olhos. "Mãe. Às vezes eu desejo que quando ela foi para o

hospital, ela ficaria lá e não voltaria. A casa parece muito maior sem ela nela. Papai assobia mais. Você até sorri às vezes.

Eu fiz uma careta. "Eu sorrio o tempo todo."

"Você costumava fazer isso", disse ela, piscando lentamente. Seus olhos verdes eram enormes e com cílios longos, quase como os de um desenho animado. "Quando eu era bem pequeno. Tipo, antes de eu poder andar. Eu sei porque há fotos.

"Onde?" Fui eu quem limpou a casa. Tínhamos fotos onde as pessoas pudessem vê-las, fotos de família, a maioria delas antes do nascimento de Junie. Um casal de mamãe e papai se formando. Seus pais. Nenhum de mim sorrindo.

"Escritório do papai."

Eu parei no meio do caminho. "Você não deveria entrar aí!"

"É onde estão todas as coisas boas." Ela encolheu os ombros e apontou. "A formiga está na frente."

Olhei para onde ela estava indicando. Com certeza, Ant estava na varanda, como se estivesse me esperando.

"Espere aqui", eu disse a Junie. "Melhor ainda, encontro você em casa."

Ela me lançou um último olhar curioso antes de sair pela rua. Marchei em direção a Ant, minha raiva retornando, aumentando a cada passo, até crescer como um escudo ao meu redor.

"E aí, Heather?"

"Seus pais estão em casa?"

Ele balançou sua cabeça.

"Bom. Quero aquela foto de volta. Acho que decidi seguir o caminho direto.

Ele se encostou no corrimão, com o rosto quase todo na sombra. "Qual deles?"

Subi as escadas da varanda e o empurrei com tanta força que ele caiu alguns passos para trás. "Você sabe qual. Aquele que você pegou na cabana. De mim de sutiã.

Ele recuperou o equilíbrio e veio até mim, enfiando o rosto no meu, seu hálito cheirando a ovo. "Isso é *meu* foto. Eu não vou devolver."

"Mas é de mim!"

"Você disse que eu poderia ficar com ele." "Eu mudei de ideia."

"Muito ruim."

Uma raiva incandescente tomou conta de mim. Olhei para a porta da frente, me preparando para passar por ela e entrar no quarto dele e virar tudo de cabeça para baixo e do avesso até localizar a foto. Meu corpo deve ter telegrafado minhas intenções porque Ant disparou na minha frente, encostado na porta, com os braços cruzados. Sua boca larga formava uma linha raivosa abaixo do nariz do Sr. Cabeça de Batata.

"Você disse a Nillson que eu tive algo a ver com a partida de Brenda", disse ele, em tom acusatório.

Pensei em negar, mas não consegui entender o motivo. "Você fez?"

"Não."

Meu ombro estremeceu. "Então você não tem nada com que se preocupar."

Ele me observou por alguns instantes, piscando inquieto. "Você se lembra de quanto costumávamos brincar? Tipo, nós saíamos o tempo todo.

"Sim, e então você parou de vir." Depois que ouvimos o pai dele gritando com ele.

Ele encolheu os ombros, mas o movimento parecia doloroso. "As coisas ficaram difíceis em casa. Não significava que eu não queria mais ser amigo."

"Você não nos contou nada disso." "Como eu poderia?

Vocês estavam todos me ignorando.

Pensei em Ant à margem, à espreita, estranho de repente, eu, Claude ou Brenda pedindo para ele se juntar a nós, Maureen provocando-o com bom humor. Nada disso funcionou. Ele simplesmente se afastou ainda mais, até parecer que nunca tinha feito parte do nosso círculo.

“Ninguém ignorou você, Ant.”

“Você não vai me ignorar agora,” ele disse, correndo em minha direção antes que eu pudesse levantar as mãos, sua boca na minha, faminto, mastigando mais do que me beijando.

Eu enfiei meu joelho em suas ameixas. Quando ele se dobrou, pulei para trás e saí da varanda. “Quero aquela foto, Anton Dehnke”, gritei. “Não é seu para guardar.”

Corri para casa, as lágrimas esfriando meu rosto.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 41

Papai ligou e disse que ainda ficaria no hospital porque no momento não havia leitos para mamãe.

“Posso esperar para que você não precise fazer isso”, eu disse. Eu ainda estava furioso com ele por ter contado ao xerife Nillson que Brenda e eu tínhamos visto Maureen no porão dele, e não sabia se algum dia conseguiria perdoá-lo por trair mamãe, mas éramos uma família.

“Obrigado, querido, mas acho que é melhor eu ficar aqui.” Ouvi um som abafado, como se uma mulher estivesse falando com ele do outro lado da linha. Uma enfermeira com novidades sobre a mamãe? Ele voltou ao telefone depois de alguns segundos. “Eu tenho que ir. Não espere por mim.

Ele não mencionou Junie. Ele sabia que eu cuidaria dela. Ela estava sentada no sofá, folheando um exemplar do *Batida do Tigre*, um Shaun Cassidy de aparência suave na capa. Maureen tinha uma paixão feroz por Shaun Cassidy. Disse que nem era que ele era fofo, era que ele parecia honesto com Deus/*legal*. Tipo, muito legal, do tipo em que ele não precisava contar a outras pessoas sobre isso.

“Você conseguiu isso de Libby?” — perguntei, indicando a revista.

“Hum-hmm.”

Fiz uma nota mental para dizer ao papai que Junie gostava *Batida do Tigre*. Poderíamos comprar uma assinatura para ela no próximo aniversário. “Vou para o meu quarto.”

Sua testa franziu como se eu a estivesse irritando, mas ela não respondeu.

No caminho para as escadas, fui atraído para o escritório do meu pai, no final do corredor. Não era como se estivéssemos morando no castelo do Barba Azul. Eu poderia entrar mesmo que ele tivesse me dito para não fazê-lo. Junie tinha, pelo amor de Deus. É que eu não tinha motivo para isso. Foi o que eu disse a mim mesmo e fez sentido. Além disso, abrir uma porta já havia nos colocado em apuros suficientes.

Corri escada acima, puxando meu diário de debaixo do colchão. O envelope com as fotos que tirei do xerife Nillson mordeu a almofada macia entre meu polegar e o indicador, rápido como uma aranha. Chupei o local dolorido e pulei na cama, com as pernas cruzadas.

Dear Diary:

You know that night I let that take a picture of me in my bedroom. Well, that was stupid. He better give it back, or I'll break into his house and take it. That's what I do now. I'm a regular Charlie's Angel. Once I get that Polaroid in my grabby little hands, I'll have it, and I'll have something that dumb again. You have my word.

Olhei pela janela, enviando meus pensamentos para os braços verdes e calmos do carvalho.

Onde você está, Brenda?

O xerife Nillson parecia sério sobre o desaparecimento dela, e isso me assustou mais do que qualquer coisa. Eu sabia se ela estivesse em perigo, certo? Quando ela pegou catapora na quarta série, eu estava com coceira quase tão forte quanto ela. Quando ela me contou sobre seu primeiro beijo, uma mistura doce e desleixada com um dos amigos de seu irmão Jerry, como a boca dele tinha cheiro de cerveja, pude sentir o gosto em meus próprios lábios. Quando ela chorou pelos residentes de seu trabalho, aqueles cujos filhos não os visitavam, senti sua dor no peito.

Pensar nessas memórias me deixou nervoso. E assim, eu não conseguia ficar parado nem mais um segundo, mal conseguia suportar estar na minha própria casa. Fiz uma ligação rápida para os pais de Libby e levei Junie até lá, apesar de seus protestos moderados...*Eu quero assistir teeveeee*– e comecei a andar de bicicleta. O que começou como uma busca terrestre em Pantown se expandiu. Passei pelos apartamentos Cedar Crest, lembrando-me de meu pai zombando deles quando estavam sendo construídos, dizendo que, a menos que você estivesse na faculdade, era melhor ter uma casa e uma família de verdade, e não uma vida em um apartamento. Eu concordei com ele sem nem pensar. Mas agora, olhando para o cubo perfeito de um prédio, pensei em como a vida deles deve ser perfeita, a dos moradores. Tudo o que eles precisavam estava ali, ao seu alcance. Nada desnecessário. Nada a esconder.

O que mamãe gritou para a congregação? *Cada um de vocês tem responsabilidade. Todo. Um. De. Você.*

Era mortificante pensar nela desmoronando em público. Tentamos tanto esconder isso, papai e eu. Agora todos saberiam, não apenas os vizinhos que nos ajudaram quando Junie e eu éramos pequenos. Parei minha bicicleta no semáforo de East Saint Germain. À minha esquerda havia um shopping. À minha direita estava o Northside Diner.

As palavras do Padre Adolph vieram até mim.

O mesmo vale para Elizabeth McCain, que não foi vista desde que desapareceu do Northside Diner, há mais de uma semana.

Pedalei até o estacionamento. O cheiro de comida frita era forte mesmo vindo de fora. A frente da lanchonete era ocupada por uma grande janela panorâmica, famílias pós-igreja aproveitando o especial de domingo, uma fila de clientes atrás deles tomando café no balcão. Quase me acovardei, mas então uma garçonete que estava anotando o pedido de alguém me avistou e me lançou um sorriso amigável.

Apoiei minha bicicleta na lateral da lanchonete e fui em.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 42

“Ouvi falar daquelas outras duas garotas”, disse a garçonete, encostada no tijolo da lanchonete, com fumaça saindo de sua boca. Ela tinha cabelos amarelos e crespos com raízes pretas, olhos arregalados e um sorriso fácil. Quando expliquei por que estava lá da melhor maneira que pude, ela apontou para seu crachá – Lisa – me fez um milk-shake de morango por conta da casa e me disse para esperar até o intervalo dela. Cerca de vinte minutos depois, ela me levou para os fundos e acendeu um cigarro. “Lamento saber que eles são seus amigos. Essa é a merda.

“Sim”, eu disse, segurando o milk-shake que trouxe para fora. O copo ainda estava meio cheio, com umidade escorrendo pelo revestimento de cera. Tinha um gosto artificial, como se alguém tivesse pedido a Deus para transformar a cor rosa em comida.

“Eu estava trabalhando naquela noite”, disse

ela. Parei de fingir que estava bebendo. “Quando Elisabete desaparecido?”

“Sim. Beth, nós ligamos para ela. Ela remexeu no avental e tirou uma Polaroid dela e da ruiva Beth McCain dentro do restaurante, braços pendurados nos ombros uma da outra, sorrindo na frente da cozinha.

“Ela frequenta a minha igreja”, eu disse, apontando para Beth. “Sim.

Deveríamos nos encontrar em uma festa naquela noite, depois do trabalho. Colocado por um cara chamado Jerry, que voltou do exército.”

“Jerry Taft?”

“É ele”, disse ela, parecendo surpresa. “Você estava na festa?”

"Não." Lisa não era Pantowner. Ela não sabia que todos nós nos conhecíamos. Não parecia valer a pena explicar. "Beth nunca conseguiu?"

O cozinheiro saiu pela porta dos fundos, com o avental uma colcha de retalhos de comida crocante. Os cabelos pretos que ele penteava sobre a careca suada dançavam na brisa. "Um grupo de oito acabou de chegar."

Lisa ergueu o cigarro. "Estarei aí em um segundo." Ele revirou os olhos e fechou a porta.

"Não que eu tenha visto", ela me disse, depois de dar uma tragada. "Karen e eu, ela é outra garçonete, trabalhava no mesmo turno comigo e Bethie, só chegamos lá por volta das duas e meia daquela manhã. Todo mundo foi bombardeado. Foi difícil encontrar um ritmo, então não ficamos muito tempo, apenas o suficiente para procurar por Beth."

Chutei o cascalho, me perguntando o que isso significava. "Você acha que o mesmo cara que a sequestrou levou seus amigos?" Lisa perguntou.

Apertei os olhos para ver o estacionamento. "A polícia acha que Maureen se matou."

Lisa bufou. "Isso soa como a polícia de Saint Cloud. Três meninas desaparecem, não conseguem encontrar duas e afirmam que a terceira se matou.

"Você conhece a polícia?"

"Somos um restaurante que funciona a noite toda. Você conhece todo mundo." Eu provei isso por alguns segundos. "Beth tinha algum cliente regular? Alguém agindo de forma estranha apareceu naquela noite?"

Ela me estudou pela ponta do nariz. "A polícia fez a mesma pergunta. Beth era popular. Todo mundo adora uma ruiva. Alguns frequentadores regulares dispararam nosso radar. Um deles, ele parecia estar fazendo um teste para *História do lado oeste*."

Meu batimento cardíaco acelerou, pulou uma batida e voltou duas vezes mais forte. "O nome dele era Ed Godo?"

"Não sei o nome dele. Cara baixo, vinte e poucos anos, cabelo preto penteado para trás, jaqueta de couro, mesmo quando fazia calor como o sol.

rachadura do diabo. Bebi cola e tomei Anacin como se fosse trabalho dele. Usava elevadores nos sapatos.

"Você contou tudo isso para a polícia?"

"Sim. Disse a eles que ele também não apareceu naquela noite. A porta dos fundos se abriu novamente. "Se você quer um emprego, volte ao trabalho agora mesmo, Lisa."

"Deus!" ela disse, balançando a cabeça, mas apagou o cigarro na lateral do prédio e jogou-o na lata de lixo próxima. "Desculpe, não poderia ser mais útil."

"Agradeço seu tempo", eu disse. Ela sorriu e se virou para entrar.

"Espere", eu disse. "Você mencionou que ela tinha alguns clientes regulares que não se sentiam bem. Quem eram os outros?"

Ela parou com a mão na porta. "Outros não. *Outro*. Jerome Nillson."

O choque me tirou do corpo, mas Lisa continuou falando, alheia.

"Como eu disse, você conhece todo mundo. Nillson acabava na seção de Bethie com frequência suficiente para que não pudesse ser coincidência. Ela disse que não gostava dele, mas o que você vai fazer? ela perguntou, encolhendo os ombros. "Pena que ele e o Fonz não se juntaram e se cancelaram."

CAPÍTULO 43

A viagem de bicicleta para casa pareceu pesada, como se alguém tivesse amarrado alforjes cheios de pedras na minha Schwinn. Ed Godo e Jerome Nillson eram frequentadores assíduos da vida de Beth e de Maureen, e ambos conheciam Brenda. Além disso, embora pousassem em lados diferentes do distintivo, os dois homens eram perigosos. Suas ligações com três meninas desaparecidas, uma das quais foi encontrada morta, não poderiam ser coincidência. Mesmo assim, eu não sabia o que fazer com a informação. Talvez eu pudesse me desculpar com Claude e poderíamos resolver isso juntos.

Exceto que eu não achava que lhe devia desculpas.

O barulho distante de uma ambulância se infiltrou em meus pensamentos, me fez pensar em minha mãe, em como ela ficou desesperada quando teve que morar em um quarto de hospital, em como doía vê-la em um lugar onde tudo tinha que ser suave. afiado, onde não eram permitidos cordões, nem mesmo cadarços. Eu tinha um par de chinelos especiais que usei para visitá-la.

A ambulância se aproximou quando cheguei ao extremo leste de Pantown, descendo a rua principal. Um carro da polícia seguiu imediatamente atrás. Eu estava vagamente indo para casa, mas virei à esquerda para seguir as sirenes. Em direção às pedreiras. Eu não queria examinar muito de perto por que os veículos de emergência me atraíam como um ímã. Talvez porque eles passaram direto por mim e o dia estava quente. Talvez fosse porque eu não queria voltar para uma casa vazia, ou porque a preocupação zumbia como abelhas na minha barriga, estava fervilhando ali há dias e dias.

Ou talvez porque, abaixo do barulho das sirenes, eu ouvi uma cadência que parecia *Brenda, Brenda*.

Balancei a cabeça para soltar o ritmo e pedalei mais rápido.

Era tão espesso que era potável, o ar. Quente, próximo, pegajoso como marshmallow.

Ele se agarrou a mim, me segurando.

Porém, forcei-me a passar por ela, pedalando tão rápido pela rua principal que minha corrente cheirava a óleo quente, passei de bicicleta pela entrada do Dead Man's e depois pela estrada menor que levava à Quarry Eleven e à cabana que eu havia dito ao xerife Nillson. sobre, aquele que Ed alegou ser propriedade de um amigo, mas que eu suspeitava que ele tivesse invadido, aquele onde Ant tirou minha foto.

Duzentos metros além daquela estrada, um grupo de policiais se aglomerava perto de uma trilha, com seus veículos e a ambulância estacionados logo adiante. Havia tantas trilhas de pedreira. Eu não sabia aonde isso levava, mas aposto que as duas crianças chorando na boca disso levaram. Eram meninos, perto da série de Junie. Não os donos de pantufas.

Brenda, Brenda.

Os meninos conversavam com um único deputado, separado do círculo de oficiais. O que eles estavam olhando, os homens naquele círculo? Deixei cair minha bicicleta e tropecei em direção a eles. Eu podia ver suas mandíbulas trabalhando, seus rostos brilhantes e vermelhos. Quanto mais me aproximava, mais o ar próximo se envolvia com o cheiro de podridão, grande e impregnado dele, como carrapatos flutuantes que se agarravam à minha pele e se enterravam em meus cabelos. A polícia estava tão focada em algo no terreno...

é ela, é a Brenda, Brenda

- que eles não me notaram mesmo quando eu estava de pé entre eles.

Usei minha camiseta boêmia favorita sobre shorts de seda azul. Meus joelhos eram nodosos, mas eu tinha lindas panturrilhas. Pelo menos foi isso que Brenda me disse *ela está morta Brenda*

morto quando experimentei essa mesma roupa para ela na semana passada. Maureen estava lá. Ela e eu levamos todas as nossas roupas favoritas para a casa de Brenda e experimentamos uma para a outra. Estávamos decidindo o que vestir no concerto da feira do condado. No final, escolhi roupas de vovó, mas não importou porque íamos tocar juntos, nós três, no palco. Naquele dia, sonhos que eu nem sabia que tinha estavam prestes a se tornar realidade.

A lembrança de estar seguro e rindo no quarto de Brenda ficou gravada em meu cérebro. *clac clac clac*, o som de uma grande máquina de escrever indo para a cidade, tentando desesperadamente me distrair da planta dos pés, uma sola vestida apenas com meia-calça *nunca usamos meia-calça, nunca, especialmente no verão com esse ar denso de marshmallow*, o outro de salto *você não pode correr de salto, eu nunca usarei salto, nós rimos enquanto assistíamos* Lugar Peyton *reprises* porque você vê, só de olhar para os pés dela, mesmo que eles não estivessem vestidos como os pés dela, eu sabia que eles pertenciam à Brenda.

eles nem a cobriram com um lençol, por favor, Deus, ela não pode estar morta

não olhe para o rosto dela, você não vai perder a cabeça Não poderia ser assim que tudo terminou, não com uma garota com quem cresci, uma garota tão próxima que era como uma irmã. Nossas famílias faziam churrasco juntas, saíam para comer, viajavam para Minneapolis na época em que mamãe fazia esse tipo de coisa. Passei intermináveis noites de infância brincando na sala de estar do Taft, enquanto os adultos berravam bridge e jogavam rummy na mesa da sala de jantar. Na festa do pijama, ela me pedia para traçar meu nome em suas costas, uma trilha suave que a levava direto ao sono. Brenda, assim como Junie, nunca conheceu um estranho. Eu era o quieto.

Silencioso.

Algo quebrou bem no fundo das minhas costelas.

Eu nunca olharia para aquele rosto morto, mas sabia que era dela.

Era Brenda Taft deitada de costas no meio do círculo de policiais. Ela estava usando roupas de professora que pareciam ásperas e que não eram dela. Ela estava exposta como o corpo de um pistoleiro.

Era Brenda.

O grito não começou comigo.

Estava preso no corpo de Brenda, frio e rígido, mas quando cheguei, quando o terror de Brenda reconheceu alguém familiar, alguém que ela amava, correu para ele, percorrendo o chão como mercúrio podre. Ele deslizou pelos meus pés e empurrou minha garganta, grande demais, ia rasgar meu pescoço, mas viu a luz e exigiu nascer, aquele grito de morte.

Saiu um uivo agudo, tão inesperado e elementar que os policiais estremeceram, um deles saltou para longe, com a mão na arma, todos me notando pela primeira vez.

“Tire ela daqui.”

Eles me levaram para a ambulância. Eu não lutei com eles.

Eu também não parei de uivar.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 44

O motorista da ambulância me deu uma injeção. Não achei que fosse um procedimento operacional padrão, mas estava louco. Aquele líquido calmante percorreu minhas veias como um cobertor. Quando chegou ao meu cérebro com um doce *está tudo bem* sussurro, finalmente parei de gritar.

Meus ouvidos zumbiam com o silêncio.

Um policial me tirou da ambulância e me colocou no carro dele, suponho que para abrir espaço para o corpo de Brenda *Ssshhhh, querido, está tudo bem*. Ele me deixou em casa junto com minha bicicleta, que deixou na varanda da frente. Depois que ele foi embora, sentei-me no sofá da sala, com a cabeça confusa e a boca seca, sem um único pensamento na cabeça, até que meu pai irrompeu pela porta algumas horas depois.

Seu rosto estava tão cansado que parecia do avesso.

"Jesus!" ele disse quando me notou no sofá. "Eu não vi você aí. Onde está Junie?"

Eu considerei a questão. Os cobertores em minhas veias não eram mais tão grossos. Eu conseguia conectar pensamentos agora, embora demorassem um pouco para encontrar minha boca, caminhantes perdidos procurando a entrada. "Libby."

Ele assentiu, parecia pronto para dizer alguma coisa, e então se desabou ao meu lado, com a cabeça entre as mãos. Ele fez sons fungando que percebi que era ele chorando.

Eu deveria dar um tapinha nas costas dele.

Fiquei satisfeito ao ver minha mão aparecer perto de seu ombro. Quando ele sentiu o calor, ele se inclinou em meus braços. Ele era um homem de bom tamanho, um metro e setenta e cinco, pelo menos. Eu o segurei enquanto

ele soluçou. Mamãe havia dito que isso era dever da esposa, mas ela não estava aqui. Por que papai quebrou tão facilmente?

"Brenda está morta", disse ele quando o choro cessou. Sua voz parecia sobra. Descartado.

"Eu sei."

"Jerome levou Ant e Ricky para interrogatório imediatamente," papai continuou, me ignorando. Ou talvez eu não tivesse falado. "Eles juram que não sabem de nada. Ricky diz que não vê Brenda desde que ela passou no trabalho para ver você no sábado. Ant diz que a viu naquela mesma manhã, mas não desde então. Isso parece certo?"

Levantei um ombro. Papai não sentiu ou não se importou.

"Eles concordaram com um polígrafo e seus pais assinaram. Os dois meninos passaram. Ele se afastou de mim e passou as costas da mão pela boca. "Sinto muito, Heather."

"E Ed?" Perguntei. "O que ele diz?" "Não podemos encontrá-lo."

Papai balançou a cabeça como se não pudesse acreditar na sua má sorte. "Nós realmente bagunçamos tudo."

Nós dois ficamos sentados nisso por um tempo. As pontas dos meus dedos começaram a formigar, então estendi os braços. Então eu quebrei meu queixo. Parecia luxuoso.

"Ela foi estrangulada", disse papai.

Isso perfurou minha proteção. Tentei pressionar o visual de volta, mas ele continuou em mim, uma mão procurando debaixo das minhas cobertas. "Brenda?"

Ele assentiu. "Não houve feridas defensivas. Jerome acha que foram dois perpetradores, um que a restringiu e o outro que a matou."

Eu pisquei. Piscou novamente. Eu podia ver as pernas de Brenda cobertas de meia-calça, a saia áspera que parecia ter saído do fundo de uma caixa de venda gratuita. "Por que eles trocaram as roupas dela?"

"O que?"

"Brenda estava usando roupas que não eram dela. Por que eles a colocaram neles?

Papai olhou pela janela da frente e depois para mim. Ele parecia confuso. Ou traído. "Como você sabe que eles não eram dela?"

Ele não me perguntou como eu sabia o que ela estava vestindo quando seu corpo foi descoberto. Ele me perguntou como eu sabia que as roupas não eram dela. "Eu sei. Eles não eram.

Sua boca se apertou, seus lábios mal se moviam enquanto ele falava. "Talvez você não conheça seus amigos tão bem quanto pensava."

Uma luz piloto acendeu em minha barriga, uma que eu não sabia que estava lá.

Estalido. Silvo.

Suas palavras deveriam ter me feito pequena, me congelado, meu próprio pai me dizendo que eu estava errado sobre as pessoas que amava. Mas eles fizeram o oposto. Eles me aqueceram. EU *fez* conheço meus amigos. Talvez eu não soubesse tudo o que eles estavam fazendo ou com quem faziam isso, mas sabia o tipo de pessoa que eles eram.

Eu conhecia seus corações.

Deixei aquele novo fogo queimar, silenciosamente. Eu não estava pronto para mostrar isso ainda. Não para meu pai.

"Maureen foi estrangulada?" Perguntei.

Papai fez um barulho zombeteiro e se levantou. "Deixe-a deitar no chão, Heather."

Olhei para ele, meu pai forte, bonito como um Kennedy, embora não o famoso, e o vi, realmente *serraele*, pela primeira vez. Isso desequilibrou algo em mim, permitindo que a chama que ele acendeu de repente rasgasse todas as verdades de papel que ele construiu. Eu podia sentir o cheiro de queimado, ouvir o crepitar das chamas. Foi bom, assustador e demais. Eu tinha que fugir antes que tudo queimasse, tanto o bom quanto o ruim.

Fiquei de pé, cambaleando um pouco. "Eu vou caminhar." "Está muito quente lá fora."

“Nos túneis”, eu disse, arrastando os pés em direção ao porão.

Eu ainda tinha minhas velhas vendas presas o suficiente para esperar que ele me parasse, dissesse que era perigoso, que deveríamos reunir Junie e lidar com isso como uma família.

Em vez disso, ele se serviu de uma bebida.

Foi quase um alívio termos parado de fingir. Desci as escadas, peguei a lanterna e abri a porta. A frescura dos túneis era como um beijo. Pensei em que direção seguir, mas no final só havia uma pessoa que poderia me dar alívio, uma pessoa que eu poderia machucar como estava machucando.

Formiga.

Fui até a casa dele e coloquei meu ouvido bom na porta do porão. Nada. Pensei ter ouvido um barulho vindo da porta falsa do outro lado, aquela escondida na alcova, mas isso foi minha imaginação.

Eu esperava fazer algo com Ant, algo cru, como rasgar sua pele com as unhas, arrancar seu cabelo, fazê-lo sofrer o fogo que agora queimava fora de controle dentro de mim. Mas eu não conseguia ouvi-lo dentro do porão.

Eu me virei e fui para casa.

Mas a chama ainda ardia silenciosamente.

Por agora.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 45

"O que você está fazendo?"

Junie se afastou da minha cama, onde ela estava com o braço enfiado até o ombro, entre meu colchão e o estrado de molas. Ela escondeu a mão atrás das costas. Junie nunca entrava no meu quarto, não sem eu estar lá. Mas então me lembrei que ela foi ao escritório do meu pai.

Talvez ela tenha se escondido por toda parte.

"Mostre-me," eu exigi, o frescor dos túneis firmando minhas bordas sedadas.

Ela produziu o punho, os olhos baixos. Ela abriu a mão para revelar uma garrafa de vidro marrom com rótulo amarelo. "Eu estava com dor de cabeça", ela disse defensivamente.

O chão estremeceu embaixo de mim e agarrei o batente da porta para me apoiar. O frasco de Anacin continha os comprimidos que eu roubei da Sra. Hansen. Se ela os tivesse levado. . .

"Dê-me isso."

Ela os acompanhou humildemente. "Desculpe. Não consegui encontrar nenhuma aspirina no armário de remédios."

"Então você olhou embaixo do meu colchão?"

Ela parecia magoada. "Eu procurei em todos os lugares. Minha cabeça dói. Tomei muito sorvete no Libby's."

"Quando eles te deixaram?" Eu perguntei, levando-a pelo corredor até o banheiro.

"Cerca de dez minutos atrás. Papai está em seu escritório. Ele me disse para não incomodá-lo, então vim até aqui. Você se foi."

"Então você olhou embaixo do meu colchão", repeti. Abri o armário de remédios, peguei o frasco de Bayer

mastigáveis e entregou a ela. Queria que ela admitisse que estava procurando meu diário, mas ela apenas pegou o frasco de aspirina, colocou dois na palma da mão e comeu sem dizer nada.

Minha boca salivava como acontecia toda vez que eu pensava naquele sabor, laranja e azedo. Talvez seja esse o sabor do Anacin, e foi por isso que Ed o mastigou. Talvez não tenha sido realmente amargo, e papai também mentiu sobre isso. De repente, eu queria tanto minha mãe que era como se eu não conseguisse respirar. Eu não me importava em que forma ela estava, exceto por um pontinho aqui e ali, já fazia anos desde que ela me criou. *Eu precisava dela.*

"Acho que vou para o hospital", eu disse. "Para visitar a mamãe. Você quer ir junto?"

— Você não parece muito bem — disse Junie, tirando uma aspirina dos dentes de trás. "Tem certeza que?"

"Tenho certeza", eu disse.

Corri para o meu quarto para pegar meus chinelos aprovados pelo hospital. Junie o seguiu.

"Eu não quero ir", disse ela.

"Você não precisa, mas eu não quero você aqui sozinho." "Por que não?"

"Eu simplesmente não quero." Eu não poderia dizer a ela que não confiava mais em papai.

"Vou acompanhá-la de volta até a casa de Libby."

"Eles estão indo para Duluth. Eles não estarão em casa.

"Mudar. Vou deixar você na casa de Claude.

Ela se afastou, o que me deu a oportunidade de mover meu diário, o diário de Maureen e o envelope pardo contendo as fotos para um lugar que ela nunca encontraria: debaixo de uma tábua solta do chão, embaixo da minha mesa de canto. Eu os teria armazenado lá em primeiro lugar se não fosse tão difícil de conseguir. Joguei a garrafa de Anacin também. Eu descarregaria os comprimidos quando chegasse em casa.



Claude nos encontrou na varanda da frente. Foi estranho vê-lo pela primeira vez desde que ele confessou que tinha visto a minha Polaroid, mas eu não tive escolha. Empurrei Junie na direção dele.

"Posso falar com você?" ele perguntou, afastando-se da varanda enquanto Junie subia nela.

Fiquei surpreso que ele quisesse. "A respeito?" Eu perguntei irritado. "Você quer gritar comigo sobre outra coisa que não é da sua conta?"

"Junie, mamãe está fazendo frango com purê de batata", ele gritou por cima do ombro, "se você quiser entrar e ajudar".

Ela desapareceu pela porta de tela e ele tirou uma pequena caixa rosa do bolso da frente da camisa de botão.

Senti uma vontade ridícula de correr. "O que é isso?" Eu perguntei, apontando para ele.

"Sinto muito", disse ele. Ele cheirava limpo como um pepino, como se tivesse acabado de tomar banho. Seu cabelo escuro enrolado na altura do colarinho, ainda molhado. "Sinto muito por ter sido tão estranho no trabalho e depois cruel na igreja. Sinto muito que Maureen se foi e agora..." Ele olhou para a rua, sua boca trabalhando. "Agora Brenda também está."

Eu balancei a cabeça. Era enervante como Pantown mantinha a minha forma, o contorno de quem eu era. Enquanto permanecesse na vizinhança, estaria inteiro. Sempre achei que não seria nada, ninguém, se algum dia o deixasse. Isso foi apenas mais uma das mentiras de Pantown?

Claude segurou a caixa na minha direção. Era um papelão cor de rosa, com cinco centímetros quadrados, *Zay* gravado na capa. "É por isso que tenho sido tão idiota", disse ele.

Peguei a caixa e levantei a tampa.

Ele começou a falar rápido, suas palavras correndo juntas. "Eu sei que você não quer, não agora que está namorando Ant, mas eu comprei para você antes de descobrir, então você pode muito bem ficar com ele. Pode fazer o que quiser com isso." Ele fez uma pausa

para respirar. "Coloquei o recibo dentro se você quiser trocá-lo pelo dinheiro."

Dentro dele havia um coração de cobre preso a uma corrente de cobre, o mesmo colar cor de uma moeda que a joalheira me mostrara em Zayre. Era simples e bonito ao mesmo tempo. Olhei para Claude, meu amigo constante. Ele olhou de volta, seu olhar sério e tão, tão assustado.

"O que isso significa?" Perguntei.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e os ombros subiram perto das orelhas. "Isso significa que eu gosto de você, Heather. *Como* como você. Já faz um tempo, mas nunca tive coragem de contar a vocês. Acho que Ant não é um covarde como eu."

Tirei a corrente da caixa e ergui o coração. Olhar para aquilo me fez sentir como se estivesse crescendo e diminuindo ao mesmo tempo, como Alice no País das Maravilhas. Era tão lindo, tão puro. Eu não merecia isso, não depois do que deixei Ant fazer.

"É idiota, eu sei", disse Claude. "Vou pegar de volta e te dar apenas os dez dólares. Foi isso que custou. Na verdade, US\$ 9,99 mais impostos. Ainda podemos ser amigos, certo? Isso é tudo que me importa. Eu não posso perder você também. Não depois de Maureen e Brenda."

Lágrimas turvaram minha visão. "Você vai colocar isso em mim?"

Entreguei a ele e me virei, levantando meu cabelo. Ele desabotoou o colar e segurou-o na minha frente. Suas mãos tremiam. Ele prendeu-o no meu lado bom, não porque minha orelha o incomodasse, mas porque me incomodava. Senti o coração de cobre contra meu peito e pensei no quanto era importante ter um amigo como Claude, que tesouro era isso, e aqui estava ele me oferecendo algo mais.

Eu mudei. "Eu te amo, Cláudio."

Suas mãos estavam de volta nos bolsos, suas bochechas brilhavam de esperança.

Eu não tinha nada para dar a ele, na verdade não. Parecia cruel fingir que merecíamos algo tão rico como aquilo aqui em Pantown. Mesmo assim, ouvi as palavras saírem da minha boca. "Você pode esperar?"

Seu rosto enrugou-se. "Para que?"

Coloquei minha mão sobre o coração, sentindo a batida do meu sangue através dele. Tentei imaginar Maureen e Brenda vivas, provocando a mim e a Claude sem piedade. *Heather e Ziggy, sentados em uma árvore, SE BEIJANDO*, mas não consegui. Eu só conseguia vê-los sorrindo para nós, nos aproximando. "Não sei."

Ele procurou meus olhos, parecendo querer me abraçar, mas se impedindo. Ele deve ter encontrado o que procurava porque seu rosto se suavizou. "Claro. Eu posso esperar."

A onda de alívio me surpreendeu. "É melhor eu ir. O horário de visita termina em breve."

Ele piscou com força, como se tivesse algo no olho. "Claro que sim. Cuidaremos bem de Junie."

"Eu sei."



O odor do hospital Saint Cloud me deixou nervoso. Sempre tive. Cheirava a álcool isopropílico e lençóis recém-lavados aos quais você estava amarrado. Respirei superficialmente enquanto caminhava pelos corredores familiares que amplificavam e abafavam o som. Eu podia ouvir as pessoas conversando, mas não conseguia entender o que diziam.

"Mãe?" Murmurei, entrando na sala para a qual a enfermeira me indicou. Ficava num andar normal, não na ala psiquiátrica. Esse andar devia estar cheio.

Este era um dos quartos maiores em que ela já estivera. Tinha quatro camas. Os dois mais próximos da porta tinham cortinas de privacidade fechadas ao redor deles. Os dois perto da janela estavam com as cortinas abertas e uma dessas camas estava ocupada. Dei um sorriso fraco para a senhora idosa reclinada nele.

Ela acenou com a mão em direção às duas camas com cortinas. "Uma à sua esquerda é uma senhora idosa, como eu, e à direita está uma adorável jovem, se isso ajuda", disse ela. Ela não tinha nenhum curativo visível, nenhuma máquina ligada a ela, mas ela poderia estar lá pelo mesmo motivo que mamãe,

esperando para ser transferido para a seção apropriada do hospital.

"Obrigado." Levantei um canto da cortina que ela indicou, ainda hesitante.

"Heather", disse mamãe, seu rosto se iluminando quando me viu.

"Ajude-me a levantar minha cama."

Deixei a cortina cair atrás de mim e peguei a manivela, um veterano em ajustar camas de hospital. Virei até que mamãe disse para parar.

"Como estou?" ela perguntou.

Apenas alguns centímetros de luz natural vazavam por cima da cortina. O abajur frio da cabeceira aguçava suas feições e afundava os olhos no crânio.

"Você está linda, mãe."

Ela afofou os cachos por baixo. Suas mãos tremiam tanto que parecia que ela estava acenando para si mesma. "Seu pai mandou minha bolsa de maquiagem, mas esqueceu meu batom favorito. Você vai trazê-lo quando voltar?"

"Sim", eu disse, focando em seus olhos, esperando que meu rosto refletisse calma. "Você sabe quanto tempo vai ficar desta vez?"

"Seu pai gostaria que eu relaxasse e não me preocupasse com isso." A oscilação em suas mãos alcançou sua boca. Ela bateu nos próprios lábios, como se estivesse mandando calar uma criança pequena.

Meus nervos à flor da pele. Eu não deveria ter vindo aqui. O que eu estava pensando, precisando da minha mãe? Eu sabia melhor. *Eu sabia melhor.* "Devo chamar a enfermeira?"

"Você sempre foi tão preocupado!" ela disse, sua risada alta e metálica. "Depressa, preocupe-se, não fique embaçado! Se você continuar se preocupando, você terá rugas precocemente e nenhum homem irá querer você. O que você acha disso?"

Eu estava massageando a grossa cortina de algodão nas costas, com a boca seca. Eu já a tinha visto assim em casa antes, como se ela tivesse toda a energia do mundo, mas estivesse presa no lugar. Uma ida ao hospital sempre curou isso, sempre a trouxe de volta à terra.

"Seja gentil com seu pai enquanto eu estiver aqui, certo?" ela perguntou. "Tem sido tão difícil para ele me perder para vocês, meninas. Isso é o que acontece quando você tem filhos. Eles se tornam o seu mundo. Lembre-se disso!"

Se eu fosse para a enfermeira, mamãe poderia ficar com raiva. Eu já tinha visto isso acontecer antes também. Esse humor específico era terrível, ainda pior do que as crises de choro. Esfreguei o colar na minha garganta. "Mãe-"

"Oh! Olhe para sua linda bugiganga. Isso é um coração de cobre? Um garoto comprou isso para você?"

Engoli em voz alta. "Claude me deu."

"Ele é um menino doce, aquele Claude. Você poderia fazer pior. O colar é lindo. Eu adoro cobre. Você se lembra daquela peça que comprei para seu pai?"

Comecei a balançar a cabeça, mas de repente congelei, meu sangue foi substituído por água gelada.

Eu não queria que ela continuasse. Eu não queria que ela terminasse a história.

"Eu economizei meu dinheiro durante semanas para comprar para ele. *Semanas*. Ela riu novamente. Parecia uma série de latas de metal vazias balançando ao vento. "Vivíamos praticamente de hambúrguer e macarrão, mas eu sabia que o sacrifício valeria a pena assim que ele visse o presente."

Eu abri minha boca para gritar *parar*, mas nada saiu. "Ele quase se esgotou, no início. Disse que isso o lembrava de ser jovem. Mas então acho que ele ficou velho e abafado! Guardei-o em algum lugar. Você se lembra disso? Você era apenas uma garotinha, mas seu pai nunca usou outras joias além dessas, então isso pode ter ficado gravado em sua memória.

Eu cambaleei para frente, minha mão estendida para silenciá-la, mas era tarde demais. *para sempre tarde demais*.

"Acho que a lição aprendida é nunca comprar uma pulseira de identificação de cobre para seu pai."

CAPÍTULO 46

Luzes estroboscópicas.

Uma fila de três homens.

Flashes de brilho e depois escuridão os cortam, iluminando apenas a cintura até os joelhos, a mesma luz cortando meu peito, iluminando o TÀ RÉremendo costurado no uniforme emprestado.

Elvis, cantando.

Bem, está tudo bem, mamãe, está tudo bem para você. Uma garota de joelhos, a cabeça na cintura do intermediário.

Tudo bem, mamãe, seja como for. Seus cabelos longos e loiros. Clarão. Estroboscópio.

Com listras verdes.

A mão na nuca pressionando seu rosto em sua virilha. Ele usava uma pulseira cor de cobre que reconheci.

Não não não não não

O meu pai.

Foi meu pai. O meu pai.

Foi meu pai.

Essa ladainha passou pela minha cabeça enquanto eu saía de bicicleta do hospital. Não sabia como conseguia pedalar, como mantinha o equilíbrio. Levei um tiro no estômago, meus intestinos viraram uma pasta, o ferimento era tão horrível que não consegui olhar para baixo, mas senti.

Ah, eu senti isso.

O meu pai. Foi meu pai. O meu pai. Tinha sido meu pai.

Desci da bicicleta no jardim da frente, afastei-me dela enquanto os pneus ainda giravam, subi a varanda e passei pela porta da frente, não a fechei atrás de mim porque estava morrendo.

Continuei até o escritório do papai.

Papai que não era Barba Azul, que era pior.

Papai que colocou a boca de Maureen nele *esegurou lá*.

Quem disse que investigaria o "suicídio" de Maureen? Mas é claro que não o faria. O xerife Nillson e meu pai não iriam olhar naquela direção.

Seu escritório estava vazio, mas isso não teria me atrasado se ele estivesse lá. Já tínhamos passado disso. O quarto estava arrumado como eu me lembrava de quando era pequena e ele me deixava brincar de boneca no chão enquanto trabalhava. Uma mesa perto da janela. Um armário. Estantes. Um armário de arquivos. Marchei até o armário e abri a porta. Caixas de sapatos estavam empilhadas na prateleira superior. Quatro ternos e uma camisa esporte estavam pendurados em cabides.

A pulseira de identificação de cobre estava no chão ao lado de um par de sapatos pretos brilhantes, as joias foram arrancadas como pele de cobra para que meu pai pudesse retomar a forma humana.

Estendi a mão para pegá-lo, convencido de que estaria quente ao toque. "Eu sabia que você me viu."

Eu me virei. Papai estava parado na porta, com o rosto inexpressivo. Ele estava olhando para a pulseira malvada que eu segurava.

"Foram apenas algumas vezes", disse ele, com a voz rouca. "Jerome armazenava as sobras. Maconha e algumas coisas mais pesadas, coisas estranhas em prisões. Quando ele tinha o suficiente, ele organizava festas. Foi uma forma de desabafarmos. Juro por Deus que só fui a alguns. Somente alguns."

A pulseira escorregou da minha mão e caiu no tapete com um baque surdo.

“Às vezes, eles pegavam meninas – mulheres jovens – com maconha ou comprimidos, e as mandavam para o acampamento de verão do Padre Adolph. Mas se não houvesse um acampamento chegando, eles os convidariam para a festa em troca de mantê-la em sigilo. Eles não precisavam fazer nada, apenas aparecer. Seja um rosto bonito.

Uma raiva profunda e carmesim explodiu dentro de mim. “Maureen era minha *amigo*.”

“Eu sei, querido”, disse ele, dando um passo à frente, com a boca apertada. Eu me perguntei se ele era assim no tribunal. Distante. Controlada. No comando. Mentindo com tanta confiança que você começou a acreditar que era verdade. “Ela não fez nada que não quisesse, Heather. Juro pela minha vida. Não houve violência, nem ameaças, nunca.”

Ele girou de repente e bateu com o punho na parede, mas a explosão pareceu falsa. Mais de seu desempenho no tribunal. “Jesus! Estou tão enojado comigo mesmo por ter deixado isso acontecer.”

“Você a matou?”

“Não”, ele disse, virando-se para mim, com alívio apertando seus olhos. Ele tinha feito coisas ruins, mas não *queruim*, dizia seu rosto. “Eu não tive participação nisso. Jerome também, ou o delegado que estava conosco naquela noite. Todas as evidências realmente apontam para o suicídio. Você terá que confiar em mim. Ele sorriu, sua expressão era um equilíbrio impressionante de remorso e confiança. “Nós terminamos com as festas agora também. Esse foi um erro terrível. Jerome limpou seu porão.”

Por hábito, considere-i acreditar nele. Ele pareceu sentir uma abertura e ficou mais alto, empregando totalmente sua voz e comportamento de promotor público. “Eu ainda sou seu pai, Heather. Não sou perfeito, mas sou um dos mocinhos.”

Um cara legal. Um cara legal. Foi assim que Ant se autodenominou. “E Brenda? E Bete?”

Seu rosto ficou sombrio. “No início, pensamos que Elizabeth McCain estava pedindo carona em algum lugar, que ela iria aparecer

qualquer dia. Mas agora que Brenda foi assassinada, achamos que Ed sequestrou Elizabeth e matou Brenda. Elizabeth ainda pode estar viva. Encontre-o e nós a encontraremos.

Inclinei a cabeça. — Se você pensou isso, por que expulsou Ed da cidade, em primeiro lugar?

Os olhos do papai se desviaram.

Um caleidoscópio de palavras e imagens girou e estalou, depois entrou em foco: *eles nunca expulsaram Ed da cidade*. Essa foi mais uma mentira que ele me contou para me tirar do rastro. Eles estavam dispostos a descartar Beth como uma fugitiva, em vez de arriscar chamar muita atenção para Maureen e, potencialmente, para suas festas.

Agora que Brenda estava morta, eles não conseguiam mais desviar o olhar.

Foi então que compreendi a verdade crua: os homens responsáveis estavam cuidando de si mesmos.

Estávamos sozinhos, as meninas de Pantown.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 47

Acordei desesperado para escapar da nossa casa. A ideia de ficar sentado em casa, lembrando repetidamente que Maureen e Brenda nunca mais me ligariam, nunca mais apareceriam na minha porta? Isso foi assustador, como se algo escuro rastejasse debaixo da minha cama e me agarrasse pelos tornozelos.

Encontrei Junie no quarto dela, ainda na cama, e disse que a levaria para a casa de Claude ou Libby e que era melhor ela se vestir. Ela teve um ataque de assobio. Ela jurou que ficaria dentro de casa e não atenderia a porta para ninguém, implorou para poder ficar em sua própria casa o dia inteiro. Eu mal conseguia ouvir. Eu estava pensando no papai.

Ontem à noite, para encerrar nossa conversa, ele jurou que estava empenhado em trabalhar dia e noite para encontrar Elizabeth.

Ele poderia ter me dito que a água estava molhada e eu não teria acreditado nele.

Fiquei sabendo que estávamos começando do zero, que, à sua maneira, ele se desculpou por molestar Maureen e outras meninas, e agora fingiríamos que nada disso havia acontecido.

Porque foi isso que fizemos em Pantown. Pelo menos foi o que nós *usado* dependência.

Mas eu não faria parte disso, não mais. “. . . não é nada justo”, dizia Junie, com os olhos brilhando de lágrimas e os punhos cerrados no colo. “Crianças da minha idade são babás, como se realmente cuidassem de bebês, mas eu deveria *ter* uma babá?”

“Você está certo,” eu disse, surpreendendo a nós dois.

Seus olhos se estreitaram com desconfiança, sua cabeceira bagunçada fazendo-a parecer quase cômica. "O que?"

"Você está certo," eu repeti. "Você tem idade suficiente para ficar sozinho em casa."

Essas eram palavras difíceis de dizer, mas percebi que o primeiro passo para escapar das regras de Pantown exigia um ajuste na forma como tratava minha irmã mais nova. Ela tinha quase treze anos. Por mais que eu estivesse desesperado para protegê-la do mundo, já era hora de parar de mimá-la como um lindo bebê.

"Mas você tem que me prometer que manterá as portas trancadas e não deixará ninguém entrar."

Ela quase me tirou o ar, ela estava tão feliz.

Depois de preparar o café da manhã para ela — meu pai não estava em casa, o que para mim estava ótimo —, fui de bicicleta para o trabalho, sem ter certeza de ter tomado a decisão certa. Eu poderia estar mudando, mas isso não significava que o resto do mundo começaria a agir de forma diferente. Mas Junie já tinha idade suficiente para ficar sozinha em casa.

Ela não era?

Quando cheguei à delicatessen, encontrei nosso chefe cozinhando no lugar de Ricky. Ele era um homem baixo e nervoso, com óculos redondos. Ele administrava toda a Zayre Shoppers City, então não o víamos muito, exceto quando havia um problema ou ele precisava substituir alguém, como hoje.

"Onde está Ricky?" Eu perguntei, colocando meu avental sobre minha cabeça.

Preso, eu esperava que a resposta fosse.

"Não disse", disse Sullivan, fingindo que os botões da fritadeira precisavam ser mexidos. "Sinto muito pelo que aconteceu com seus amigos. Eu quis dizer isso sobre você tirar uma semana de folga."

"Obrigado", eu disse. "Não me importo de trabalhar. Cláudio vindo em?"

"Não", disse Sullivan, agora mexendo no botão do freezer. Ele ficaria sem coisas para torcer em breve e teria que

olhe para mim, uma garota cujos dois melhores amigos estavam mortos, cuja mãe estava no hospital, cujo pai era um perverso.

De repente, eu queria urgentemente que ele olhasse.

Eu senti que, se ele não o fizesse, eu desapareceria e ninguém saberia, como se uma grande mão de desenho animado com uma borracha pegajosa Pink Pearl estivesse começando nos meus pés e subindo, me eliminando em traços largos. Se alguém não me viu, não olhou diretamente para mim e eu, logo nem uma sombra ficaria para trás. Apenas uma pilha de migalhas cinza-rosadas que era eu.

“Eu fiz a ele a mesma oferta de folga e ele aceitou”, continuou o Sr. Sullivan, finalmente olhando para mim, com uma expressão estranha. “Ele não chegará até a próxima segunda-feira.”



O ritmo de ajudar as pessoas era reconfortante. Estávamos excepcionalmente ocupados, mesmo num dia quente de verão. A maneira como as pessoas olhavam para mim e depois para a janela que separava a cozinha do balcão me disse que os rumores estavam circulando. Ricky e Ant sendo levados para interrogatório podem até ter virado notícia. Queria perguntar ao Sr. Sullivan, mas também não queria saber. Foi preciso todo o meu esforço para flutuar acima dos meus sentimentos, para permanecer naquela fina camada de neblina onde tudo parecia fora de alcance.

Eu me perguntei se essa névoa era onde mamãe passava a maior parte do tempo.

“Você vai embora”, disse o Sr. Sullivan quando se aproximava das três horas. “Vou limpar.”

Ele não perguntou, como fez sobre eu tirar uma semana de folga. Ele estava me mandando sair mais cedo. Foi contagioso o vazio que senti? Ele estava preocupado em pegá-lo? Deixei cair meu avental no cesto de roupa suja, dei um soco e subi na bicicleta. Deslizei através do calor opressivo. Junie e eu comíamos espaguete com almôndegas no jantar. Papai poderia descobrir o seu

própria refeição. Talvez eu até levasse Junie ao Muni para se refrescar. Ela mereceu, enfiada na casa abafada o dia todo.

Eu percebi durante meu turno que, apesar de todo o horror recente, pelo menos Pantown estava finalmente seguro, tão seguro quanto poderia estar. O xerife Nillson não estava mais dando festas. Todo mundo estava procurando por Ed agora, realmente procurando por ele desta vez, então ele não poderia simplesmente voltar como antes. Todos os olhos estavam voltados para Ricky e Ant também, se é que já não estavam na prisão.

Encostei minha bicicleta nos fundos da casa e fui até a porta dos fundos, aquela que dava para a cozinha. Avistei Junie ao telefone através da cortina laranja transparente, girando o fio do telefone na mão. Ela estava alheia à minha abordagem. Quase tropecei até a porta da frente. Ela não me esperava em casa antes de pelo menos meia hora, e eu não queria assustá-la. Mas estava quente demais para dar a volta inteira. Resolvi chamá-la enquanto apertava a maçaneta.

Seus olhos estavam arregalados e assustados enquanto ela girava. Ela bateu o telefone no suporte.

Seu movimento rápido fez seus brincos balançarem, bolas douradas na ponta de uma longa corrente.

O mesmo estilo de brincos que Maureen e Brenda usavam.

Os brincos que Ed comprou para eles.

CAPÍTULO 48

Eu a sacudia com tanta força que seus cabelos ruivos voavam em seu rosto. "Onde você conseguiu isso?"

"Você está me machucando!"

Meus dedos estavam profundamente afundados em seus ombros, quase até a primeira articulação. Eu a soltei. "Esses brincos", eu disse, rouco de medo. "Quem os deu para você?"

"Eu comprei para mim. Eles custavam apenas alguns dólares.

"Isso não é verdade." A cozinha havia se transformado no Túnel Giratório de Hipnose da feira do condado, girando abaixo e ao meu redor, agitando tudo. "Eu sei quanto custam. Quem os deu para você?"

Ela acariciou um dos brincos, o queixo tremendo. "Não é da sua conta."

Lutei contra a vontade de dar um tapa nela. "Junie, me diga onde você os conseguiu."

"Você está apenas com ciúmes!" ela gritou, me empurrando. Seu queixo doce e pontudo estava saliente, suas bochechas inchadas. "Você está com ciúmes de mim porque você só tem uma orelha e ninguém nunca vai comprar brincos para você."

"Junie," eu disse, minha voz dura, meus movimentos pequenos porque eu não poderia assustá-la, não poderia sobreviver à sua morte, nunca, nem em um milhão de anos. Eu não poderia perder Junie. Não é meu bug de junho. *Ela tinha que me contar.* "Foi Ed? Ele te deu aqueles brincos?"

Ela balançou a cabeça uma vez, bruscamente, os brincos enrolando-se para bater em sua bochecha, para a esquerda e depois para a direita. *Marque, marque.*

"Então quem? Você é muito jovem para andar com alguém que lhe dá joias como essas. É perigoso."

Ela abriu os lábios rosados e brilhantes, como se estivesse prestes a me contar, mas então uma onda quente de raiva fluiu. "Você quer atenção; você sempre quis isso. Você e papai estão apaixonados. Todos podem ver isso. *Todos*. Isso deixa apenas a mãe louca por mim. Mas agora tenho alguém só meu.

"Junie", implorei. Eu estava tão precariamente equilibrado acima de tudo e estava desabando. "Por favor."

Ela cruzou os braços. Ela se parecia muito com a mamãe de antes.

Ela não ia me contar.



"É o Ed", chorei para o papai na linha do grupo. "Ele está vindo atrás de Junie."

Ele bateu o telefone com tanta força que meu ouvido ecoou. Dez minutos depois, ele correu até a casa em um carro de polícia barulhento, com as luzes girando e um policial ao volante.

Eu não tive forças para ficar grato por ele ter acreditado meu.

Quando ele entrou na casa, apontei para as escadas. Ele levou três de cada vez para alcançá-la. Se Junie pudesse vê-lo, nunca mais questionaria o quanto ele a amava. Eu o segui, o vi abrir a porta dela, entrar correndo e tomá-la nos braços. Como se ele a soltasse, ela seria sugada para sempre.

Sua atenção a assustou, eu poderia dizer.

"Não estou bravo, Junie", disse ele, soltando-a depois de alguns segundos. "Mas você tem que me dizer quem lhe deu esses brincos. É importante."

Ela os tirou. Eles estavam descansando em sua vaidade. Ela começou a entender o quão sério isso era, eu acho,

poderia até ter contado ao papai onde ela os conseguiu, se o xerife Nillson não tivesse invadido nossa casa naquele momento.

“Gary?” ele gritou lá embaixo. A boca de Junie fechou-se como um molusco.

Nillson subiu as escadas e ele e papai foram até ela por vinte minutos. Eles não conseguiram obter mais informações dela, nem sob ameaça ou promessa. O ruivo Gulliver Ryan apareceu no meio e fez algumas perguntas, mas Junie ainda não quis falar.

O xerife Nillson usou o telefone da cozinha para ligar para Theodore Godo. O agente Ryan ficou para trás para ficar de olho em Junie e em mim.

Tudo aconteceu na velocidade da luz.

Depois que papai e o xerife Nillson saíram e o agente Ryan foi acomodado no andar de baixo, fui até a tábua solta do meu quarto. Peguei o frasco de Anacin contendo um monte de remédios para o coração da Sra. Hansen, uma pitada de suas pílulas da felicidade e um ou dois Anacin de verdade.

O xerife Nillson alegou que Maureen provavelmente tomou remédio para o coração suficiente para desacelerá-la, de modo que ela não revidasse quando estivesse se afogando.

Eu o roubei para mim mesmo com a vaga ideia de fazer o mesmo.

Não mais.

Agora eu ia fazer Ed engolir até a última maldita

comprimido.

CAPÍTULO 49

Naquela noite, estraguei Junie com espaguete e almôndegas, sorvete de menta com gotas de chocolate como sobremesa e sua escolha de programas de televisão. A princípio foi desconfortável com o Agente Ryan ali, mas ele se sentou em uma cadeira perto da porta, e depois de um tempo foi assim que se sentiu: uma cadeira perto da porta.

Na hora de dormir, preparei um banho para ela, assim como fiz para mamãe. Depois, pinte as unhas e os dedos das mãos e dos pés de rosa chiclete. Então fiz uma trança francesa em seu cabelo para que ficasse ainda mais cacheado no dia seguinte, quando ela tirasse as tranças. Eu poderia dizer que ela odiava o quanto ela amava a atenção. Da minha parte, foi bom cuidar dela. Mamãe exigia tanto da minha concentração que a pobre Junie tinha sido negligenciada ultimamente.

"Você vai tocar uma música para mim, Heather?" ela perguntou quando eu a coloquei na cama.

"O que?" Eu estava cansado no fundo do meu ser, mas precisava continuar.

"Nas minhas costas. Adormecer."

Sorri, aquecido pela lembrança inesperada. Para Brenda, eu localizei meu nome, mas para Junie eu costumava bater em suas costas, marcando suavemente um ritmo até que sua respiração ficasse macia com o sono. Ela era apenas um bebê. Achei que ela não se lembrava.

"Claro", eu disse, virando-a. Toquei um ritmo lento de "Young and Dumb", minha música favorita de Fanny, em seus ombros e depois esfreguei suas tranças ainda úmidas até que sua respiração se estabilizasse. Pensando que ela estava dormindo, levantei-me e saí na ponta dos pés.

“Eu sei que você pensa que sou uma idiota”, ela murmurou, “mas não se preocupe comigo.”

Mamãe me chamou de preocupada no hospital outro dia. Foi uma das críticas que ela me dirigiu com mais frequência. Mas se eu não me preocupasse com Junie, quem se preocuparia?

De volta ao meu quarto, joguei minha bolsa de cabeça para baixo para abrir espaço, deixando apenas o anel de humor que Brenda me deu no show da feira do condado em um bolso com zíper. Mesmo que eu só tivesse ficado amarelo, ainda me daria coragem para ter um pedaço dela comigo. Enfieei minha lanterna e o frasco de Anacin no bolso principal.

Meu plano era simples.

Eu entregava o frasco de Anacin para Ed e ele mastigava todos os comprimidos. Eles o nocauteariam, exatamente como o xerife Nillson disse que os comprimidos haviam feito com Maureen. Assim que Ed estivesse inconsciente, eu decidiria o que fazer a seguir.

Eu estava propositalmente deixando essa escolha em branco.

Eu só queria ter uma lata de RC Cola. Isso me fez pensar na cozinha, o que me fez pensar em uma faca para proteção adicional. Desci as escadas. O agente Ryan foi até o sofá para assistir televisão, de costas para mim. Passei por ele na ponta dos pés e entrei na cozinha escura. Tirei a faca do estojo e peguei alguns guardanapos para embrulhá-la, capaz de subir as escadas sem que o Agente Ryan percebesse. Ele estava lá para vigiar a porta da frente, não eu e Junie.

Eu pretendia começar procurando por Ed na cabana. Papai disse que a polícia revistou e não encontrou nada, que nem sequer pertencia a Ed, mas se Ed estivesse de volta à cidade vindo atrás de Junie, ele precisaria de um lugar para dormir. Poderia muito bem ser o único local que a polícia havia descartado.

O sol havia se posto, mas do lado de fora da janela do meu quarto o céu ainda tinha um brilho escuro de tangerina. Eu descansava por alguns minutos, tempo suficiente para escurecer completamente. Eu estava tão cansado. Fazia dias que eu não tinha uma boa noite de sono. Eu coloquei meu

cabeça no meu travesseiro. Lutei para ficar acordado, mas a promessa de descanso me puxou para baixo como tentáculos na pedreira.



Levantei-me na cama, todos os meus cabelos em pé. Algo estava errado. Olhei ao redor do meu quarto. Estava como eu havia deixado, exceto pelo céu que ficou preto.

Corri para o quarto de Junie com o coração disparado. A cama dela estava vazia.

A televisão estava ligada no andar principal. *Talvez Junie não conseguisse dormir. Talvez ela esteja assistindo tarde da noite.* Desci correndo as escadas, tentando ficar um passo à frente da areia movediça do pânico.

Não, Junie.

O agente Ryan ergueu os olhos do sofá, surpreso. Seu rosto era agradável, seu terno amarrotado. Quem o escolheu para nos proteger? Xerife Nillson?

“Achei que vocês, meninas, tivessem ido dormir”, disse ele.

Ele não sabia que Junie tinha ido embora, o que significava, na melhor das hipóteses, que ele era péssimo em acompanhar as garotas.

Na pior das hipóteses, significava que ele não estava aqui para nos proteger. Ele estava aqui para ajudar o xerife Nillson a encobrir algo, algo que exigia manter Junie quieta.

Limpei os pensamentos que zumbiam em minha cabeça. Eu estava sendo paranóico. Papai nunca, em um milhão de trilhões de anos, deixaria Nillson machucar Junie, não importando que outras coisas terríveis ele tivesse feito.

Mas e se papai não soubesse?

“Sim, só desci para tomar um copo de leite”, eu disse, marchando em direção à cozinha, tentando lembrar como andar, esperando desesperadamente parecer normal. Percebi sua expressão desconfiada, mas ele estava de frente para a TV novamente quando voltei, minha mão tremendo tanto que o leite derramou pelas laterais do copo que eu segurava.

"Boa noite", eu disse.

O agente Ryan ergueu um dedo sem se virar.

Subi as escadas, seguindo um ritmo medido, apesar das alfinetadas geladas em minha pele. Coloquei o leite no patamar. Verifiquei o quarto de Junie mais uma vez antes de pegar minha bolsa de faca e descer as escadas. Johnny Carson estava na televisão usando um turbante e segurando um envelope na testa. O agente Ryan riu de algo que Carson disse. Eu congelei quando ele se espreguiçou e parecia que estava prestes a se levantar, mas ele apenas quebrou o pescoço.

Fui até a cozinha, calçando os chinelos do hospital que guardava no meu quarto. Lentamente, de forma agonizantemente lenta, retirei a chave mestra do gancho, fui até o porão e desapareci nos túneis.

Ed havia sequestrado Elizabeth McCain. Depois ele matou Maureen e depois Brenda. Eu tinha certeza disso.

Quase certeza disso.

Mas eu ainda precisava verificar mais uma coisa.

OceanoofPDF.com

BETE

Beth agarrou a estaca. Foi sólido. Pesado. Legal. A melhor coisa de amor materno que ela já segurou na mão. Se isso a tirasse daqui, ela daria o nome ao carro. Seu primeiro animal de estimação. Inferno, ela daria o nome disso aos filhos.

Espinho. Spike Jr. Spike Terceiro.

Ela desistiu de esperar para emboscá-lo. Em vez disso, ela estava saindo daqui.

Seu pai lhe ensinou carpintaria básica – construir um conjunto de prateleiras, montar uma lareira, pendurar uma porta. Foi assim que ela soube que, embora não pudesse arrombar a fechadura da porta da prisão, ela poderia remover as dobradiças, usando a estaca para alavancar os pinos para cima e para fora.

E então *pop*, saíra a porta.

Quando ela finalmente decidiu esse plano, a dobradiça superior deslizou como manteiga.

Não foi inesperado. A dobradiça superior carregava menos peso.

O do meio parecia ser muito mais difícil. Demorou horas, mas ela finalmente conseguiu removê-lo também. Ela havia recolocado os dois pinos nas dobradiças e agora estava indo para o terceiro e último, a dobradiça mais próxima do chão. Ela ficou tão aliviada que nenhum deles estava excessivamente enferrujado neste ambiente úmido. O trabalho era pequeno e exaustivo, por isso ela flexionava os tornozelos e depois os sacudia, agachando-se e depois levantando-se, agachando-se e depois levantando-se. Forçando sangue para suas extremidades. Preparando-se para lutar.

Se ele voltasse antes que ela removesse a porta, não a pegaria dormindo novamente.

Na verdade, esta próxima vez seria a última vez que ela veria seu rosto vivo novamente, porque se ele se interpusesse entre ela e a liberdade, ela iria enfiar aquela ponta da ferrovia profundamente em seu crânio. Ele nunca imaginaria isso chegando. Ela abraçaria a parede à direita da porta e pularia sobre ele, cravando aqueles dez centímetros de aço em seu cérebro estúpido e maligno.

Ela estava suando naquela última dobradiça quando ouviu um movimento acima de sua cabeça.

Era apenas uma questão de tempo até que ele aparecesse.

Vamos fazer isso, Spike.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 50

Saí do nosso porão e fechei a porta silenciosamente atrás de mim. Então liguei minha lanterna e corri direto para o fim assombrado dos túneis, através do líquido preto e frio. Abri a porta do porão do xerife Nillson e entrei.

“Junie!” Chorei.

Foi Ed quem ela procurou, senti na barriga que era Ed, mas precisava ter certeza.

Se Jerome Nillson estivesse em casa, e eu não achava que ele estava, Junie ainda teria tido tempo de gritar por mim antes que ele pudesse impedi-la. Mas não houve resposta. O porão de Nillson estava limpo. Não apenas arrumado. Livre de evidências. Corri para o armário de utilidades e abri a porta. Restaram apenas a fornalha, o esquentador e a caixa de enfeites de Natal. Subi as escadas e abri todas as portas do andar principal, depois corri para o último andar e fiz o mesmo.

A casa estava vazia. Junie não estava aqui.

Corri de volta para o andar principal tão rápido que meu corpo ficou à frente das minhas pernas. Desci os últimos degraus, caindo com força no ombro direito, os comprimidos chacoalhando no frasco quando minha bolsa caiu no chão. Eu pulei de pé, esfregando o ponto dolorido. Corri pela porta da frente sem fechá-la atrás de mim e continuei correndo até chegar em casa, com o ar quente e cru em meus pulmões.

Fiquei grato por ter deixado minha bicicleta na porta dos fundos. Não precisei subir na varanda, na casa do Agente Gulliver Ryan.

linha de visão, para pegá-lo. Pulei no meu assento de banana e corri para as pedreiras.

Eu encontraria Junie na cabana. Eu a salvaria. Eu precisei.

OceanoofPDF.com

BETE

Ao único conjunto de passos – dele, ela tinha certeza disso – foi acompanhado por outros. Beth contou pelo menos quatro passos diferentes, um deles pertencente a uma mulher com uma voz tão aguda que devia ser uma criança.

Beth estava cansada de esperar. Agachando-se, segurando a estaca, limpando a mão na saia imunda quando ela suava, esticando as pernas, agachando-se novamente. Era hora de entrar na festa, mas primeiro ela precisava soltar a última dobradiça. Isso estava lhe causando mais problemas do que ela esperava.

A lanterna de querosene tremeluzia a seus pés. Ela estava economizando combustível. Restavam apenas alguns minutos de luz. Ela poderia remover o último pino da dobradiça no escuro, mas seria um trabalho desajeitado. Ela precisava de um plano mais eficiente.

Ela olhou para os dois pinos das dobradiças que havia removido e depois recostou-se em seus encaixes, caso ele voltasse antes que ela liberasse o terceiro.

Claro.

Em vez de chegar ao pino final apenas com a ponta, ela usaria um dos pinos soltos como ferramenta, transformando a ponta em um martelo e o pino em uma alavanca. Ela arrancou o pino de cima, o que estava mais solto, e enfiou-o abaixo da bola do último pino. Ela martelou uma vez, testando. O barulho ecoou. Metal contra metal era tão barulhento. Ela considerou cronometrar para que o barulho combinasse com os passos mais pesados acima, mas então aqueles passos pararam.

Uma porta se abriu, um som assustador, aquele que precedeu sua aparição nas primeiras vezes, talvez

toda vez.

Ele estava vindo.

Ela apagou o lampião de querosene e foi até a parede à direita da porta, tonta de fome e do movimento rápido. Seus passos singulares clicaram no que ela imaginou ser uma escada de porão, e então houve um novo som, pelo menos novo nesta ordem: a porta rangendo se fechando atrás dele. Por que ele estava fechando desta vez? Pela primeira vez, ela pensou nisso como um alçapão no teto.

E então, os tremores suaves na altura dela enquanto ele se dirigia para a porta da masmorra. Ela se perguntou se sempre ouviria seus passos silenciosos.

Como o cachorro de Pavlov e o sino, se aquele som a deixasse para sempre apertada.

Ela esperava que sim. Isso significaria que ela sobreviveu.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 51

A cabine perto da Quarry Eleven estava iluminada, dois carros na frente, nenhum deles o Chevelle azul de Ed, mas ele não iria mais dirigir aquele, não é? Eu tentei formular um plano para o passeio febril de bicicleta, mas não consegui me concentrar além das imagens de Junie nas mãos de Ed, ou pior, do cadáver de Junie sendo arrastado para fora da pedreira, olhando para mim com olhos vazios e cheios de poça. .

Um soluço escapou da minha boca.

Freiei, larguei a bicicleta e tropecei pela porta da frente da cabana.

A sala principal estava quase exatamente como era quando Ant me trouxe aqui, exceto que o sofá estava encostado na parede oposta e o tapete grande e oleoso no centro da sala estava empilhado de lado, revelando um alçapão.

Ant estava sentado em uma cadeira perto do quarto onde ele me fez tirar a camisa.

Ricky estava encostado na geladeira da cozinha, com um palito na boca.

E ao lado de Ricky?

Ao lado de Ricky estava minha linda e inteligente irmãzinha, inteira, saudável e tão aliviada ao me ver que lágrimas inundaram seus olhos. Eu não teria acreditado na cena se não estivesse olhando para ela. Ricky e Ant, parte deste show de terror. Garotos de Pantown, atacando sozinhos, liderados por Ed Godo.

O que foi que Ant disse sobre Ed? *Com Ed, não preciso pensar nada.* A mesma coisa geral que papai disse sobre Jerome Nillson no ensino médio. Exceto onde estava Ed?

“Ei, Heather,” Ricky disse, como se estivesse esperando meu.

“Junie, venha aqui.” Minha voz era um coaxar.

Uns três metros separavam ela e Ricky de mim. Ela deu um passo trêmulo à frente, seus movimentos rígidos.

Ricky flexionou, ficando mais ereto. Seu cabelo estava oleado, penteado como o de Ed, e o bigode que ele deixava crescer havia sumido. Seus olhos parecidos com buracos de bola de boliche estavam mais fundos do que o normal, como se ele não estivesse dormindo. Ele usava sua camisa de beisebol do Pantown Panthers e shorts cortados.

Ele se parecia com Ricky, mas não era Ricky.

O garoto que orgulhosamente me mostrou seu trem, que trouxe a Sra. Brownie todos os dias durante semanas quando eu estava com muito medo da vida para sair de casa, que me chamou de Chefe para que não tivéssemos que carregar o peso de fingir que estava inteiro?

Ele se foi há tempos.

— Junie Cash — rosnou Ricky —, você ignorará sua irmã se souber o que é bom para você.

Ela parou e sorriu para ele, o batom coral favorito da mamãe salpicando seus dentes. Por baixo do terror em seus lábios esticados, reconheci a essência do sorriso que praticamos durante todo o verão.

“Eu estava dizendo a Ricky que se eles quisessem dar uma festa aqui na cabana”, Junie me disse, com os olhos fixos em Ricky, a voz desconectada do corpo, “eu poderia cozinhar para eles. Já observei você cozinhando para a família, contei a eles, e por isso não seria muito diferente para os amigos deles. Eu disse a eles que só precisava ir à loja para comprar alguns jantares de TV.

Ela virou aquele sorriso de horror para mim. “Você quer ir à loja comigo, Heather? Para conseguir alguns jantares de TV para eles?

Seu medo puro, e ainda mais o quão desesperadamente ela estava trabalhando para escondê-lo, me deram vontade de chorar. Ela provavelmente veio até aqui de bicicleta, pensando que seria divertido,

como faz de conta, só que melhor, esquivando-se não apenas da irmã irritante, mas também do agente secreto em nossa sala de estar. Passando por nós dois para encontrar sua paixão em uma cabana na floresta. Sua paixão adulta que gostava de seu cabelo ruivo porque o lembrava de sua primeira namorada, e que havia sequestrado a ruiva Beth McCain, e que havia matado a garçonne em Saint Paul que eu estava disposto a apostar que também era ruiva.

Junie não poderia saber. Ela era apenas uma menina, apesar de tudo parecia uma mulher usando sombra azul-clara e ruge e batom da mamãe, seus seios mal contidos por um top amarelo com babados que ela deve ter roubado do meu armário. Eu não tive coragem de usá-lo, e aqui ela escolheu para vestir. Ela não sabia que Ricky e Ed não estavam brincando. Onde estava Ed?

Ricky se mexeu e se afastou da parede. "Dane-se a ida ao supermercado, irmãzinha. Eu direi quando você poderá sair."

"A polícia está chegando", menti, desesperado para correr e agarrar Junie. Procurei a verdade. "Eles sabem o que você, Ant e Ed fizeram com Maureen e Brenda."

"Eu não tive nada a ver com Maureen", disse Ant de sua cadeira perto da porta do quarto.

Contive um soluço. Eu estava certo.

Ricky deu três passos até Ant e bateu nele com tanta força que a cabeça de Ant bateu na parede. Formiga cobriu o nariz sangrando e seus olhos lacrimejaram, mas ele não disse uma palavra, não revidou.

"Fique de boca fechada, Dehnke."

Avancei pela sala e agarrei Junie. Ela começou a tremer assim que a toquei, mas não tirava os olhos de Ricky. Ele se virou para nos encarar.

Enfiei a mão na bolsa e agarrei o cabo da faca, sentindo o gosto salgado do suor do medo em meus lábios, sabendo, mesmo enquanto segurava a faca, que nunca teria coragem de usá-la. Eu precisava pensar em alguma outra maneira de nos tirar daqui.

Pensei no frasco de comprimidos na minha bolsa. Fui um tolo, uma criança, ao pensar que poderia enganar Ed Godo para fazer alguma coisa. Minha única esperança era tirar Junie desta cabana antes que ele aparecesse, e eu precisaria da ajuda de Ant para fazer isso. Ricky havia saído do prédio, qualquer um poderia ver isso, mas Ant ainda poderia estar lá em algum lugar.

"Ant, o que você estava planejando fazer aqui com Junie?" — perguntei, avançando lentamente em direção à porta da cabana, puxando Junie comigo.

Uma onda de culpa atacou seu rosto, como eu esperava que acontecesse.

"Nada," ele murmurou.

"Bem, é melhor você nos deixar ir", eu disse. Um barulho do lado de fora da cabana fez meu coração bater forte em meus pulsos. Seria Ed voltando? Ele não brincaria conosco, como Ricky fez. Ele simplesmente nos mataria. "Se você fizer isso, direi à sua mãe que você fez a coisa certa. Eu prometo."

"Você nunca vai sair daqui", disse Ricky, colocando-se entre mim e Ant.

Empurrei Junie para trás e tirei a faca da bolsa, segurando-a como um facão. Ricky não sabia que eu era covarde demais para usá-lo. "Você vai deixar eu e Junie irmos."

Ricky riu com sua risada seca e morta. "Acha que estou com medo da sua faca de cozinha depois do que Ed me ensinou?" Seus olhos se iluminaram logo antes de ele saltar para frente e me dar um soco no mesmo ombro que eu havia machucado ao cair na casa de Nillson. A faca caiu no chão, seguida quase imediatamente pela minha bolsa.

A garrafa de Anacin foi lançada.

"Agora estamos cozinhando com Crisco", disse Ricky, sorrindo para a garrafa no chão. "É hora dos homens de verdade jogarem."

Ele o pegou e desatarraxou a tampa.

O suspiro de Junie chamou minha atenção. Seu medo foi substituído por outra coisa. Antecipação?

"Você nunca pode mudar homens como eles", ela me disse, repetindo o que meu pai havia dito. Ela estava lá? "Mulheres

sempre tente, mas alguns homens nascem maus.”

Ela não poderia saber que havia veneno na garrafa. Ela não poderia. Mesmo que ela tivesse jogado fora todos os comprimidos antes de eu encontrá-la no meu quarto, mesmo que ela tivesse estudado cada comprimido, como ela saberia o que era o quê? Sempre pensei que ela tivesse herdado as características da mamãe, mas agora ela se parecia tanto com o papai que isso me enervava.

“Dê-me essa garrafa, Ricky”, eu disse, voltando-me para ele. “Está cheio de veneno.”

Ele segurou a garrafa aberta perto da boca, provocando. Então ele riu de novo, mas não era sua palha de milho *heh heh*. Foi uma risada sangrenta, sinalizando que ele estava pronto para lutar. “Você acha que não sou um homem tão grande quanto Ed? É isso? Você está guardando o Anacin para ele porque não quer que eu fique com ele?”

Ele girou para encarar Ant. “Vou te dizer uma coisa, garoto. Você é meu testador de veneno. Você engole um primeiro.

“Que merda”, disse Ant, taciturno. Eu poderia dizer que ele estava com medo, no entanto.

“Pegue, seu covarde”, disse Ricky, aproximando-se e enfiando a garrafa debaixo do nariz de Ant. “Pegue ou eu mato você.”

“Eu não quero.”

“Eu não perguntei se você queria.”

Ant soltou um soluço e depois começou a chorar. Ele pegou a garrafa.

“Não faça isso, Ant”, eu disse, frenética. “É veneno. Eu estou dizendo a verdade.”

O choro de Ant ficou encharcado.

“Não sou um cara mau, eu juro”, disse ele, agarrando a garrafa.

“Eu não sou um cara mau, eu juro,” Ricky cantou, dançando na ponta dos pés e zombando de Ant. Então ele deu um tapa na cabeça dele. — Você não era tão chorão quando segurava Brenda, não é?

“Formiga”, eu disse, o ar ficando pesado. “O que você fez com Brenda?”

Ant estava engasgando com o próprio ranho.

O barulho que ouvi momentos atrás voltou, mais alto, e percebi que não vinha de fora da cabana. Estava vindo do subsolo.

"Formiga", eu disse, minha voz rouca de terror. "Onde está Ed?" Seus olhos foram para o alçapão e depois de volta para Ricky.

Todo o meu cuspe secou. Ed estava sob nossos pés e voltaria a qualquer momento. Eu não poderia salvar Junie e eu, percebi isso agora. Mas se eu continuasse falando, poderia levá-la para mais perto da porta, talvez perto o suficiente para fugir enquanto segurava Ricky.

Comecei a empurrá-la lentamente para longe de mim, em direção à entrada. "Por que você trocou as roupas da Brenda, Ant?"

"Godo disse que era a coisa certa a fazer, não há provas", disse Ant, com a voz suplicante, os olhos como duas presas negras na carne perdida do rosto. "Você vai dizer ao seu pai para me ajudar, Heather? Por favor? E então poderemos brincar nos túneis, como costumávamos fazer. Não podemos? Não podemos fazer como antes?"

"Cale a boca, cara!" Ricky gritou. "Seu idiota!" Ele pegou a garrafa da mão de Ant e se virou, aproximando-se para enfiá-la na minha mão. "Você acabou de ser promovido. *Você é* meu testador de veneno. Pegue."

Junie voou para frente e tentou pegar a garrafa de Anacin, mas Ricky foi rápido demais. Ele enganchou seu pescoço e puxou-a para ele. Seus olhos foram para a faca no chão e depois para mim, sua mensagem era clara: ele poderia cortar Junie ou eu poderia engolir um comprimido.

Essas eram as duas únicas opções.

Peguei a garrafa de vidro e derrubei. Um comprimido branco pousou na minha mão. Tinha números nele.

Poderia ser Anacin.

Coloquei na boca.

BETE

O som dele abrindo a porta da prisão, com o pino da dobradiça central e inferior ainda no lugar, foi seguido por um raio de luz.

Beth apunhalou no centro dele.

O golpe dela veio baixo, cravando-se no ombro dele e não na cabeça. Ela tirou a ponta, desapontada porque apenas a ponta havia entrado. Ele a empurrou para trás, inundando a sala com o brilho da lanterna que havia deixado cair.

Ele se lançou sobre ela enquanto segurava seu ombro. Ela recuou até a parede oposta. Ele não era um homem grande. Na verdade, ele era apenas alguns centímetros mais alto e dez ou trinta quilos mais pesado. Essa foi parte da razão pela qual ela silenciou seus instintos quando ele entrou no restaurante. Ele a lembrou de um Fonzie assustador, mas inofensivo, pedindo um bife Salisbury e seu refrigerante RC. Estourando aqueles Anacin. Ele parecia um homem de brinquedo, um galo pequeno empertigado. Ela não o levou a sério, embora sua pele se contraísse cada vez que ele entrava no restaurante.

“Meu nome é Ed”, ele disse naquele primeiro dia, “e você com certeza é bonita”.

Isso soava como o tipo de cara que trancaria uma mulher em um porão?

Ela ficaria surpresa ao se ver agora, ao perceber que estava sorrindo como um ghoul enquanto investia contra ele, a ponta ensanguentada na mão direita, o pino na esquerda.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 52

“Mastigue!” Ricky cantou. “Eu quero ouvir isso moendo.”

Algo estava acontecendo sob os pés. Foi abafado, mas parecia uma briga. Não houve muito tempo. Eu mordi. Uma amargura percorreu minha boca, tão forte que entorpeceu minha língua.

“Uau!” Ricky disse, soltando Junie para que ele pudesse arrancar a garrafa da minha mão. “Ed estava certo sobre desperdiçar pessoas, sobre como matar alguém não muda muita coisa. Seus Wheaties têm o mesmo sabor na manhã seguinte. As pessoas sorriem de volta para você, como sempre. Mas ele estava errado sobre uma coisa. Você sabe o que foi isso?”

Eu balancei minha cabeça. Eu o atacaria pela cintura. Isso daria tempo suficiente para Junie?

“Ele me chamou de bebê por não ter ido visitar aquela garota. Quem é um bebê agora? Ele inclinou a cabeça e deixou cair uma avalanche de comprimidos, tantos que alguns ricochetearam em seus dentes e caíram no chão. Ele mastigou o que havia dentro, manchas espumosas pontilhando seus dentes. “Putá merda, quem é tão durão quanto Ed Godo? Agora quem é o maldito assassino do condado de Stearns? Vamos nos divertir!”

Junie estava se afastando dele. Ele se lançou sobre ela e poderia tê-la pegado se o alçapão que me separava dela não tivesse tremido fortemente e então começado a se abrir lentamente, rangendo.

Eu gemi.

— Já era hora — disse Ricky, piscando rapidamente. “Formiga, tire esse lenço da luminária. Ed não vai gostar deste quarto

amarelo."

"Eu não coloquei nenhum lenço na luminária", disse Ant, olhando para o alçapão junto com o resto de nós. "E não é amarelo aqui."

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 53

O alçapão que estava abrindo timidamente de repente se abriu, atingindo o chão com um baque surdo. Junie engasgou e correu para o meu lado, e nós duas recuamos contra a parede oposta, mais perto da porta da frente. Uma mão ensanguentada irrompeu do chão como um zumbi de filme de terror saindo de seu túmulo.

Uma mulher o seguiu.

Eu suspirei. Ela estava coberta de sangue, os olhos selvagens, mas reconheci seu cabelo ruivo.

Beth McCain.

Ela se movia como um gato, comedida, virando as costas para mim e Junie e encarando Ricky e Ant enquanto subia as escadas. A metade inferior da mandíbula de Ricky estava desequilibrada, como se alguém tivesse arrancado os fechos. Apenas ficou pendurado ali. A formiga ficou branca como a barriga de um sapo.

“Oh, merda”, disse ele, olhando de Ricky para Beth e depois para o alçapão. “Merda em um biscoito sagrado.”

Beth se arrastou com firmeza até ficar ao meu lado e de Junie, o olhar ainda fixo em Ricky na cozinha e Ant no quarto, a porta para a liberdade às suas costas, o alçapão, uma boca aberta no meio de todos nós. Ela cheirava a funk e sangue. Ela era dolorosamente magra, os músculos esticados como carne seca sobre os ossos. Ela segurava um pedaço de madeira ou metal, era difícil dizer qual, coberto como estava por sangue e pelo que parecia ser uma mecha de cabelo preto e liso.

Se eu não estivesse tão perto da porta, talvez não tivesse ouvido o barulho suave da mão dela apertando a maçaneta

atrás dela, seus movimentos eram tão furtivos e hipnotizantes.

Ela finalmente se virou para mim.

O que vi nos olhos dela foi eterno e aterrorizante. "Corra," ela disse simplesmente.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 54

Ela saiu correndo como se conhecesse as pedreiras, e eu suponho que sim. Ela era uma garota de Saint Cloud. Junie e eu a seguimos. Eu me senti tonto. Eu não sabia se era o medo ou se tinha engolido um comprimido de veneno. Eu tinha levado apenas um.

Isso não poderia me matar, poderia?

Um rugido rasgou o ar atrás de nós, seguido por Ricky gritando, com a voz catarro: "Nós vamos pegar você!"

Contornamos a fogueira onde eu havia sentado há menos de uma semana e corremos em direção à montanha de granito no lado oposto da pedreira. Beth estava na frente em direção ao cume, com Junie logo atrás. Eu trouxe a retaguarda. Eu esperava que Beth conhecesse uma estrada, ou mesmo um caminho lá em cima, para que não chegássemos ao topo e ficássemos presos. Virei-me para ver quanta vantagem tínhamos. O luar brilhante iluminou Ricky a uns cinquenta metros atrás de mim, refletindo nos fios de ranho que saíam de suas narinas. Ele parecia furioso, correndo pelas rochas como uma cabra.

À frente, Beth parecia tão segura no granito quanto Ricky atrás. Ela pulou de uma pedra para outra, estendendo a mão para oferecer a mão a Junie. O barulho de Ricky estava ficando mais alto. Tentei ganhar velocidade, mas a água negra à minha esquerda olhou para mim, avisando-me para ter cuidado ou me engoliria inteira, assim como fez com Maureen. Eu nunca tinha subido naquele dia no Muni. Maureen liderou o caminho. Até Brenda criou coragem para pular. Eu não consegui. Eu não conseguia rastejar até o topo.

"Vamos!" Junie gritou à frente.

Ricky fez um barulho gorgolejante. Não virei dessa vez, mas parecia que ele estava ganhando. Mesmo doente, ele corria mais rápido que eu. Ele havia tomado tantos comprimidos, mas os mantinha no estômago. Meu próprio batimento cardíaco era engraçado, rápido. Esforcei-me para subir mais rápido, em direção a Beth e Junie. Continuei lutando, mas quanto mais alto eu rastejava, maior era o risco de cair. A altura me deixou tonto. Tentei não olhar.

"Você pode correr, mas não pode se esconder", provocou Ricky. Ele parecia próximo agora, nem três metros atrás. Tentei avançar, mas as pedras eram pontiagudas e o suor ardia em meus olhos.

"Vamos!" Beth ligou.

Ela ficou no topo das rochas, delineada pela lua. Aposto que ela queria ir embora, fugir daqui e nunca mais olhar para trás. Em vez disso, ela recuou até chegar a Junie, agarrando-a pelo cotovelo para apressá-la até o pico. Ela me lançou um olhar de desculpas.

Eu sabia o que aquele olhar significava.

Beth iria tirar Junie daqui. Para segurança.

Tive vontade de chorar de gratidão, mas nesse momento a mão de Ricky agarrou meu tornozelo. Eu o chutei, a força quase me derrubando na pedreira quinze metros abaixo, nos braços cinzentos e frios do fantasma que assombrava a água. Eu arranquei minhas unhas tentando me agarrar à pedra. Ricky me virou para encará-lo, deixando-me perigosamente perto do limite. Um pedaço irregular de granito esfaqueou minha coluna onde minha camisa subia. Não ousei olhar para baixo.

Os olhos de Ricky estavam injetados e inchados ao luar. Baba escorreu pelo queixo. Ele soltou meu tornozelo e puxou minha faca de cozinha da cintura, segurando-a com as duas mãos acima da cabeça, como se estivesse prestes a me sacrificar.

Junie gritou.

Ricky cambaleou.

Então ele escorregou e caiu na água.



Ou eu o chutei. A história que contei a mim mesmo mudou de dia para dia.

Beth jurou que estava tudo bem.

“De qualquer maneira que você precisar para sobreviver, querido”, ela me dizia.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 55

Naquela noite, na delegacia, tentei explicar ao xerife Nillson, com câibras, o que continha o frasco de Anacin. "Alguns eram remédios para o coração, algumas pílulas da felicidade, algumas aspirinas", eu disse, enrolado em um cobertor, embora tivesse parado de tremer há mais de uma hora. "Tentei avisar Ricky antes que ele pegasse."

"Claro que sim", disse o xerife Nillson distraidamente, gotas de suor escorrendo pela linha do cabelo. Ele me colocou em um quarto só para ele, seu cheiro picante insuportável no espaço apertado. Ele estava rabiscando montanhas de anotações até que cheguei àquela parte da história, a parte em que Ricky engoliu os comprimidos que eu trouxe comigo para matar Ed.

Apontei para seu caderno. "Você não vai anotar?"

Ele bateu na cabeça. *Eu guardo tudo aqui*, seu gesto dizia. "Não é necessário."

Eu fiz uma careta. "Haverá uma autópsia? Para saber se foi por isso que ele se afogou, por causa daqueles comprimidos que lhe dei?"

A boca do xerife Nillson formou uma impressão fria de sorriso. "Não é necessário", repetiu ele, antes de se levantar para sair da sala.

Eu o observei sair, finalmente entendendo o que estávamos enfrentando.

Finalmente.

Não era só porque nós, meninas de Pantown, estávamos sozinhas. Foi também que papai e o xerife Nillson escreveram a história. Quaisquer detalhes confusos que aconteceram fora de sua narrativa,

como meu pai com as mãos no cabelo de Maureen, pressionando-a contra ele, ou o xerife Nillson tirando fotos de garotas assustadas tremendo em seu carpete verde-maçã, isso simplesmente não aconteceu.

Apagado. Apagado.

O xerife Nillson me dizendo que não haveria autópsia em Ricky significava que eles poderiam até apagar as coisas que fizemos quando nos quebraram.

E eles estavam nos ensinando a usar aquela borracha uns nos outros também. É por isso que evitamos falar sobre mamãe queimando minha orelha ou sobre a casa da Sra. Hansen.

Perceber que aquilo tinha gosto de veneno, de algo morrendo. Por mais que eu tivesse aprendido, por mais quente que meu fogo estivesse queimando desde que descobri aquela pulseira de cobre, ainda era complicado saber que nunca tivemos a menor chance. Não se seguirmos as regras deles.

Se isso pudesse acontecer na minha casa, no meu bairro, onde mais estava acontecendo?

Eu estava pensando nisso quando o agente Ryan enfiou a cabeça cor de canela na sala. Ele queria saber se eu precisava de alguma coisa: água, talvez outro cobertor. Foi isso. Foi só para isso que ele veio. Algo sobre isso, e sobre como ele estava se comportando, como se quisesse pedir desculpas e brigar com alguém por mim, me lembrou Claude.

“O xerife Nillson obrigou minha amiga Maureen a fazer coisas horríveis antes de morrer”, soltei. Reuni coragem, me preparando para fazer a coisa mais difícil que já fiz, ainda mais difícil do que pedalar até aquela cabana.

Eu ia contar ao meu pai.

O agente Ryan inclinou a cabeça, olhou por cima do ombro e entrou na sala, fechando a porta silenciosamente, mas com firmeza. “O que o xerife Nillson a obrigou a fazer?”

Mesmo depois de tudo que percebi, quase não consegui prosseguir.

Mantivemos nossos segredos em Pantown.

Mas você não acreditaria no que aconteceu a seguir. Maureen e Brenda juntaram-se a nós naquela sala sombria, Maureen com sua atitude feroz e intransigente, Brenda com sua força constante. Eles apareceram quando eu mais precisei deles. Eu não conseguia vê-los, não conseguia cheirá-los, mas eu *sentido* eles, nós três crescendo juntos, fazendo música em Valhalla, rindo, conectados para sempre. Toquei meu único brinco, esfreguei o anel de humor que Brenda me deu logo antes do único show que tocamos juntos. Ainda era uma cor verde-amarelada, mas não importava porque com eles aqui eu poderia fazer isso. Eu precisei.

“Não apenas o xerife Nillson. Meu pai também”, eu disse, e parecia que estava andando por uma camada de gelo, mas não havia como voltar atrás. “Ambos obrigaram Maureen a fazer coisas terríveis, e ela tinha apenas dezesseis anos. Ela não foi a única. Eu tenho fotos.

O agente Ryan ouviu toda a minha história, estendendo a mão para dar um tapinha no meu braço quando eu começava a soluçar tanto que não conseguia falar. Ele esperaria, paciente, com os olhos tristes, até que eu voltasse ao caminho certo. Melhor ainda, ele acreditou em mim. Eu podia ver isso em seu rosto.

Quando terminei e um sussurro de paz se instalou no buraco que minha confissão havia deixado, perguntei ao agente Ryan se Ant havia confessado. Eu tinha visto a polícia tirá-lo da cabana algemado, sabia que ele estava em algum lugar deste prédio.

O agente Ryan estava sentado à minha frente, com as mãos cruzadas sobre a mesa como se estivesse rezando. Ele respirou fundo, medindo alguma coisa. Então ele fechou os olhos, manteve-os fechados por um instante e abriu-os. “Anton pediu para falar com você.”

Senti um gosto de choque no fundo da boca, como se tivesse lambido uma bateria de nove volts. “Por que?”

Mas de repente, eu sabia. Ant iria querer perdão. Ele estaria desesperado por isso.

Agente Ryan me observou. “Você não precisa fazer isso”, disse ele. “Se você decidir, será gravado. Qualquer coisa que ele diga,

mas também qualquer coisa que você diga.

Eu balancei a cabeça. "OK."



Quando me guiaram para a sala de interrogatório, quase me virei e saí imediatamente. Formiga era da cor de osso, seus olhos azuis presos com seus raios de terror, o esquerdo que sempre foi menor que o direito agora pouco mais que uma fenda.

"Obrigado por ter vindo", disse ele, com a voz estridente.

Ele parecia o suficiente com meu velho amigo Ant e eu fiquei, embora não quisesse sentar. Permaneci de pé, braços cruzados, cinco metros e caminhos diferentes percorridos entre nós, caminhos pelos quais você nunca mais poderia voltar. Eu diminuí a velocidade para salvar meu povo, os que pude, em minha corrida em campo aberto, de criança a adulto. Formiga, ele se perdeu, confundiu a matilha com o propósito.

"Sinto muito", disse ele.

Então ele contou tudo, começando pela morte de Maureen.

Na noite do nosso show na feira do condado, depois que ele e Ed me levaram para casa e Ricky levou Brenda para casa, Ed e Ricky se encontraram novamente e ligaram para Maureen para saber se ela estava interessada em se divertir. Acontece que na feira ela entrou em um dos trailers para fumar maconha com o carny Abe Lincoln. Quando ela saiu para nos procurar, já tínhamos saído. Ela foi para casa louca, pensando que todos nós a havíamos abandonado. Ricky a convenceu de que era um mal-entendido e ele e Ed a buscaram.

Ant não sabia exatamente o que eles fizeram com ela em seguida. Ele simplesmente sabia que eles a mataram antes de deixar seu corpo cair na pedreira.

Eu me agarrei e me balancei enquanto ele falava, suas palavras saindo rapidamente, como se ele estivesse recitando uma peça que havia ensaiado repetidas vezes. Sua voz caiu quando ele admitiu que era

ele e Ricky que levaram Brenda. Ele não sabia o que deu nele, disse ele, mas não a matou, apenas a segurou antes e ajudou a trocar de roupa depois.

Ed havia sequestrado Beth sozinho. Ele deu a Maureen um par de brincos de ouro que roubou e depois fez o mesmo com Brenda, embora logo tenha perdido o interesse por ela. Ele guardou o último par para Junie, que ele atraiu para a cabana com a promessa de sua primeira festa na pedreira.

Ele usou um scanner da polícia para manter o controle sobre a vigilância que faziam dele.

Acontece que Ed e Ricky não sabiam o que Maureen tinha feito com o xerife Nillson, meu pai e um policial no porão de Nillson naquela noite. De acordo com Ant, eles a atacaram porque a conheciam, porque Ricky gostava dela e porque ela parecia ser fácil. Quando perguntei por que ele e Ricky foram atrás de Brenda, depois que Ed não estava mais interessado nela, quando ela ainda poderia ter sobrevivido, ele perdeu o controle.

“Não sei”, ele dizia repetidamente, com voz de criança.

Eu não tive tempo para isso. Eu estava muito machucado por dentro para deixá-lo *não sei*.

“Por que você e Ricky fizeram isso, Ant?” Eu repeti.

Ele olhou para o vidro atrás de mim. O agente Ryan disse que estaria vigiando. Provavelmente outros policiais também estavam lá. Talvez Nillson. E um gravador, girando devagar como caramelo, anotando cada palavra.

“Eles podem simplesmente ir embora, você sabe”, Ant finalmente disse, coçando o braço nu e dando uma pancada no nariz. Ele olhou para a mesa como se sua fortuna estivesse esculpida nela. “Mães, quero dizer. Ou acho que esposas.

Suas palavras percorreram minha espinha como uma aranha. “O que você está falando?”

“Eu ouvi minha mãe e meu pai brigando. Um tempo atrás. Não tanto tempo. Foi depois daquela noite daquela festa onde todos vocês

assistido *Raízes*, mas não pudemos ir porque papai estava bêbado."

A festa em que Claude e eu corremos para os túneis durante um intervalo e onde encostei meu ouvido na porta de Ant. Eu tinha ouvido parte dessa luta. Aquele que o mudou.

"Mamãe disse que ela já estava farta. Ela se foi. Você sabia que eles poderiam fazer isso? Seu olhar disparou, olhos exagerados agarrados a mim. "Apenas deixar você?"

Meu suspiro ecoou pela minha garganta. EU *fez* saber. Eles poderiam deixá-lo enquanto estavam sentados ao seu lado, ficar longe mesmo que você morasse na mesma casa. Mas isso não respondeu à pergunta. "Você roubou Brenda de nós, Ant. Por que?"

Seus ombros caíram e ele começou a chorar.

Acontece que ele realmente não sabia. Perceber isso me atingiu como um soco no estômago, roubando meu fôlego. Jesus, o que esta cidade fez conosco, colocando nossos pés no fogo antes que soubéssemos o que tudo isso significava, em que apostas estávamos jogando. De repente, me senti tão sozinho que pensei que fosse morrer por causa disso.

Quando Ant conseguiu controlar os soluços, com o rosto transformado em um grande pão inchado, ele me contou onde havia escondido a minha foto de sutiã. No final, foi por isso que ele me chamou. Ele estava louco para ser perdoado por alguma coisa, qualquer coisa. Eu sabia disso e ainda viria.

Eu não o odiava, mas também não o confortaria. Ele merecia ser preso. Ele fez suas escolhas e elas tiraram as de Brenda. Eu poderia suavizar isso, mas por enquanto, é como me senti.

Nossa reunião durou vinte minutos. Eu não aguentava mais do que isso.

Depois, falei com o agente Ryan sobre o padre Adolph e pedi-lhe que se certificasse de que não foi o padre quem visitou Ant na prisão. Fiz isso para Little Ant, aquela que construiu móveis para bonecas Barbie para nós na escola primária. Eu esperava que ele encontrasse o caminho de volta para essa parte de si mesmo. Achei que essa era a jornada que todos nós, Pantowners, teríamos a tarefa de fazer, se tivéssemos a sorte de ter uma chance.

Encontre o caminho de volta para nós mesmos.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 56

Mamãe fez sua parte, se adaptando da melhor maneira que pôde quando recebeu alta do hospital. Acho que foi porque ela teve que fazer isso. Papai e Jerome Nillson estavam enfrentando acusações. Eles estavam escondidos em um hotel – para sua segurança, nos disseram. Nillson renunciou ao cargo de xerife e também enfrentava graves penas de prisão graças às fotos, que correspondiam a mulheres e meninas que ele prendeu nos últimos seis anos.

Papai recebeu uma oferta de acordo judicial, que ele aceitou, ignorando os outros agitadores e agitadores de Saint Cloud que compareceram às festas de Nillson. Isso manteria meu pai fora da prisão, mas ele estava sendo expulso.

Mamãe disse que isso não era suficiente para ela.

Ela estava pedindo o divórcio, “dane-se o que quer que o padre Adolph diga”.

Em outra reviravolta inesperada, mas deliciosa, a Sra. Hansen mudou-se para nossa casa, assumindo o escritório do papai. Foi apenas temporário, ela disse. Ela ainda não estava pronta para deixar Pantown, disse ela. Alguns assuntos inacabados.

Ela também insistiu que a chamássemos pelo primeiro nome. “Para o inferno com todas as suas regras”, disse ela, gargalhando. “Dane-se fingindo ser respeitoso durante o dia e dançando com o diabo à noite. Prefiro que você seja sincero comigo e retribuirei o favor.”

Ela trouxe consigo sua cortina brilhante de contas âmbar e prontamente a pendurou entre a cozinha e a sala de jantar. Ela também começou a cozinhar e a limpar e a contar a Junie e

eu o que fazer. Foi a coisa mais legal de todas. Quando mamãe começava a se afastar, Glória (estava ficando mais fácil pensar nela com esse nome) a puxava de volta. Ela era muito melhor em tirar a mãe de seu medo do que o pai jamais havia sido. Ela também não desviou o olhar quando mamãe estava escorregando demais para encontrar o caminho de volta sem médicos. Ela a trouxe direto para o hospital. De alguma forma, com a ajuda de Glória, mamãe conseguiu voltar para casa cada vez mais rápido, às vezes sem precisar pernoitar.

Nos dias em que mamãe estava bem, Gloria voltava para sua antiga casa para limpar outra pequena área. Quando ela voltava, ela e a mãe sentavam-se na varanda da frente, fumando e bebendo chá gelado. Às vezes eles até riam. Certa vez, ouvi Gloria se desculpando com mamãe, mas mamãe a fez calar-se. Depois disso, os dois ficaram em silêncio por um tempo, e então Gloria disse: — Talvez eu fique em Pantown por mais algum tempo. Gosto de fazer os filhos da puta se contorcerem.

Isso os fez rir tanto que não conseguiam respirar. O gigantesco conjunto de colher e garfo de Gloria e sua coruja macramê favorita com seus grandes olhos de contas apareceram na parede da nossa sala pouco depois.

Um dia, quando mamãe estava lá fora podando as roseiras e Junie estava na casa de Libby, falei sobre meu pai para Gloria. Na maioria das vezes tentei não pensar nele, mas era como não pensar em um elefante roxo. Ele era meu pai, a pessoa que eu mais admirava.

“Eu não o conhecia”, disse a Gloria, com o queixo tremendo. “Achei que sim e estava errado.”

Ela fez uma careta. Estávamos na cozinha, ela preparando fondue para o jantar desta noite. Ela sempre cozinhava como se fosse dar uma festa. Quando perguntei a ela sobre isso, ela disse que era de propósito, porque por que viver de outra maneira?

“Você conhecia parte dele”, ela disse, cortando o queijo em cubos. “E essa parte era verdade.”

Abri a boca para discutir, para perguntar como isso poderia ser verdade, dado o que ele tinha feito e o que havia feito.

permitido. Ela largou a faca e caminhou até mim, agarrando meu queixo. Ela cheirava a queijo suíço.

“Essa parte era verdade”, ela repetiu com firmeza. “Mas o resto também. Todas as coisas ruins. Homens em matilha podem fazer coisas terríveis, coisas que não teriam ódio de fazer sozinhos. Não é desculpa, apenas algo que você deveria saber.”

A porta da frente se abriu. “Pegue um vaso, Gloria”, gritou mamãe. “Tenho flores suficientes para abrir uma loja.”

Mas Gloria manteve os olhos fixos em mim, continuou segurando meu rosto. “Você reconhecerá esses homens, aqueles inclinados ao seu lado negro, porque eles esperam que você carregue o fardo deles. Eles sufocarão sua raiva com a dor, farão você duvidar de si mesmo e dirão que o amam o tempo todo. Alguns fazem isso em grande estilo, como Ed, mas a maioria o faz em passos silenciosos, como seu pai.

Meu coração batia tão alto quanto um bumbo. “Você conhece esses homens, vira-se e não olha para trás”, disse ela. “Deixe-os fazer isso. Não há nada lá para nós. Temos todas as coisas boas aqui, tudo o que precisamos.”

Ela disse a última parte no momento em que mamãe deslizava pelas contas de âmbar, sua cor viva, seu sorriso encantador, sua beleza quase dolorosa de ver. Ela segurava um glorioso buquê de rosas cor de rosa nas mãos enluvadas.

“Eles são tão lindos quanto você, Connie!” Gloria disse, virando-se para minha mãe.

Olhei para as costas de Gloria, percebendo que era isso. Foi tudo o que ela disse sobre meu pai. Eu não sabia como me sentia, então guardei isso, por enquanto. Eu ainda não tinha mostrado o diário de Gloria Maureen e achava que não o faria. Isso só causaria mais dor. Nunca saberíamos de quem Maureen tinha medo, de Jerome Nillson ou de Ed Godo.

Suspeitei que fossem os dois homens. Maureen tinha ótimos instintos, mesmo que nem sempre fosse capaz de ouvi-los, não com todas as regras de Pantown para meninas lotando seus pensamentos.



Beth decidiu se matricular na St. Cloud State University em vez de frequentar a faculdade em Berkeley. Ela não se sentia mais segura viajando tão longe de seus pais. “Por enquanto, pelo menos”, disse ela, durante uma de suas visitas semanais. “Não para sempre. Você não pode reprimir uma boa mulher.

Sorri para Beth, mas sabia o que tinha visto nos olhos dela na cabana. Aquela terrível consciência de que a vida poderia se transformar em você num piscar de olhos não era algo que uma pessoa pudesse esquecer. Bem, agora eu também sabia algo sobre isso e estava feliz por ter Beth por perto. Deu mais cor ao mundo.

Acho que isso a ajudou a passar um tempo conosco também, embora, quando ela passasse por aqui, ela corresse para dentro como se tivesse deixado um fogão ligado e precisasse tocar em Junie e em mim - nossa bochecha, uma mão, nossos cabelos - antes que ela pudesse respirar fundo. Mesmo assim, cada vez que ela vinha nos ver, ela ficava mais forte. Seus músculos estavam voltando, seus olhos ficando mais claros. Ela também xingou muito. Eu não sabia se ela sempre foi assim, mas decidi que se alguém merecia xingar como um marinheiro em licença em terra, essa pessoa era Beth McCain.

Ed e Ricky estavam mortos.

Ricky se afogou e só voltou à superfície quando os mergulhadores vieram buscar seu corpo. Beth cuidou de Ed no porão - Ed, que o agente Ryan descobriu ter assassinado sua primeira namorada furioso quando ela lhe disse que estava indo embora, depois manteve viva a garçonete sócia em Saint Paul por vinte e quatro horas, matando-o. ela quando ela tentou escapar. O agente Ryan acreditava que Ed havia aprendido com isso e planejava manter Beth indefinidamente.

Os jornais chamaram Beth de “A heroína que se salvou!” Ela riu quando viu a manchete, mas não foi uma risada feliz.

“Não teria me importado com ajuda”, ela disse.

Às vezes, Beth, Junie e eu simplesmente sentávamos no sofá e ficávamos quietos, no calor um do outro. Outras vezes, Beth me implorava para tocar bateria, então eu levava ela e Junie até a casa de Gloria e pegávamos Claude no caminho. Abrimos a garagem e acendimos as lâmpadas de lava. Eu batia enquanto Junie agitava o pandeiro, Claude vibrava o triângulo e Elizabeth dançava. Ninguém tocava baixo ou cantava. Eu não estava pronto para isso ainda. Fiz o meu melhor para manter meu rosto feliz, mas às vezes meu peito abria o quanto doía estar na garagem sem Brenda e Maureen. Acho que Claude também sentiu isso, porque às vezes ele vinha me abraçar quando eu mais precisava.

Estávamos oficialmente namorando agora. Foi estranho no começo. Até que finalmente nos beijamos. Eu estava toda tensa, mas então os lábios quentes de Claude encontraram os meus, seu gosto doce como 7UP e enviando bolhas até os dedos dos pés. Eu me senti tão seguro que chorei. Muitos outros caras teriam surtado com isso. Não, Cláudio. Ele chorou junto comigo.



"Você sabe o que devemos fazer hoje?" Beth perguntou, olhando para o céu azul. Sentamos na varanda da frente, folhas marrons secas deslizando pelo gramado. Estávamos na escola há mais de um mês, Junie na oitava série, eu na décima, Beth uma caloura na faculdade. Eu poderia dizer que Beth estava ficando inquieta. Ela nunca reclamou, mas deve ter sido difícil viver em uma cidade onde todos pensavam que conheciam você.

"O que?" — perguntou Junie. Ela começou a pentear o cabelo como Brenda, embora usasse menos maquiagem do que durante o verão. A combinação a fez parecer ter a mesma idade pela primeira vez em muito tempo.

"Vá para Valleyfair antes que a temporada feche", disse Beth triunfante. Ela puxou as chaves do bolso e as sacudiu na minha frente. "Você está?"

“Claro”, eu disse, meio sorrindo. Ela estava me ensinando a dirigir na semana passada. Eu era terrível. “Mas de jeito nenhum vou dirigir nas cidades.”

“Tudo bem”, ela disse.

Depois de avisarmos mamãe e Gloria onde estaríamos, entramos no Vega laranja de Beth. Foi uma viagem tranquila. Quando chegamos a Valleyfair, ver a montanha-russa me fez sentir falta de Brenda e Maureen, mas eu estava me conformando com o fato de que tudo aconteceria. O cheiro do chiclete Bubble Yum, que era o favorito de Maureen até ela ouvir que era feito de ovos de aranha. *Lugar Peyton* reprises, que Brenda e eu assistimos religiosamente. Cada música boa que tocava no rádio. O mundo inteiro era um lembrete de que meus melhores amigos não estavam mais aqui, mas também era um lembrete de como eles eram ótimos. Então andei no High Roller e gritei por Brenda e Maureen, meio rindo e meio chorando.

Junie pareceu alarmada com minha explosão, mas Beth apertou meu braço e me deixou contar tudo. Foi engraçado, eu nunca tinha percebido antes o quanto as duas eram parecidas, Beth e Junie. Eles tinham os mesmos cabelos ruivos, sardas e sorrisos largos, até mesmo curvas semelhantes, apesar da diferença de idade. Me deu uma explosão de alegria o quanto elas pareciam irmãs, seguida por um soco no estômago quando me lembrei que foi por isso que Ed as escolheu, porque elas o lembravam de sua primeira namorada, aquela que ele havia assassinado. Foi assim que transcorreu o dia inteiro: altos e baixos e altos. Nós três estávamos exaustos no final.

No estacionamento, a caminho do carro de Beth, um homem com sua família, um homem que se parecia um pouco com meu pai, como um Kennedy, mas neste caso o famoso, olhou e viu nossos rostos taciturnos. Ele não sabia que estávamos *bom* Exausta. Ele não viu que estávamos juntos e estávamos bem.

“Sorriam, meninas!” ele disse alegremente. “Você ficará muito mais bonita.”

A boca de Junie se contraiu, como se fosse automático mostrar a ele aquele lindo sorriso que ela havia trabalhado durante todo o verão, aquele que eu não via desde a noite de terror na cabana. Eu a observei, sem saber se estava mais nervoso por ela sorrir ou não. Ela estava tão retraída ultimamente. Mesmo hoje em Valleyfair ela estava quieta. Queria vê-la feliz, mas não queria que ela se sentisse obrigada a fazer algo por estranhos.

Seus lábios se inclinaram para cima, revelando seus dentes afiados e brilhantes. "Os amigos da minha irmã estão mortos e as pessoas em quem pensei que poderia confiar, não posso", disse ela. "Então *Eu decidirei por mim mesmo quando estiver pronto para sorrir.*"

Eu me assustei com uma pura explosão de risadas. "Essa é minha garota," eu disse.

"Com certeza", disse Beth com orgulho.

Demos as mãos e fomos para o carro. Junie ficaria bem.

Só restava uma coisa a fazer.

OceanoofPDF.com

CAPÍTULO 57

Beth e Junie queriam nos ajudar, imploraram para serem incluídas. Foi mamãe quem os convenceu de que isso era algo que Claude e eu precisávamos fazer juntos e sozinhos.

"Esta pronto?" Cláudio perguntou.

Eu não conseguia acreditar que alguma vez pensei que ele se parecia com Robby Benson. Quero dizer, ele *fez*, um pouquinho, mas ele era muito mais fofo. Como eu nunca percebi o quão atraente era sua covinha? Inclinei-me e beijei-o, ainda com vergonha de carinho. Estava ficando mais fácil, no entanto.

"Estou pronto", eu disse.

Ele me entregou o martelo e um prego. Eu bati em um ângulo, exatamente como o pai de Beth havia recomendado. Depois que o prego foi cravado fundo, Claude me entregou outro.

Decidimos primeiro selar a entrada do meu túnel. A ideia foi minha, mas quando Claude concordou, quase me acovardei. Parecia tão final, como se estivéssemos virando as costas para a nossa infância, para Pantown.

Claude balançou a cabeça gentilmente quando confessei minha preocupação. "Estamos nos afastando da escuridão, H, não da nossa infância. Vamos viver toda a nossa vida na superfície. Esse é o novo Pantown. Aquele que Gloria está procurando. Ele sorriu seu lindo sorriso, aquele que me aqueceu profundamente.

Fechamos a porta do meu túnel com pregos e depois fechamos a dele. Depois disso veio a parte que precisávamos da ajuda de todos. Beth e seu pai construíram as prateleiras e depois as carregaram para baixo com a ajuda do Sr. Pitt e do Agente Ryan,

que insistiu em estar aqui para isso quando soube o que estávamos fazendo.

Depois convidamos o resto das pessoas, todos que já conheceram e amaram Maureen e Brenda — e eram muitos — para trazer algo para as prateleiras. O treinador de softball da quarta série de Maureen trouxe a foto do campeonato daquele ano, uma Maureen com dentes abertos sorrindo para frente e para trás. Eu tinha esquecido que ela tinha sardas. Uma enfermeira com quem Brenda trabalhava trouxe um livro manuscrito repleto de histórias de residentes de asilos cujas vidas Brenda havia tocado, cada um deles compartilhando algo maravilhoso sobre ela. Jenny Anderson trouxe um desenho que ela havia desenhado naquele dia em que Maureen a defendeu, assustando os valentões do parquinho. Jenny dobrou a foto em forma de coração e selou-a com cera rosa.

E assim foi, primeiro nossas novas prateleiras e depois a de Claude se encheram de lembranças eternas das duas melhores garotas que esta cidade já viu.

Naquele verão, verão de 77, tudo tinha arestas.

A nitidez surpreendeu meus amigos, mas também eliminou as vendas.

É uma vez que você entende a verdade, não há outra maneira de viver.

Depois que essas prateleiras estavam tão cheias quanto podiam, olhei ao redor do porão de Claude. A maioria dos Pantowners tinha ido embora, deixando aqueles de nós mais próximos da tempestade. Todos aqui estavam chorando, mas houve purificação na dor. O Sr. Taft estava com os braços estendidos em volta da esposa, da mãe e de Gloria, os quatro abraçados. Os pais de Beth pairavam perto dela — pareciam estar sempre perto dela, e quem poderia culpá-los? —, mas ela estava sozinha, olhando resolutamente para as novas prateleiras. Eu poderia dizer que ela havia se decidido. Ela se mudaria para Berkeley em breve. Eu sentiria falta dela, mas estava extremamente feliz por ela também, e por qualquer pessoa

quem a conheceu. Ela iria agitar algumas coisas lá no mundo grande.

Padre Adolph foi uma ausência notável. Ele queria vir. Claude e eu dissemos não.

O Sr. e a Sra. Ziegler estavam verificando todos, certificando-se de que não precisavam de bebidas ou lenços de papel. Gulliver Ryan estudou aquelas novas prateleiras de seu poleiro na escada inferior dos Ziegler, com os olhos úmidos e os punhos cerrados ao lado do corpo.

Junie se reuniu em um círculo de amigas no canto mais distante. Pareciam tão ternas, aquelas meninas de treze anos, aproximando-se da linha de partida da sua própria corrida em campo aberto, de criança a mulher. Junie teve um vislumbre terrível de como costumava ser aquela corrida, como tinha sido para Brenda e Maureen, Beth e eu. As pessoas nesta sala garantiriam que fosse diferente para o grupo de Junie, as meninas e os meninos.

Chega de desviar o olhar.

Inclinei-me para Claude. Ele estava segurando uma das minhas mãos. Levantei o outro. Eu tinha planejado deixar o anel de humor na prateleira de Brenda, mas decidi no último minuto que preferia mantê-lo por perto.

Pela primeira vez, brilhou em um azul profundo.

OceanoofPDF.com

AGRADECIMENTOS

Esses livros não poderiam acontecer sem minha fabulosa agente, Jill Marsal, minha feiticeira editora, Jessica Tribble Wells, e toda a equipe da Thomas & Mercer, incluindo Charlotte, Jon, Kellie e Sarah. Todos vocês me fazem sentir como se fizesse parte de algo bom. Obrigado pelo seu tempo e sua genialidade. Agradeço também a Jessica Morrell, a editora freelancer que vem nutrindo minha escrita e aprofundando meu kit de ferramentas há quase vinte anos.

Shannon Baker e Erica Ruth Neubauer, seu amor e sua sabedoria tornam a mim e a minha escrita melhores. Isto é sempre verdade, mas é particularmente potente durante os nossos retiros. Obrigado por ser mágico. Lori Rader-Day, Susie Calkins, Catriona McPherson e Terri Bischoff, vocês fazem a vida de escritora parecer uma boa escolha, e não há agradecimentos suficientes por isso. À minha melhor companheira de redação sobre pandemia, Carolyn: obrigado por seu brilhantismo, seu coração caloroso, seu humor e sua integridade. Christine, obrigado por explorar o mundo comigo. Que nunca fiquemos sem lugares para visitar ou testas para fotografar. Suzanna e Patrick, serei eternamente grato por sua orientação e humor.

Eu também devo agradecer aos escritores de *Égua de Easttown*, que não conheço, mas cujo talento desencadeou um ponto-chave da trama que abriu caminho para este livro. Especificamente, e é uma loucura pensar nisso agora, mas não havia nenhuma Beth em *As garotas da pedreira* antes de eu assistir *Égua de Easttown*. A trama daquele programa me fez perceber que precisava dela aqui, e estou muito feliz.

Quando preciso de inspiração não apenas para elaborar um bom enredo, mas também para transformar uma bela frase, recorro ao melhor dos melhores. Enquanto escrevia este livro, mergulhei nas histórias de Megan Abbott, SA Cosby, Anne Rice, Daniel Woodrell e Rachel Howzell Hall, e todos os cinco conseguem montar uma frase tão inesperada e deliciosa que volto para prová-la novamente e de novo. Sou grato por seu talento como luz.

Obrigado também à Humane Society e à Pet Haven por cuidarem tão bem de criaturas vulneráveis e por me fornecerem um fluxo constante de gatinhos adotivos. Todo escritor se beneficia com um gato ou um cachorro (ou um coelho ou uma cobra), e sou grato por todas as maneiras pelas quais os acolhimentos melhoram minha qualidade de vida.

Por último, mas sempre em primeiro lugar no meu coração, todo o amor e agradecimento à Zoë e ao Xander por me escolherem como mãe nesta vida. Melhor trabalho que já tive.

OceanoofPDF.com

SOBRE O AUTOR



Foto © 2018 CK Fotografia

Jess Lourey é autora do best-seller do Amazon Charts *litania*, *Linhagem*, *Coisas indescritíveis*, *O Livro dos Segredos de Catalunha*, os thrillers Salem's Cipher e os mistérios de Mira James, entre muitas outras obras, incluindo jovens adultos, contos e não ficção. Indicada aos prêmios Edgar, Agatha, Anthony e Lefty, Jess é professora titular de redação criativa e sociologia e líder de retiros de redação. Ela também recebeu a bolsa Excellence in Teaching da The Loft, uma *Psicologia* hojeblogueiro e apresentador do TEDx. Confira seu TEDx Talk para se inspirar em seu primeiro romance publicado. Quando ela não está conduzindo oficinas de redação, lendo ou passando tempo com amigos e familiares, você pode encontrá-la trabalhando em sua próxima história. Para mais informações visite www.jessicalourey.com

.

OceanoofPDF.com